



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA NATUREZA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

Aos facões de ouro , de prata e de bronze: um estudo sobre as condições de vida , trabalho e saúde dos trabalhadores canavieiros de Cruz do Espírito Santo -PB.



JOSÉ DE NAZARÉ DANTAS SOARES

**JOÃO PESSOA
Agosto de 2014**

JOSÉ DE NAZARÉ DANTAS SOARES

**“AOS FACÕES DE OURO, DE PRATA E DE BRONZE: UM ESTUDO SOBRE AS
CONDIÇÕES DE VIDA, TRABALHO E SAÚDE DOS TRABALHADORES
CANAVIEIROS DO MUNICÍPIO DE CRUZ DO ESPÍRITO SANTO – PB NO
SÉCULO XXI”**

Dissertação apresentada à Universidade Federal da Paraíba (UFPB) – Campus I João Pessoa, como requisito para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: professora Dra. Emilia de Rodat Fernandes Moreira.

JOÃO PESSOA – PB
AGOSTO DE 2014

S676f Soares, José de Nazaré Dantas.

Aos facões de ouro, de prata e de bronze: um estudo sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores canavieiros do município de Cruz do Espírito Santo-PB no século XXI / José de Nazaré Dantas Soares.-- João Pessoa, 2014.

165f.

Orientadora: Emília de Rodat Fernandes Moreira

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCEN

1. Geografia humana. 2. Questão agrária. 3. Trabalhadores canavieiros - Cruz do Espírito Santo-PB. 4. Trabalho de campo -

**"Aos Fações de Ouro, de Prata e de Bronze: um estudo
sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos
trabalhadores canavieiros de Cruz do Espírito Santo - PB"**

por

José de Nazaré Dantas Soares

Dissertação apresentada ao Corpo Docente do Programa de
Pós-Graduação em Geografia do CCLN-UFPB, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de Concentração: Território, Trabalho e Ambiente

Aprovada por:

Profº Drº *Emilia de Rodat Fernandes*
Orientadora

Prof. Dr. *Ivan Targino Moreira*
Examinador interno

Prof. Dr. *Ivan Fontes Barbosa*
Examinador externo

Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Exatas e da Natureza
Programa de Pós-Graduação em Geografia
Curso de Mestrado em Geografia

Agosto/2014

AGRADECIMENTOS

No fechamento de mais um ciclo da minha vida, gostaria de agradecer este trabalho à minha mãe (Iraci), a meu pai (José Inaldo) e aos demais familiares: Gerson, Dito, Alice, Henrique, Vilma, Veronica, Silvana, Silvinho, Silvano, Silvete, Janaina, Maria, tia Ina, tia Noemi, Beto, vô Antônio. Em memória: vô Izilda, vô Gessi, tia Iracema e ao meu eterno herói, vô Augusto. Ao movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST), organização social que durante minha militância me inspirou através da sua capacidade de luta, na sua capacidade de organização e conscientização dos “excluídos da terra”, na sua mística e na sua capacidade político-pedagógica – “criando” militantes, quadros e dirigentes revolucionários de extremo valor.

À Comissão Pastoral da Terra (CPT), pastoral que desempenha “papel” fundamental na luta pela terra, no que concerne a organização camponesa, no enfrentamento contra o latifúndio, no papel educativo que desempenha com os “excluídos da terra”, também. Sua capacidade de luta em busca da “realização do céu na terra”, tendo como fonte inspiradora a teologia da libertação.

À Pastoral de Juventude do Meio Popular (PJMP), onde aprendi, vivenciei e lutei em comunhão com tantos companheiros e companheiras que faziam parte dela por um cristianismo radicalmente diferente, de opção pelos pobres. Um cristianismo de luta, de reivindicação, de uma “pequenina” ala que luta em favor dos Jovens excluídos do campo e da cidade.

Ao Centro Rural de Formação (CRF), organização não governamental que se dedica a formação (política e profissionalizante) dos jovens filhos de camponeses de Cruz do Espírito Santo – PB desde 2002. Nessa organização gostaria de agradecer em especial à Pe. Gabrielle Giacomeli, Cristina, Nilton, Luciene, Raquel, Wermerson, Zé, Luciana, Laelson, Nice, Luciana, Liliane, Quirino.

Ao Conselho Paroquial de Juventude (CPJ), nas pessoas de Severino (Biú), Eduardo, Irmã Edneuza, Antonio Rufino, Rafael, Alexandre, Juliana, Marivaldo e Nadja, uma vez que juntos construímos os “primeiros passos” dessa organização paroquial, na qual tivemos calorosos debates.

À Bia, Danuza, Danubia, Danivia (Nivinha), Andrew, Alison, Lili, Josineide, Salomão, Neto, André, Jardel, Sandro, Deysellayne, Milena, Elaine, Edja, Jamerson, Vinicius, Ewerton, Carlos (Cadoca), Carlinhos, Delson, Laerte (em memoria), Walter, Ednaldo, João, tia Cida, Marcelo, Manoela, Eliane, Silvan, Neide, Adailza (Dadá), Levir, Robertão do PT, Batista e aos demais amigos e a amigas de Cruz do Espírito Santo - PB.

À Pedão, Fabão, Netão, Marcão (o bruxo), Verdande Trotskaya, Paloma, Raivinha, Priscila, Estefani, Manuela (Manú), João Henrique, Manoel (Badú), Maika Zampier, Huguinho, Antomar, Carolzinha, Noemi, Varinia, Davi, Livia, Marcos Leandro (Alea Jecta), Dani, Felipe Ximenes, Isabela (Belinha), Dimitri, Gleyson, Marquinhos, Jurandir, Well, Isadora, Aguinaldo, Ivo Tonet, Renê, Thamires, Lulu e aos Caba do Brejo Santo que moram na vila do Chaves e adjacências (Casa Alta Flat).

Aos cortadores de cana residentes em Cruz do Espírito Santo, em especial os que me concederam entrevistas e me acompanharam na pesquisa de campo. Só tenho de ser eternamente grato pelas suas dedicações para responder o questionário, ao me acolher em suas casas, ao poder brincar um pouco com seus filhos ou, então, conversar com os demais familiares.

À minha companheira, amiga, arengueira, brigona, paixão, amor, namorada: Renata de Lima. Uma pessoa que me entende nos momentos bons e ruins da vida, me aconselha, dá carinho e “dengo”.

À professora Emília, minha orientadora, pessoa que me acolheu. Dedico este trabalho, também, por ela ser uma referência dentro da geografia paraibana e brasileira, o que “arranca” admiração por todos que a conhece.

Aos amigos e amigas da turma do PPGG – 2012.1: Flavia, Rosimary, José Edvaldo, Guibison, Enver, Joceia, João Cezar, Marina Teixeira, Otávia Carla, Emmy Lira, João Paulo, Wilma, Deusia, Jonathas Eduardo, Veronica, Pamela Steves, Ivanildo, Glauciene, por compartilharmos os sonhos, as angustias, a alegria, seja na convivência acadêmica, seja nos momentos “lúdicos”.

A Diego e Nielson, amigos que compartilharam o meu dia-a-dia no apartamento, dando indicações, comentando minha pesquisa, ajudando nos momentos complicados e, sempre, sempre, me dando apoio.

Aos membros da banca de qualificação: professor Dr. Edvaldo de Lima e Maria Franco Garcia.

À banca de examinadora por ter dedicado parte do seu tempo a ler essa pesquisa de mestrado: Ivan Targino e Ivan Barbosa.

EPÍGRAFE

*Satélites de cima
vigiando todos os atos de rebeldia
MST observado pela CIA
um avião cara-de-pau
preso na China
painel de controle
cidades sem culpa
na sensação do protocolo de Kioto
carbonizado em plena chuva
de armas exportadas
sangrando no dólar
o dólar dos outros
coagulado e globalizado
nas veias abertas
de outra dívida externa*

*Autor: Marcelo Yuka
Música: Ninguém regula a América
Banda: O Rappa*

RESUMO

A agricultura capitalista é uma das temáticas que mais proporciona subsídios para que a teoria da dependência marxista apresente sua vitalidade neste novo milênio. O capital sucroalcooleiro ratifica a perpetuação de uma das formas “brutais” de subordinação do trabalho pelo capital, pautado, sobretudo, nesta cisão entre produção, circulação e, consequentemente, consumo (interno). Pudemos averiguar que os cinquenta canavieiros pesquisados residem na zona urbana (34 trabalhadores) e rural (16) do município em questão. Deste modo, obtivemos as seguintes informações dos trabalhadores assalariados da cana residentes no município de Cruz do Espírito Santo: no caso dos trabalhadores que cortaram seis toneladas de cana diariamente, ele percorreu 4.400 metros, realizou 66.666 golpes de podão, fez 18.315 flexões e entorses torácicas para golpear a cana, perdeu em média 4 litros de água por dia. Entre os problemas de saúde mais relatados pelos cortadores de cana, as dores na coluna aparecem em primeiro lugar. Esse sintoma oscila entre o âmbito da tecnopatias e mesopatias. Os exemplos que evidenciam as causas do sintoma em questão são oriundos direta e indiretamente do processo de labor nos canaviais, que durante safras trabalhadas vão sendo acentuados gradativamente. O propósito geral dessa pesquisa foi de analisar as condições de renda, trabalho e saúde dos trabalhadores safristas do corte da cana residentes no município de Cruz do Espírito Santo – PB.

Palavras-chave: agricultura capitalista, teoria da dependência marxista, trabalhadores assalariados da cana.

RÉSUMÉ

L'agriculture capitaliste est un des thèmes qui fournit plus de subventions à la théorie marxiste de la dépendance présente sa vitalité dans ce nouveau millénaire. Le capital de la canne à sucre ratifie la perpétuation d'une forme "brutale" de subordination du travail par le capital, basé essentiellement à cette scission entre la production, la circulation et donc la consommation (interne). Les cinquante canne à sucre de plantations recherchés ont signalé une variété de contrats avec des entreprises "paraibanas" de canne à sucre, car la proximité territoriale a été décisive pour les pourcentages les plus élevés des contrats de récolte (2013/2014, par exemple). Ainsi, nous avons obtenu les informations suivantes pour les employés résidents de canne à Cruz de l'Esprit Saint, l'objet d'étude de cette thèse de master: si un travailleur avait devancé six tonnes par jour, il aurait marché 4400 mètres, qui s'est tenue 66 666 coups de machette, fait environ 18 315 pompes et les entorses thoraciques pour faire la coupe de la canne, perdu en moyenne 4 litres d'eau par jour. Parmi les problèmes de santé signalés par les coupeurs de canne, le mal de dos apparaissent en premier plan. Ce symptôme oscille entre le champ d'application de Troubles musculo-squelettiques et "mesopatias". Les exemples qui montrent les causes du symptôme en question proviennent directement ou indirectement du processus de travail dans les champs de canne, qui sont accentués progressivement pendant les récoltes accentués. L'objectif général de cette étude était d'analyser l'état de l'art de la fraction de la classe ouvrière de Cruz du Saint-Esprit - PB, en prenant les conditions de vie, de travail et le paramètre de santé théorique et méthodologique.

Mots-clés: agriculture capitaliste, la théorie de la dépendance marxiste, les employés de la canne.

LISTA DE FIGURAS

Fotografia 1. Um raio pode cair mais de uma vez no mesmo canto. Fotografia	48
Fotografia 2 e 3 : Frentes de corte da cana na Faz. São Felipe, Cruz do Espírito	48
Fotografia 4: Residência de um trabalhador canavieiro.....	72
Fotografia 5: Conj. Júlia Paiva e F.C. na Fazenda Santa Luzia	50
Fotografia 6 e 7: Condições de moradia dos canavieiros no Sítio Entroncamento.....	54
Fotografia 8 e 9 : Condições de moradia dos canavieiros no Sítio Entroncamento.....	54
Fotografia 10: Frente de corte na Fazenda São Felipe, município de C.E.S.....	68
Fotografia 11: trabalhador em frente de corte na fazenda São Felipe,.....	69
Fotografia 12: Frente de corte na Fazenda São Felipe.	79
Fotografia 13: Frente de corte na Fazenda São Felipe.....	79
Fotografia 14: frente de corte na Fazenda São Felipe.....	80
Fotografia 15: Frente de corte na Fazenda São Felipe.....	81
Fotografia 16: Casa de um trabalhador canavieiro da zona urbana de C.E.S.	83
Fotografia 17: Trabalhador canavieiro na barraca de palha em frente de corte na	105
Fotografia 18: Trabalhadores canavieiros em tenda disponibilizada pela	106

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Moradia dos pais dos entrevistados segundo o local de domicílio.....	53
Gráfico 2: Percentual de entrevistados que declararam que seus pais foram canavieiros ou exerceram outra profissão.....	55
Gráfico 3: Número de trabalhadores que iniciaram no corte da cana por décadas	58

Gráfico 4: Idade em que os trabalhadores entrevistados começaram a trabalhar na atividade canavieira.....	61
Gráfico 5: Número de canavieiros residentes na zona urbana de Cruz do Espírito Santo, segundo a unidade produtiva onde trabalhou na safra de 2013/2014.....	64
Gráfico 6: Número de canavieiros residentes na zona rural de Cruz do Espírito Santo, segundo a unidade produtiva onde trabalhou na safra 2013/2014.....	65
Gráfico 7: Histórico dos contratos de trabalhadores com empresas sucroalcooleiras do NE, pelos entrevistados.....	66
Gráfico 8: Mobilidade espacial nas frentes de cortes dos entrevistados residentes na zona rural de CES safras de 2009, 2011 e 2013.....	70
Gráfico 9: Mobilidade espacial nas frentes de corte dos entrevistados residentes na zona urbana de CES Safras de 2009, 2011 e 2013.....	71
Gráfico 10: Toneladas cortadas diariamente por número de pesspas (trabalhadores) da zona rural na safra 2013/2014.....	78
Gráfico 11: Toneladas cortada diariamente por pessoas (trabalhadores) da zona urbana	79
Gráfico 12: Início da jornada de trabalho por faixa horária, número de pessoas e por zona rural e urbana dos canavieiros de Cruz do Esp. Santo - PB	85
Gráfico 13: Termo da jornada de trabalho por faixa horária, número de pessoas e por divisão territorial (zona rural e urbana) dos canavieiros residentes em Cruz do Esp. Santo.....	85
Gráfico 14: Comparação salarial do DIEESE para o segundo semestre de 2011.....	90
Gráfico 15: Comparação salarial do DIEESE para o segundo semestre de 2013: o salário que temos e o que poderíamos ter.....	91
Gráfico 16: Declaração dos trabalhadores canavieiros residentes na zona urbana sobre o preço da sua cesta básica mensal no período da safra e da entressafra.....	95

Gráfico 17: Declaração dos trabalhadores canavieiros residentes na zona rural sobre o preço da sua cesta básica mensal no período da safra e da entressafra..... 96

Gráfico 18: Preferência de locais (barraca de palha – B.P. – e tenda da usina –T.U) de almoço por parte dos trabalhadores canavieiros residentes na zona rural de Cruz do Esp. Santo..... **Erro!**

Indicador não definido.

Gráfico 19: Preferência de locais (barraca de palha – B.P. – e tenda da usina –T.U) de almoço por parte dos trabalhadores canavieiros residentes na zona urbana de Cruz do Esp. Santo..... **Erro!**

Indicador não definido.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Número de entrevistados por Comunidade e sua participação percentual na amostra e no universo dos canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo – PB, contratados na safra 2012/2013..... 17

Tabela 2: Dinâmica da agricultura canavieira em C.E.S. e nos municípios que fazem limite territorial com o mesmo em 2009..... 73

Tabela 3: Dinâmica da agricultura canavieira em C.E.S. e nos municípios que fazem limite territorial com o mesmo em 2011..... 74

Tabela 4: Cruz do espírito Santo- Perspectiva de tempo de trabalho futuro no corte da cana por número de canavieiros entrevistados nas zonas rural e urbana, em comparação com o total de canavieiros cadastrados no STTRCES em 2013..... 76

Tabela 5: Número de trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Esp. Santo – PB que declararam ter trabalhado acima da jornada legal de trabalho (oito horas diárias) por safras, divisão territorial e o total percentual dos declarantes em relação ao contingente pesquisado (50 pessoas) e, também, da categoria residente em Cruz do Espírito Santo (700 pessoas). 88

Tabela 6: Projeção salarial por produção referente aos anos 2011 e 2013..... 93

Tabela 7: Classificação dos trabalhadores canavieiros residentes na Zona urbana de Cruz do Esp. Santo por número de refeições no período da safra, por localidade urbana..... 102

Tabela 8: Classificação dos trabalhadores canavieiros residentes na Zona rural de Cruz do Esp. Santo por número de refeições no período da safra, por localidade urbana..... 102

Tabela 9: Número de trabalhadores canavieiros residentes na zona rural e urbana do município de Cruz do Esp. Santo que declararam fazer as três principais refeições por dia (café, almoço e jantar) de acordo com a faixa horária.....	107
Tabela 10: Trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Esp. Santo que declararam ingerir determinados litros de água a mais do que levam e, também, os que ingerem até cinco litros por faixa de consumo, agrupados (zona rural e urbana) e o percentual em relação à amostra obtida.	111
Tabela 11: Tipos de substâncias líquidas ingeridas pelos trabalhadores canavieiros pesquisados e agrupados (zona rural e urbana) e sua comparação percentual em relação ao contingente da categoria (700 pessoas).	112
Tabela 12: Número de entrevistados que declaram sentir dor de coluna durante a jornada de trabalho e se requisitaram serviço médico na especialidade.	114
Tabela 13: Tipos de sintomas relacionados à DORT/LTC dentro da amostra obtida, por divisão territorial e seus percentuais.....	120
Tabela 14: Número de trabalhadores canavieiros residentes nas cinco localidades selecionadas (urbanas e rurais) em Cruz do Espírito Santo – PB que afirmaram sentir câimbra durante a jornada de trabalho.....	120
Tabela 15: Entrevistados que declararam os tipos de sintomas divididos por zona rural (Z.R.) e zona urbana (Z.R.) de Cruz do Espírito Santo – PB e seus percentuais dentro da amostra e no contingente da categoria profissional.	125
Tabela 16: Tipos de ocorrências de saúde declaradas pelos entrevistados por divisão territorial e seu percentual dentro da amostra e no contingente da categoria profissional residente em Cruz do Espírito Santo.	128
Tabela 17: Tipos de sintomas indicadores de exaustão alegados pelos canavieiros espírito-santenses por divisão territorial (zona urbana e rural) e seu percentual dentro da amostra. ..	132
Tabela 18: Entrevistados que afirmam ter desmaiado durante a jornada de trabalho por divisão territorial municipal (Zona Urbana e Rural) e seu percentual dentro da amostra.....	135
Tabela 19: Número de pessoas que tiveram mal estar durante a jornada de trabalho segundo as informações concedidas pelos trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo – PB agrupados (zona rural e urbana).	136
Tabela 20: Número de acidentes de trabalho referente aos canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo por divisão territorial, tipos de acometimentos, percentual dentro da amostra (agrupando Zona Rural e urbana) e no contingente profissional dessa categoria localizada no território municipal.	138
Tabela 21: Número de acidentes de trabalho acometido pelos trabalhadores residentes nas comunidades pesquisadas em Cruz do Espírito Santo – PB por décadas, porcentagem amostral	

dentro da amostragem e no contingente profissional dessa categoria no município (700 pessoas).....	142
--	-----

LISTA DE MAPAS

Mapa de localização das comunidades pesquisadas no município de Cruz do Espírito Santo/ PB	15
--	----

LISTA DE SIGLAS

STTRCES – Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras do município de Cruz do Espírito Santo – PB

MTE – Ministério do Trabalho e Emprego

FETAG/PB – Federação dos Trabalhadores da Agricultura do estado da Paraíba

CPT – Comissão Pastoral da Terra

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra

PJMP – Pastoral da Juventude do Meio Popular

CPJ – Conselho Paroquial de Juventude

CRF – Centro Rural de Formação

CPT – Comissão Pastoral da Terra

SPM – Serviço Pastoral do Migrante

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1	21
1 - O MÉTODO E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO DE ESTUDO.....	21
1.1-Resultados de pesquisas enquanto expressão factual do objeto: notas metodológicas a partir de “O leitor de Marx”	21
1.2- O rigor metodológico e o ponto de vista proletário (revolucionário) na teoria social marxiana: notas teóricas (e metodológicas) a partir do curso “O método e a ontologia”, ministrado pelo professor Ivo Tonet.....	30
1.3 – Da estrutura técnica da pesquisa: a pesquisa de campo.....	38
1.4- Dos instrumentos de pesquisa: questionários e entrevista semiestruturada.	41
CAPÍTULO 2	44
2- ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DOS CORTADORES DE CANA ESPÍRITO-SANTENSES	44
2.1 - Procedência histórico-genealógica: da sua história presente à sua história pretérita.	45
2.2 – Momento da produção e reprodução da força de trabalho	63
CAPÍTULO 3	97
CAP. 3 - AS CONSEQUÊNCIA DA SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO SOBRE AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS CANAVIEIROS ESPÍRITO-SANTENSE.	97
3.1 – Hábitos e condições alimentares do entrevistado	97
3.2 – Hidratação durante a jornada de trabalho.	108
3.3 – Caracterização do estado de saúde dos entrevistados: dor na coluna.....	113
3.4 – Caracterização do estado de saúde dos entrevistados: Doenças Osteomusculares Relacionada ao Trabalho (DORT).....	118
3.5 – Caracterização do estado de saúde dos entrevistados: indicativos de exaustão na jornada de trabalho.	129
3.6– Histórico de acidentes de trabalho dos canavieiros safristas entrevistados.....	138
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	144
BIBLIOGRAFIA	148
APÊNDICE.....	176
0	

INTRODUÇÃO

Para um grande número de geógrafos contemporâneos o espaço vem sendo utilizado como conceito-chave para elaborar suas pesquisas científicas. Sua importância no campo da geografia crítica, por exemplo, deve-se a necessidade de compreender “a intensificação das contradições sociais e espaciais tanto nos países centrais como periféricos” (CORRÊA, 2007, p. 24-25). A partir dessa corrente do pensamento geográfico define-se o espaço como “lócus da reprodução das relações sociais de produção, isto é, da reprodução da sociedade” (CORRÊA, 2007, p.26).

Para Ruy Moreira (1982), o processo formador do espaço seria o mesmo da formação econômico social. Santos (2007), por sua vez chega a afirmar que não é possível conceber uma formação socioeconômica sem se recorrer ao espaço e que modo de produção, formação socioeconômica e espaço são categorias interdependentes. Derivado do conceito de formação socioeconômica, ele estabelece o conceito de formação sócioespacial, ou, simplesmente, formação espacial, uma vez que:

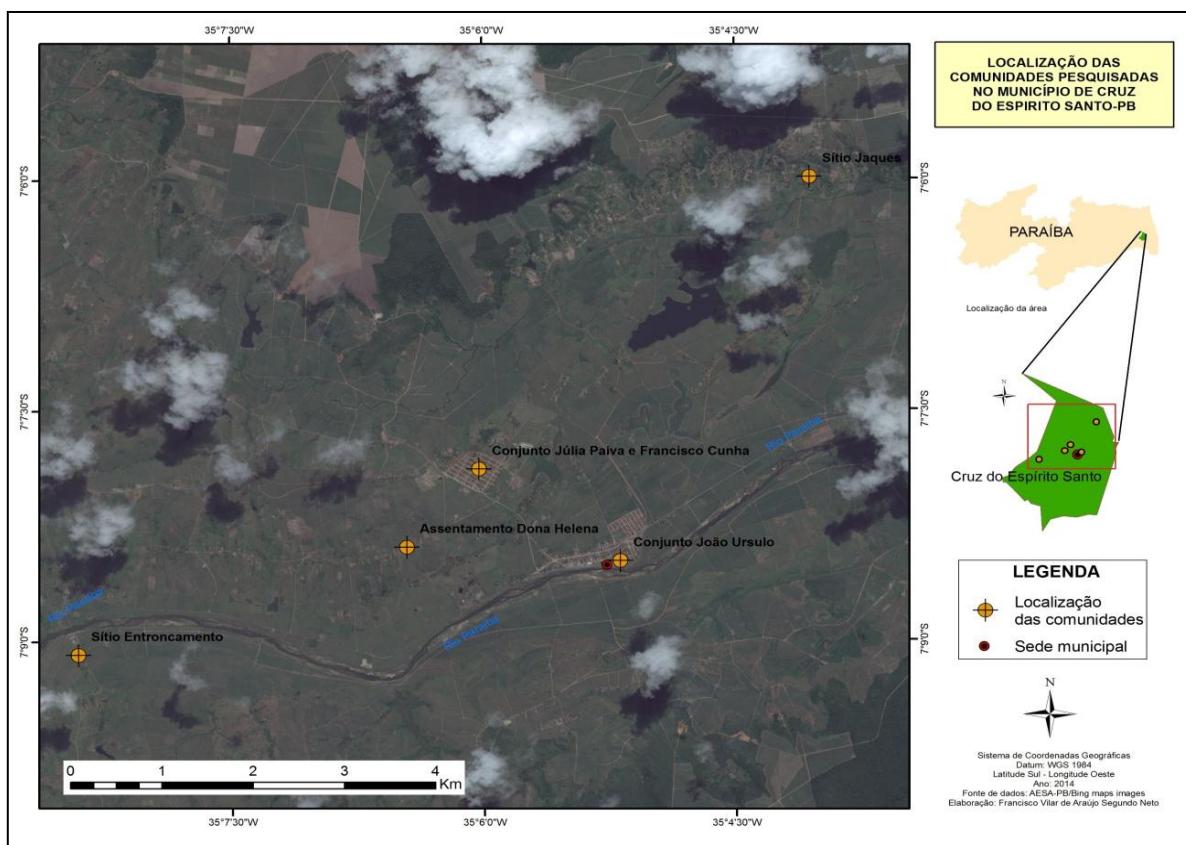
O mérito do conceito de formação sócioespacial, ou simplesmente formação espacial, reside no fato de se explicar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade. Não há, assim, por que falar em sociedade e espaço como se fossem coisas separadas que nós reuniríamos *a posteriori*, mas sim de formação sócioespacial (CORRÊA, 2007, p26-27).

Pode-se presumir, com base no exposto, que a correlação lógico-dialética presente no conceito em tela, define-o, no caso da “Zona da Cana” (Lima, 2011) do estado da Paraíba, por exemplo, enquanto *lócus* da reprodução de relações sociais que têm na superexploração do trabalho sua particularidade, uma vez que ela é central na forma de acumulação do capitalismo dependente que se reproduz na atividade sucroalcooleira desenvolvida na região em pauta.

Buscamos compreender este conceito chave através da forma como se reproduz, social e economicamente, o nosso objeto de estudo: os canavieiros safristas da cana residentes no município de Cruz do Espírito Santo – PB. Compreender teórico e metodologicamente o espaço a partir desse estudo de caso é demonstrar como está posto sobre o município os problemas relacionados às condições de vida, trabalho e saúde de uma das categorias laborais mais antigas da sua organização social.

O município de Cruz do Espírito Santo localiza-se a vinte e quatro quilômetros de João Pessoa, capital do estado. Este município faz parte da microrregião de Sapé, a qual está localizada na mesorregião da Mata Paraibana. Com uma dimensão territorial de 195,592 Km² (IBGE), o mesmo faz divisa com os municípios Pedras de Fogo, São Miguel de Taipu, Sapé, Sobrado e Santa Rita, municípios que também fazem parte da região tradicionalmente canavieira do estado da Paraíba.

Optamos, nessa pesquisa, por analisar as condições de vida, trabalho e saúde de cinquenta trabalhadores safristas assalariados do corte da cana que residem dentro desse espaço, o qual está delimitado entre as coordenadas 7° 8' 24" S e 35° 5' 9" W. A amostra foi obtida em três comunidades rurais e duas urbanas, sob as seguintes coordenadas: Sítio Jaques, UTM: 9214707; Sítio Entroncamento, 9208960; Assentamento Dona Helena, 9210601; Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha, 9211202; Conjunto João Ursulo, 9210098. O mapa 1, expõe a localização das respectivas comunidades a partir de tais coordenadas (UTM).



Autor: Francisco Vilar de Araújo Segundo Neto.

A partir de várias etapas de transição “não lineares” (LOWY, 1995), o espaço agrário paraibano do século XXI tem se mostrado o *lócus* primordial para validarmos a teoria do

desenvolvimento dependente (MARINI, 1973). No caso do município de Cruz do Espírito Santo – PB, essas etapas “não lineares” se traduzem num subdesenvolvimento estrutural, delimitando e expressando a relação entre o centro e a periferia do capitalismo mundial.

Segundo Gandássegui (2009), a colaboração teórica de Ruy Mauro Marini tem grande relevância para entendermos o desenvolvimento dependente, visto que:

Marini mudou o eixo sobre o qual se estudava o subdesenvolvimento e começou a investigar a relação e a integração da América Latina no mercado mundial. [...] Portanto, as transferências de valor que eram feitas da periferia para o centro não constituíam “anomalias ou obstáculos”, mas antes eram normais dentro do padrão de acumulação capitalista e eram mesmo um estímulo para sua consolidação com base em suas duas premissas: abundância de matéria-prima e abundância de mão-de-obra. (GANDASSEGUI, 2009, p. 272-273)

Ruy Mauro Marini inverteu os pressupostos analíticos da realidade latino-americana, como foi explicitado na citação anterior, e que, portanto, têm grande relevância para o nosso estudo de caso, isto por que ele deu relevância ao âmbito da circulação enquanto procedimento metodológico para investigar a realidade continental dos países de língua latina.

Destarte:

Na economia exportadora latino-americana, as coisas se dão de outra maneira. Como a circulação se separa da produção e se realiza basicamente no âmbito do mercado externo, o consumo individual do trabalhador não interfere na realização do produto, ainda que determine a taxa de mais-valia. (GANDÁSSEGUI, p273-274 apud MARINI, 1973, p.52)

A agricultura capitalista é uma das temáticas que mais proporciona subsídios para que a teoria da dependência marxista apresente sua vitalidade neste novo milênio. O capital sucroalcooleiro, setor que está assentado numa vasta tradição do monopólio da “grande propriedade da terra e da atividade monocultora para exportação” (PRADO Jr.1959), ratifica a perpetuação de uma das formas “brutais” de subordinação do trabalho pelo capital, pautado, sobretudo, nesta cisão entre produção, circulação e, consequentemente, consumo (interno).

É por meio da teoria marxista da dependência que analisamos as condições socioeconômicas, de labor e os impactos desses dois momentos sobre as condições de saúde de uma das frações dos trabalhadores rurais assalariados da Zona da Mata paraibana no século XXI: os canavieiros safristas.

O público que serviu de amostra nessa pesquisa é parte de um contingente municipal de 700 trabalhadores safristas do corte da cana-de-açúcar, conforme consta na lista de contratos dessa categoria profissional concedido pelo Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cruz do Espírito Santo (STTRCES), referente à safra 2012/2013.

Os lugares onde os trabalhadores canavieiros trabalham são os mais diversos. Não há, segundo os entrevistados, uma fixidez do trabalho ao seu lugar de origem. Deste modo, os canavieiros de Cruz do Espírito Santo trabalham tanto no próprio município quanto em outros municípios da mesorregião da Mata Paraibana. Regra geral, os 700 trabalhadores dividem-se em turmas de cinquenta pessoas, cuja mobilidade geográfica do trabalho dentro da mesorregião é muito variável. Mesclam-se com outras turmas de outros municípios, em outros municípios que tem similitude econômica, cultural e política com o município em estudo.

De forma sucinta, apresentamos a população amostral segundo as comunidades onde residem, correlacionando-a com o total da população objeto de pesquisa (50 canavieiros) e com o total de canavieiros fichados no STTRSCES na safra 2012/2013 (700 pessoas).

Tabela 1: Número de entrevistados por Comunidade e sua participação percentual na amostra e no universo dos canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo – PB, contratados na safra 2012/2013.

Comunidades selecionadas	Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha (Z. Urbana):	Conjunto João Ursulo (Z. Urbana)	Assentamento Dona Helena (Z. Rural)	Sítio Entroncamento (Z. Rural)	Sítio Jaques (Z. Rural)	Total
Número de entrevistados	20	14	6	4	6	50
Percentual em relação ao número de entrevistados	40%	28%	12%	8%	12%	100%
Percentual da amostra no universo da pesquisa	2,85%	2,00%	0,86%	0,57%	0,86%	7,14%

Fonte: Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Distribuídos territorialmente em três grandes áreas geográficas, os trabalhadores canavieiros espírito-santenses representam no século XXI a persistência de uma atividade secular, que assume múltiplas determinações sociais concernentes as suas especificidades históricas e à totalidade social em que está inserida.

Cronologicamente, por exemplo, cada área geográfica traduz a gênese de um determinado contexto histórico, delimitado por relações de produção, pelas forças produtivas de um determinado período, pela condição cultural e pela correlação de forças no âmbito político. Na atualidade, com exceção dos assentamentos de reforma agrária, as demais áreas estão interconectadas diretamente à sociabilidade burguesa: as relações capitalista de produção, calcadas na compra e venda da força de trabalho.

As áreas de fazenda, propriedades rurais sob o domínio jurídico e econômico de usinas¹ e engenho², são os núcleos embrionários da formação espacial municipal. A matriz histórico-genealógica da classe trabalhadora espírito-santense do século XXI está profundamente entrelaçada às configurações materiais e imateriais que ocorreram nas áreas a que aqui estamos nos referindo. É impensável analisar as condições de trabalho, renda e vida da classe trabalhadora da cana municipal do século XXI, sem recorrer, histórica e cronologicamente, às áreas mencionadas.

Quando aludimos à questão da matriz histórico-genealógica da classe trabalhadora municipal no novo milênio, nada mais plausível para ratificar nossa ideia do que a formação e atualidade do seu proletariado canavieiro com residência nas áreas urbanas do município em questão, visto que eles são oriundos das áreas de fazenda, conforme pudemos verificar a partir do primeiro item do questionário (procedência histórico-genealógica) aplicado com os cortadores de cana.

Já os canavieiros safristas residentes em áreas de Assentamentos de reforma agrária mostram particularidades no seu contexto histórico, ou seja, na sua metamorfose temporária entre assalariado da cana-de-açúcar, num período do ano, e agricultor familiar, no outro. Essa oscilação durante o ano chancela o desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo no espaço agrário paraibano e do município onde residem os canavieiros.

A relação dos contratos de trabalho dos canavieiros pesquisada no STTRCES para elaboração da nossa monografia de graduação (2010/2011) e nossas contínuas visitas para acompanharmos a dinâmica contratual do empresariado sucroalcooleiro com os trabalhadores safristas filiados àquela entidade através dos “repasses sindicais”, com destaque para a safra 2012/2013 e 2013/2014, foi nossa primeira aproximação com o que seriam os dados da pesquisa analisados nessa dissertação.

Percebemos, de antemão, um aumento de 27% no contingente de trabalhadores canavieiros entre as safras de 2010/2011³ e 2012/2013. Os critérios logísticos, de produtividade e idade foram de substancial importância para a formação das turmas de canavieiros para o corte da cana por comunidade.

¹ No município de Cruz do Espírito Santo, por exemplo, as Fazendas Munguengue, São Felipe, Espírito Santo são propriedades da usina São João. A Fazenda Santa Luzia é propriedade da usina Miriri.

² O engenho São Paulo (produtor de aguardente) é proprietário da fazenda com que tem o mesmo nome da empresa.

³ Mediante o grande número de visitas realizadas ao referido sindicato desde a pesquisa para a elaboração de monografia até julho de 2014, percebemos uma oscilação na dinâmica da mão-de-obra municipal voltada para o corte da cana. Porém, a atual presidente não conseguiu dar uma explicação precisa sobre essa dinâmica, devido, segundo ela, ao seu pouco tempo na gestão.

Deste modo, a Usina Miriri, localizada no município de Sapé, absorve vinte e três trabalhadores, os quais residem na Fazenda Santa Luzia (zona rural) e Conjunto Julia Paiva (zona urbana); o Engenho São Paulo, situado no município de Cruz do Espírito Santo, absorve oitenta e sete trabalhadores, os quais residem na Fazenda Engenho São Paulo, no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha e no Conjunto João Ursulo; quarenta trabalhadores residentes no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha e no Conjunto João Ursulo tiveram contratos de safra com a usina Japungu, situada no município de Santa Rita. Já a usina São João, também situada em Santa Rita é um caso que merece maior atenção por conta de dois fatores: a) o público majoritário entrevistado na pesquisa teve vinculação empregatícia com a respectiva empresa; b) essa empresa é a que mais absorve a mão-de-obra canavieira espírito-santense. De acordo com a safra de 2012/2013, quinhentas e cinquenta pessoas tiveram vínculo empregatício com a usina mencionada, onde trinta pessoas são residente da Fazenda Mungengue, vinte do Sítio Entroncamento, quarenta da Fazenda Espírito Santo, trinta da Fazenda São Felipe, vinte do Assentamento Dona Helena, vinte e cinco do assentamento Massangana I, vinte e cinco do Assentamento Canudos, setenta do assentamento Massangana II, cinquenta do assentamento Massangana III, cento e dez do Conjunto Julia Paiva e Francisco Cunha (110), oitenta do Conjunto João Ursulo e cinquenta do Sítio Jaques.

A razão que nos levou a intitular a presente dissertação deve-se a entrevista semiestruturada com um trabalhador canavieiro residente no Conjunto João Ursulo, zona urbana de Cruz do Espírito Santo. Este afirmou que o seu irmão ganhou o “**facão de ouro**” pela maior produtividade do mês, sendo “premiado” com 50 cestas básicas. Porém, tinha dia que ao término do trabalho não conseguia andar, tendo que ser levado pelos companheiros até o ônibus de tão cansado que estava. Segundo o respectivo entrevistado, outro cortador de cana ganhou uma geladeira como premiação pela maior produtividade do mês; hoje esse trabalhador tem problemas de saúde, que o deixou dependente de uma cadeira de roda.

No que se refere à estrutura da dissertação, elaboramos três capítulos além desta introdução e das considerações finais, com o propósito geral de analisar o contexto histórico no qual se encontra essa fração da classe trabalhadora municipal, tendo nas condições de vida, trabalho e saúde o parâmetro teórico-metodológico para elaborá-la.

O primeiro capítulo, “**O método e sua relação com o objeto de estudo**”, versa sobre assuntos filosóficos, políticos e científicos (metódico e metodológico) da teoria de Marx e dos marxistas, as quais perpassam direta e indiretamente a análise sobre o nosso objeto de estudo e a realidade em que ele está inserido. Tecer e apresentar um debate deste tipo nos serve, acima de tudo, como um momento auto-avaliativo sobre o nível teórico, metodológico e

técnico (e a relação entre os três) no que diz respeito ao debate do materialismo histórico-dialético. Ao passo que compreendemos cada vez mais a temática proposta para debate neste capítulo, mais compreendemos a realidade sócioespacial na qual o nosso objeto de estudo está inserido.

No segundo capítulo, “**Espaço, trabalho e vida: os impactos da dialética do capitalismo periférico no setor sucroalcooleiro e seus rebatimentos sobre os cortadores de cana espírito-santense**”, realizamos um estudo sobre parte da temática central: como estão interconectadas e, consecutivamente, se retroalimentam a vida e o trabalho dos canavieiros safristas do município de Cruz do Espírito Santo. Investigar as condições de renda monetária (forma de obtenção e forma de consumo), a relação de trabalho (salário por produção) e as leis trabalhistas que regulam tal relação (ancoradas na Convenção Coletiva dos trabalhadores canavieiros do estado da Paraíba 2013/2014), definem o nosso objetivo de pesquisa neste capítulo. Esses três elementos investigados são de grande importância na configuração atual da realidade dos trabalhadores do corte da cana. Discutir uma temática como essa tem por prioridade construir uma análise detalhada da processualidade histórica contemporânea delimitada pela relação capital x trabalho no setor econômico mais tradicional de Cruz do Espírito Santo e, também, da Zona da Mata paraibana e nordestina: a labuta no corte da cana.

O terceiro capítulo, intitulado “**As consequências da superexploração do trabalho sobre as condições de saúde dos canavieiros espírito-santense**”, debate as implicações da ofensiva brutal do capital sobre a saúde dos trabalhadores canavieiros espírito-santenses, com destaque para o público amostral. A preocupação foi querer entender como se dá o superdesgaste da força de trabalho, como também, desejar contribuir na discussão sobre o tema junto ao Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST), uma vez que há uma carência de análises atualizadas sobre o tema, conforme nos mencionou o responsável pelo banco de dados desse órgão. Os pressupostos que nos levaram a analisar o aspecto da saúde do público em questão, deve-se ao nível de precarização do labor e da vida que apresentam os cortadores de cana. Apesar de serem remunerados pelo seu trabalho, esses trabalhadores ainda enfrentam situações de exploração de sua força de trabalho que comprometem as condições básicas para mantê-la, vivem em condições miseráveis e permanecem expostos a inúmeras situações que podem determinar seu adoecimento” (ROCHA, 2007, p.24).

CAPÍTULO 1

1 - O MÉTODO E SUA RELAÇÃO COM O OBJETO DE ESTUDO

Apresentação

Este capítulo busca estabelecer a relação do método com o objeto de estudo através de três abordagens. A primeira discute o método de Marx e sua relação com o objeto de estudo tendo como suporte técnico de pesquisa os sete questionários aplicados em 2010 com canavieiros do município de Cruz do Espírito Santo – PB, isto com o intuito de apresentarmos os pressupostos metodológicos que dão fundamento, de forma indireta, para o percurso analítico desenvolvido no segundo e terceiro capítulo. A segunda abordagem discutiu o rigor metodológico e o ponto de vista proletário (revolucionário) na teoria social marxiana, como forma de afirmarmos a íntima relação entre concepção de mundo (a ideologia, na perspectiva lukacsiana) e análise científica. A terceira contempla a estrutura técnica da pesquisa através da análise da pesquisa de campo, tal qual propiciou a aplicação de questionários, entrevistas semiestruturadas, obtenção de dados secundários.

1.1-Resultados de pesquisas enquanto expressão factual do objeto: notas metodológicas a partir de “O leitor de Marx”⁴.

Abrir um tópico para discutir o método de Marx e sua relação com o objeto de estudo da pesquisa a partir de um dos principais marxistas brasileiros contemporâneos, José Paulo Netto, não pressupõe, aqui, reverenciá-lo. O que pretendemos é aproveitar a contribuição teórico-metodológica por ele dada através do curso sobre “O método em Marx”, para nos aproximarmos sucessivamente da realidade que o objeto de estudo da nossa pesquisa de mestrado apresenta nesse início de milênio. Deste modo, transcrevemos parte da aula 4 do DVD 1 do respectivo curso, visto que ela contém elementos teóricos que possibilitam compreender o arcabouço metodológico formulado por Karl Marx e que, portanto, foram expostas pelo respectivo ministrante de forma didática, permitindo uma compreensão do detalhada do debate.

⁴José Paulo Netto.

Para muitos cientistas sociais a dimensão empírica que o objeto apresenta é o ponto de comprovação científica da análise que eles se propõem a realizar, ou seja, o ponto de “chegada” na relação que se estabelece com o objeto de estudo. Em contraposição a essa premissa metodológica vale apresentar a colocação de José Paulo Netto (2002), isto no intuito de ir estabelecendo a distinção entre os pressupostos da científicidade tradicional e a marxiana:

(...) o ponto de partida para Marx é sempre um fato, ou um conjunto de fatos. O ponto de partida é a expressão factual, a expressão empírica, a expressão fenomênica da realidade. Marx recusa o empirismo, porém não desconsidera a realidade empírica, a expressão empírica do real. [...] Conhecer é, para Marx, negar a aparência, negar a factualidade, negar a empiria – atenção para a noção de negar. Negar não é cancelar, não é ignorar. [...] O conhecimento parte da aparência, mas ultrapassa a aparência. Vai além da aparência. E esse ir além da aparência requer a negação da factualidade. Os fatos, a empiria é importante para o conhecimento, mas não constitui o conhecimento teórico na ótica de Marx.

A empiria, portanto, constitui-se de um fato, ou de fatos⁵ que se reproduzem num determinado cotidiano social, ou, para fazermos uso do vocabulário da ciência geográfica, dos fatos que configuram um determinado espaço geográfico. Aquilo que é visível e que repercute numa determinada cena histórico-social cotidianamente é – conforme a citação expõe – o ponto de partida metodológico para realizar uma análise sistemática de cunho marxiano e que, ao mesmo, tempo está interligada a dinâmica de outras escalas geográficas que a influencia.

Compreender a cotidianidade do nosso objeto de estudo requisitou, a partir do parâmetro metodológico discutido nesse capítulo, que pesquisássemos os fenômenos sociais e econômicos que interligam a escala de análise local aonde está acontecendo o fenômeno analisado às escalas macroespaciais, isto como forma de abstrair-se do imediatismo que é apresentado no cotidiano de vida, de trabalho e de saúde dos canavieiros safristas em questão, com a finalidade de nos aproximarmos sucessivamente da sua essência histórica.

Desse modo, processos macroeconômicos que ocorrem no espaço geográfico de Cruz do Espírito Santo recaem sobre o cotidiano do público estudado nessa dissertação de mestrado como, por exemplo, o resultado das mudanças estruturais na agricultura brasileira comandada pelo agronegócio no início desse novo milênio. Esse processo, no âmbito desse município reconfigurou a mobilidade espacial dos trabalhadores canavieiros que nele reside, uma vez que se intensificou a migração dessa população da zona rural para a zona urbana – com destaque para as Fazendas Espírito Santo, São Felipe e Santa Luzia, as quais, empiricamente,

⁵ Fatos na ótica marxiana significa ocorrência de fenômenos que perduram e, ao mesmo tempo, expressam a representação caótica de uma determinada sociedade.

demonstraram os maiores índices de migração para o Conjunto João Ursulo e Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha, de acordo com o trabalho de campo realizado.

Direta ou indiretamente, “o domínio da esfera do capital financeiro e das empresas transnacionais sobre a produção das mercadorias agrícolas, que ao mesmo tempo controlam os preços e o mercado nacional e internacional” (STEDILE, 2013) vem repercutindo veementemente na estrutura agrícola, agrária e no mercado de trabalho rural e urbano dos municípios brasileiro, com destaque para os da zona canavieira do estado da Paraíba. A realidade do público pesquisado contrasta e confirma que a “produção e a exportação do agronegócio se expandem a elevadas taxas, porém as taxas de salário, emprego e massa salarial geradas no processo de produção não crescem ou decrescem” (Pauli, 2013, p.418). A nosso ver, quando alocamos nosso problema de estudo nessa dimensão teórica, estamos nos situando no âmbito de abstração, na qual permite que compreendamos a dinâmica mais substancial que engendra o contexto histórico dos trabalhadores analisado nessa pesquisa.

Ampararmo-nos nesse pressuposto metodológico para relacioná-lo ao nosso objeto de estudo implica em expor o cotidiano de vida e de trabalho dos cortadores de cana-de-açúcar residentes no município de Cruz do Espírito Santo, relatados durante a pesquisa de campo e em conversas com os mesmos entre o final de 2010 e início de 2011 para elaboração da monografia de graduação do curso em bacharelado em geografia, como forma de aproximarmos o âmbito da abstração e da empiria.

Deste modo, cinco relatos obtidos em entrevista aberta com o público investigado durante o período que elaboramos a monografia servem inicialmente para demonstrar a expressão factual da problemática que nos propomos a analisar na dissertação de mestrado, tais quais possibilitaram tanto apresentar os pressupostos operacionais do método marxiano tendo como base de pesquisa um estudo de caso, quanto o caráter de expor o substrato social que constitui a realidade na qual o objeto de estudo está inserido e reproduz dentro do espaço geográfico de Cruz do Espírito Santo.

Durante a aplicação de questionário com o trabalhador canavieiro S.T., ele expôs que já adoeceu várias vezes devido ao trabalho que exerce. No dia em que o entrevistamos, relatou que tinha desmaiado por conta do dispêndio físico no corte da cana e, também, devido às condições climáticas presentes na região que estava trabalhando.

O entrevistado S.B. começou a cortar cana entre os nove e dez anos de idade na usina Santa Helena. Ele não lembrava exatamente o ano que iniciou nessa atividade, porque isso não consta – obviamente – na sua carteira de trabalho, o que nos indica que além de ser trabalho infantil, era clandestino e precário. No período da aplicação do questionário

(novembro de 2010), esse trabalhador tinha vinte e sete anos de tempo de serviço nessa profissão com carteira assinada. Sua esposa relatou que começou a trabalhar no corte da cana aos sete anos de idade, e quando chegava ao final de semana se a usina não pagasse a quantia estipulada pelos seus pais, ela ainda apanhava deles.

O entrevistado F.M. trabalhava na usina Japungu, tem vinte oito anos de idade. A família é composta por ele, a esposa e mais dois filhos. Residia na zona urbana e passou a residir na zona rural. Trabalhava de servente de pedreiro no período da entressafra, cortava uma média de 8 a 15 toneladas de cana por dia. Recebia mil reais por mês, trabalhava oito horas por dia.

O entrevistado C.A. tinha vinte nove anos de idade no período que fizemos a pesquisa de campo para a monografia, cursou até a quarta série do ensino fundamental I; cortava diariamente uma média de 6 a 10 toneladas de cana; só trabalha nesta atividade; residia na zona rural e passou a residir na zona urbana (Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha); é filiado ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Cruz do Espírito Santo (STTRCES); achava bom o seu desempenho no corte da cana; relatou que a usina Japungu exige uma média de 8 a 10 toneladas de cana por dia.

O entrevista do J.V.L tinha trinta e quatro anos de idade; cursou até a terceira série do ensino fundamental I; migrou da zona rural para a zona urbana. A sua família é composta por ele, a esposa e mais dois filhos; tem dez anos de carteira assinada neste setor; cortava de sete a dez toneladas de cana por dia; quinzenalmente recebia quinhentos reais; achava seu desempenho razoável; trabalhava oito horas por dia; fazia seu contrato de trabalho via empreiteiro de turma; conhecia cinco pessoas que já adoeceram devido ao corte da cana.

O frequente adoecimento do entrevistado S.T. é um demonstrativo de que o planejamento ergonômico⁶ nas frentes de corte de cana-de-açúcar tem falhas estruturais, isto por conta de um ritmo de labor que desgasta a curto, médio e longo prazo as condições físicas dos trabalhadores; diminuindo, por consequência, seu tempo de vida útil e de vida total. Neste caso, tem-se uma incompatibilidade entre os materiais utilizados pelos canavieiros (EPIs), o ambiente e a carga de trabalho, contribuindo para que o aumento da produtividade no corte da cana degrade as condições de bem-estar dos canavieiros, podendo ter efeitos negativos a nível psicológico, físico e social, tais como estresse relacionado com o trabalho, esgotamento ou depressão.

⁶ Ergonomia designa o conjunto de disciplinas que estuda a organização do trabalho no qual existe interações entre seres humanos e máquinas.

De acordo com o exposto acima se pode afirmar que “a precarização do trabalho parece ser uma dimensão permanente do trabalho sob o capitalismo” (Lopes, 2011, p.1). Nos países periféricos a precarização adquiriu uma maior substancialidade empírica e teórica, tendo em vista que a forma de acumulação de capital está fundada na superexploração do trabalho, a qual só pôde vigorar devido a junção entre o passado colonial e uma modernização conservadora, aonde a sociedade brasileira obteve, com destaque para o espaço agrário, tecnologias avançadas ao mesmo tempo em que mantinha ou acelerava a desigualdade social, repercutindo num extenso e intenso êxodo rural, em uma urbanização desgovernada e numa proletarização débil, como, por exemplo, as formas de trabalho temporário, informal e a versatilidade da população para os diversos postos de trabalho. Sendo assim:

O processo de desenvolvimento do capital, nessa forma cada vez mais dependente do exterior e que organiza a produção na forma de agronegócio, trouxe mudanças estruturais na propriedade, na produção, no mercado, nas classes e nos trabalhadores rurais de todo o Brasil (STEDILE, 2013, p.28).

O agronegócio sucroalcooleiro aprofundou a precarização do trabalho no corte da cana, uma vez que ele reordenou o mercado de trabalho rural (com destaque para os postos de trabalho nas frentes de corte da cana) a partir da deplorável situação de miséria material da população trabalhadora no campo brasileiro, aproveitando-a para imprimir padrões de exploração cada vez mais extenuantes à força de trabalho inserida na labuta nos canaviais.

Realizar a sucinta elaboração teórica a respeito dos trabalhadores canavieiros e sua inserção no contexto do desenvolvimento do capital nos parágrafos anteriores permite exemplificar, metodologicamente, que “o racional e o concreto não são de acesso imediato a qualquer tipo de intuição intelectual ou experiência direta, que intuiria ou tomaria o objeto no seu ser dado imediato” (Müller, 1982, p.6).

Porém, o acesso imediato a realidade produzida pelo objeto de estudo a partir dos relatos de vida e de trabalho do público em questão descritos anteriormente é o ponto de partida sob o qual se ergue o constructo analítico dos trabalhadores rurais assalariados do corte da cana-de-açúcar residentes no município de Cruz do Espírito Santo – PB, visto que “Marx faz valer a prioridade ontológica do concreto empírico, imediato, face ao concreto reproduzido dialeticamente no pensamento” (Müller, 1982, p.8), isto enquanto modo de apreender a realidade do objeto no seu próprio movimento.

Ao associar os relatos das condições de trabalho e de vida dos cortadores de cana aqui apresentado com a elaboração teórica exposta tanto nesse capítulo quanto nos posteriores, tivemos a pretensão didática de demonstrar o arcabouço teórico-metodológico da dialética

marxiana, visto que ela é “um modo de apropriação do concreto pelo pensamento, um método que traduz, expressa idealmente o movimento efetivo do conteúdo e espelha idealmente a vida do material” (MÜLLER, 1982, p.8-9).

Apresentar relatos que descrevem a realidade dos trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo tem como pretensão indicar a dimensão empírica que o pesquisador se propõe a conhecer, é importante como ponto de partida para a elaboração teórica do conhecimento, porém insuficiente para produzir teoria social sob a ótica do materialismo histórico-dialético, uma vez que, a elaboração teórica é uma negação da expressão empírica do real – negar no sentido de ir além dessa dimensão e não invalidá-la.

Por razões do tempo histórico em que se encontram (mais especificamente sobre a base material), os pressupostos da científicidade burguesa legitimam que na produção teórica social a centralidade da relação sujeito-objeto esteja no sujeito, que, por consequência, afirma a centralidade da subjetividade na elaboração teórica. Esse debate exposto sob um ângulo mais didático expõe que essa perspectiva ratifica um padrão de científicidade no qual a “razão de ser” do objeto pesquisado procede eminentemente da interpretação que um determinado pesquisador ou pesquisadora lhe aufera. Neste sentido:

A centralidade da subjetividade sempre significou, de alguma forma, uma dissociação entre a consciência e a realidade efetiva. Esta dissociação significa que a consciência vai perdendo, cada vez mais, a capacidade de apreender a realidade na sua lógica própria. A causa fundamental da perda dessa capacidade reside na crescente mistificação que tem sua origem no processo de produção da mercadoria (TONET, 2013, p.58).

No capitalismo contemporâneo a expressão factual oculta, vela e mistifica a essência da sociabilidade burguesa (compra e venda da força de trabalho para fins, *a priori*, de produção de mercadorias e acumulação de capital) nos mais variados espaços geográficos, isto como sequência histórica de uma forma de sociabilidade que coisificou os homens e humanizou as coisas, devido a mercantilização de todos os âmbitos da vida social. A condição de existência dessa sociedade, produtora e reproduutora de mercadorias, impregnou-se na forma de produzir conhecimento científico, com destaque para as ciências sociais.

Para desmistificar cientificamente esse processo social que o capitalismo produz e reproduz em todas as latitudes do mundo contemporâneo – isso a partir das diferenças econômicas, sociais e culturais existentes – o recurso metodológico da abstração se faz de suma importância para o materialismo histórico-dialético, isto por quê:

É pelo processo da abstração – pelo processo racional de descolar-se do imediato, do experiencial, do dado, do movimento racional que nos leva para

além do dado – que é possível identificar, detectar, localizar os processos que são sinalizados por aquela forma fática, empírico-fenomênica, que põe a possibilidade do conhecimento... Só que após essa longa viagem, o investigador vai ver no fato, na expressão empírica, [...] aquilo que está inscrito no fato, que não é evidente ao olhar que não se sustenta nesse circuito analítico (PAULO NETTO, 2002).

A abstração conduz o pesquisador a “encontrar” os processos substanciais que estruturam e impõem dinâmica a forma fática – no nosso caso, à configuração assumida por nosso objeto de estudo no século XXI, ou seja, ao modo como ele se apresenta no cotidiano social de um determinado espaço geográfico. Abstrair-se da forma fática (ou empírica) do objeto pesquisado e encontrar, mediante a pesquisa, o processo (ou os processos) de maior substancialidade que lhe configura(m), não significa afirmar que tal processo é engendrado pela razão que o pesquisa. No método marxiano de pesquisa, a abstração proporciona capturar os processos constituidores da realidade.

No caso da temática da nossa pesquisa de mestrado, abstrair-se da forma fática é analisar a essência histórica do cotidiano de trabalho narrado pelo cortador de cana S.B (em entrevista concedida no segundo semestre de 2010), residente do assentamento Dona Helena, comunidade rural de Cruz do Espírito Santo:

Já vi muita gente ficar doente no corte da cana, mas eu nunca adoeci, graças a Deus. Já vi muitos amigos meu adoecer. Tem um menino novo danado... é... No ano passado ele cortou tanta cana que ficou doente da coluna e num teve jeito mais não, ele hoje está encostado. Já um menino de Sapé cortou tanta cana que acabou inchando o coração e num teve mais cura. Deu problema nele pesado, inchou o coração e acabou morrendo. Ele devia ter uns 24 anos.

A descrição apresentada pelo canavieiro S.B coloca em evidência uma sequência de acontecimentos dentro do processo de labor que na sua essência revelam, por um lado, a íntima relação causa-efeito entre o âmbito do trabalho e da saúde e, por outro, um processo histórico-social que se desenrolou a partir da (...) “presença da grande propriedade rural, do reformismo pelo alto, da modernização excluente, da superexploração da força de trabalho, do lento desenvolvimento das forças produtivas materiais” (RAGO FILHO, 2010, p.71). Pesquisar os elementos sociais de maior substancialidade é abstrair-se dos fatos expostos na citação, como realizamos no próprio decorrer do parágrafo e nos capítulos posteriores dessa dissertação.

Continuando nosso percurso de abstração a partir dos relatos do entrevistado S.B., podemos afirmar que os elementos que estão na base do processo histórico-social desencadearam no setor canavieiro uma modalidade salarial atípica, com a finalidade da

apropriação dual da mais-valia (absoluta e relativa): o salário por produção. A modalidade salarial em questão se desprende, em parte, dos requisitos básicos à reprodução da força de trabalho inserida nas frentes de corte, para atrelar-se, eminentemente, à quantidade produzida e isso para que os trabalhadores em tela fossem tão produtivos ao ponto de desgastarem os seus “nervos, cérebro e mão” safra após safra; e desenvolver, futuramente, um quadro clínico irreversível, ou com fortes propensões a isso.

Ao apresentarmos tais elementos nos parágrafos anteriores, estamos mostrando que o método marxiano não se restringe a esfera lógico-dedutiva para tentar resolver problemas de como investigar o objeto estudado, mas pela sua função social de explicar, comprovar e propor soluções práticas para um segmento da estrutura social da sociedade burguesa, os trabalhadores assalariados, utilizando do recurso da abstração.

Portanto, abstrair-se da forma fática é descobrir através da pesquisa (bibliográfica e de campo) as determinações⁷ mais incisivas que explicam o contexto histórico que os trabalhadores canavieiros residentes no município de Cruz do Espírito Santo – PB apresentam nesse início de século, tais como realizamos no presente capítulo e, também, no segundo e terceiro dessa dissertação.

Abstrair da forma fática, ou dos processos sociais que se exprimem no plano fenomênico, serve para pesquisar o movimento do real, ou seja, o movimento que produz, *a priori*, o objeto e a realidade reproduzida por ele, *a posteriori*. Tomando como exemplo os cortadores de cana residentes em Cruz do Espírito Santo, o método dialético marxiano possibilitou que apreendêssemos o movimento do objeto em questão em dois momentos: o concreto real e o concreto pensado.

O concreto real do objeto analisado nessa dissertação pôde ser apreendido mediante o trabalho de campo, que permitiu a aplicação de questionários e entrevistas semiestruturadas. Para o momento do concreto pensado, a produção do texto foi a forma como metodologicamente pudemos desenvolvê-lo, estando exposto nos capítulos subsequentes.

Detectar, localizar (histórico e espacialmente), analisar e produzir uma sistematização teórica do objeto em pauta na nossa pesquisa de dissertação de mestrado é buscar atingir “o processo de saturação máxima das determinações”, as quais, baseando-nos no método marxiano, traduzem os elementos constitutivos da realidade objetiva expressa pelos cortadores de cana municipal, permitindo-nos, metodologicamente, passar do percurso da

⁷ Segundo José Paulo Netto (2011) determinações são processo ou processos de ordem social, econômica e política que constituem e, ao mesmo tempo, explicam as razões pelas quais uma determinada realidade se apresenta de tal forma.

abstração que foi realizada tendo como base o concreto real para o momento final da pesquisa: o concreto pensado.

Segundo José Paulo Netto (2002) conhecer o movimento interno do objeto implica em saturar as determinações que o configuram. Metodologicamente, isso significa que:

O conhecimento implica a saturação máxima de determinações, e estas só podem ser encontradas pelo processo da pesquisa... E este é um processo de procura, de busca das determinações... Conhecer algo é conhecer as suas determinações. Determinações – insisto – que no contato com o imediato do pesquisador com o objeto, no contato com a evidência, com a empiria do objeto, não são visíveis... Os fatos nada dizem, os fatos não são eloquentes. O teórico pode apreender a sua voz, que é inaudível⁸ na sua relação imediata. O conhecimento dá as determinações... Mas notem vocês, que essas determinações são de múltiplas naturezas, de múltiplas ordens... Encontrar as determinações e suas múltiplas relações é buscar as mediações.⁹

Elaborar conhecimento sobre os cortadores de cana residentes no município em questão deve-se pesquisar a essência dos fatos apresentados por eles, que se explicam mediante o estudo sobre a dinâmica e estrutura social que eles adquiriram e tem de reproduzir enquanto condição socioeconômica no seu tempo presente. Pesquisar sobre essa dimensão do objeto de estudo é sistematizar os múltiplos processos particulares e gerais que permeiam a realidade dele, como princípio para entender como os processos macrossociais influenciam no seu cotidiano de vida e de trabalho.

Sendo assim, elaborar uma síntese teórica dos múltiplos fatores condicionantes da realidade social de um determinado objeto na área das ciências humanas com o cunho marxista é, acima de tudo, produzir intelectualmente a concretude que proporciona uma maior inteligibilidade sobre os cortadores de cana, tal como realizamos no segundo e terceiro capítulo. Referindo-se a questão do concreto pensado, José Paulo Netto (2002) afirma o seguinte:

Aquilo que é dissolvido a sua imediaticidade, é uma síntese de muitas determinações. A síntese de múltiplas determinações Marx chamava-a de o concreto... Esse concreto aparece como resultado do movimento do meu pensamento. Foi o meu pensamento que localizou determinações, mediações. Parece que foi o meu pensamento que pôs, que construiu essa concreção. (...) Essa concreção já estava dada. Mas a imediaticidade da relação com o objeto impedia que essa concreção emergisse. Não é o pensamento que gesta o concreto. É o pensamento que reproduz, reconstrói o processo de reconstituição do concreto. É por isso que Marx, algumas vezes, falava em concreto pensado... Esse concreto é produto do movimento do pensamento.

⁸ Imperceptível.

⁹ Neste caso, os conceitos balizadores das mediações.

O “concreto pensado”, para usarmos a designação de Karl Marx, é o processo mental de síntese dos múltiplos processos sociais e econômicos que incidem sobre a reprodução histórica de um determinado objeto de estudo na área das Ciências Sociais. Na ótica marxiana e como bem expõe José Paulo Netto, o pensamento reproduz idealmente (isto é, cognitivamente) e de forma crítica uma realidade que já estava posta. Desse modo, a procedência histórico-genealógica, as condições de renda, de trabalho e de saúde são as determinações que permitem sistematizar intelectualmente a reprodução da realidade dos trabalhadores canavieiros safristas residentes no município de Cruz do Espírito Santo – PB.

1.2- O rigor metodológico e o ponto de vista proletário (revolucionário) na teoria social marxiana: notas teóricas (e metodológicas) a partir do curso “O método e a ontologia”, ministrado pelo professor Ivo Tonet.

Diferente do item anterior, no qual expusemos a dimensão metodológica do materialismo histórico-dialético, neste item apresentamos as suas bases teórico-filosóficas. Compreender tais bases, portanto, permite que nos situássemos na contradição entre propriedade privada e trabalho assalariado, cerne da sociabilidade moderna. Essa contradição não se restringe ao âmbito objetivo da sociedade, ela perpassa, produz e “orienta” a subjetividade das sociedades capitalistas, com destaque para área do conhecimento científico.

Sabemos que a realidade sócioespacial do município no qual o nosso objeto de estudo se encontra tem na sua essência¹⁰ as determinações¹¹ efetivas que dão unidade à totalidade social burguesa, como, por exemplo, o momento histórico-ontológico fundante dessa ordem social: o trabalho na sua forma assalariada. Detectar as determinações de amplitude geográfica municipal, estadual, nacional e internacional (ou seja, de ordem micro e macrossocial) e sua vinculação a partir de uma lógica societal que perpassa tais escalas de análise diferencia o método de Marx dos demais, isto por quê:

O potencial superior da teoria marxista deve-se ao fato dela reconhecer que a realidade é um todo concreto que determina os seus momentos, enquanto a maioria das teorias sociais presume o contrário. Na teoria marxista, entender a realidade é o processo de reconstruir no pensamento – ou de apropriar conceitualmente – as estruturas e as relações *reais* de determinação entre o concreto e seus momentos (2012, p. 50).

¹⁰ Vale lembrar, segundo José Paulo Netto (2011), que essência pode ser metodologicamente entendida como momento de análise da dinâmica e estrutura de um determinado objeto.

¹¹ Elementos sociais, econômicos, políticos e culturais que constituem a realidade de uma determinada sociedade.

Os procedimentos técnicos de investigação selecionados para pesquisarmos sobre as condições de vida, trabalho e saúde dos trabalhadores canavieiros do município de Cruz do Espírito Santo – PB, expostos no decorrer dessa parte do capítulo 1, auxiliam, quando consorciados ao referencial bibliográfico que selecionamos, a reconstrução¹² critica da realidade em que vivem os trabalhadores canavieiros em nosso pensamento, como concreto pensado. Cabe a nós, sujeitos da pesquisa, captar o movimento real da coisa-em-si (a realidade em que se encontra o nosso objeto de estudo, sendo ela o ponto de partida e, ao mesmo tempo, “fio” condutor da pesquisa) no intuito de tentarmos nos aproximar ao máximo dessa realidade.

Se aproximar ao máximo da realidade implica em: a) saber se relacionar investigativamente tanto com a aparência quanto com a essência da dinâmica sócioespacial e com os fatores mais condicionantes do contexto histórico dos trabalhadores canavieiros; b) tecer os nexos causais na relação parte e todo¹³ no que concerne a tais fatores, a fim de reproduzir intelectivamente a essência do objeto: sua estrutura e sua dinâmica; c) encontrar a ordem das categorias¹⁴ que constituem a realidade burguesa que perpetra o município em questão; d) tecer os apontamentos do devir histórico do nosso objeto de estudo dentro da respectiva realidade.

Esse “aparato teórico-metodológico”¹⁵ de análise tem por fundamento a distinção “formal” que Karl Marx faz no seu método de estudo, desenvolvido na sua plena maturidade teórica em “*O capital*”: investigação e exposição. Sobre o método de investigação e o método de exposição, comenta Eduardo F. Chagas (s.d., p. 2-3):

(...) pode-se dizer que o método dialético de Marx pressupõe, sim, dois momentos inseparáveis: a investigação (ou a pesquisa) e a exposição (ou a apresentação). A investigação, ou o método de investigação (*Forschungsmethode*), é o esforço prévio de apropriação, pelo pensamento, das determinações do conteúdo do objeto no próprio objeto, quer dizer, uma apropriação analítica, reflexiva, do objeto pesquisado antes de sua exposição metódica. E a exposição, ou o método de exposição (*Darstellungsmethode*), não é simplesmente uma auto-exposição do objeto, senão ele seria acrítico, mas é uma exposição crítica do objeto com base em suas contradições, quer dizer, uma exposição crítico-objetiva da lógica interna do objeto, do movimento efetivo do próprio conteúdo do objeto. A exposição é uma expressão (tradução) ideal do movimento efetivo do real, isto é, trata-se não de uma produção, mas de uma reprodução do movimento efetivo do

¹² É reconstrução no sentido de que é uma apropriação mental da realidade posta.

¹³ Ver Henrique Dussel (2012), quando ele discute a questão da abstração em Marx.

¹⁴ Sabendo que elas são formas de ser da realidade e não, apenas, formas cognitivas de apreendê-la.

¹⁵ Concebe-se por aparato teórico-metodológico nesse caso o referencial bibliográfico, os procedimentos metodológicos, os pressupostos filosóficos e político discutido na parte anterior e a ordem das categorias que constituem, quando articuladas, a realidade sócioespacial de Cruz do Espírito Santo – PB.

material, do real, de tal modo que o real se “espelhe” no ideal. Reproduzir quer dizer aqui para Marx reconstruir criticamente, no plano ideal, o movimento sistemático do objeto, pois o objeto não é dado pela experiência direta e imediatamente.

Ao considerar a necessidade da existência desses dois momentos para investigar criticamente a realidade, o método dialético marxiano coloca em relevo uma nova forma de fazer pesquisa científica, radicalmente diferente do método fenomenológico (idealista), justamente por tal procedimento investigativo e expositivo da pesquisa levar em conta o ser-em-si¹⁶ do objeto social, isto nos dois momentos que o distingue “formalmente”¹⁷.

Outro elemento que remete a ruptura do método marxista com o método dialético idealista diz respeito ao tratamento teórico que se desenvolve em torno da realidade da sociedade burguesa. Segundo Ivo Tonet (2013¹⁸), na perspectiva marxista o ponto de vista do proletariado é a outra questão diferencial da nova forma de compreender cientificamente o mundo – e isto deve ser levado em conta no conteúdo da pesquisa (investigação e exposição). A respeito da elaboração científica a partir do ponto de vista do proletariado, comenta Ivo Tonet (2009, p.10) as razões históricas mais fundamentais que contribuíram para o seu surgimento na sociedade burguesa:

Pela primeira vez na história da humanidade, não só a classe dominante, mas também a classe dominada abre uma perspectiva para toda a humanidade. Esta, a classe dominada, por sua vez, é também a primeira classe social que exige, por sua própria natureza, a superação radical da exploração do homem pelo homem. Mas, para isso, ela precisa de um tipo de saber, de um conhecimento da realidade social, de uma concepção de mundo radicalmente diferente daqueles que orientavam a construção da sociedade burguesa. Esse novo tipo de saber era absolutamente necessário para que pudesse orientar a sua luta pela construção dessa nova forma de sociabilidade.[...] Ora, a elaboração desse novo tipo de saber implicava a crítica do modo dominante de pensar e a elaboração de novos e diferentes fundamentos para a compreensão da realidade social. O modo de pensar tradicional era marcado pelo idealismo e pelo empirismo. Segundo o idealismo, é a atividade intelectual que cria a realidade social. O empirismo, por sua vez, simplesmente narra os fatos como eles se apresentam de modo imediato. Esse modo de pensar falseia, embora de modo não intencional, o conhecimento da realidade social, contribuindo, assim, para reproduzi-la segundo os interesses das classes dominantes.

A celeridade do tempo histórico da sociedade burguesa repercutiu tanto na revolução da dimensão econômica da sociedades europeias (comércio mundial, avanço tecnológico,

¹⁶ Como ele está posto na realidade.

¹⁷ A esse respeito ver Marcos Tomaz Muller em “Exposição e método dialético em O capital.” 1982.

¹⁸ Curso ministrado pelo respectivo professor no mês de maio de 2013, na UFPB, pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social. – UFPB.

celeridade da comunicação), quanto na vida política, desencadeando o acirramento entre as principais classes que surgem nessa dinâmica social (burguesia e proletariado). O nível que atinge é tão complexo – tanto no sentido das proposições políticas, jurídicas, filosóficas, econômicas e culturais requerentes para a reprodução da sociabilidade burguesa – que a cena histórica “impulsionou” duas perspectivas históricas diametralmente opostas para elaboração teórica sobre essa nova dimensão do ser social, ou da forma de ser da sociabilidade em questão. Assim, a perspectiva burguesa e a perspectiva proletária não se restringem apenas ao conflito político e econômico, mas, sobretudo, ao campo da elaboração teórica, como pode-se evidenciar nas concepções formuladas por A. Smith e Karl Marx.

Na “esteira” do pensamento marxiano, vemos que as condições histórico-sociais daquela época forjaram – como explicita a citação de Ivo Tonet – a necessidade de uma formulação teórica sobre e pelo proletariado, “instrumentalizando-o” com a arma da crítica, capaz de intervir na dinâmica social mediante a intervenção política organizada dessa classe. Portanto, o rigor interpretativo da realidade social emanada pelo proletariado requer pensar, analisar e formular teoricamente a partir dos seus interesses materiais, os quais, conforme Florestan Fernandes no seu célebre artigo “Quem faz a revolução?” (2006), “puxa”¹⁹, através das suas proposituras econômicas e políticas, as camadas subalternas que são exploradas pelo capital e que se identificam com o seu projeto, tanto para o debate quanto para a realização do seu objetivo estratégico: a revolução proletária.

Dito de outra forma, a dimensão metodológica proposta pela dialética marxiana deve estar profundamente intrincada com a perspectiva de classe (revolucionária) no que tange a pesquisa na relação entre o sujeito e objeto de estudo, mesmo que a última dimensão não esteja posta no horizonte político dos sujeitos pesquisados (no nosso caso, dos trabalhadores canavieiros), mas que pela sua própria “natureza” de classe faz com que essa questão “mereça” estar contemplada na análise. Isso demonstra que o sujeito pesquisador também tem de apropriar-se da consciência proletária (e, portanto, revolucionária), mediante a sua articulação de pesquisa na relação com objeto, onde o primeiro indício dessa questão deve transparecer na centralidade que se aufere ao movimento interno do mesmo.

Apropriar-se da consciência proletária é metodológico e filosoficamente “encapar-se” com uma concepção de mundo que teça a “crítica radical” da sociedade atual mediante a análise sobre o objeto que se pesquisa, sabendo que nele estão os elementos categóricos mais vitais da totalidade social burguesa e que merecem ser reconstituídos na elaboração filosófico-

¹⁹ Isso depende eminentemente de dois elementos: a) a conjuntura revolucionária; b) da capacidade organizativa da classe desde a sua formulação teórica até a sua ação política.

científica (geográfica, portanto) que se tece. É apoderar-se de uma concepção de mundo que intervenha na realidade social por meio da “luta” política da classe organizada, ao ponto de “destronar” os sustentáculos materiais e espirituais da sociedade burguesa. Elaboração teórica e a práxis social ou política convergem numa unidade indissolúvel, isto por quê:

Quando se fala de ideias que revolucionaram uma sociedade inteira, exprime-se com isso apenas o fato de que, no âmago da antiga sociedade, se engendraram os elementos de uma nova sociedade e que a dissolução das ideias antigas acompanha à dissolução das antigas relações sociais (MARX e ENGELS, 2001).

O ponto de vista proletário²⁰ (que, portanto, está arraigado na sua própria forma de ser) está para além do ponto de vista teórico da burguesia, tão amplamente expresso nos meios intelectuais da sociedade. Entendemos que este ponto de vista merece destaque na pesquisa de cunho marxista por conta da concepção de mundo proletária ser a crítica mais profunda da sociedade existente, tal qual, está magnificamente expressa nas obras de Marx e Engels²¹ – os primeiros formuladores científicos dessa concepção. Sendo assim, Ivo Tonet (2009, p.15) ao referir-se ao livro “A *ideologia Alemã*”, comenta:

(...) nesta obra estão lançados os fundamentos de uma concepção radicalmente nova de mundo. Radicalmente nova porque põe a descoberto a raiz mais profunda da realidade social e com isso instaura uma compreensão inteiramente diferente das anteriores. Uma concepção que responde aos interesses da classe proletária porque, ao permitir a compreensão do processo histórico-social como totalidade, também fundamenta uma transformação revolucionária da sociedade. Uma compreensão que não precisa falsear a realidade, porque o conhecimento de como as coisas realmente são interessa à classe que tem por objetivo fundamental transformar radicalmente a sociedade.

Cabe a nós, nessa simplória discussão sobre o pensamento marxiano (e marxista), atentar para o compromisso de classe (revolucionária) que se deve ter no “trato” com a pesquisa científica que assuma essa vertente filosófica. Deste modo, nos propomos a estudar os cortadores de cana espírito-santense dentro da referida concepção, levando em consideração os propósitos econômicos, políticos e culturais tanto estrutural quanto conjuntural do objeto pesquisado e, consecutivamente, o objetivo estratégico que dá unidade política ao proletariado em escala mundial (a revolução comunista), mesmo que tais

²⁰ Retomaremos o ponto de vista de classe no seu âmbito concreto no segundo e terceiro capítulo da dissertação, quando daremos foco total aos trabalhadores do corte da cana de C.E.S.

²¹ Mesmo não tendo a gênese social proletária, tais intelectuais revolucionários cumpriram um papel de grande valia para o proletariado moderno: elaboração e sistematização do “ponto de vista” do proletariado, o qual está expresso nas suas respectivas obras.

elementos supracitados apareçam²², apenas, de forma implícita ou sucintamente no “corpo” textual da discussão a partir dos respectivos parâmetros teóricos (condições de vida, trabalho e saúde) que daremos enfoque.

A perspectiva teórico-filosófica do proletariado perpassa tanto as nossas formulações de pesquisa (inclusive o método de investigação e de exposição) quanto os procedimentos técnicos²³ que lhe operacionaliza, permitindo que se comprehenda os cortadores de cana na totalidade social burguesa, isso na perspectiva proletária (do pesquisador). Compreendê-los nessa totalidade requer contextualizá-los através das suas necessidades materiais dentro do capitalismo periférico, de suas contradições histórico-específicas e de um “ponto de vista” que é seu por excelência – isso pela sua própria forma de ser – mas que não o “tomou” ainda como seu por várias razões.

Portanto, entendemos que o rigor metodológico marxiano dá ênfase na relação sujeito-objeto à lógica interna do próprio objeto, apropriando-se e reconstruindo idealmente a sua forma de ser no espaço social capitalista municipal, que do âmbito técnico da pesquisa será traduzido na imagética produzida nos *lócus* onde moram, na análise das suas narrativas de vida, na pesquisa e historicização dos dados e no referencial bibliográfico. Tais recursos técnico-metodológicos dão substrato ao ato de “elevar-se do abstrato ao concreto” mediante os procedimentos investigativos e expositivos da pesquisa. Sobre a questão de elevar-se do abstrato ao concreto, comenta Henrique Dussel:

O ato da abstração é analítico no sentido de separar da “representação plena” um a um os seus múltiplos conteúdos noéticos (momentos da realidade da própria coisa); separa uma *parte* do todo e a considera como *todo*. Considerar uma “parte” como “todo”, pela capacidade conceptiva da consciência, constitui a essência da abstração. Como *ato*, a abstração separa analiticamente; como objeto ou *conteúdo*, a abstração produz uma “determinação abstrata”. A “determinação” – vimo-lo há pouco – é um momento real da coisa, mas, enquanto um momento abstraído (separado analiticamente), é agora um conceito que “reproduz” o real (“reprodução [*Reproduktion*] do concreto” – 21 [54],42;22,5); é agora um momento do pensamento, um momento conceptualizado. A abstração não separa diretamente a determinação do real concreto, mas da “representação” já conhecida. Por isso, a representação é anterior à abstração e ela é o ponto de partida da determinação abstrata. Deste modo, a representação é “volatilizada” na determinação abstrata; desaparece como representação plena, é negada metodologicamente – no momento, analiticamente (2012, p. 52).

²² Por não darmos tanta visibilidade no desenvolvimento da pesquisa a tais questões – que deve levar em conta tantos outros elementos que lhe faz vir a tona ou não -, mesmo assim elas estarão contempladas enquanto substrato filosófico e político para pensar as dimensões mais fundamentais da luta de classe e como ela perpetra a dinâmica e a estrutura do nosso objeto de estudo.

²³ Tópico 1.4.

O ato de abstrair, na vertente marxiana, “serve” metodologicamente para conhecer a estrutura e a dinâmica da representação plena mediante a decomposição cognitiva (do pesquisador) da realidade e, consecutivamente, a articulação das partes compostas das determinações presentes nela, tendo na lógica de funcionamento do capital o ponto “nodal” que os une e dá sentido. Tal procedimento perpassa o plano teórico e filosófico da nossa pesquisa e a análise qualitativa e quantitativa que realizamos. A abstração – ou o ato de abstrair – tem a função de nos conduzir do plano fenomênico, onde, regra geral, paira a representação plena, à essência da coisa-em-si, ou seja, a essência do objeto de estudo que estamos pesquisando.

Separar os múltiplos conteúdos noéticos²⁴ que constituem a realidade sócioespacial dos cortadores de cana de Cruz do Espírito Santo permite passarmos da representação plena (e caótica), sem muitas especificidades histórico-sociais no contato imediato às determinações abstratas (sejam elas na forma de conceitos ou na forma de categorias) que incidem contundentemente na configuração da dinâmica e da estrutura dessa fração da classe trabalhadora espírito-santense, no intuito de compreendê-la dentro da totalidade social, justapondo os nexos causais que influem na sua realidade.

As determinações²⁵ do nosso objeto de pesquisa para serem apreendidas mediante o ato da abstração, passaram por procedimentos técnico-metodológicos a fim de reconstituir cientificamente a realidade sócioespacial em que se reproduzem nesse início de século. Em suma, a função da abstração é dar inteligibilidade ao movimento histórico do nosso objeto de estudo, mediante a separação das particularidades dos elementos materiais e imateriais que os constitui e, consecutivamente, articulando-os a totalidade social, que tem como *modus operandi* a lógica do capital (a produção de mercadorias).

Separar analiticamente os elementos histórico-sociais constitutivos de um determinado objeto de pesquisa sob o prisma de produzir conhecimento no viés marxiano, requer certo “trato” dialético na “realocação” de tais elementos no plano da totalidade, fazendo o percurso de volta (método de exposição). Sendo assim, cabe ao método dialético:

(...) situar a “parte” no “todo”, como ato inverso ao efetuado pela abstração analítica. A abstração parte da representação (todo pleno) e chega à determinação abstrata (clara, mas simples). O ato dialético parte da determinação abstrata e constrói sinteticamente uma totalidade – concreta

²⁴ Conteúdos noéticos momentos da realidade da própria coisa.

²⁵ Ou os elementos de ordem sociais, econômicos, culturais, políticos e jurídicos que constituem sua realidade.

em relação à determinação, abstrata em relação à totalidade concreta explicada (DUSSEL, 2012, p. 53).

Elevar os trabalhadores do corte da cana de Cruz do Espírito Santo-PB ao plano da totalidade²⁶ impõe que pesquisássemos sobre os nexos causais que viabilizam essa interlocução entre a particularidade e a totalidade da classe trabalhadora sob a lógica social do capital. Neste sentido, a forma social produzida a partir da relação capital x trabalho está expressa nos próximos capítulos, cabendo aqui apenas sinalizar os procedimentos metódicos e metodológicos que viabilizaram formular essa pesquisa.

Diferente do método de investigação, o qual tem por base os procedimentos metodológicos por nós elencados, os conceitos espaço e superexploração do trabalho tem a função de ser a “guisa” metodológica de exposição no segundo momento do método dialético, uma vez que “as categorias são formas de ser da realidade” (Lukács 2013, p.37). Elas têm o caráter de expor a síntese crítico-objetiva da realidade apresentada pelos cortadores de cana de Cruz do Espírito Santo enquanto concreto pensado, reconstituindo no intelecto do pesquisador a lógica de funcionamento do próprio objeto e da realidade em que está inserido. Com isso:

O que para a dialética especulativa é auto-exposição do movimento imanente do conteúdo, a forma desse movimento enquanto ela tem consciência de si na ideia (WL,I , 35), método no sentido subjetivo e objetivo (“alma e substância”, WL, II, 486), torna-se para Marx, de um lado, “método de reprodução do concreto”, “movimento das categorias”, e de outro, gênese real, “ato de reprodução efetivo”: “para a consciência – e a consciência filosófica é determinada de tal modo que, para ele, o pensamento que concebe é o homem efetivo, e o mundo concebido como tal, o único efetivo, o movimento das categorias aparece, portanto, como ato de produção do efetivo (MULLER, 1982, p. 8).

Com base no ordenamento das categorias e conceitos mais pertinentes que “surgiram” mediante a investigação empírica da realidade dos canavieiros municipal, expusemos o cenário em que se dá o movimento da realidade do objeto²⁷ no plano ideal – sabendo que por mais que se apreenda a sua realidade, esta é muito rica em determinações. O método dialético de exposição nos colocou, após o processo investigativo, em condições de fazer uma análise sobre as condições de vida e de trabalho dos cortadores de cana espírito-santense e suas

²⁶ A categoria de totalidade significa (...), de um lado, que a realidade objetiva é um todo coerente em que cada elemento está, de uma maneira ou de outra, em relação com cada elemento e, de outro lado, que essas relações formam, na própria realidade objetiva, correlações concretas, conjuntos, unidades, ligados entre si de maneiras completamente diversas, mas sempre determinadas(CARVALHO, 2008, p.2 apud Lukács, 1967, p.240)(1).

²⁷ Ou seja, percurso histórico da estrutura e dinâmica do objeto que estamos estudando.

implicações na estado de saúde/doenças deles nesse início de século. Diante do que estamos colocando, queremos sinalizar que o desenvolvimento da nossa pesquisa balizou-se entre a dimensão fenomênica e na essência histórica do objeto na medida em que acreditamos que:

(...) o conhecimento rigoroso, profundo, da essência, da estrutura íntima dos fenômenos, não pode se limitar a essa experiência cotidiana. A aparência dos fenômenos é absolutamente importante porque começamos a conhecê-los a partir dela – o que não tem qualquer aparência não pode ser conhecido. Mas o conhecimento veraz, verdadeiro, parte da aparência dos fenômenos para encontrar a sua essência, a sua estrutura íntima e o seu movimento (NETTO, 2011, p.335).

Tal crítica tem o dever – tanto de acordo com os pressupostos teórico-filosófico quanto ao aparato metodológico – de nos colocar num patamar interpretativo para além dos aspectos fenoménicos (sabendo que eles são os pressupostos básicos que constituem a representação caótica do todo, o ponto de partida), tais quais permitem adentrar nas conexões causais mais essenciais que estão presentes na realidade do objeto de estudo.

A discussão apresentada até aqui tem o caráter de: a) nos orientar teórico, filosófico e metodologicamente no desenvolvimento da pesquisa sobre os cortadores de cana residentes em Cruz do Espírito Santo – PB; b) apresentar uma sucinta contribuição ao estudo do método em Marx, como forma discutir a inter-relação dos três parâmetros sinalizados anteriormente (teoria, filosofia e metodologia). Desse modo, o estudo do método marxiano permite “apropriar-se analítico e metodologicamente do conteúdo do objeto, que tem de ser penetrado e decomposto racionalmente” [...] (RANIERI, 2011, p.154).

1.3 – Da estrutura técnica da pesquisa: a pesquisa de campo.

A pesquisa de campo²⁸ é um procedimento técnico de investigação tão clássico na geografia, que, direta ou indiretamente, está fundido com a própria ciência – diria, até mesmo, que é quase inviável produzir cientificamente nessa área sem tal procedimento técnico.

A pesquisa de campo é essencial no desenvolvimento do respectivo trabalho por ela se interpor como meio para realizar o contato com os sujeitos estudados, presenciar suas contradições, compreender o estado social em que se encontram, isto no intuito de manter uma relação de pesquisa que possibilite cada vez mais uma máxima apreensão da realidade em que vivem e se reproduzem. Portanto:

²⁸ A pesquisa de campo perpassa, assim como a fundamentação teórica, as demais metodologias elencadas para a elaboração da qualificação e da dissertação de mestrado.

No método dialético, o campo como realidade não é externo ao sujeito, o campo é uma extensão do sujeito, como é numa outra escala a ferramenta para trabalhar uma extensão do seu corpo, ou seja, a pesquisa é fruto da interação dialética entre sujeito e objeto (SUERTEGARAY, 2002, p 2).

A pesquisa empírica é, portanto, baluarte para termos desenvolvido a “crítica” sobre os cortadores de cana de Cruz do Espírito Santo devido à falta de material sistematizado tanto sobre os mesmos, quanto sobre o município. Porventura, deve-se a ela as formulações descritivas que faremos das comunidades pesquisadas (porém, não estarão na integra no corpo dos próximos capítulos), as quais foram de substancial importância para ressaltar, teoricamente, a precariedade das condições de vida, trabalho e saúde dos canavieiros em tela.

Portanto, é a partir dessa técnica – consorciada com o recurso da ilustração das paisagens elaboradas através da imagética produzida *in loco*²⁹ – que se ergue o *constructo* teórico-analítico da pesquisa de dissertação de mestrado, pois:

A pesquisa de campo constitui para o geógrafo um ato de observação da realidade do outro, interpretada pela lente do sujeito na relação com o outro sujeito. Esta interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Neste caso, o conhecimento não é produzido para subsidiar outros processos. Ele alimenta o processo, na medida em que desvenda as contradições, na medida em que as revela e, portanto, cria nova consciência do mundo (SUERTEGARAY, 2002, p3).

Por sua vez, temos engendrado um percurso investigativo que nos proporciona entrar em contato com a realidade dos trabalhadores do corte de cana espírito-santenses, tal qual condiciona e, portanto, explica em partes a atual situação em que os mesmos se encontram. O arcabouço técnico de pesquisa discutido neste tópico interpõe um percurso investigativo, que proporciona condições subjetivas (cognoscíveis) para ordenarmos, do ponto de vista “lógico-dialético”³⁰, as categorias que asseguram maior compreensão a cerca do espaço geográfico de Cruz do Espírito Santo³¹.

A relação entre pesquisador e pesquisados encontra no trabalho de campo o ponto de partida para termos investigado as relações sociais que produzem e reproduzem os cortadores de cana residentes nesse município, isto a partir dos seus cotidianos de vida, das condições de trabalho e de saúde relatadas por eles. Deste modo:

Concebemos, portanto, o trabalho de campo de forma mais ampla, como um instrumento de análise geográfica que permite o reconhecimento do objeto e

²⁹ As imagens produzidas *in loco* estão presentes no segundo capítulo dessa dissertação.

³⁰ Ver Lógica formal. Lógica dialética. H. Lefebvre, 1983.

³¹ Espaço onde está inserido os sujeitos pesquisados nessa dissertação.

que, fazendo parte de um método de investigação, permite a inserção do pesquisador no movimento da sociedade como um todo. Esta visão não nega a possibilidade de uso de instrumentalização no campo e na pesquisa de forma ampla (SUERTEGARAY, 2002, p3).

Recorremos ao trabalho de campo para a elaboração da pesquisa de dissertação e, também, para a qualificação que lhe antecede, por ele ser um instrumento metodológico que possibilitou uma visualização do contexto sócioespacial espírito-santense, no que diz respeito à relação entre o capital sucroalcooleiro estadual e o proletariado canavieiro municipal. A partir da pesquisa de campo, pretendemos compreender teoricamente a realidade sócioespacial espírito-santense num translado investigativo que incita o pesquisador a se “mover”, dialeticamente, entre o âmbito da aparência e da essência. A descrição *in loco* (nas comunidades selecionadas para fazermos o trabalho de campo) foi elementar neste momento por conta da empiria proporcionar os primeiros momentos de aproximação com os conteúdos noéticos³² do nosso objeto de pesquisa.

Neste momento, cabe fazer menção à concepção de teoria marxiana e como ela difere, filosófica e metodologicamente, da vasta gama de concepções produzidas no meio científico. Segundo José Paulo Netto (2011, p.28-29), a concepção de teoria formulada por Marx difere das demais produzidas no meio científico, por quê:

(...) o conhecimento teórico é o conhecimento do objeto – de sua estrutura e de sua dinâmica – tal como ele é em si mesmo, na sua existência real e efetiva, independentemente dos desejos, das aspirações e das representações do pesquisador. A teoria é, para Marx, a reprodução ideal do movimento real do objeto pelo sujeito que pesquisa: pela teoria, o sujeito reproduz em seu pensamento a estrutura e dinâmica do objeto que pesquisa.[...] Assim, teoria é o movimento real do objeto transposto para o cérebro do pesquisador – é o real reproduzido e interpretado no plano ideal (do pensamento).

Ao executarmos tal procedimento metodológico (o trabalho de campo), elaboramos um *constructo* teórico dos trabalhadores nas respectivas comunidades, isto numa perspectiva eminentemente marxiana – como enunciada na menção de José Paulo Netto –, encontrando os nexos causais que mais influenciam na produção e reprodução das condições de vida e de *labuta* do objeto pesquisado, e, também, sua interligação com o mundo do trabalho contemporâneo.

³² A coisa-em-si. Sobre esse assunto, ver Henrique Dussel, 2012. A produção teórica de Marx.

Com os procedimentos técnico-metodológicos de pesquisa discutidos neste tópico, analisamos na zona rural um assentamento de reforma agrária³³, dois sítios^{34 35}. Quanto à zona urbana, fizemos trabalho de campo em duas comunidades urbanas³⁶. Vale lembrar que nosso trabalho de campo foi realizado em dois momentos: a) no primeiro semestres de 2013, com a finalidade de conhecer as comunidades e pontuar as possíveis pessoas que iria nos ajudar a chegar nos trabalhadores canavieiros; b) no primeiro semestre de 2014, onde apliquei questionários com o público em pauta – a respeito desse segundo momento, discutiremos detalhadamente no próximo tópico.

1.4- Dos instrumentos de pesquisa: questionários e entrevista semiestruturada.

No caso da nossa pesquisa, não seria possível uma construção teórico-interpretativa da realidade sócioespacial de Cruz do Espírito Santo se o uso de dados estatísticos mediante fontes secundárias, como, por exemplo, no Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)³⁷ e dados e informações obtidos empiricamente por meio de questionários e das entrevistas semiestruturadas.

Dessa forma, esses procedimentos técnico-metodológicos nos proporcionou a condição de mensurar, averiguar e constatar, quantitativo e qualitativamente, o contexto histórico de cinquenta cortadores de cana do município de Cruz do Espírito Santo - PB, sendo eles o público amostral para validarmos, pelo menos, o contexto das setecentas pessoas que compõe essa categoria profissional nesse espaço.

Vale ressaltar que pretendemos ir para além dos parâmetros quantitativos apresentados pelos dados que iremos obter, mostrando as variações, similitudes e dinâmica do recorte temporal³⁸ delimitado na pesquisa sobre os aspectos socioeconômicos do proletariado canavieiro municipal e o momento ascendente do agronegócio sucroalcooleiro estadual – o qual está impresso no território deste município por meio da vasta plantação da monocultura da cana-de-açúcar. Fizemos análise de dados primários obtidos mediante aplicação de

³³ Assentamento Dona Helena.

³⁴ Sítio Entroncamento e Sítio Jaques.

³⁵ Propriedade agrária onde os moradores têm, pelo tempo de morada, direito de posse e de uso.

³⁶ Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha e Conjunto João Ursulo.

³⁷ Obtivemos informações estatísticas sobre a demografia municipal e sua distribuição por divisão territorial: zona urbana e rural.

³⁸ O recorte temporal foi realizado entre 2006 e 2014, porém é perceptível no decorrer dos próximos capítulos uma oscilação para mais ou para menos entre o marco estipulado nessa pesquisa, tendo em vista as necessidades de apresentarmos as eventualidades que, porventura, apareceu.

cinquenta questionários, onde dezesseis foram aplicados aos trabalhadores canavieiros residentes na Zona Rural e trinta e quatro na Zona Urbana desse município.

O acesso aos dados obtidos sobre os cortadores de cana possibilitou uma projeção sócioespacial na qual percebemos a contradição existente entre o agronegócio canavieiro e o proletariado safrista do corte da cana residente no município em questão – essa contradição será explicitada detalhadamente nos próximos capítulos. Com esse procedimento, realizamos apontamentos sobre o contexto em que vivem tais trabalhadores, tecendo as prováveis tendências do seu devir histórico³⁹ e publicizando tais resultados no meio acadêmico.

Consorciado com o trabalho de campo, os dados obtidos no desenvolvimento da pesquisa situam-nos num patamar de pesquisa onde refletimos sobre a dinâmica do contexto histórico dessa parcela da classe trabalhadora municipal no século XXI (com o recorte temporal de 2006 a 2014), ressaltando os principais fatores socioeconômicos que vem contribuindo no seu desdobramento. Com isso, pensamento e realidade entram, dialeticamente, em contato através da constatação dos dados em campo e o retorno que obtemos na sistematização da análise dos dados obtidos e referendados *in loco*.

O referencial bibliográfico que auxiliou na operacionalização dos recursos técnicos de pesquisar discutidos nesta dissertação orientou na elaboração do questionário e, por consequência, na coleta de dados e sua constatação *in loco*. Deste modo:

(...) deve haver uma significação fundamental e teórica da coleta de dados e de sua análise. Rosenberg (1976) nos lembra que se deve ter atenção às potencialidades teóricas e analíticas que estão presentes nos dados recolhidos e que não podem ser ignoradas. As condições de recolha não podem ser esquecidas. A análise é uma elaboração em relação a cada problema e o pesquisador é o responsável por esta elaboração no diálogo com outros especialistas. *É preciso esmiuçar os dados e não apenas modelá-los.* Este comportamento ajuda a escapar do risco de análises primárias, de ocultamentos, de distorções sérias, de enganos diversos. (GATTI, 2012, p.14).

Os dados nos permitiram questionar o contexto histórico dos cortadores de cana no município, o qual tem nesse procedimento um dos seus principais sustentáculos de investigação e exposição dos resultados obtidos nessa dissertação. Ao coletar dados, nossa perspectiva foi de compreendermos e apontarmos as tendências quantitativas que mais vêm influenciando na dinamicidade histórica dos sujeitos estudados, valendo-nos dos aspectos de maior importância presentes no questionário.

³⁹ Ver Henri Lefebvre. Lógica formal. Lógica dialética.

Problematizar tais dados nos deu a possibilidade de imprimir um caráter prognóstico sobre o contexto histórico e, associado ao trabalho de campo, um laudo técnico (com “roupagem” teórica) sobre a situação de precarização em que se encontram esses trabalhadores, principalmente no que tange as condições de saúde dos cinquenta entrevistados. Tecer uma ligação entre análise quantitativa e qualitativa sobre os cortadores de cana nas comunidades onde residem é tentar demonstrar os nexos causais que se interpõe na constituição da sua realidade.

No que diz respeito às entrevistas semiestruturadas, realizamos com um representante da FETAG/PB, canavieiros residentes na zona rural e urbana de Cruz do Espírito Santo e um médico especialista em saúde do trabalhador. A aplicação de entrevistas, e em especial a semiestrutura com o público em pauta nessa dissertação, teve como propósito colocar em evidência a narrativa de vida dos cortadores de cana.

CAPÍTULO 2

2- ANÁLISE DAS CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO DOS CORTADORES DE CANA ESPÍRITO-SANTENSES

Constatamos que numa população municipal de 16.317⁴⁰ habitantes em 2012, o contingente de trabalhadores canavieiros somou 700 pessoas⁴¹ (4,29% do total de habitantes e 0,28% do total de canavieiros da Zona da Cana da Paraíba na safra de 2012/2013). O público pesquisado, como foi colocado anteriormente, foi de cinquenta pessoas, o que representa 0,30% do contingente demográfico municipal e 7,14% do total de trabalhadores canavieiros de Cruz do Espírito Santo, fichado no STTR do município em 2013.

Os 50 canavieiros entrevistados residem em cinco localidades do município: Conjunto João Ursulo (14); Conjunto Júlia Paiva e Conjunto Francisco Cunha (20); Assentamento Dona Helena (6), Sítio Jaques (6), Sítio Entroncamento (4). Entrevistou-se 10% do total de canavieiros residentes em cada localidade⁴², isto enquanto critério metodológico para elaborarmos a análise realizada no presente capítulo.

Neste capítulo buscamos entender a realidade dos cortadores de cana residentes em Cruz do Espírito Santo – PB, tendo nas condições de vida e de trabalho o seu “eixo” teórico-metodológico. Para realizar um estudo desse porte, utilizamos a) trabalho de campo, no intuito de descrever, obter informações quantitativas e qualitativas *in loco* sobre e pelos cortadores de cana e de suas famílias; b) aplicação de questionários estruturados, com o propósito de mensurar os dados primários e tecer analiticamente os nexos causais que mais lhe dão similitude; c) entrevistas semiestruturadas com os cortadores de cana, representantes do STTRCES⁴³, da Central Única dos Trabalhadores na Paraíba (CUT/PB); d) gravação e transcrição da Reunião de dissídio coletivo dos canavieiros paraibanos no mês de agosto de 2013 na Delegacia Regional do Trabalho.

⁴⁰Estimativa populacional 2012. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), julho de 2012. Disponível em:

⁴¹Conforme os dados concedidos pelo STTR do município de Cruz do Espírito Santo – PB referente à safra da cana-de-açúcar de 2012/2013.

⁴²O número de canavieiros por localidade foi fornecido pelo STTRCES.

⁴³Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Cruz do Espírito Santo.

2.1 - Procedência histórico-genealógica: da sua história presente à sua história pretérita.

A questão agrária é um dos temas mais relevantes nas ciências sociais brasileiras no século XXI⁴⁴⁴⁵ (dentre elas a geografia). O vasto material bibliográfico produzido sobre “o caso nacional” é de um valor sociocultural inestimável, independente das concordâncias e divergências que temos com o mesmo. Isso nos fez entender que a “história” produzida pelos antagonismos de classes no campo brasileiro foi de grande importância, caso contrário não causaria tantas inquietações teóricas – dos conservadores aos revolucionários.

Fato verdadeiro é que dentro da legalidade burguesa a questão agrária brasileira já mostrava que a estrutura fundiária altamente concentrada, enquanto “herança” da formação e desenvolvimento do espaço brasileiro, iria perdurar com a inserção e o desenvolvimento do capitalismo dependente na agricultura. Portanto, com a inserção dessa nova ordem social “a coexistência e interconexão entre o arcaico e o moderno representaria a ausência de ruptura enfática com o passado” (MUSSE, 2014).

Na vida cotidiana de 25. 000⁴⁶ trabalhadores da “Zona da Cana paraibana” (Lima, 2013), por exemplo, o modo de produção capitalista acarretou um aprofundamento dos seus problemas sociais e econômicos, fazendo persistir no espaço geográfico dessa região a pobreza e superexploração do trabalho⁴⁷, o que viabiliza a seguinte premissa: assim como a história do presente ainda tem que resolver seus problemas com o passado, 0,2%⁴⁸ do contingente de trabalhadores canavieiros do estado da Paraíba tem de resolver, cotidianamente, o “ônus” que seus pais, avôs e avós, bisavôs e bisavós “carregaram” durante suas existência e deixaram como “herança” para a sua história *in flux*⁴⁹; e, além disso, os

⁴⁴Os oito volumes do livro “A questão agrária” é um exemplo do que estamos falando.

⁴⁵ A questão agrária que se torna ponto de discussão acadêmica e política no Brasil, a partir do final da década de 1950, tem como base de análise a economia brasileira desde a época colonial e sua dependência do bom desempenho das exportações agrícolas, até o início da Nova República. Antes de 1930, o foco de análise era a estrutura econômica brasileira caracterizada pela dependência de suas exportações agrícolas, os complexos rurais e pela vulnerabilidade mediante as crises do mercado internacional, denominado por Maria Conceição Tavares (1975) de um modelo de desenvolvimento voltado para fora. Neste mesmo período que a questão agrária com um caráter mais fundiário ganha força, manifestado principalmente pela luta ao acesso a terra a partir de 1955, com a fundação das ligas camponesas, inicialmente no Nordeste e em seguida em todo o país. A discussão era a ausência de uma reforma agrária, em que a existência de grandes latifúndios ocasionando concentração de renda, impedia a criação de um mercado consumidor mais amplo para a indústria (MERA, 2008 .p.2-3).

⁴⁶Informação concedida em entrevista com secretário de política salarial da FETAG – PB em setembro de 2013.

⁴⁷Debateremos com mais afinco essa categoria nos próximos itens deste capítulo e no capítulo terceiro da dissertação.

⁴⁸ Contingente referente ao público pesquisado em trabalho de campo comparado percentualmente ao número total de trabalhadores canavieiros paraibanos.

⁴⁹ História do presente.

canavieiros espírito-santenses têm de assegurar a manutenção da reprodução da sua força de trabalho: suas condições biológicas e, também, as de sua *prole*.

“A conciliação dos interesses da grande propriedade agrícola com aqueles da manutenção das circunstâncias locais de domínio e desigualdades sociais” (Martins, 2006, p.168) caracterizou o que se convencionou chamar de modernização conservadora. Portanto, os impactos negativos desse tipo de modernização aguçou as contradições sociais que a classe trabalhadora residente nas mais variadas latitudes do espaço rural e urbano brasileiro já vivenciavam. Quantitativa e qualitativamente, a condição de vida e de trabalho do nosso objeto de estudo confirma a nossa assertiva.

Quando Florestan Fernandes expõe que “**em uma sociedade de classe da periferia do mundo capitalista e de nossa época não existem ‘simples palavras’**” (2006,p.32), isso deve ser levado em consideração para os dias de hoje, principalmente para analisar a relação capital *versus* trabalho no século XXI dentro do setor sucroalcooleiro paraibano, tendo em vista que a dialética do trabalho no capitalismo demarca uma desigualdade abissal entre trabalhadores canavieiros e burguesia sucroalcooleira.

Para este autor, os trabalhadores, em geral, “**precisam se libertar da tutela terminológica da burguesia**⁵⁰”(*idem*); ou seja, precisam romper, num primeiro momento, com o discurso que legitima e naturaliza a forma de exploração do capital sobre o trabalho e a natureza. Superar o discurso burguês, tem como objetivo tomar para si certas palavras-chave (leia-se, pautas reivindicativas), as quais não podem ser compartilhadas com as classes dominantes, tendo em vista que, estruturalmente, seus interesses são antagônicos. As colocações da presidenta da mesa da Reunião da Convenção Coletiva dos Trabalhadores

⁵⁰ A colocação de Alberte Moço Quintela (2006) auxilia no que Florestan Fernandes entende por tutela terminológica burguesa: A linguagem é um produto da sociedade que conforma uma peça básica da sua superestrutura ideológica e, como tal, nas sociedades divididas em opressores e oprimidos -como a nossa- tem umas determinadas características e um determinado papel segundo a classe, a nação ou o género do qual emana e a cujos interesses serve. Do mesmo jeito que a moral, a filosofia, as leis, a religião ou a política, a linguagem nasce e desenvolve-se como expressão das condições históricas concretas dum determinada classe, adquirindo a forma que mais beneficia os objetivos desta na luta por manter e alargar a opressão ou por a abolir definitivamente. Assim, opressores e oprimidos moldam os seus sistemas lingüísticos adaptando significantes e significados às suas necessidades de explicar e entender a realidade que os rodeia nuns casos, ou de a ocultarem e tergiversarem em outros. Enquanto o patrão fala de flexibilidade laboral, as operárias falam de precariedade e exploração. Obviamente, as classes dominantes não pouparam esforços em evitar, na medida do possível, que das camadas populares surjam conceitos e categorias que ponham a nu a verdadeira natureza criminosa do sistema; preocupam-se especialmente com este problema porque a linguagem é o canal básico para a aquisição, compreensão e transmissão de crenças e pensamentos.

Canavieiros do estado da Paraíba para a safra 2013/2014 é um exemplo significativo a respeito da internalização da terminologia burguesa:

Eu começo pedindo a interseção divina e agradecendo a Deus por todos estarem aqui! A proposta é induzir uma cooperação entre vocês, vejo isso muito positivo em termos de justica laboral, Ministerio do Trabalho, Ministerio Público, *onde* a gente faz esse acompanhamento e essa indução para que haja um acordo entre vocês e que promovam as melhores propostas para a categoria. Isso é o que fica dos meus votos por presidir a mesa redonda pela primeira vez [...]. Obrigada!(fala da Dra. Michele, setembro de 2013).

A colocação da Dra. Marlene⁵¹ ressoa como um possível consenso harmonioso no que tange à relação capital *versus* trabalho, mais especificamente entre o capital sucroalcooleiro da Paraíba e os trabalhadores canavieiros do respectivo estado. Entendemos que a sua fala tem por intenção⁵² **conciliar o inconciliável**⁵³ e para isso fez uso das terminologias de cunho religioso, da justiça laboral (sob a égide do trabalho assalariado), do universo semântico típico dos tempos de reestruturação produtiva⁵⁴. Em nosso entendimento, o inconciliável se traduz, também, nas paisagens do município onde reside nosso objeto, tais quais estão expressas nessa pesquisa através das imagens⁵⁵ ⁵⁶ obtidas em trabalho de campo e que estão presentes no decorrer do presente capítulo.

⁵¹ Essa colocação foi na primeira reunião da Convenção Coletiva de Trabalho dos canavieiros da Paraíba para a safra 2013/S2014, realizada na Delegacia Regional do Trabalho.

⁵² Não sei se consciente ou inconscientemente.

⁵³ Conciliar o inconciliável diz respeito à relação antagônica entre capital x trabalho.

⁵⁴ Que está expresso no termo cooperação.

⁵⁵ Vale ressaltar, que, *a priori*, as imagens só ilustram nosso trabalho de campo. Porém é inviável ler o texto do capítulo sem leva-las em consideração, tendo em vista que elas expressam num curto lapso de tempo as ocorrências fenomênicas que se reproduzem no espaço de Cruz do Espírito Santo, tais quais serviram de base – mesmo que implicitamente – para a realização deste trabalho.

⁵⁶ Segundo Mauad (1996, p.10) a “análise histórica da mensagem fotográfica tem na noção de espaço a sua chave de leitura, posto que a própria fotografia é um recorte espacial que contém outros espaços”. É com base nessa premissa que as fotografias obtidas em trabalho de campo e as que conseguimos por fontes secundárias do espaço geográfico do município de Cruz do Espírito Santo-PB estão inclusas no corpo da redação dessa dissertação, até por que elas conformam uma narrativa viabilizada pelo discurso imagético produzido *in loco*, ou seja, nas comunidades rurais e urbanas que fizemos pesquisa de campo⁵⁶.

Fotografia 1. Um raio pode cair mais de uma vez no mesmo canto. Fotografia aérea de parte do município de Cruz do Espírito Santo – PB onde se observa a área urbana e o campo coberto por canaviais.



Fonte: Internet.

Fotografia 2 e 3 : Frentes de corte da cana na Faz. São Felipe, Cruz do Espírito Santo-PB. Autor: José de Nazaré Dantas Soares, março de 2014.



Santo-PB. Autor: José de Nazaré Dantas Soares, março de 2014.

À colocação anteriormente feita por Dra. Marlene, e em íntima conexão com as palavras de Florestan Fernandes, acrescentamos as seguintes palavras proferidas durante a Convenção Coletiva dos Canavieiros (safra 2013/2014):

Para começar, é preciso olharmos a situação como ela está hoje, o que tem de diferente do ano anterior [refere-se ao ano de 2012] e o que é que nós, de bom senso, olhando para frente podemos esperar de melhora... De uma construção em conjunto para o crescimento do setor, para o crescimento dos trabalhadores, para que cada vez mais a gente tenha fatos para comemorar nessa trajetória (Dr. Brandão, Convenção Coletiva dos Canavieiros, Delegacia Regional do Trabalho, 2013).

O Dr. Brandão, ao tentar dar o tom de apaziguamento e aceitação aos pontos de pauta sugeridos pelo setor sucroalcooleiro para a redação da Convenção Coletiva dos Canavieiros referentes à safra 2013/2014, faz suas arguições num sentido de mostrar aos representantes sindicais da classe laboral, e mais à FETAG/PB, o quanto já se “avançou” trabalhadores e empresários e, também, para situá-los sobre o período de crise econômica deste setor produtivo por conta da seca que aflige o estado da Paraíba, e em especial a região canavieira.

De acordo com as arguições do Dr. Brandão, Dr. Hernan⁵⁷ argumentou que a safra 2011/2012 foi de seis milhões de toneladas de cana produzidas. Porém, as próximas safras (2013/2014, em especial) terão queda de um milhão de toneladas, devido à mudança climática. Segundo J.L.⁵⁸, a seca prejudicou o capital e o trabalho – e não apenas ao primeiro. O fenômeno climático configurou condições dramáticas no campo, que, por consequência, exerce influência direta no quadro do emprego rural, segundo ele. Tomando por base as suas informações concedidas na respectiva reunião, o fator climático incidiria no quadro de trabalhadores assalariados temporários do corte da cana-de-açúcar, que está territorialmente distribuído em 28 municípios paraibanos⁵⁹. Afetaria, portanto, a dinâmica econômica dos trabalhadores residentes em duas formas espaciais cada vez mais complexas e que estão em constante interlocução de fluxos de pessoas, mercadorias, dinheiro, salários: o campo e a cidade (o rural e o urbano, o setor agrícola e o industrial).

⁵⁷ Do MTE/PB.

⁵⁸ Secretário de Política Salarial da FETAG/PB.

⁵⁹ São eles: Alagoa Grande/PB, Alagoinha/PB, Alhandra/PB, Areia/PB, Bananeiras/PB, Belém/PB, Caaporã/PB, Capim/PB, Cruz do Espírito Santo/PB, Cuité de Mamanguape/PB, Curral de Cima/PB, Guarabira/PB, Itapororoca/PB, Jacarú/PB, Lagoa de Dentro/PB, Lucena/PB, Mamanguape/PB, Marcação/PB, Mari/PB, Mataraca/PB, Pedras de Fogo/PB, Pedro Regis/PB, Pilões/PB, Pirpirituba/PB, Rio Tinto/PB, Santa Rita/PB, Sapé/PB e Sobrado/PB (MTE – Ata da Convenção Coletiva dos trabalhadores do corte da cana para a safra 2013/2014, p.1).

Contrapondo-nos às colocações da Dra. Marlene e do Dr. Brandão, parafraseamos nossos antepassados na afirmativa de que “contra fatos não há argumentos”. Complementamos com a afirmativa de que: para **fotos** também não há argumentos.

Fotografia 4: Residência de um trabalhador canavieiro



Fotografia 5: Conj. Júlia Paiva e F.C. na Fazenda Santa Luzia



Fonte: José Dantas. Pesquisa de campo, abril de 2013.

As fotos demonstram uma paisagem rural e outra urbana do espaço municipal. Nas residem trabalhadores do corte da cana. Vale dizer que na segunda foto realizamos entrevista com dois canavieiros e na primeira, não realizamos nenhuma entrevista – pois a casa do canavieiro está situada numa propriedade da usina Miriri, o que nos deixou receosos com a nossa segurança. De fato, o discurso imagético demonstra dois lugares que reproduzem o anacronismo da dinâmica sócioespacial nas mais variadas escalas geográficas dos países que conformam a periferia do sistema capitalista. Em outras palavras:

É dentro deste contexto que o lugar surge tanto como uma expressão do processo de homogeneização do espaço imposta pela dinâmica econômica global, quanto uma expressão da singularidade, na medida em que cada lugar exerce uma função imposta pela divisão internacional do trabalho. Nas palavras de Carlos (1996, p. 17) “a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação expressando sua função social, seus projetos e desejos”. O lugar surge como produto de uma ambigüidade que se estende a todas as relações sociais que

envolvem o homem e o meio – é o singular (o fragmento) e é também o global (universal) que o determinam (LEITE, 1998, p.17).

Tendo em vista que no espaço brasileiro a gênese das classes sociais está diretamente ligada à questão agrária, o debate da relação capital x trabalho⁶⁰ tem uma emergência histórica no que tange a compreensão do desenvolvimento dessa “questão”, de compreendê-la no período atual através de um caso concreto, numa realidade concreta⁶¹⁶², algo que só pode ser apreendido, nessa pesquisa, nos “lugares” (comunidades urbanas e rurais).

As especificidades sociais de cada formação histórica que levaram à fase de maturidade do capitalismo brasileiro, ou seja, as suas formas pré-capitalistas inseriram-se no “espiral” da história nacional enquanto processos dialéticos que garantem a “continuidade na descontinuidade e a descontinuidade na continuidade” (MÉSZÁROS, 2002). Para termos uma ideia do que seja isso, cabe fazer alusão a um processo econômico-comercial tão contundente e retrógrado no espaço agrário paraibano⁶³, que mesmo assim ainda consta na cláusula quarta da Convenção Coletiva de Trabalho 2013/2014:

O pagamento dos salários deverá ser pago fora das áreas dos barracões e sem qualquer vinculação com os barraqueiros ou prepostos, sempre em local próximo das prestações de serviços, vedados quaisquer descontos por dívidas com aqueles estabelecimentos (MTE, 2014).

Essa cláusula demarca um período de relações comerciais de profundo clientelismo político-econômico, de formas de sucção do “precário” poder aquisitivo dos trabalhadores rurais inseridos em relações assalariadas, formas de aprisionamento a um ciclo que reproduzia a sua miserabilidade sobre o espaço agrário paraibano.

O fato mencionado nessa cláusula é resultado de “uma ‘cultura política híbrida’, na qual “as presenças do clientelismo e do patrimonialismo mantêm a pobreza e a exclusão relativamente inalteradas” (MÜLLER et. al, 2012,p.185). Por sua vez, os trabalhadores rurais

⁶⁰ Há um profundo campo de forças, isto é, de correlações de forças política, cultural e ideológica.

⁶¹ Enquanto caso concreto, numa realidade concreta, pesquisamos nessa dissertação de mestrado os trabalhadores do corte da cana de Cruz do Espírito Santo – PB.

⁶² É de fundamental importância, também, que se elabore um estudo sobre as categorias fundamentais da economia política no intuito de compreender a “anatomia da sociedade civil”⁶², ou seja, *bürgerlichen Gesellschaft*. Para nosso estudo de caso, Cruz do Espírito Santo –PB é o espaço geográfico que reproduz a sociedade civil (inacabada, enquanto caso nacional), onde territorialmente divide-se em campo e cidade. Deste modo, certos grupos de pessoas tem inserção direta nessa divisão territorial no município em tela: os trabalhadores do corte da cana.

⁶³ Deste modo, o sistema de morada vai se fortalecendo. Ao patrão cabia dar a terra, água, lenha, e ao morador cabia trabalhar exclusivamente para o senhor. O trabalhador às vezes se endividava, pois, via de regra, comprava os mantimentos num barracão instalado na propriedade. Essa era uma forma de prender o trabalhador à terra submetendo-o a um sistema de semi-escravidão (TORRES; MOREIRA, 2009, p. 13-14 apud ANDRADE, 1998).

assalariados adentraram num ciclo mercantil simples⁶⁴ da economia capitalista (M-D-M), este que foi influenciado por particularidades advindas de uma sociedade agrária, na qual preservou-se formas “mistas” de relações de trabalho.

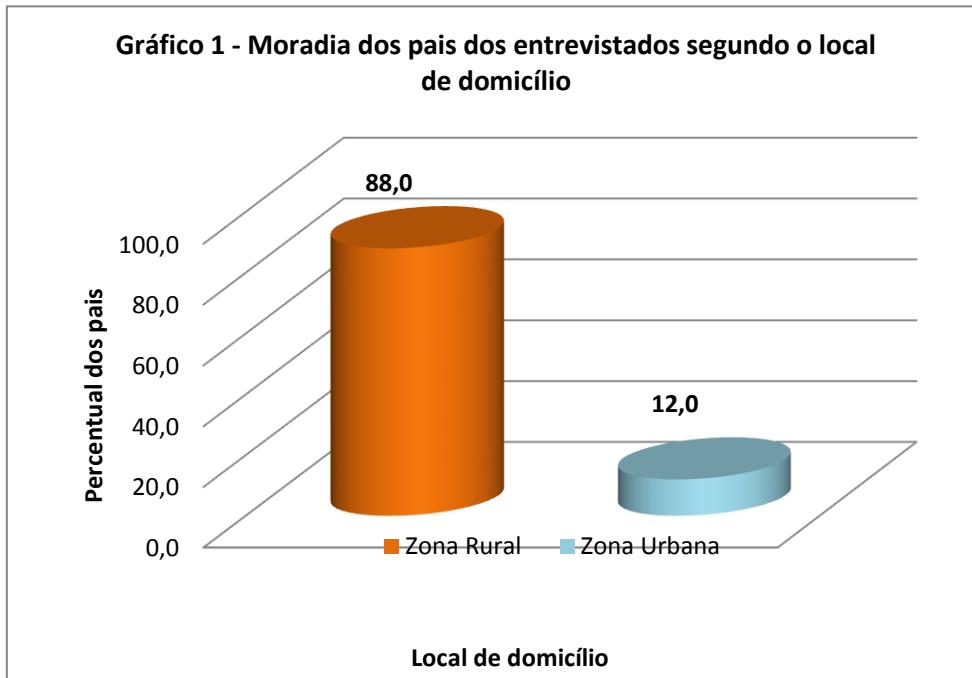
Deste modo, é o recôndito e o intacto “poder do atraso” (MARTINS, 1999) que assegura a interlocução entre o ciclo comercial simples com as especificidades que a questão agrária lhe imprimiu. Com base em Martins pode-se compreender com maior profundidade teórica a razão pela qual essa cláusula ainda consta na redação da Convenção Coletiva dos Canavieiros da Paraíba para a safra 2013/2014:

Na verdade a questão agrária engole a tudo e a todos, quem sabe e quem não sabe, quem vê e quem não vê, quem quer e quem não quer. [...] a propriedade da terra é o centro histórico de um sistema político persistente. Associada ao capital moderno, deu a esse sistema político uma força renovada [...]. No Brasil, o atraso é um instrumento de poder (MARTINS, 1999, p.13-14).

Num arranjo temporal de quase 50 anos de história nacional⁶⁵, constatamos que a questão agrária não solucionada como chegaram a pregar os governos militares, tem rebatimentos contundentes sobre as condições socioeconômicas dos trabalhadores canavieiros espírito-santenses nos dias atuais. Essa assertiva só é explicável porque “o Brasil é um país cuja distribuição de terras está altamente concentrada e altos níveis de desigualdade ainda perduram” (ALCÂNTARA FILHO, 2009, p.83). O gráfico 1 corrobora com a nossa argumentação:

⁶⁴Evidentemente, não no ciclo M-D-M (circulação mercantil simples), pois nele o intercâmbio de valor entre mercadoria e dinheiro se faz por meio de uma mediação evanescente. “Em última análise, uma mercadoria é trocada por outra mercadoria [...]. [Nesse caso], a circulação serve apenas, por uma lado, para que os valores de uso troquem de mão, de acordo com as necessidades, e por outro para que eles troquem de mãos conforme o tempo de trabalho que representam, [...] na medida em que são momentos equivalentes do tempo de trabalho social geral.” [...] Em outras palavras: o consumo, o valor de uso, constitui o objetivo final e o verdadeiro centro da circulação mercantil simples.

⁶⁵Para ficarmos com o marco da modernização da agropecuária no Brasil.



Fonte: José de N. Dantas Soares. Trabalho de campo, primeiro semestre de 2014.

Considerando a procedência histórico-genealógica dos entrevistados, a partir das informações concedidas pelos mesmos constatamos que 58% dos pais dos entrevistados (29 pais), moravam em áreas de fazenda localizadas em Cruz do Espírito Santo; seis moravam em sítios (12,0%). Nove entrevistados informaram que seus pais moravam em áreas de fazendas em outros municípios (18,0%) e seis moravam na zona urbana de outros municípios (12%). Constatase assim que 88% das famílias dos canavieiros entrevistados são de origem rural.

Por sua vez, “a passagem dos facões” entre as gerações de famílias canavieiras é um arquétipo “da continuidade na descontinuidade e da descontinuidade na continuidade” (MÉSZÁROS, 2002b), a qual pôde ser afirmada no estado anacrônico em que persiste as condições socioeconômicas dos canavieiros e seus familiares constatadas no trabalho de campo.

Este anacronismo é demonstrado tanto através das fotografias que expressam a paisagem do Sítio Entroncamento, no município de Cruz do Espírito Santo, quanto através do gráfico 2, que se refere ao número de entrevistados que alegaram que seus pais foram trabalhadores do corte da cana.

Fotografia 6 e 7: Condições de moradia dos canavieiros no Sítio Entroncamento.



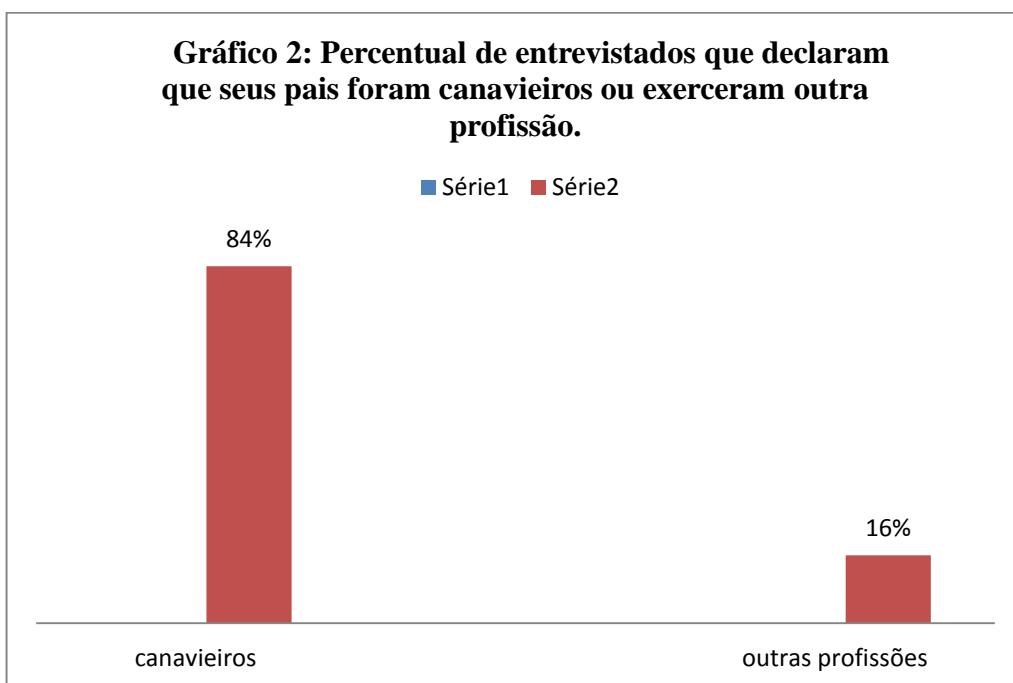
Fonte: José Dantas, maio de 2014.

Fotografia 8 e 9: Condições de moradia dos canavieiros no Sítio Entroncamento.



Fonte: José N. D.S. Maio de 2014.

Fonte: José N. D.S. Maio de 2014.



Fonte: **José de N. D. S. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.**

Outro dado importante constatado no trabalho de campo é que 42 entrevistados (84% do total entrevistado) são filhos de ex-cortadores de cana-de-açúcar, e desses, 12 (28,6%) entrevistados residem na zona rural e 30 (71,4%) habitam na zona urbana. Cabe destacar, ainda, a diminuta diferença encontrada no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha (17 de 20 entrevistados são filhos de ex-cortadores de cana) e no Conjunto João Ursulo (13 de 14 entrevistados são filhos de ex-cortadores de cana). Estes dados ratificam o “engessamento” dessa atividade laboral na genealogia das famílias dos canavieiros espírito-santenses.

É de acordo com Delma Pessanha Neves que podemos compreender a “estrutura e dinâmica”⁶⁶ que os dados obtidos no item *procedência histórico-genealógica* demonstram a respeito da reprodução dos canavieiros pesquisados no espaço geográfico do município de Cruz do Espírito Santo – PB, através do eixo temático que diz respeito as condições de vida e de trabalho:

As condições de vida precária, reconhecidas pelo estado de pobreza, estão articuladas a inúmeras causas. Algumas delas atuam acumulativamente, fechando os que assim se situam num universo relacional de difícil transposição. O isolamento relacional se reproduz entre gerações, transformando a pobreza num legado. A transmissão intergeracional da posição precária adquire maior expressividade no caso das famílias que se

⁶⁶Paulo Netto, 2011.

valem do trabalho remunerado (direta ou indiretamente) dos filhos durante a infância (NEVES, 2001, p.149).

A precarização das condições de vida dos pais, avôs e avós, seja ela material⁶⁷ ou imaterial⁶⁸, passa de forma incólume às gerações futuras, numa “quadrante histórica dramática”⁶⁹, como foi a da inserção das relações tipicamente capitalistas no espaço agrário nordestino. Essa quadrante histórica atingiu quase todas as economias da América Latina entre o final da década de 70, decorrer da década 80 e 90 do século XX. Decerto:

A pobreza, mesmo não sendo um fenômeno recente no Continente Latino-American, mostrou ser mais consistente a partir das crises econômicas que afetaram a maioria dos países nos anos de 1970 e 1980 quando, além das deficiências estruturais do modelo de desenvolvimento econômico regional, os problemas sociais – antigos e novos – tornaram-se obstáculos reais para conformação de uma sociedade latino-americana mais justa e igualitária (MATTEI, 2009, p.3).

Do ponto de vista fenomênico, a “indexação salarial⁷⁰; a depreciação cambial⁷¹, incidindo fortemente na inflação nacional; e uma política monetária passiva⁷²” (PACHECO,

⁶⁷Baixo poder aquisitivo de compra dos produtos básicos a reprodução da sua força de trabalho cotidianamente, situando-os a baixo da linha da pobreza, por exemplo.

⁶⁸Baixo grau de escolaridade, qualificação profissional.

⁶⁹Ao referir-se ao curto período de tempo do crescimento econômico brasileiro que durou entre 1968 a 1973, Pacheco (2010) afirma que: “esta realidade não se sustentou a longo prazo, tendo causado, posteriormente, o aumento da inflação e a crise que o Brasil atravessaria durante as décadas de 1980 e 1990. Já em 1979 há um grande salto inflacionário, ocorrido em função da crise mundial do petróleo e da política interna de fixação de preços. No começo desta década, em 1983 há um processo de maxidesvalorização do Cruzeiro, moeda corrente, causando uma grave crise econômica. Nesse período houveram (*sic*) diversos novos planos econômicos que se sucederam tentando resolver a crise econômica, no entanto, nenhum deles surtiu o efeito esperado. Em: Prosa Econômica, 24/10/2010.

⁷⁰A indexação, em economia, é um sistema de reajuste de preços, inclusive salários e aluguéis, de acordo com índices oficiais de variação dos preços. Em conjunturas inflacionárias, a indexação permite corrigir o valor real dos salários e aluguéis e demais preços da economia, reajustando-os com base na inflação passada. No entanto, a indexação automática pode realimentar a inflação futura. Em 1994, a inflação anual no Brasil era de quase 5.000%, e os preços subiam quase diariamente. Os salários, a fim de acompanhar os preços, também eram reajustados através do chamado "gatilho" inflacionário – que determinava uma correção automática dos valores assim que a inflação atingisse um determinado nível. **Indexação (economia)**. Fonte: JÚNIOR, JAMES CLARK NUNES. **Indexação, expurgos, inflação e distribuição de renda**. Revista de Economia Política, vol. 4, nº 3, 1984.

⁷¹Na perspectiva dos mercados cambiais, o conceito de depreciação traduz [...] genericamente a diminuição da cotação de uma moeda nacional face a outras moedas resultante do decurso normal do funcionamento dos mercados, ou seja, sem que as autoridades monetárias do país em causa interfiram nesse processo. Nesses casos, a eventual depreciação, que corresponde ao oposto de um fenômeno de apreciação, deriva da relação entre a oferta e a procura da moeda em causa. [...] Deve-se dizer que, por vezes, o conceito de depreciação também é utilizado no âmbito do poder de compra associado à moeda e ao fenômeno da inflação. Nesse contexto, fala-se de depreciação da unidade monetária quando se verifica inflação relevante e, como consequência, o poder de compra dos agentes econômicos diminui tendo em conta o aumento do nível de preços. Fonte: [http://www.infopedia.pt/\\$depreciacao-\(economia\);jsessionid=i6ebTRR271ALYQ4gy175A](http://www.infopedia.pt/$depreciacao-(economia);jsessionid=i6ebTRR271ALYQ4gy175A)

⁷²Para termos ideia do que seja uma política monetária passiva, vale primeiramente atentar para a definição de política monetária. Deste modo: “Política monetária é o controle da oferta de moeda (dinheiro) na economia, ou seja, o meio de controlar e estabilizarão máximo os níveis de preços para garantir a liquidez ideal (equilíbrio) do

2010), repercutiram na quadrante histórica que demarca a expansão das relações sociais capitalistas no espaço agrário do Nordeste brasileiro, acelerando as contradições e os antagonismos sociais originados do nosso típico padrão civilizatório⁷³ (*plantation*), que já era um forte “poder do atraso” (MARTINS, 1999) no cotidiano de vida das populações rurais e nas atividades agrícolas exercidas pelos pais dos entrevistados, por exemplo.

A conjuntura econômica que vai de 1975 a 2002 (apogeu e crise do Proálcool, expansão do neoliberalismo, pagamento exorbitante dos juros da dívida externa, desnacionalização do setor industrial, abertura econômica para a livre circulação de mercadorias, estratosféricas taxa de desemprego, crescimento econômico negativo) resultou numa profunda instabilidade social para o conjunto da população brasileira. Nesse período de vinte e sete anos de história econômica brasileira, chamamos a atenção para a década de 1980. Nessa década, houve as implosões sociais tributárias de uma conjuntura econômica desastrosa, a qual se traduziu na maxidesvalorização da moeda corrente, o cruzeiro⁷⁴. Foi diante dessa conjuntura, que a década de 80 do século em questão leva o nome de “década perdida”.

Em suma, tanto para a escala territorial na qual pesquisamos sobre os cortadores de cana, quanto para a escala latino-americana, a relação entre dimensão estrutural e dimensão conjuntural não teve grandes divergências no que tange ao período mencionado. E foi com grande brilhantismo analítico – cremos nós, tendo por base a história econômica desse período – que Oliveira (2010) conseguiu conceituar a pobreza do ponto de vista fenomênico:

A pobreza define-se, normalmente, como a insuficiência de recursos para assegurar as condições básicas de subsistência e de bem-estar, segundo as normas da sociedade. É considerado pobre aquele que possui más condições materiais de vida, que se refletem na dieta alimentar, na forma de vestir, nas condições habitacionais, no acesso à assistência sanitária, nas condições de emprego [...] (OLIVEIRA, 2010, p.6).

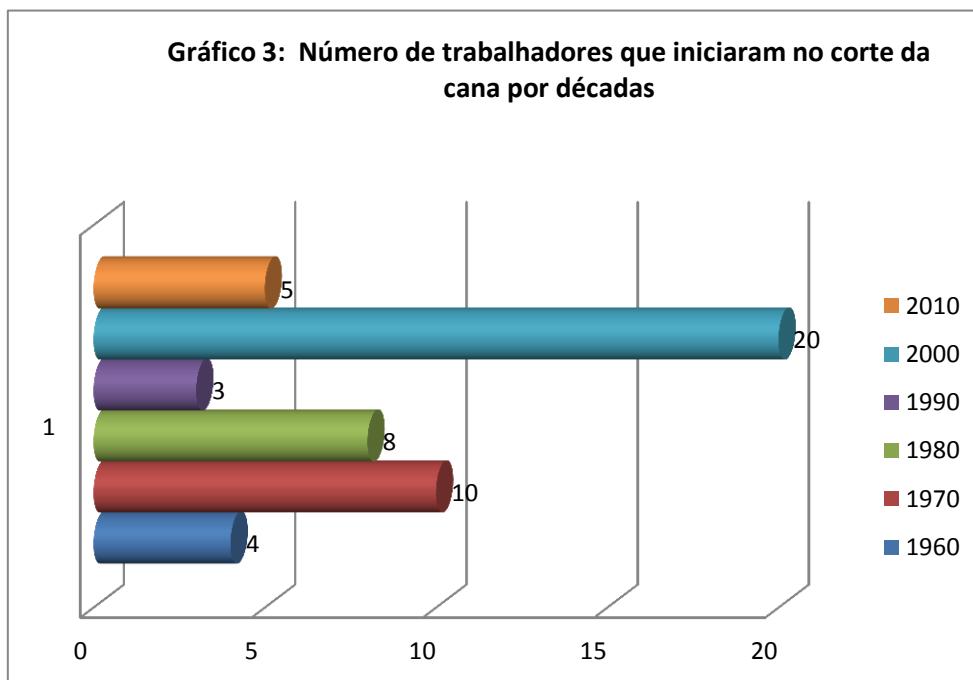
Constatamos na escala geográfica de Cruz do Espírito Santo – PB a conceituação de pobreza elaborada por Oliveira e mais os aspectos conjunturais, estruturais e sua inter-relação

sistema econômico do país. Para controlar a moeda e a taxa de juros as autoridades monetárias utilizam-se dos instrumentos diretos e indiretos: Recolhimento compulsório, Redesconto bancário, Operações com títulos Públicos, Controle e seleção de crédito e Persuasão moral.[...] Política monetária passiva: o Bacen visa determinar a taxa de juros, seja pela taxa de desconto ou de remuneração dos títulos públicos. Neste caso, deixa a oferta da moeda variar livremente para manter esta taxa de juros, ou seja, a oferta da moeda fica endogenamente determinada. Disponível em: <http://politicanonetaria.webnode.com.br/o-que-e-politica-monetaria-/>

⁷³ Sobre essa tipicidade, debateremos mais adiante, especificamente quando estivermos arguindo sobre a Via Colonial.

⁷⁴ Esse fenômeno que ocorreu, também, com as moedas latino-americanas, acarretando a mega-inflação observada na década de 1980.

no cotidiano de vida dos cortadores de cana entrevistados. Inicialmente, essa constatação pôde ser evidenciada a partir do gráfico a seguir.



Fonte: José de N. D. S. Trabalho de campo - 2014.

Os dados referentes ao ano em que os trabalhadores entrevistados começaram na agricultura canavieira e a sua tabulação por décadas, apresentada no gráfico 3, nos surpreenderam. Verificamos que foi na década de 2000 que o maior número de entrevistados iniciou-se no corte da cana: 20 entrevistados, ou seja, 2,85% do contingente de trabalhadores canavieiros de Cruz do Espírito Santo – PB e 40% dos entrevistados pela pesquisa. Isto se deve, acreditamos, à retomada da atividade canavieira na Paraíba e no Brasil, após a crise do Proálcool, em virtude tanto do estímulo promovido pela política bioenergética do Governo Federal, pautada principalmente na expansão da produção do etanol, como pelo aumento do preço do açúcar no mercado internacional. Esse retorno da atividade promoveu a abertura de mais postos de trabalho temporário na atividade canavieira, o que contribuiu para maior inserção dos canavieiros do município em questão no início do século XXI.

Inclui-se nessas três décadas, vale lembrar, o período de inserção, apogeu e crise do Proálcool – fase significativa na **história⁷⁵** agrária paraibana e do Nordeste brasileiro. Portanto, várias indagações surgem para tentar explicar a dinâmica representada nesse

⁷⁵Não estamos aqui nos referenciando, apenas, na produção bibliográfica na área da Historia enquanto ciência social. Referenciamo-nos enquanto período de grande importância na vida social das populações aí envolvidas.

gráfico: a) se o gráfico é representativo pelo menos para a escala macroespacial (Brasil, por exemplo), por que houve uma maior absorção de força de trabalho na primeira década do século XXI, se estamos vivenciando um período de reestruturação produtiva e desemprego estrutural, do qual, por exemplo, já “soa aos ventos” a implementação das colheitadeiras mecânicas no corte da cana? b) será que a questão regional teria influência explicativa para essa dinâmica factual exposta no gráfico? Ou o gráfico, numa escala de análise municipal, demonstraria uma contracorrente na escala geográfica da Zona da Cana paraibana? Com tenacidade, tentaremos responder as nossas próprias indagações, mesmo estando ciente das nossas possíveis dificuldades nas “tentativas de acertos” (PAULO FREIRE, 1999).

Outro aspecto abordado na pesquisa no que tange a questão da absorção de mão-de-obra pelo setor canavieiro tem a ver com a mecanização do processo produtivo. Para entender o que está acontecendo, nada melhor do que dar “voz” à última colocação do secretário de política salarial da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Paraíba, na entrevista que se segue: “*o trabalhador está nessa situação*”. Situação, metaforicamente, de um “espectro que ronda a região” canavieira. Espectro esse que “ecou” na afirmação de dez entrevistados do Conjunto João Ursulo sobre a frase que já ouviram durante as frentes de trabalho: “*Vamos apressar, senão as máquinas (colheitadeiras) vêm e tomam o lugar de vocês!*”, e que ecoa, também, no relato a seguir:

Outra coisa é o seguinte: Se você chegar na Estreito hoje – nós já temos aqui na Giasa – o trabalhador ele não planta mais cana, tem lá uma máquina de plantar cana e a outra máquina cortar cana e já coloca naquela máquina. Ela tem sete utilidade: ela gradeia, ela sulca, ela planta cana, ela aduba, ela polveriza, tudinho essa máquina faz... **O trabalhador está nessa situação⁷⁶** (depoimento de Afonso João de Lins, setembro de 2013)

No que tange à quantidade de cana que um trabalhador da região é capaz de cortar, dois aspectos são por eles apontados como influenciadores: a topografia e as condições de fertilidade do solo. Pelo fato da Zona da Mata ser constituída, predominantemente, por áreas de várzeas e de baixos planaltos sedimentares, secularmente a fertilidade do solo é substancialmente decisiva para a perpetuação da atividade agrícola da cana-de-açúcar.

Desse modo, o trabalhador canavieiro Roberto Aguinaldo descreve a *labuta* nas frentes de corte nessa região, tendo como parâmetro as condições físicas por nós explicitadas anteriormente:

⁷⁶Grifo meu.

Olha, corte de cana é o seguinte, vou explicar como é que é: a cana de um trabalhador produzir é uma cana em pé, entendeu. Aqui a maioria é várzea, entendeu, é canto que a cana deita; ai num existe esse trabalhador que corte dez tonelada aqui não, porque quando pega um terreno de tabuleiro, um terreno plano, que a cana fica em pé, a maioria corta ate doze tonelada; mas aqui é varzea, a cana “arreia”, deita, fica baixinha, toda arriada, ai o cara fica puxando de uma em uma. Como a pessoa vai produzir? A pessoa fica entronchado assim, como uma cobra enrolada. Já no tabuleiro não! Você pega de moi, aí você produzi cinco, seis, oito [toneladas]. Eu fui cortar uma cana aí no tabuleiro, ali no sem-terra [Massangana II], de 1 hora da tarde eu tinha cortado sete tonelada, mai por que a cana era em pé... Num tem homi no mundo que corte dez tonelada na cana de varzea não, **ele num é uma máquina!** Ele corta de uma em uma, não é de dei [dez] não!(Dr. Roberto Aguinaldo, março de 2014).

As dificuldades expostas pelo entrevistado ilustram as diferenças na produtividade por regiões brasileiras (Sudeste e Nordeste). Diferenças essas que irão corresponder, também, a ritmos de trabalho diferenciados por indústrias sucroacooleiras na escala de análise microrregional. Por exemplo, segundo os entrevistados a usina Japungu tem uma meta de produtividade para ser executada por cada trabalhador canavieiro de 8 toneladas diariamente, enquanto a Usina São João não tem uma meta de exigência diária.

Vale destacar que essa diferenciação de produtividade averiguada em trabalhos de campo, ocorre em função dos percalços políticos, administrativos e econômicos vivenciados pela usina São João, como, por exemplo, atraso de pagamentos, desentendimentos entre seus proprietários. Outro aspecto que chama a atenção é a notável intensificação da produção dos cortadores de cana num marco temporal de 50 anos, como o exposto na citação a seguir:

Eis a fórmula da acumulação tão bem explicitada pela teoria do valor trabalho, num contexto em que mantendo baixo o preço pago pela tonelada ou do metro de cana cortada obriga o cortador de cana a intensificar o seu trabalho. Isso pode ser atestado mediante o fato de que a produtividade média do cortador de cana em cinco décadas aumentou cerca de 300%, passando de 3 toneladas na década de 1950 para aproximadamente 12 no final dos anos de 1990 (SOUZA, 2010, p.177 *apud* ALVES, 2006, p.92).

Os fatores que levaram a intensificação da produtividade no corte da cana à magnitude tão exorbitante⁷⁷ não se explica pelo aceleramento na produtividade da população adulta masculina que estavam no “eito da cana”, para “tentar tirar o pão de cada dia” a fim de assegurar as condições básicas da sua existência e de sua família. Podemos afirmar que eles não chegaram a esse patamar por-acaso.

A intensificação do trabalho nesse setor, acompanhado do aumento da área territorial plantada com cana-de-açúcar e do aumento da produtividade por área colhida, explicam, em

⁷⁷Como a da ordem de 300% mencionado na citação.

parte, o nível médio exigido de cana cortada diariamente pelas usinas. Para atingir a meta de produtividade exigida os trabalhadores incorporam uma parcela de trabalho invisível representada pela esposa mais a *prole* (filhos). O trabalho do conjunto da família tem sido responsável pelo aumento da produtividade média do cortador de cana em cinco décadas. É importante que se diga que o trabalho da família não é contabilizado uma vez que o contrato é individual. Daí porque dizemos que o trabalho invisível e não remunerado tem sido uma das formas utilizadas pelo canavieiro para atingir a meta de produção das empresas, e que em parte o aumento da produtividade da cana cortada pelo trabalhador vem justamente dessa mão de obra não paga.

O gráfico a seguir é demonstrativo da inserção precoce dos trabalhadores na palha da cana.



Fonte: **José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.**

Uma entrevista com um agente de saúde por nós realizada a partir de um encontro fortuito que tivemos com o mesmo no Sítio Jaques, em muito contribuiu para descontarinar a realidade da inserção de crianças e adolescentes na atividade canavieira e das condições de trabalho a que as mesmas ficavam expostas. O entrevistado J.M. afirmou que trabalhou na lavoura canavieira entre o final da década de 1970, e toda a década de 1980 e os três primeiros anos da década de 1990. Hipoteticamente, J.M. certamente seria contabilizado no número de

trabalhadores **mirins** que ingressaram na lavoura canavieira paraibana no período de ascensão e crise do Proálcool.

Questionado sobre com quantos anos começou a trabalhar no corte da cana ele respondeu que no corte da cana foi com 12 anos, mas na “limpa⁷⁸” foi com 8 anos de idade.

Naquela época [refere-se ao final da década de 1970 e o transcorrer da década de 1980] a gente ia de carroça, de trator. Tinha dia que o trator levava, mas não trazia...Tinha dia da gente chegar em casa de 9 horas da noite; voltava a pé, andava sete a oito quilometro. Tinha dia que acabava a água, a gente ficava o dia *todim* com sede, o cumér se acabava e ficava só a farinha; aí a gente fazia o tal de Maria Farinha: misturava o caldo de cana com a farinha, pra poder chegar em casa...A gente *trabaíava* o dia *todim*, quando era o final da semana que *noi* ia pegar o dinheiro, não dava pra comprar quase nada, **por causa das inflação (né?)⁷⁹**(J.M., maio de 2014).

A equipe que elaborou o relatório “*Os caras pintadas de suor e da fuligem da cana: um estudo sobre as condições de vida, saúde e trabalho dos canavieiros mirins da cana*”, elaborou um substrato teórico que dá inteligibilidade a esse cotidiano narrado pelo entrevistado J.M. Sob a coordenação de Emilia de Rodat Fernandes Moreira, o grupo de pesquisadores vivenciou um período de forte inserção na atividade canavieira da população infanto-juvenil da Zona da Mata paraibana, proporcionando uma contribuição teórica valorosa para compreendermos a conjuntura econômica daquele momento:

Isto comprova a existência de um padrão de utilização da força-de-trabalho infanto-juvenil, como estratégia complementar a renda familiar. É a face desesperada de um país onde a sede de lucro contrasta com a agudeza da miséria e da fome. Espetáculo dantesco, onde a pujança da cana serve de cenário para os movimentos repetitivos e extenuantes de corpos esquálidos de crianças e adolescentes. Ao suor de seus corpos adere a fuligem dos canaviais, caracterizando uma legião de caras pintadas que ainda não conseguiu fazer valer a sua cidadania (MOREIRA,E, apud MOREIRA et al, 1995, p.11).

A utilização da força-de-trabalho infanto-juvenil nos canaviais da mesorregião da Mata Paraibana **nos faz lembrar** o operariado infanto-juvenil inglês, narrado no livro “*A situação da classe trabalhadora da Inglaterra*⁸¹”, de Friedrich Engels. Deste modo, a “sede de lucro contrasta com a agudeza da miséria e da fome” (MOREIRA *et. al.*, 1999) porque capital e trabalho tem perspectivas antagônicas de futuro histórico, tais quais ainda adquirem as especificidades de cada espaço geográfico, onde, por exemplo, “a produção de riqueza só

⁷⁸ Atividade em que o trabalhador arranca as ervas daninhas e limpa o terreno.

⁷⁹ Grifo meu.

⁸⁰ Lembrem-se, quem ler o presente tópico, da inflação mencionada em páginas anteriores.

⁸¹ Engels, Friedrich. *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Boitempo Editorial, 2008.

adquire sentido se estiver voltada a sua auto-reprodução, enquanto sua própria causa – *sua causa sui*” (PANIAGO, 2002, p.2).

Associado à contribuição do relatório de pesquisa, a narrativa do entrevistado J.M. fez-se imprescindível para entendermos a vida cotidiana dos trabalhadores canavieiros entrevistados nessa pesquisa que ingressaram na fase infanto-juvenil nos canaviais da região, a qual é demonstrativa da forma como se dá a relação antagônica entre capital e trabalho.

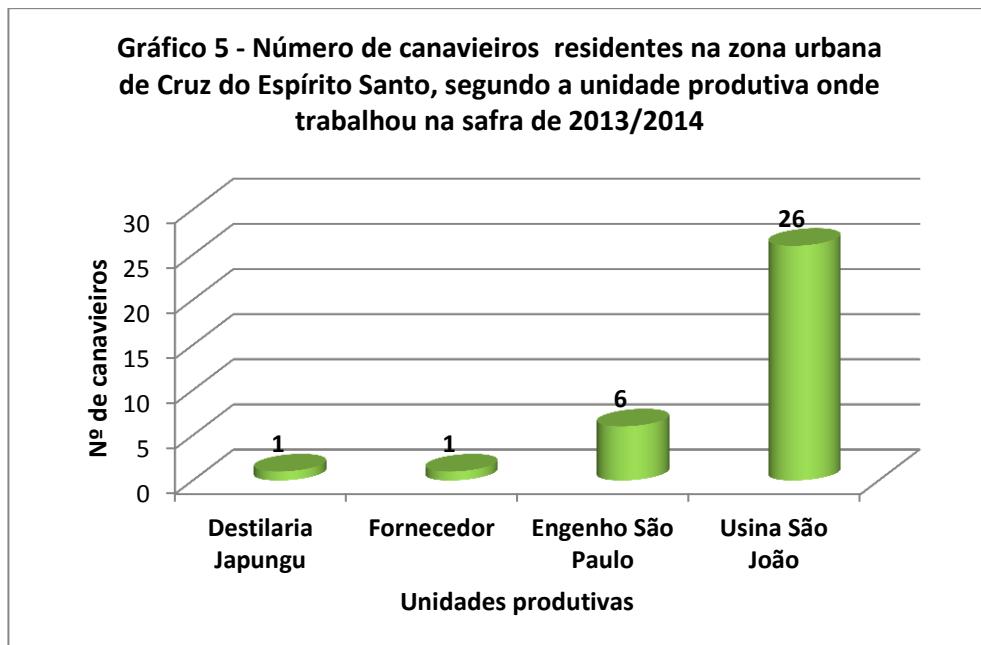
Naquela época, eu peguei em cem cruzeiros; eu tenho um irmão que trabaiaava. Noi doi junto, a gente só recebia uma nota daquela, era pra os dois. A gente chegava em casa passava [os cem cruzeiros] *pro* pai ou *pra* mãe, *pra* “inteirar” no dinheiro da feira. [...] Naquele tempo num tinha isso não, eles *dava* um facão e quando não *dava*, *noi* tinha que comprar; num dava enxada, num dava nada. [...] A gente saia daqui do Sítio Jaque pra Oitero (Engenho localizado num município da região) de peis – perto de Santa Rita.,Saía daqui pra o Sítio Piratorta, que fica quase perto de Mamanguape, tinha *pra mai* de três a quatro hora de viagem a pé pra voltar.[...] Todos os pais levava seu filho; era mulher, era menino. [...] A gente sempre trabaiaava com os irmão, a gente sempre cortava bastante cana; cortava, limpava, a gente era aproveitado *mai* pra limpa, aí quando final de moagem e a equipe num ia, aí chamava a gente pra ir corta cana (J.M., Cruz do Espírito Santo – PB, maio de 2014).

Mãe e irmãos complementavam a estratégia de labuta para obter a renda mínima e assim assegurar as condições materiais básicas junto com o pai. Entendemos que os relatos de J.M. ilustram uma conjuntura econômica desastrosa, que marcou a organização do trabalho no espaço agrário paraibano, podendo ser traduzida em crescentes [...] “taxas de atividade dos grupos de 10 a 14 e de 15 a 19 anos. Com efeito, em 1970, a taxa de atividade desses grupos era de 16,7% e 37,1% respectivamente. Em 1980, essa taxa sobe para 18,9% e 40,6% respectivamente.” (MOREIRA, et. al, 1999).

2.2 – Momento da produção e reprodução da força de trabalho

Os cinquenta canavieiros pesquisados informaram uma multiplicidade de contratos com as unidades de produção sucroalcooleiras paraibanas. A proximidade territorial, assim entendemos, foi decisiva para os maiores percentuais de contratos de safra. Por exemplo, a usina São João (localizada no município de Santa Rita - PB) foi a que mais teve entrevistados com vínculos empregatícios: 38 pessoas, ou seja 76% dos entrevistados; em seguida vem o Engenho São Paulo (localizado no próprio município de C.E.S. – PB) com 8 pessoas (16% dos entrevistados).

Nos gráficos 5 e 6 referentes aos vínculos empregatícios dos canavieiros entrevistados verificamos melhor como se deu na safra de 2013/2014 a distribuição dos trabalhadores por unidade produtiva e por local de domicílio.

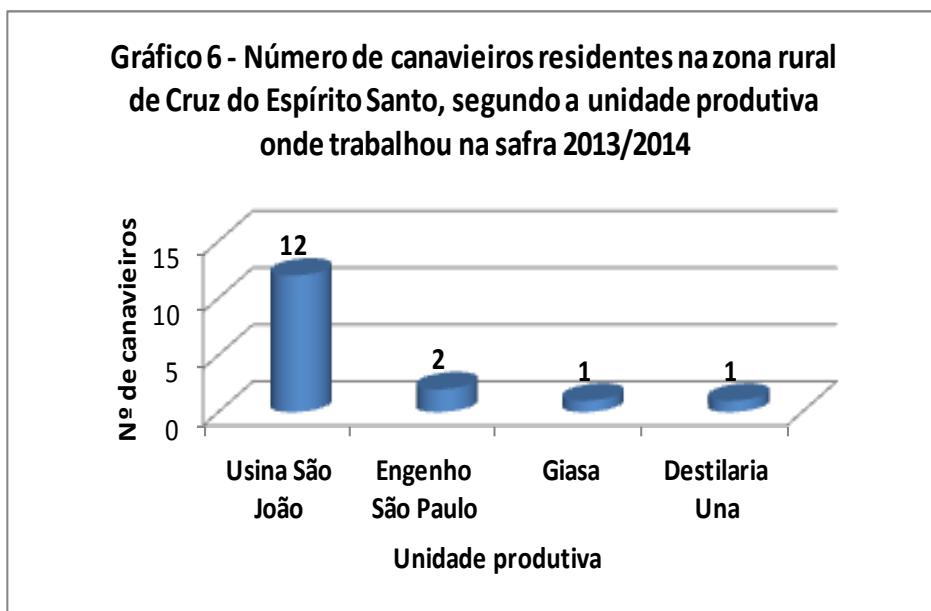


Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo - 2014.

Do total de entrevistados nas comunidades urbanas (34 canavieiros) 15 residentes no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha declararam terem sido contratados pela usina São João (44,1% do total dos entrevistados na zona urbana); 4, (11,8% do total dos entrevistados na zona urbana) foram contratados pelo Engenho São Paulo. No Conjunto João Ursulo, 11 trabalhadores foram contratados pela Usina São João (32,4%) e 2 (5,9%), pelo Engenho São Paulo. Verifica-se que dos 34 entrevistados residentes nas comunidades urbanas 26 (76,5%) trabalharam na safra de 2013/2014 na Usina São João. Por conseguinte, é esta unidade de produção que absorve a maior parte da mão-de-obra que vive na cidade.

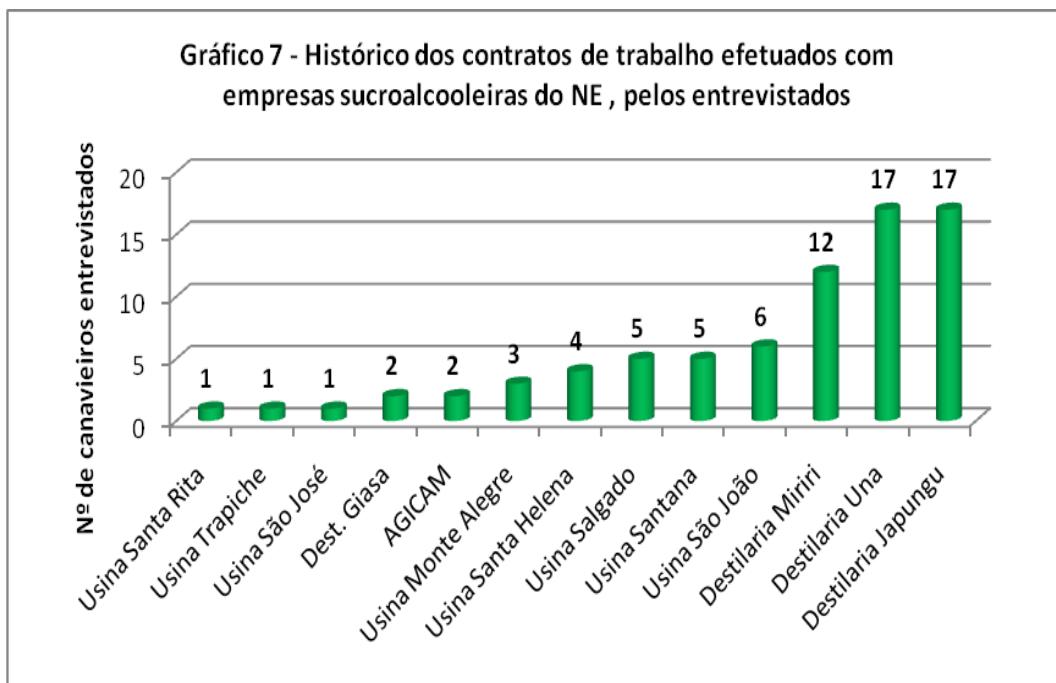
No caso das comunidades rurais observamos o seguinte: a) no Assentamento Dona Helena 4 trabalhadores entrevistados foram contratados pela usina São João (25% do total dos entrevistados na zona rural), 1 pela empresa Gramame Industrial e Agrícola S.A. - GIASA (6,3% do total dos entrevistados na zona rural). Os quatro entrevistados do Sítio Entroncamento também trabalharam toda safra de 2013/2014 na usina São João (25,0% dos entrevistados na zona rural). No Sítio Jaques, quatro pessoas informaram que têm contrato de safra com a usina São João (25,0% do total dos entrevistados na zona rural) e 1 entrevistado

teve contrato com Usina Una (6,3%). Constatou-se, com base no exposto, que dos 16 entrevistados que residem na zona rural 12 (75% do total) trabalharam na safra de 2013/2014 na Usina São João.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014

Outro aspecto abordado pela pesquisa foi a trajetória de trabalho dos canavieiros segundo as empresas com as quais mantiveram vínculo de trabalho safrista. Como pode ser observado no Gráfico 7, os entrevistados já trabalharam nas seguintes unidades de produção: na Zona da Mata paraibana, nas Usinas São João, Santa Rita e Santana, bem como nas Destilarias Japungu e Miriri, localizadas no município de Santa Rita localizadas; Usina Santa Helena localizada no município de Sapé; Destilaria Agicam Agroindústria Camaratuba, situada no município de Mataraca; destilaria GIASA, situada no município de Pedras de Fogo.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo – 2014

Quantitativamente, as comunidades urbanas destacam-se nesse gráfico por terem o maior número de declarantes de históricos de safra nas usinas paraibanas (nordestinas e de outras regiões do país⁸²). Por exemplo, 2% dos entrevistados (14 pessoas) já trabalharam na usina Japungu e 1,57% (11 pessoas) foram trabalhadores do Grupo Una. Em seguida, a usina Miriri com 1,28% (9 pessoas).

O histórico de mobilidade de contratos de trabalhos temporários no corte da cana expressa as contradições sociais entre capital e trabalho, que, do ponto de vista da essencialidade do processo histórico, “na troca com o capital o trabalhador está em uma relação da circulação simples, portanto, não obtém riqueza, mas somente meios de subsistência, valores de uso para o consumo imediato” (MARX, 2011, p.253). Ou seja, esses trabalhadores asseguram as mínimas condições para manter-se diariamente.

Diante da pesquisa de campo que realizamos, teríamos vários exemplos para arguir sobre essa questão. Mas como não é possível fazer isso com todos os canavieiros, iremos apresentar apenas quatro arquétipos selecionados: A.F.N. já trabalhou na usina Miriri, Japungu e Santa Teresa; F.P.A., declarou que já trabalhou no Grupo Una e na Fazenda Rio Branco (cortando cana para fornecedor); L.A.S.: na usina Trapiche – PE, usina Salgado – PE, usina Energética – GO, Japungu, Santa Rita; S.T.F.: Japungu, Salgado e Grupo Una.

⁸² Um entrevistado já trabalhou cortando cana no estado de Goiás.

Quando acoplados os históricos contratuais dos quatro trabalhadores pudemos constatar uma realidade onipresente para grande parte da população inserida no corte da cana com residência no município de Cruz do Espírito Santo – PB; tais históricos, quando perpassado pelo número total de trabalhadores, não causaria estarrecimento nos demais dessa categoria profissional, tendo em vista que essa seria uma realidade comum à deles⁸³. Acrescenta-se a explicação dessa mobilidade à dinâmica comercial do agronegócio canavieiro, onde:

(...) o Brasil é o maior produtor de cana-de-açúcar com os menores custos de produção; [...] Segundo Macedo, a produção de cana-de-açúcar representa 2,2% do Produto Interno Bruto (PIB) nacional, fatura anualmente mais de US\$ 8 bilhões e gera cerca de um milhão de empregos diretos, sendo 400 mil somente em São Paulo (ABREU et. Al., 2011, p.51).

Seja nos período de ascensão ou de crise, a secular agricultura canavieira e seus derivados (açúcar, álcool, etanol) tem como baluarte a superexploração do trabalho, pressuposto da retroalimentação do padrão de acumulação de capital típico da periferia capitalista, em especial das sociedades latino-americanas, uma vez que:

Nessa relação entre países, a saída que as economias dependentes encontram é via ganhos de escala e superexploração do trabalho e dos recursos naturais, como compensação das desigualdades nas trocas. [...] Essa contradição no desenvolvimento do capitalismo na América Latina faz com que o trabalhador seja remunerado abaixo do valor da sua força de trabalho, ficando limitado na quantidade de bens necessários para a reprodução da sua subsistência, causando o seu atrofamento. Nesse sentido, a categoria superexploração merece sua centralidade nas análises sobre os países latino-americanos (RAMALHO e MOREIRA, 2013, p.59 – 60).

A mobilidade espacial dos trabalhadores em questão nas frentes de corte de cana-de-açúcar nos municípios que fazem limite territorial com Cruz do Espírito Santo, com ênfase na microrregião de Sapé, é sintomática para constatarmos a centralidade da superexploração do trabalho na dinâmica cotidiana de vida⁸⁴ das populações latino-americanas – debateremos detalhadamente esse assunto no item seguinte.

Dos dezesseis entrevistados na zona rural, quinze (2,14% do total dos canavieiros residentes no município) estiveram em frentes de corte dentro dos limites territoriais de Cruz do Espírito Santo, dos quais cinco são do Assentamento Dona Helena (0,71%), quatro do Sítio Entroncamento (0,57%) e seis do Sítio Jaques, (0,85%).

⁸³Vejam: isso para grande parte da população canavieira, pois no caso do público entrevistado no Sítio Entroncamento nenhum dos quatro entrevistados tiveram relação contratual com outras usinas a não ser com a São João.

⁸⁴No capítulo quatro iremos demonstrar os impactos dessa categoria na saúde dos trabalhadores canavieiros.

O município de Santa Rita foi o segundo onde os canavieiros espírito-santenses mais entraram em frentes de corte: 14 em 2009, 15 em 2013 e 14 em 2013. A preponderância da agricultura canavieira na economia desse município é sentida pela absorção dessa mão-de-obra para trabalhar na usina São João e na destilaria Japungu, empresas localizadas nesse município.

Nas frentes de corte em Santa Rita, a variação no número de canavieiros espírito-santense residentes na zona rural foi pequena nas três safras. Numa ordem percentual e relacionada ao número total de canavieiros espírito-santenses eles representaram 2% nas safras de 2009 e 2013 e 2,14% na safra de 2011. Paisagens das frentes de corte da cana estão apresentadas nas fotografias 6 e 7.

Fotografia 10: Frente de corte na Fazenda São Felipe, município de C.E.S.



Autor: José de Nazaré Dantas Soares – novembro de 2013.

A fotografia 10 registra uma frente de corte composta por trabalhadores residentes no Conjunto Julia Paiva e Francisco Cunha, conforme nos informou um fiscal de campo. A fotografia foi tirada numa distância de pelo menos 700 metros, por conta dos riscos de represália por parte dos “capangas” da usina São João.

A fotografia 11 registra um trabalhador canavieiro noutro talhão de cana-de-açúcar também na Fazenda São Felipe, no respectivo município. A mesma foi produzida às 11 horas da manhã. A fotografia apresenta o ambiente de trabalho no qual os trabalhadores canavieiros se inserem cotidianamente, durante o período da safra.

Fotografia 11: trabalhador em frente de corte na fazenda São Felipe, Cruz do Esp. Santo.



Fonte: José Dantas, dezembro de 2013.

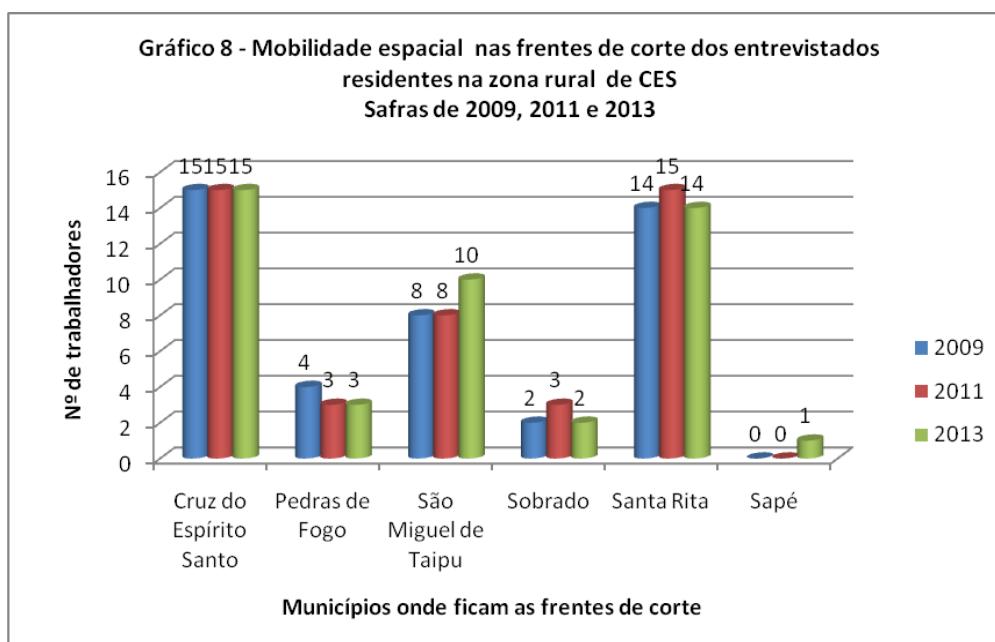
O discurso imagético das fotografias em questão revela um processo de trabalho extenuante, isso do ponto de vista objetivo ao subjetivo. Trabalhadores que “lutam” diariamente pela sua sobrevivência e a de suas famílias, no período da safra e da entressafra. Antagonistas de um capital particular (sucroalcooleiro) que se valeu e ainda se vale de uma pobreza social legatária da irresolução da questão agrária, tal qual é pertinente na reprodução das relações sociais de produção, ou seja, na forma como se organiza o espaço geográfico municipal.

A relação entre a questão social⁸⁵ e a questão agrária nunca estiveram tão presentes no conjunto da classe trabalhadora municipal do que nesses setecentos canavieiros. “De par com a questão fundiária (latifúndio produtivo e improdutivo), o baixo dinamismo do mercado de trabalho e da economia regional nas localidades predominantemente rurais, complementava o alicerce do monopólio mercantil da produção agrária” (Lima, p.126), centrando-se na primazia dos produtos agropecuários do setor sucroalcooleiro (nas mais variadas escalas que estão presentes).

⁸⁵ Crivada na relação capital x trabalho.

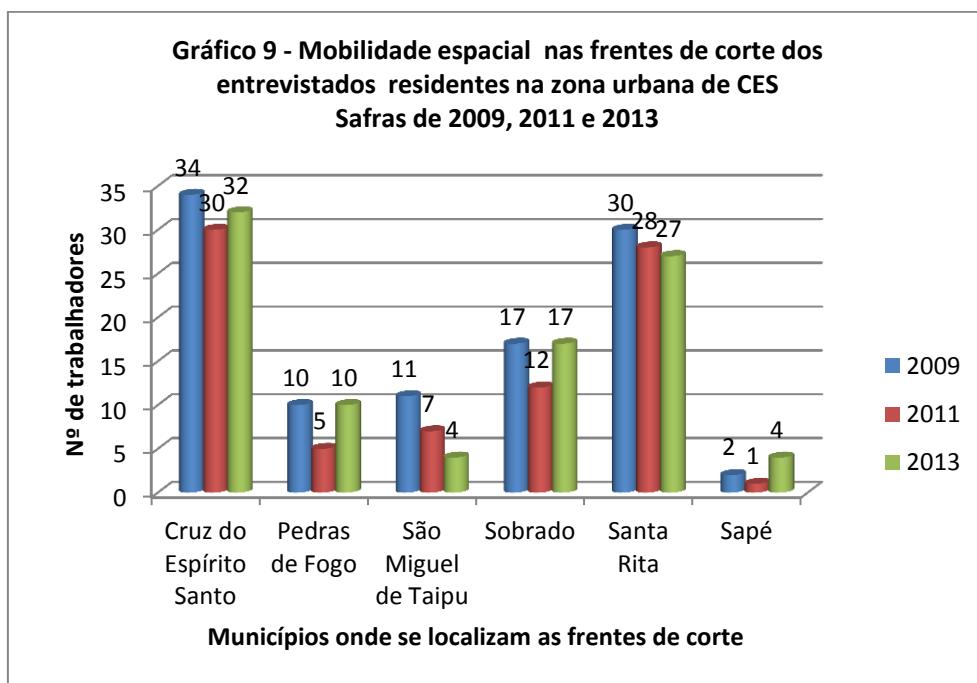
Ao interpretar o raciocínio de C. P. Junior, Rodnei de Oliveira Lima menciona a irrupção da irresolução da questão agrária nas relações burguesas, caracterizando a “formação sócioespacial” brasileira como não clássica, quase similar à via prussiana. Porventura, subquestões norteiam as temáticas fundamentais para analisar o nosso atípico “caso” nacional: a) o padrão fundiário de alta concentração, o qual força uma conformação da parte majoritária da população a viver fora das propriedades rurais e seu consequente assalariamento nos mercados de trabalho urbanos e agrários; b) o baixo dinamismo do mercado de trabalho local (aqui subentende-se as economias municipais de pequeno porte), o que nos faz compreender o “engessamento” dessa atividade laboral entre as gerações das famílias que os canavieiros pesquisados pertencem; c) a corroboração dos itens A e B sobre a economia regional nas localidades rurais ou rururbanas, funcionando, desse modo, como *feedback* na manutenção dos trabalhadores canavieiros enquanto tais: trabalhadores canavieiros.

Os entrevistados da zona rural apresentam certa constância no que tange às suas participações nas frentes de corte nos municípios canavieiros que fazem limite territorial com Cruz do Espírito Santo. De fato, como pode ser observado no Gráfico 8, há uma mobilidade espacial dos canavieiros residentes na zona rural nos períodos de safra principalmente para os municípios de Santa Rita, Sobrado, Pedras de Fogo e São Miguel de Taipu e mais fraca para o município de Sapé. Dentro de Cruz do Espírito Santo verifica-se também uma importante mobilidade dos trabalhadores da zona urbana em direção as frentes de corte na zona rural. Os dados expostos no gráfico confirmam uma restrição territorial da participação dos canavieiros de Cruz de Espírito Santo nas frentes de corte de cana-de-açúcar.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Os municípios onde trabalham os entrevistados residentes nas localidades urbanas nas frentes de corte são os mesmos dos trabalhadores moradores da zona rural (Gráficos 8 e 9). Observa-se também a importância do número de frentes de corte nos municípios que fazem limite com Cruz do Espírito Santo, e a escolha dos canavieiros espírito-santenses pelas mesmas.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo - primeiro semestre de 2014.

Deveras, o número de trabalhadores do corte da cana residentes nas localidades urbanas em frentes de corte perfaz o percurso dos trabalhadores moradores da zona rural, para dar conta dos fins logísticos de acumulação de capital, esse que se realiza mediante a apropriação do trabalho excedente dos canavieiros (e de tantos outros trabalhadores do setor agrário e industrial das empresas).

Tal logística pôde ser ratificada na interlocução com a cláusula vigésima da Convenção Coletiva de Trabalho dos cortadores de cana do estado da Paraíba para a safra 2013/2014: **Prioridade de contratação.** O paragrafo único da atinente cláusula complementa-a juridicamente da seguinte forma:

Durante a vigência da presente Convenção, a categoria econômica dará prioridade à contratação de jovens trabalhadores residentes no município onde fica situada a propriedade ou fundo agrícola do empregador. [...] A

prioridade a que se refere a *Caput*⁸⁶ é garantida à esposa ou companheira e filhos dos trabalhadores residentes no município ou fundo agrícola⁸⁷.

Essa é uma formidável contribuição jurídica para analisar a logística da mobilidade espacial do trabalho nessa relação antagônica com o agronegócio sucroalcooleiro mesorregional, o qual está presente territorialmente em Cruz do Espírito através das propriedades rurais da usina São João, que hoje contabilizam três fazendas (São Felipe, Espírito Santo, Munguengue), e da usina Miriri, proprietária da Fazenda Santa Luzia.

De antemão, no caso do município de Santa Rita o setor sucroalcooleiro tem quatro agroindústrias (Usinas Santa Rita, São João e Destilarias Japungu e Miriri) e inúmeras propriedades rurais, distribuídas nos seus 726km² de extensão territorial. Deste modo, a cláusula é uma “tentativa” de restrição do mercado de trabalho agrícola sobre uma porção da superfície territorial paraibana, inferindo, assim, nas leis da oferta e da procura, ou, metaforicamente, causando um pequeno “ferimento” na “mão invisível do mercado”.

Inferi essa restrição porque, do ponto de vista do direito econômico, os trabalhadores canavieiros da mesorregião onde este setor está inserido deve primeiramente contratá-los, não oportunizando uma migração de trabalhadores para o corte da cana oriundos de outras mesorregiões do estado, como foi realizado em décadas passadas⁸⁸.

É indiscutível a influência do setor sucroalcooleiro sobre as economias municipais da microrregião de Sapé, uma vez que ele configura um mercado de trabalho vantajoso para os seus fins lucrativos, visto que nesses municípios esse setor econômico é um polo de atração de uma mão-de-obra de baixo custo. Apresentamos essa assertiva tendo como caso concreto os municípios de Cruz do Espírito Santo e Santa Rita, onde o número de trabalhadores é expressivo noutras atividades dentro das usinas São João e Japungu.

A mobilidade espacial do trabalho por parte dos canavieiros de Cruz do Espírito Santo é intensa sobre a área territorial da mesorregião da Mata Paraibana, em especial dos municípios limítrofes, ou de fronteira, e significativa noutras microrregiões que compõem a Mesorregião da Mata Paraibana. Constatou-se no trabalho de campo que 10 canavieiros do município estudado estiveram em frentes de corte no município de Lucena na safra 2013/2014.

⁸⁶ **Caput** é um termo em latim, utilizado em textos legislativos para se referir ao enunciado do artigo.

⁸⁷ Convenção Coletiva de Trabalho 2013/2014. Número de Registro no TEM: PB000089/2014. Número do processo: 46224. 000515/2014-90.

⁸⁸ No período áureo do Proálcool até a primeira metade dos anos de 1990, as empresas e os proprietários de terra plantadores de cana da mesorregião preferiam buscar trabalhadores de fora em virtude da ação sindical regional ser bastante forte.

Mesmo assim, se o contingente pesquisado é ilustrativo para um estudo de escala de análise mais ampliada (mesorregião, por exemplo), constataremos que a cláusula vigésima da Convenção Coletiva dos canavieiros é um dos determinantes para a mobilidade em frentes de corte tanto para os canavieiros que moram em comunidades rurais (primeiramente para a população residente nas áreas de fazendas) quanto em comunidades urbanas.

Pudemos verificar que significativa parte desses trabalhadores vieram de propriedades rurais sob o domínio jurídico e econômico de tais usinas, onde isso conta muito ao selecionar tais trabalhadores para efetivação de contrato de safra, grifando, consequentemente, o mercado de trabalho dessa região.

No que tange à mobilidade espacial dos trabalhadores canavieiros espírito-santenses compete destacar o percentual dos entrevistados que declararam que estiveram em frentes de corte no município de Sobrado, (2,42% nas safras 2009 e 2013 e 1,71% na safra 2011). Os trabalhadores do Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha foram majoritários nesse item, visto que doze dos vinte canavieiros entrevistados nessa localidade estiveram em frentes de corte no respectivo município na safra 2009, 10 na safra 2011 e 11 na safra 2013.

As tabelas abaixo oferecem um panorama da dinâmica da agricultura canavieira nos municípios que tais trabalhadores entraram em frentes de corte, e em especial no município que eles residem nas safras 2009 e 2011. O fato do IBGE não ter divulgado ainda os dados da produção canavieira do ano de 2013, nos impediu de fazer uma comparação entre os dados coletados *in loco* sobre a mobilidade do trabalho e a dinâmica dessa monocultura.

Desse modo, esse procedimento analítico foi restringido às safras 2009 e 2011, as quais já estão disponibilizadas no site desse instituto. Cabe destacar a nossa não utilização dos dados da safra 2012: não optamos pelos dados e debate da respectiva safra por conta do tópico 1.2 do questionário aplicado com os canavieiros em trabalho de campo (Mobilidade espacial da força de trabalho, histórico dos locais de trabalho e histórico de procedência contratual com as usinas.) restringir-se as safras 2009, 2011, 2013.

Tabela 2: Dinâmica da agricultura canavieira em C.E.S. e nos municípios que fazem limite territorial com o mesmo em 2009.

Município	Área territorial municipal (ha)	Área plantada com cana (ha) em 2009	Área colhida (ha) em 2009	Percentual da área colhida em 2009	Índice de produtividade em toneladas por hectare em 2009	Quant. Produzida em 2009
Cruz do Esp. Santo	19.500	6.500	6.500	33%	60 t/ha	390.000 t
Sapé	31.600	10.000	10.000	31,7%	45 t/ha	450.000 t

Pedras de Fogo	40.100	29.500	29.500	73,5%	60 t/ha	1.770.000 t
S.M.T.	9.300	200	200	2,1%	50 t/há	10.000 t
Sobrado	6.300	600	600	9,5%	40 t/há	24.000 t
Santa Rita	72.600	13.875	13.875	19,1%	50 t/há	693.750 t

Fonte: IBGE.

Tabela 3: Dinâmica da agricultura canavieira em C.E.S. e nos municípios que fazem limite territorial com o mesmo em 2011.

Município	Área territorial municipal (ha)	Área plantada com cana (ha) em 2011	Área colhida (ha) em 2011	Percentual da área colhida em 2011	Índice de produtividade em toneladas por hectare em 2011	Quant. Produzida em 2011
Cruz do Esp. Santo	19.500	6.500	6.500	33%	60 t/ha	390.000 t
Sapé	31.600	10.000	10.000	31,7%	45 t/ha	450.000 t
Pedras de Fogo	40.100	25.000	25.000	62,3%	65 t/ha	1.625.000 t
São Miguel de Taipu	9.300	200	200	2,1%	55 t/ha	11.000 t
Sobrado	6.300	400	400	6,3%	45 t/ha	18.000 t
Santa Rita	72.600	13.800	13.800	19%	50 t/ha	690.000 t

Fonte: IBGE.

Tendo em vista que todos os entrevistados ativos entre 2007 e 2013 estiveram em frentes de corte em Cruz do Espírito Santo, elaboramos um hipotético panorama que leve em conta a interlocução entre o maior índice médio de produtividade dos trabalhadores canavieiros da zona urbana e da zona rural espírito-santense com o índice de produtividade por hectare no respectivo município, de acordo com a tabela referente à safra 2011.

Ao passo que entrecruzamos tais dados, teremos resultados quantitativos que se colocam na contracorrente do índice médio de produtividade diário dos trabalhadores entre as regiões brasileiras, como, por exemplo, o Nordeste (representado nessa escala espacial que elaboramos o estudo de caso) e o Sudeste do Brasil, com um amplo material bibliográfico no qual o índice médio de produtividade diário do canavieiro é superior (8 toneladas). Novaes (2009, p. 107-108) caracteriza em alto grau de análise a diferença regional no índice de produtividade diário de um cortador de cana **nordestino** migrante na *labuta* nos canaviais paulista:

Esses trabalhadores são submetidos às rígidas disciplinas de trabalho estabelecidas pelas usinas para atingir as metas de produção nos canaviais. Submetidos às novas formas de gestão e organização do trabalho, esses jovens se subordinam à lógica da eficiência e da produtividade. São

superexplorados na produção. Precisam cortar, no mínimo, 10 toneladas de cana/dia, para manterem-se empregados. Na safra de 2008 pagou-se pela tonelada da cana cortada em torno de R\$ 3,00. Esse preço permite uma diária de R\$ 30,00, cortando 10 toneladas de cana por dia. Com esse ganho, os trabalhadores não conseguem cumprir seus compromissos (alojamento, passagens, alimentação, luz, água, remédios), enviar dinheiro para os que ficaram e realizar seus sonhos de consumo. Daí a necessidade de intensificar o ritmo de trabalho: cortar entre 15 e 20 toneladas de cana/dia, ser um campeão de produtividade (NOVAES, 2009, p.108).

Na zona rural do município onde está localizado nosso objeto de estudo, sete pessoas (14% da amostra) cortavam numa média de sete toneladas por dia. Dentro dessa classificação, em uma semana um entrevistado provavelmente teria produzido 42 toneladas, 168 toneladas mensalmente, 1008 toneladas por safra (de seis meses), 20160 toneladas se ele tiver trabalhado por 20 safras, ou se trabalhar.

Na zona urbana, 11 pessoas responderam que produzem diariamente 6 toneladas de cana-de-açúcar. Neste caso – fazendo o mesmo trajeto técnico-expositivo da zona rural – um trabalhador com este índice de produtividade teria cortado 36 toneladas em seis dias, em quatro semanas 144 toneladas, numa safra de seis meses 864, em 20 safras 17.280 toneladas.

Porém, 10 entrevistados das comunidades urbanas do município em questão responderam que cortam 8 toneladas diariamente, durante o período da safra. Desse modo, um informante, por exemplo, cortaria em seis dias 48 toneladas, em um mês 192 toneladas, numa safra de seis meses 1.152 toneladas, que supostamente em vinte anos de trabalho no corte da cana teria produzido 20.040 toneladas. Somando os prováveis 20 anos de cada entrevistado na labuta da cana-de-açúcar (ou se já trabalhou ou se vai trabalhar), teríamos um total de 40.800 toneladas produzidas, para os entrevistados que responderam oito toneladas diariamente. Este total por pessoa nessa classificação induz a uma probabilidade muito interessante, pois permite compreender o consumo da força de trabalho canavieiro por parte do capital sucroalcooleiro durante vinte anos, uma vez que essas dez pessoas tem a capacidade de produzir 408.800 toneladas de cana.

A tabela 4 projeta a perspectiva de tempo de trabalho dos canavieiros espírito-santenses pesquisados em trabalho de campo. A projeção de produção em vinte anos e levando em consideração um índice médio de corte de 8 toneladas por dia, declarado por dez entrevistados das comunidades urbanas é um protótipo exequível para termos uma noção quantitativa das pretensões de utilização de sua força-de-trabalho no corte de cana, conforme as informações concedidas pelos mesmos.

Tabela 4: Cruz do espírito Santo- Perspectiva de tempo de trabalho futuro no corte da cana por número de canavieiros entrevistados nas zonas rural e urbana, em comparação com o total de canavieiros cadastrados no STTRCES em 2013.

Perspectiva de tempo de trabalho no corte da cana em anos	5 anos	10 anos	20 anos	30 anos
Zona Rural	4 pessoas	6 pessoas	4 pessoas	0 pessoa
Zona Urbana	10 pessoas	12 pessoas	3 pessoas	3 pessoas
Total Z.R. e Z.U. por classificação em percentual	2% do público total de C.E.S.	2,57% do público total de C.E.S.	1 % do público total de C.E.S.	0,42% do público total de C.E.S.

Fonte: José Dantas. Trabalho de campo - 2014.

Nas suas afirmações, os respectivos trabalhadores não estão declarando suas projeções na labuta no canavial apenas. Mesmo sem saber, eles declararam o tempo médio de consumo da sua força-de-trabalho “alugada” ao capital sucroalcooleiro, ou seja, o tempo que eles ainda suportam nesse trabalho árduo e extenuante, sobre temperaturas maiores que a média normal (na região canavieira) em qualquer outro lugar que não seja nos talhões de cana, sobre sensações térmicas que aumentam drasticamente por conta dos EPIs.

Em “*Gênese e Estrutura de O capital de Karl Marx*”, Roman Rodolsky expressa os pressupostos fundamentais da relação capital x trabalho sob o modo de produção capitalista, os quais são fundamentais para compreender a estrutura e a dinâmica social em que os canavieiros pesquisados estão inseridos:

É preciso especificar o valor de uso cujo consumo deve revelar-se ao mesmo tempo como produção de valor e mais-valia. O capital é, por natureza, um valor que “cria mais-valia”. Logo, diante dele, só pode sustentar-se “como valor de uso, isto é, como algo útil, [...] aquilo que o multiplica, que o reproduz, e que portanto o conserva;” [...] O único intercâmbio que permite ao dinheiro transformar-se em capital é o que estabelece o possuidor do dinheiro com o possuidor da capacidade viva de trabalho, isto é, o trabalhador. Nesse sentido, pode-se definir o trabalho vivo como o valor de uso do capital, como o “verdadeiro não capital” que se opõe ao capital como tal (RODOLSKY, 2013, p.168 –169)

Através da divisão territorial do município (zona rural e urbana), os trabalhadores canavieiros espírito-santenses – o “não capital”, enquanto caso concreto – nos abona outra constatação quantitativa de um cotidiano que diariamente os consome, comprovando a atestação da superexploração do trabalho nas frentes de corte da cana-de-açúcar.

Tecnicamente, mensuramos esse consumo ao entrecruzarmos a quantidade total produzida diariamente pelos entrevistados residentes na zona rural e urbana, pela média de produtividade por hectares em Cruz do Espírito Santo, uma vez que ele proporciona uma

projeção analítica sobre a extensão que o trabalhador tem de percorrer para fazer as médias de produtividade que declaram.

Com base na safra 2013/2014 e em informações relativas a 7,14% dos canavieiros residentes no município (publico da nossa amostragem nessa pesquisa), verificamos o seguinte: a quantidade de cana produzida pelos entrevistados nas comunidades rurais diariamente foi da ordem de 95 toneladas na zona rural e de 203 toneladas pelos entrevistados residentes nas localidades urbanas, o que, conjuntamente, totalizam 298 t por dia e 42.912 t numa safra de 6 seis meses.

Diante desse prognóstico, pudemos obter a seguinte informação: quando aplicado esses dados levantados no parágrafo anterior ao município que eles residem, temos uma constatação formidável da dinâmica de consumo da força de trabalho pelo capital sucroalcooleiro mesorregional sobre a área da lavoura canavieira de Cruz do Esp. Santo, medida em hectare.

Se tomarmos como referência o índice de produtividade por hectare municipal (60 t/ha), constatado nas safras de 2009 e 2011 (IBGE, 2014), os cinquenta canavieiros entrevistados cortariam, em média⁸⁹, cinco hectares por dia de safra trabalhada, 30 ha semanalmente (seis dias de trabalho por um de folga), 120 ha por mês, alcançando numa safra de seis meses 720 hectares, o que corresponde a 11% do território municipal destinado à lavoura canavieira. Em suma, 12 turmas compostas por 50 canavieiros (600 pessoas) cortariam a área agrícola com cana-de-açúcar no município em questão, tendo por base a safra 2011/2012.

Se fizermos uma projeção da extensão territorial percorrida pelos canavieiros da zona urbana que informaram que cortam seis toneladas diariamente (11 pessoas), eles teriam percorrido em um dia de trabalho em Cruz do Espírito Santo (com média de 60 t/ha) uma média de 1 hectare (66 toneladas produzidas, número exato), 6 hectares em uma semana (0,090% do território destinado a essa atividade agrícola), 12 hectares quinzenalmente (0,18%), 24ha mensalmente (0,36% do território agricultável), 144ha numa safra de seis meses (2,21%).

A partir dos aspectos quantitativos obtidos em trabalho de campo e, também, ao fazermos as projeções até agora realizada, é que pudemos demonstrar a indissociável relação entre a questão agrária e a questão agrícola, “faces de uma mesa moeda”. A assertiva abaixo ratifica, qualitativamente, essa vinculação entre tais “questões”:

⁸⁹Em média, por conta de várias questões que eleva ou diminui o índice de produtividade, tais como topografia, fertilidade do solo, por exemplo.

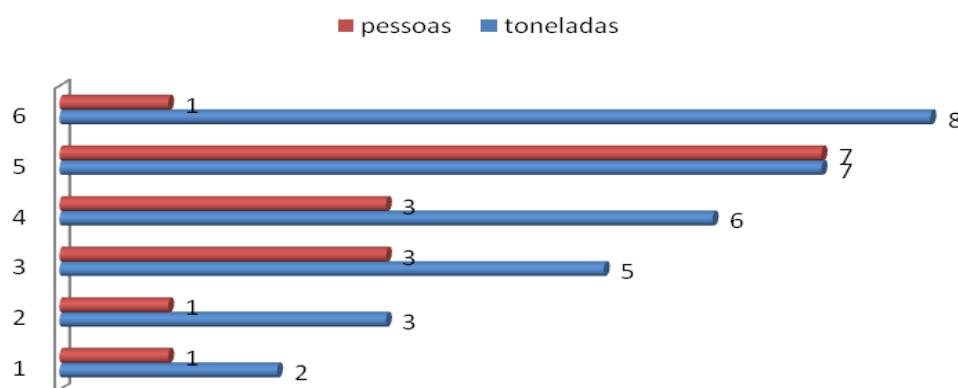
Em poucas palavras, a questão agrícola diz respeito aos aspectos ligados às mudanças na produção em si mesma: o que se produz, onde se produz e quanto se produz. Já a questão agrária está ligada às transformações nas relações de produção: como se produz, de que forma se produz. No equacionamento da questão agrícola as variáveis importantes são as quantidades e os preços dos bens produzidos. Os principais indicadores da questão agrária são outros: a maneira como se organiza o trabalho e a produção; o nível de renda e emprego dos trabalhadores rurais; a produtividade das pessoas ocupadas no campo (COBÉRIO, 2011,p.1 apud SILVA, 1983, p.11).

Qualquer que seja a conjuntura da questão agrária, ela sempre terá implicações sobre a dinâmica agrícola nas mais variadas latitudes do espaço geográfico brasileiro – o contrário também é recíproco. A interação entre elas impõe contextos históricos aos cortadores de cana espírito-santenses, como, por exemplo, o contexto do Proálcool e da retomada da energia renovável, com base na produção do etanol de cana-de-açúcar.

Os gráficos seguintes ilustram com maior precisão a dinâmica dos trabalhadores em tela sobre o debate explicitado na citação supramencionada. Por outro lado, as fotografias de trabalho de campo demonstram as noções básicas desses números que obtivemos, fazendo uma espécie de intermédio entre o imagético, a análise qualitativa e quantitativa sobre o estado da arte de tais trabalhadores.

Optamos por blocar os gráficos com as fotografias 12, 13, 14 e 15 em virtude da forma como elaboramos a redação do texto neste momento final do item, uma vez que os mesmos são uma síntese quantitativa e imagética da nossa análise sobre as condições de trabalho dos cortadores de cana safristas residentes no município de Cruz do Espírito Santo – PB.

Gráfico 10: Toneladas cortadas diariamente por número de pessoas (trabalhadores) da zona rural na safra 2013/2014.



Fonte: José de Nazaré Dantas Soares. Trabalho de campo - primeiro semestre de 2014.

Fotografia 12: Frente de corte na Fazenda São Felipe.

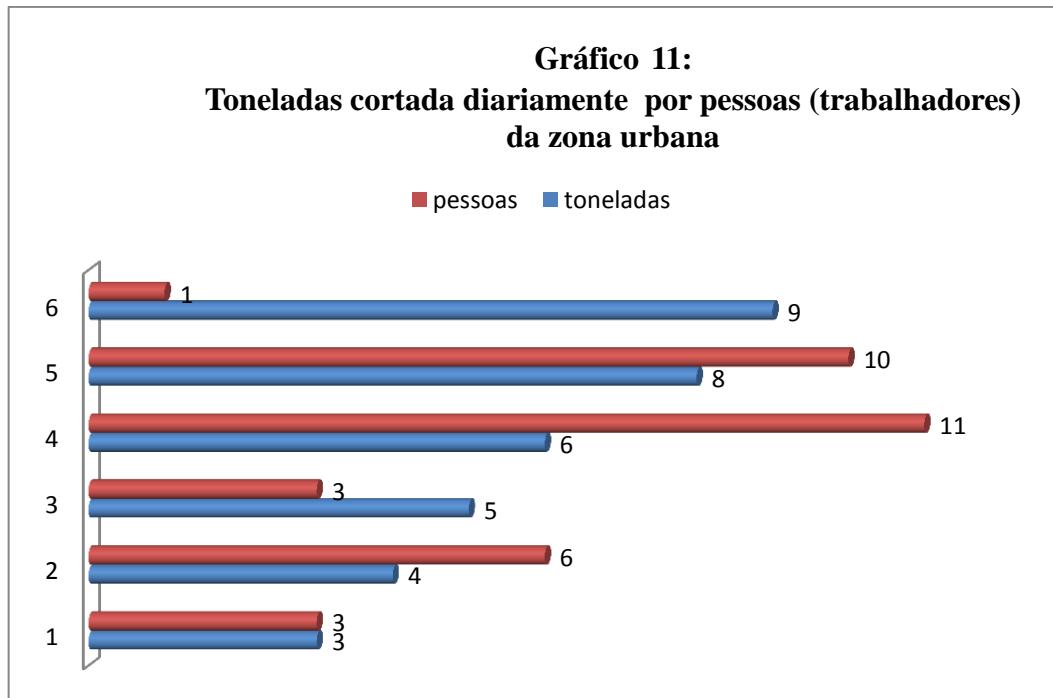


Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo no primeiro semestre de 2014

Fotografia 13: Frente de corte na Fazenda São Felipe.



Fonte: José de Nazaré Dantas Soares, abril de 2014.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Fotografia 14: frente de corte na Fazenda São Felipe.



Fonte: José de N. D. Soares. Abril de 2014

Fotografia 15: Frente de corte na Fazenda São Felipe.



Fonte: José de N. D. Soares, maio de 2014.

As frentes de corte de cana-de-açúcar em Cruz do Espírito Santo inserem trabalhadores dos diversos municípios canavieiros do estado da Paraíba. Porém, os canavieiros expostos nas imagens são residentes da fazenda São Felipe, fazenda Espírito Santo e dos Assentamentos Massangana I e II.

A jornada de trabalho sempre foi um indicativo balizador da justiça e injustiça laboral – na agricultura canavieira capitalista, sempre foi e sempre será da injustiça. Nos canaviais, a injustiça laboral se revela por meios legais⁹⁰, até porque, no seu aspecto econômico, isso se representa através da apropriação do trabalho excedente, do rebaixamento ou estagnação do poder de consumo e, sobretudo, da perspectiva do tempo de trabalho total.

Nas frentes de corte de cana-de-açúcar, ao consorciarmos esses três indicadores pudemos afirmar que o tempo de *labor* acarreta uma corrosão dramática dos trabalhadores, onde alguns apresentam características físicas que apontam essa questão, como, por exemplo, o envelhecimento precoce e a inatividade de trabalhadores em idades produtivas⁹¹.

Desse modo, a tese dos teóricos marxistas da dependência ratifica a essência da particularidade do capitalismo latino-americano, o qual se territorializou nos pequenos

⁹⁰ Até porque o direito deve ser submetido à lógica do capital, legitimando-o sobre o solo pátrio.

⁹¹ Sobre esse assunto, analisaremos detalhadamente no terceiro capítulo.

municípios canavieiros da microrregião de Sapé: a superexploração do trabalho. Em termos gerais, “a superexploração remete a uma forma de exploração em que **não se respeita**⁹² o valor da força-de-trabalho” (OSORIO, 2009, p. 29); num tipo de exploração que não se realiza apenas na esfera da produção, mas na esfera da circulação e do consumo do trabalhador. Por ventura, tais esferas estão permanentemente coesas, retroalimentando-se. Sendo assim:

A ampliação da lucratividade ocorre fundamentalmente na expropriação da força de trabalho, à qual não se garante nem mesmo o pagamento de seu próprio valor, quanto mais dos valores que ela produz. Resulta em um esgotamento prematuro do trabalhador, já que não ocorre a reposição de seu desgaste, possibilitando transferências da mais-valia produzida na América Latina para os países centrais. Essa superexploração do trabalho, que causa o desgaste (RAMALHO, 2013, p.60).

A citação atesta nossa assertiva sobre o antagonista do trabalho, o capital, o qual se nutre de uma ampliação exorbitante dos lucros obtidos com a mais-valia e, para o caso dos países de capitalismo dependente, da apropriação do fundo de consumo do trabalhador. Isso através da estagnação ou rebaixamento dos salários a um nível inferior ao valor adequado a sua reprodução “assegurada” dentro da normalidade física e social.

Dentro de uma concorrência inter-capilista no mercado mundial, os meios encontrados pelo capitalismo periférico para equiparar suas perdas na taxa média global de lucros dá-se via superexploração do trabalho. É factível que esse tipo de exploração comprometa, conforme a citação, a seguridade do padrão físico normal de trabalho, seja pela falta ou inadequação dos nutrientes responsáveis por essa seguridade, seja por jornadas de trabalhos estafantes, ou pela conjugação dos três fatores (falta e inadequação dos nutrientes básicos, mais jornada estafante), como o verificado em trabalho de campo com os cortadores de cana espírito-santense. Mais factível ainda é o inerme poder de consumo dos canavieiros e como ele incide na saúde de tais trabalhadores⁹³. Conforme Tejada, Jacinto e Santos (2008, p. 3):

⁹²Grifo meu!

⁹³Estudos de Sachs (2002), Weil (2005) e Sala-i-Martin (2005), têm evidenciado que não é uma coincidência os lugares pobres também apresentarem uma população com saúde precária. “Essa relação entre saúde e pobreza é tratada na literatura como sendo possivelmente bi-causal, uma vez que um baixo nível de renda causa saúde precária e, essa, por sua vez, tende a causar um baixo nível de renda. Assim, cria-se um círculo vicioso, constituindo a chamada armadilha saúde-pobreza.[...] Ao considerarmos o fato de que o Brasil ainda apresenta níveis elevados de pobreza e saúde precária, principalmente nos estados das regiões Norte e Nordeste, e que essa relação pode criar um círculo vicioso, é imprescindível a orientação e formulação de políticas públicas para redução da pobreza com enfoque também na saúde e escolaridade, elementos que são vistos com grande

A pobreza afeta a saúde através de diferentes canais. As principais formas são: 1ª.) Os pobres (e os países pobres) não têm recursos materiais nem o dinheiro necessário para adquirir bens e serviços de saúde tais como: consultas médicas, medicamentos, e planos de saúde, etc. Assim, eles não têm condições de dispor de exames preventivos, e muitas vezes quando diagnosticada uma doença não têm acesso ao tratamento necessário. E em alguns casos os pobres não conseguem nem adquirir bens básicos como alimentação. Logo, é mais provável que pessoas pobres tenham saúde precária, sejam desnutridos, com uma insuficiente ingestão protéico-calórica, e como um resultado sejam imunodeficientes e vulneráveis a doenças infecciosas.

A consorciação entre intensificação e extensão da jornada de trabalho acarreta uma irrefreável dinâmica de diminuição do poder de consumo do trabalhador, do seu tempo de vida útil e do tempo de vida total no “mundo dos homens” (LESSA, 2006). Na fotografia 14, a paisagem fixa e móvel atesta o que estamos colocando.

Fotografia 16: Casa de um trabalhador canavieiro da zona urbana de C.E.S.



Fonte: José de N. D. Sorares. Trabalho de campo - primeiro semestre de 2014

Ao visitar cada casa dos trabalhadores canavieiros, a situação resultante da superexploração era extremamente perceptível. Esse processo social foi visível em seus “rostos”, nos dos seus familiares, em seus amigos (como o senhor de calça e camisa “social” que está ao lado do canavieiro), nas suas casas, nas ruas em que residem, no bairro em que a

importância para aumentos de produtividade e determinantes de crescimento econômico de longo prazo. Ou seja, é necessário atacar os problemas da saúde precária e da pobreza simultaneamente” (TEJADA et. al, 2008, p.18).

respectiva rua está localizada, na latitude onde se encontra o município, no continente que se encontra tal município, no rosto de crianças e mulheres que estavam conversando numa noite de março em que desenvolvíamos nosso trabalho de campo. Em síntese, a superexploração do trabalho não se restringe eminentemente a relação laboral, desempenhada, neste caso, nas frentes de corte de cana-de-açúcar pelos entrevistados.

Essa “violação da força de trabalho” (OSORIO, 2009) pôde ser constatada, igualmente, nas paisagens apresentadas em cada uma das comunidades rurais e urbanas que aplicamos questionários e, subsequentemente, na sua teorização⁹⁴. Na íntegra, Jaime Osorio (2009, p.175) aponta os pressupostos dessa categoria de análise:

A superexploração remete a uma forma de exploração em quem não se respeita o valor da força de trabalho. E isso pode se dar, {como vimos}⁹⁵, de maneira direta sobre o seu valor diário, via apropriação de salários. Ou então, de maneira indireta, via prolongamento ou intensificação da jornada do trabalho, que, ainda quando venham acompanhadas de aumentos salariais, acabam afetando o valor total da força de trabalho e, por intermédio disso, o seu valor diário.

Quanto à jornada de trabalho dos canavieiros espírito-santenses, observamos um tempo de trabalho que extrapola, e muito, o período “legal” estabelecido pela Consolidação das Leis de Trabalho (CLT) brasileira, a qual consta no capítulo II (Da duração do trabalho), seção II (Da Jornada de Trabalho), artigo 58, que outorga a seguinte questão: “A duração normal do trabalho, para os empregados em qualquer atividade privada, não excederá de 8 (oito) horas diárias, desde que não seja fixado expressamente outro limite.

Sucintamente, cabe apresentar um preceito trabalhista que consta no inciso⁹⁶ dois do artigo cinquenta e oito, que já era para estar em voga desde 2001 com o objetivo de compensar o translado de casa para as frentes de corte e desta, novamente, para casa, pois é raro os locais de trabalho que não possuem difícil acesso.

Esse preceito jurisprudencial intitula-se horas “*in itinere*⁹⁷” (TEIXEIRA FONTES ADVOGADOS ASSOCIADOS, 2011) e só foi inclusa na redação da última Reunião da

⁹⁴Teorização, aqui, é no sentido eminentemente marxiano: reprodução do real no intelecto.

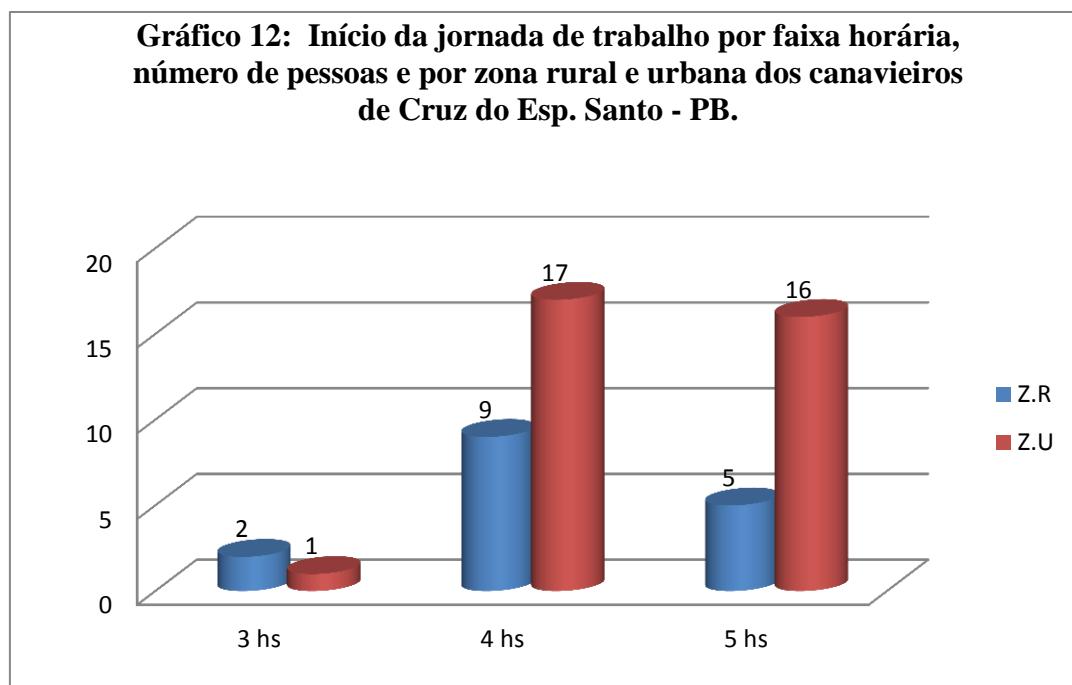
⁹⁵ Palavras nossas

⁹⁶§ 2º O tempo despendido pelo empregado até o local de trabalho e para o seu retorno, por qualquer meio de transporte, não será computado na jornada de trabalho, salvo quando, tratando-se de local de difícil acesso ou não servido por transporte público, o empregador fornecer a condução. (Parágrafo incluído pela Lei nº 10.243, de 19.6.2001). Fonte: <http://www.fortes.adv.br/pt-BR/conteudo/artigos-e-noticias/138/horas-in-itinere-quando-ocorrem-e-como-se-caracterizam.aspx>

⁹⁷As horas “*in itinere*” são horas extras; porém não são aquelas prestadas no local de trabalho. Este tipo de hora extra se caracteriza no trajeto do empregado quando se desloca de sua residência ao trabalho e vice e versa. Já quando o empregador fornece o transporte porque não existe transporte na região para que o empregado consiga chegar ao trabalho ou voltar a sua residência, será caracterizado o tempo gasto pelo empregado do trajeto de ida e volta do trabalho como horas “*in itinere*”. Foi instituído legalmente esse direito na Consolidação das Leis do

Convenção Coletiva dos trabalhadores canavieiros do estado Paraíba para a safra 2013/2014. Grosso modo, todos os entrevistados não receberam, ainda, esta gratificação garantida por lei. E mais, ela foi o ponto de pauta de maior duração de debate no respectivo dissídio coletivo.

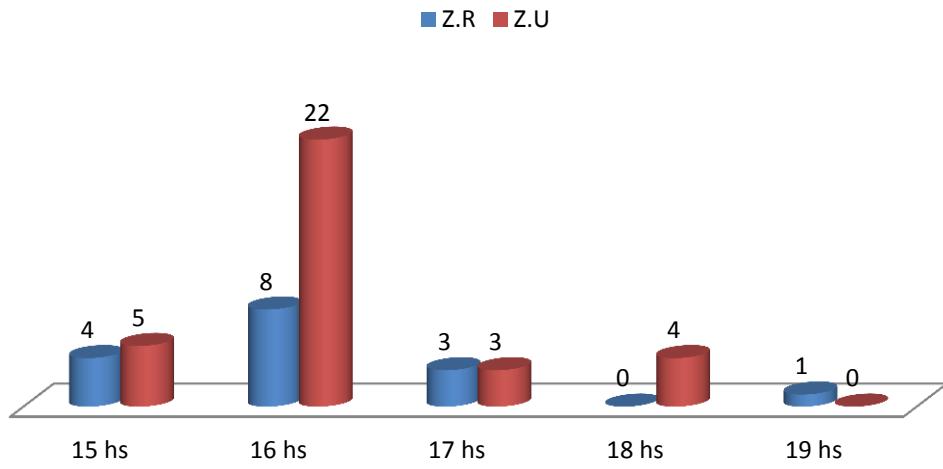
Deste modo, os gráficos 12 e 13 e sua discussão colocam-se na contracorrente do debate que naturaliza as relações sociais capitalistas, como se elas fossem o protótipo mais perfeito de sociabilidade humana, pois recebe da jurisprudência a permissão “legal” para ser lograda em qualquer espaço geográfico, desconsiderando as suas particularidades. Isso, inclusive, no caso analisado na presente pesquisa, pois constatamos que se teve uma extensão de tempo de percurso que deve ser contabilizado dentro da jornada de trabalho na forma de gratificação.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestres de 2014.

Trabalho, quando o artigo 58, parágrafo 2º foi alterado pela lei 10.243 de 19/06/2001. Fonte: <http://www.fortes.adv.br/pt-BR/conteudo/artigos-e-noticias/138/horas-in-itinere-quando-ocorrem-e-como-se-caracterizam.aspx>

Gráfico 13: Termo da jornada de trabalho por faixa horária, número de pessoas e por divisão territorial (zona rural e urbana) dos canavieiros residentes em Cruz do Esp. Santo.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestres de 2014.

A violação, nesse caso, “acontece de maneira indireta” (OSORIO, 2009), sendo ela um dos artefatos de extração e apropriação do trabalho no corte da cana e que, consequentemente, infringe as condições básicas do valor da força de trabalho. E essa violação toma ainda mais expressão quando ressaltamos as colocações do trabalhador canavieiro L.A.S., o qual afirmou que o prêmio recebido pelo maior índice de produtividade varia de acordo com as empresas (no caso da usina Miriri é de 7,5 toneladas diárias).

Segundo ele, o seu irmão ganhou o “**facão de ouro**” pela maior produtividade do mês, recebendo 50 cestas básicas. Porém, tinha dia que ao término do trabalho não conseguia andar, tendo que ser levado pelos companheiros até o ônibus, de tão cansado que estava. Segundo o respectivo entrevistado, outro cortador de cana ganhou uma geladeira como premiação pela maior produtividade do mês; hoje esse trabalhador tem problemas de saúde que o deixaram muito cedo dependente de uma cadeira de roda.

Na cotidianidade do *labor* do irmão do canavieiro entrevistado e do companheiro de trabalho que ganhou o prêmio de campeão de produtividade mensal tornam-se evidentes as artemanhas que o capital utiliza para se apropriar do trabalho excedente na periferia do capitalismo. Em torno desse debate Gandássegui (2009) faz as seguintes considerações:

A produção latino-americana não depende, para a sua realização, da capacidade interna de consumo. Assim, se dá, a partir do ponto de vista do

país dependente, a separação dos dois momentos fundamentais do ciclo do capital – a produção e circulação de mercadorias –, cujo efeito é fazer com que apareça de maneira específica na economia latino-americana a contradição inerente à produção capitalista em geral, quer dizer, a que opõe o capital ao trabalhador enquanto vendedor e comprador de mercadorias (GANDÁSSEGÜI, 2009, p.274 apud MARINI, 1973, p.50).

Na jornada de trabalho (início e término) há uma trama de relações de interesses antagônicos, uma vez que, por exemplo, os trabalhadores canavieiros adentram nas frentes de corte para obter o salário a fim de manter suas condições materiais asseguradas; e o capital sucroalcooleiro os insere na agricultura canavieira com o intuito de apropriar-se do trabalho excedente (mais-valia). Um caso cotidiano que representa tais interesses, pôde ser evidenciado a partir do depoimento obtido em entrevista aberta com um trabalhador canavieiro residente no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha, em maio de 2014:

Essa usina esse ano [refere-se à Usina São João] parou mai de déi vêi. Sabe o que eles disseram [gerente de campo]: olhe, minino, a gente precisa de vocês, ela só moi por causa de vocêi. Então⁹⁸, vocêi num sabe que só moi por causa da gente, e por que num bota o dinheiro da gente direito? Olha, quando ele bota, tem caba que ganha bem pouquim, tira quatro tonelada, trê e meia por dia (a tonelada é sete real?), quando fô na quizena o caba ganha quanto? Se o caba ganhar trezentos conto, ganha muito, homi... O caba tem uma quizena “gorda” e uma quizena “maga”. A do dia 5 é gorda, a do dia 20 é maga; e a que sustenta é a gorda, até o final do mei (Sr. E.F.J., maio de 2014).

Diante do exposto na entrevista, tendo como “recorte” analítico o trabalhador canavieiro do município em pauta, cabe a nós dialogarmos com as ideias de Gandássegui (2009, p. 274), que assegura: “quanto maior for o desenvolvimento capitalista, maior será a superexploração do trabalhador na periferia e, em particular, do trabalhador latino-americano”.

Desse modo, o desenvolvimento das forças produtivas a serviço do capital no capitalismo dependente exaure de todas as formas, e em todas as conjunturas (em crise ou ascensão), a força de trabalho, nessa relação tipicamente burguesa de troca de mercadorias (capital: D-M-D'/ trabalhador: M-D-M).

A tabela a seguir comprova um artefato mais clássico (ou corriqueiro) sobre os trabalhadores canavieiros: a extensão da jornada **legal** de trabalho nas frentes de corte, atestando as incongruências do capital em relação a jurisprudência trabalhista nacional. Pontualmente, o conteúdo da respectiva tabela diferencia-se da colocação do entrevistado

⁹⁸E.F.J.

E.F.J., por conta dela afirmar algo mais conjuntural, isto é, da própria condição de crise econômica da Usina São João, a qual já se manifesta há um significativo período.

Tabela 5: Número de trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Esp. Santo – PB que declararam ter trabalhado acima da jornada legal de trabalho (oito horas diárias) por safras, divisão territorial e o total percentual dos declarantes em relação ao contingente pesquisado (50 pessoas) e, também, da categoria residente em Cruz do Espírito Santo (700 pessoas).

Cruz do Esp. Santo	2011/2012	2012/2013	2013/2014
Zona rural	4 entrevistados	2 entrevistados	3 entrevistados
Zona Urbana	19 entrevistados	18 entrevistados	13 entrevistados
Percentual referente ao contingente de trabalhadores investigados (50)	46%	40%	32%
Percentual referente ao contingente de trabalhadores canavieiros de CES.(700)	3,28%	2,85%	2,28%

Arquivo: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Os dados obtidos ainda demonstram que os trabalhadores canavieiros residentes na zona urbana são os que mais ultrapassaram a jornada legal de trabalho no Conjunto João Ursulo, isto porque 8 entrevistados afirmaram ter trabalhado acima da jornada legal de trabalho **pelo menos** um dia em 2009, 6 entrevistados em 2011 e 6 em 2013. No Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha, 11 entrevistados afirmaram ter trabalhado acima da jornada legal de trabalho **pelo menos** um dia em 2009; 12 em 2011 e 7 em 2013.

Qualitativamente, esses dados traduzem a essencialidade (estrutura e dinâmica) de um processo social que afeta a classe trabalhadora latino-americana, algo corriqueiro, infelizmente, no seu cotidiano de *labor*. Nas fábricas, minas, na pecuária, nos serviços de telecomunicações (telemarketing), comércio e serviços, exceder a jornada legal de trabalho é algo comum na história do trabalho nessa região. Esse prolongamento do tempo em atividade reluz, tomando por base o nosso estudo de caso, a histórica exploração do trabalho como explica Martins (2009):

As inovações atuam sobre o trabalho aplicado nas condições de capacidade instalada, depreciando a massa de valor e de mais-valia produzida nesses segmentos, e exigem a depreciação do valor da força de trabalho como mecanismo de compensação para reequilibrar as taxas de mais-valia e de lucro [...] Nessa região, estabelece-se uma separação entre a expansão da circulação de mercadorias ligadas à reprodução da força de trabalho, que tende a se restringir (MARTINS, 2009, p. 198).

A partir da colocação de Martins (2009), entende-se a forma como o capitalismo implantado nessas terras reequilibra suas taxas de lucro. A depreciação dos preços dos produtos sucroalcooleiros no mercado internacional reflete um débil capitalismo implantado sobre essas “terras”, que na intenção de recuperar suas taxas de lucro viola as condições básicas de existência do seu produtor direto: os trabalhadores. Isso foi constatado em pesquisa de campo através de conversas, fotografias, aplicação de questionários. As condições socioeconômicas apresentadas por eles se reproduz nas mais variadas latitudes desse continente, mudando apenas de pessoas.

Representando o setor patronal do agronegócio canavieiro paraibano, o Dr. Brandão deu um depoimento muito importante para compreendermos o que Martins (2009) está tratando na citação anterior. Por conta da grande articulação de fatos expostos em sua fala, optamos por preservar seu relato na íntegra:

[...] Muito difícil! A gente sabe que foi difícil pra vocês, podem ter certeza que tá sendo muito difícil pra gente, também, em função de tudo que a gente discutiu esses dias [refere-se às reuniões que antecederam essa], sobre a dificuldade que a gente tá vivendo no setor, que é concorrência de álcool com os Estados Unidos, concorrência com o álcool de São Paulo... O álcool vem de navio, *pra* vocês terem uma ideia, onde um caminhão que trazia 50 mil litros, hoje é um navio que trás 10 milhões. Então, como o Centro-sul *tá* tendo uma safra muito grande, eles estão trazendo muito produto, tanto açúcar, como álcool pra gente aqui. E o preço nosso passa a ser o preço deles, mais o frete. Então, em outros momentos, quando a gente tinha um período de seca, como a gente viveu a pior seca dos últimos 50 anos (todos vocês que têm um roçado sabem o que foi isso), quando a gente tinha um momento de seca, a gente tinha uns preços melhores. Esse ano que passou a gente viveu seca com preço ruim e essa seca ela se estendeu até essa safra agora, a gente continua vivendo as consequências dela... A gente fez um esforço muito grande, foi muito difícil pra gente chegar num consenso; todo mundo *tá* se sacrificando, mas eu acho que isso vem “a coroar” esse espírito que a gente tem (que a Paraíba sempre teve) de dar as “mãos”, buscar o melhor para os dois lados (Dr. Brandão, setembro de 2013).

Vale lembrar que a depreciação do valor da força de trabalho dos cortadores de cana espírito-santenses repercute sobre as condições socioeconômicas da sua *probe*, que, porventura, **está** à mercê da explicação do Dr. Brandão. Essas crianças envolvidas nessa “trama social” podem ser a “pedra de toque”⁹⁹ da perpetuação de um capitalismo dependente, atrófico, corrosivo, que pode ceifar as potencialidades de desenvolvimento de um indivíduo social – neste caso, os filhos e filhas de tais trabalhadores.

Estamos convictos de que esses trabalhadores canavieiros e suas famílias estão no “centro da tormenta” (GALEANO, 2014), sob a égide de uma forma particular de capitalismo

⁹⁹No sentido literal, a pedra que faltava pra ganhar o jogo.

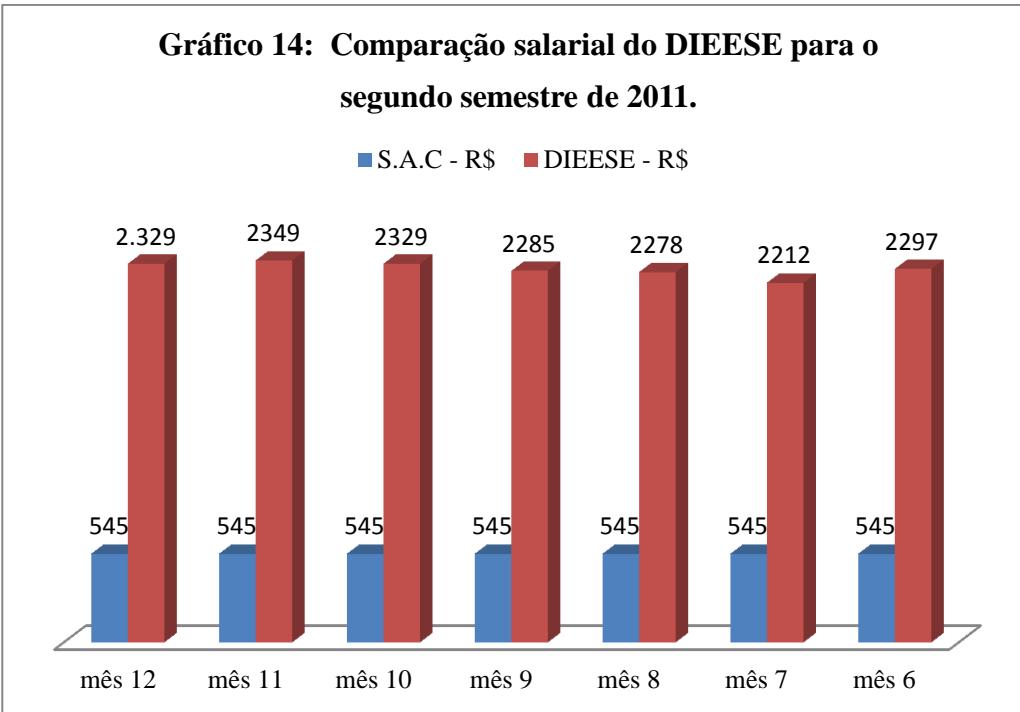
que degrada as condições de vida dos trabalhadores sem nenhuma perspectiva de melhorias no futuro histórico . Na visão de Orlando Caputo Leiva (2009, p.151), temos uma maior clareza do capitalismo latino-americano:

O desenvolvimento desigual se apresentou de forma muito acentuada na América Latina, quando comparada aos países desenvolvidos, e particularmente em relação ao Estados Unidos, isso por causa da ausência de uma estratégia nacional e regional de inserção na economia mundial. [...] A reestruturação na América Latina, impulsionada pela globalização e pelo neoliberalismo, aprofundou o subdesenvolvimento. **A lógica interna do capitalismo na América Latina produz o estrangulamento da reprodução econômica e social da América Latina.**¹⁰⁰

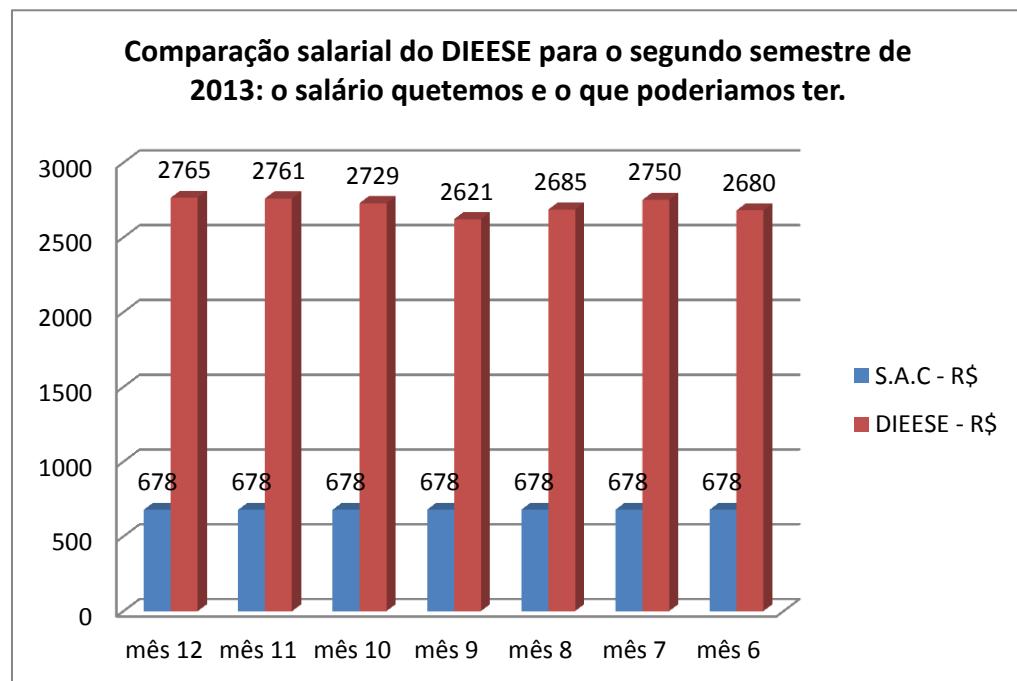
Para demonstrar o que seja o estrangulamento da reprodução econômica, optamos por mencionar a colossal desproporção entre o salário mínimo de 2011 e 2013, promulgado pelo Governo Federal do Brasil, e a média salarial realizada pelo DIEESE, com seus respectivos reajustes mensais.

Ao entrecruzar os dados, constatamos como se dá a violação do valor da força de trabalho de forma direta, ou seja, através da apropriação da massa salarial dos trabalhadores brasileiros por parte do capital. Os efeitos dessa apropriação estão ilustrados nos gráficos 14 e 15. Para facilitar na compreensão, optamos por esclarecer que abreviamos a denominação Salário Anual Corrente (S.A.C.).

¹⁰⁰ Grifo meu.



Fonte: DIEESE, 2013.



Fonte: DIEESE, 2014.

No mês de dezembro de 2013, a desproporção entre o salário real e a estimativa do DIEESE foi de 2.090 reais, um valor três vezes maior do que o mínimo do ano corrente. Já os dados expostos nos gráficos provocam nossa inquietude com a realidade dos trabalhadores

brasileiros, em que o capital se apropria tanto do trabalho excedente quanto da massa salarial, reduzindo, como consequência, sua capacidade de consumo.

Indignamo-nos ainda mais com essa realidade, quando ficamos a par das condições socioeconômicas dos cortadores de cana de Cruz do Espírito Santo – PB, uma vez que a superexploração do trabalho dá-se pela conjugação entre um salário insuficiente e um processo de trabalho com superdesgaste, onde se encura o tempo de vida útil total e de vida total – veremos detalhadamente esse aspecto no terceiro capítulo.

Segundo os teóricos marxistas latino-americanos, a superexploração não é uma anomalia no capitalismo dessa região. Pelo contrário, essa modalidade de exploração da força de trabalho é a característica básica do capitalismo dependente, típico da nossa organização social. Sobre essa categoria e como ela estrutura e dá sentido a esse tipo de capitalismo, comenta Gandássegui:

(...) nas economias dependentes, essa modalidade de exploração se encontra no centro da acumulação. Não é então nem conjuntural nem tangencial à lógica de como essas sociedades se organizam. E ganha sentido quando se analisa o capitalismo como sistema mundial, que reclama transferências de valores das regiões periféricas para o centro, e quando as primeiras, como forma de compensar essa transferências, acabam transformando parte do “fundo necessário de consumo do operário” em um “fundo de acumulação de capital”, dando origem a uma forma particular de reprodução capitalista e a uma forma particular de capitalismo: o dependente (GANDÁSEGUI, 2009, p.175).

A questão agrária tem ingerência direta sobre a produção e reprodução de um capitalismo atrófico (CHASIN, 1998), dependente (FERNANDES, 2005), apresentando o seu caráter antidemocrático com todos os seus escrúpulos nos seus embates violentos com os camponeses, no estado de pobreza rural, na superexploração do trabalho assalariado dos cortadores de cana (por exemplo), numa jurisprudência trabalhista retrógrada em relação ao trabalhador rural¹⁰¹, numa estrutura fundiária extremamente concentrada.

É notório “que a concentração fundiária, isto é, de terras, está na origem da agroindústria canavieira” (SANTOS, 2010), sendo ela o ponto nevrálgico para o acirramento das contradições socioeconômicas dos municípios partícipes da microrregião de Sapé, com destaque para Cruz do Espírito Santo – PB.

A título de informação, é válido explicitar que a relação complementar entre os fatores de expansão do capitalismo agrário e os fatores de disseminação da miséria social no campo

¹⁰¹Procurar o autor desse texto.

(LIMA, 1999) produziu um *feedback* que mantém um significativo contingente populacional nas frentes de corte da cana-de-açúcar.

Ainda que a dinâmica e a funcionalidade da grande propriedade agrária incidiram, e ainda incidem no preço de custo de reprodução da força de trabalho rural (urbano, também), com o passar do tempo, a grande propriedade agrária foi ditando a dinâmica do mercado de trabalho rural, instituindo uma subjugação cada vez maior dos trabalhadores que conformam tal mercado.

Constata-se, com base na tabela 7, que as nossas argumentações exemplificam a “brutal” diferença entre a apropriação do capital sobre a riqueza produzida pelo trabalho. Essa apropriação demarca a relação entre trabalho assalariado atípico¹⁰²(por produção) com o capital sucroalcooleiro paraibano.

Tabela 6: Projeção salarial por produção referente aos anos 2011 e 2013.

Safras selecionadas	Preço da tonelada cortada	Preço da tonelada para venda	Diferença entre a tonelada vendida e a tonelada cortada
2011	5,06 R\$	47,30 R\$	42,24 R\$
2013	6,26 R\$	52,18 R\$	45,92 R\$

Fonte: MTE, 2014.¹⁰³

Mesmo cortando diariamente oito toneladas de cana-de-açúcar – o que não é uma média para todos os canavieiros pesquisados – o público em questão teria uma elevação salarial de 271 reais (sem contar com as gratificações) em relação ao piso salarial aprovado na Convenção Coletiva de trabalho dos cortadores de cana do estado da Paraíba para à safra 2013/2014: R\$700,00.

Com relação à respectiva safra, é impreterível demonstrar os “gargalos” do salário por produção (por peça, por empreitada, como queiram), uma vez que o equivalente ganho de cada canavieiro ao cortar uma tonelada de cana foi de 11,99% do valor produzido em mil quilos de cana-de-açúcar: que foi R\$52,18, preço de venda da cana cortada no ano de 2013. Esmiuçando ainda mais a questão, o equivalente ganho por cada canavieiro ao cortar uma

¹⁰² Com o salário por empreitada, o interesse pessoal impele o operário a redobrar as suas forças todo o possível, o qual facilita a elevação da intensidade ordinária do trabalho; o operário está igualmente interessado em prolongar a jornada de trabalho, pois é o único modo de aumentar o seu salário quotidiano ou semanal. (MARX, s/d: 150).

¹⁰³ www.mte.org.br

tonelada de cana no ano de 2011 foi de 10,69% sobre o preço da tonelada vendida de R\$ 47,30.

Tem-se uma disparidade ainda maior quando constatamos a rotação do capital (produção/circulação/distribuição) mediante um dos produtos sucroalcooleiros. Para compreendermos essa rotação, utilizaremos um hipotético caso para ilustrar. Se um canavieiro cortou em média 6 toneladas de cana na safra 2013/2014, essa quantidade de matéria-prima serviria para produzir 810 kg de açúcar, uma vez que uma tonelada produz 135kg¹⁰⁴, em média.

Levando em conta que tais toneladas cortadas (6.000 kg) pelo respectivo trabalhador somam 37,56R\$ e o preço do açúcar branco em saca de 50 kg em fardo a preço a vista no dia 20/6/2014 foi de R\$42 – cotação equivalente do mercado de Ribeirão Preto – SP – constata-se, **grosso modo**¹⁰⁵, que a proporção entre o preço da cana cortada e o valor do produto final a ser vendido no mercado (neste caso o açúcar) seria de 5,5% sobre o valor total do açúcar, o qual é equivalente a R\$678 (valor monetário referente aos 810kg).

Quando elaboramos os cálculos mais simples, já fica evidente que essa permuta entre dinheiro e força de trabalho é um processo que afirma a colocação marxiana de “quanto mais o trabalhador produz, mais ele fica pobre”; que dito de outro modo, nossos trabalhadores se especializaram em perder.

Conforme as colocações de Eduardo Galeano, no livro “*As veias abertas da América Latina*” (2014), torna-se concebível a dimensão da superexploração do trabalho pelo capital nos países da periferia:

A divisão internacional do trabalho significa que alguns países se especializaram em ganhar e outros em perder. Nossa comarca no mundo, que hoje chamamos de América Latina, foi precoce [...]. Passaram-se os séculos e a América Latina aprimorou suas funções. [...] a região continua trabalhando como serviçal, continua existindo para satisfazer as necessidades alheias, como fonte e reserva de petróleo e ferro, de cobre e carne, frutas e café, matérias-primas e alimentos, destinados aos países ricos, **que consumindo-os, ganham muito mais do que ganha a América Latina ao produzi-los.** (GALEANO, 2014, p.17)¹⁰⁶.

¹⁰⁴<https://br.answers.yahoo.com>

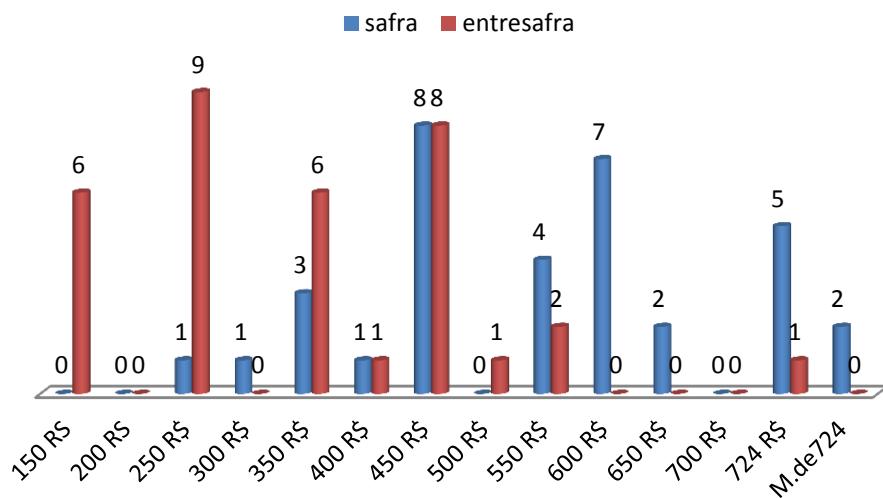
¹⁰⁵Sabemos que essa equação não se assemelha a mais-valia, pois se fosse o caso teríamos de encontrar outros determinantes econômicos que devem ser levados em conta para fazer seu cálculo. Aqui, vale lembrar, é uma equação superficial para vislumbrarmos a apropriação do capital sobre uma riqueza que tem no corte da cana seu processo inicial.

¹⁰⁶GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

Aprofundar o nível de exploração da força de trabalho e precarizar as condições de vida da classe *obrera* é uma forma para compensar “as perdas de mais-valia que as burguesias latino-americanas sofrem com o intercambio desigual” (BORGES NETO, 2011), intercâmbio que deterioria sua taxa de lucro, tendo em vista a depreciação dos preços que seus produtos sofrem no mercado internacional.

Para mensurar a precariedade das condições de vida, ou a forma como a burguesia se apropria do fundo de consumo do trabalhador, convertendo-o em fundo de acumulação de capital, utilizamos o preço da cesta básica (feira mensal) declarado pelos cortadores de cana das localidades urbanas e rurais do município de Cruz do Espírito Santo – PB (Gráficos 15 e 16).

Gráfico 16: Declaração dos trabalhadores canavieiros residentes na zona urbana sobre o preço da sua cesta básica mensal no período da safra e da entressafra.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo – 2014.

A participação da remuneração dos entrevistados da zona urbana, no período da safra e entressafra no orçamento familiar, utilizando como referência a data base de 2013/2014 (700 reais), consome significativa parte dos seus salários¹⁰⁷. Como exposto no gráfico 15¹⁰⁸ e comparando em termos percentuais com o número total de entrevistados(50 trabalhadores), os canavieiros residentes na zona urbana com maiores declarações no que concerne a este

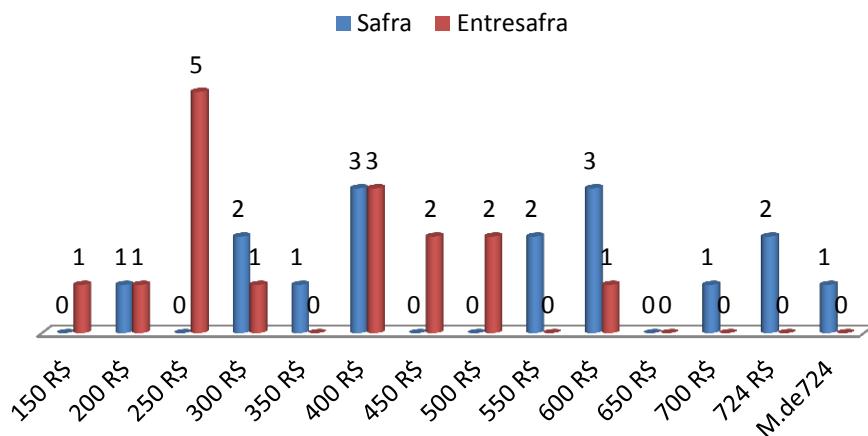
¹⁰⁷ Preferimos não apresentar no corpo do texto o salário obtido pelos cortadores por conta da oscilação. Porem, a média que mais os homogeneízam diz respeito ao valor de 1.000R\$.

¹⁰⁸ Na lista de tabela, o gráfico em questão vai constar como 15 b, por conta de erros de digitação.

item durante o período da safra permite agrupá-los em duas feixas percentuais: a) 16% dos trabalhadores gatam mensalmente R\$450 e 14% gastam R\$600 com a feira.

No gráfico 16 referente aos trabalhadores canavieiros da zona rural, a variabilidade das informações referentes ao item debatido traduz uma dinâmica que é complementada com a renda não-monetária, mais especificamente com o cultivo da lavoura “branca” (feijão, inhame, batata-doce, macaxeira), em que 1,71% dos entrevistados (12 pessoas) trabalham no seu cultivo, dos quais cinco são do Sítio Jaques, cinco do Assentamento Dona Helena e dois do Sítio Entroncamento.

Gráfico 17: Declaração dos trabalhadores canavieiros residentes na zona rural sobre o preço da sua cesta básica mensal no período da safra e da entressafra.



Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo - 2014.

Os indicadores referentes à cesta básica na entressafra decaem significativamente para os trabalhadores canavieiros da zona rural. Pôde-se observar no gráfico 16 que 5 entrevistados declararam que gasta em sua feira mensal R\$250,00 e. Se no período de safra o valor destinado ao consumo de bens alimentícios é baixo, entre a safra e entressafra decai brutalmente, como pudemos observar no respectivo gráfico.

CAPÍTULO 3

CAP. 3 - AS CONSEQUÊNCIA DA SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO SOBRE AS CONDIÇÕES DE SAÚDE DOS CANAVIEIROS ESPÍRITO-SANTENSE.

Apresentação

Analisar o padrão de desgaste-reprodução da força de trabalho dos cortadores de cana espírito-santenses através da temática saúde do trabalhador é a problemática de fundo neste capítulo, isso quando associado à categoria da super exploração elaborada por Ruy Mauro Marini. O capítulo também versa sobre a vertente analítica de como acontece o super desgaste no processo de trabalho e suas possíveis consequências no devir histórico do público em questão.

A aplicação de questionários com cinquenta trabalhadores divididos por zona rural e zona urbana, entrevista abertas, descrição do público *in loco*, entrevista semi estruturada com um especialista em saúde do trabalhador e com os trabalhadores canavieiros foi o arcabouço técnico-metodológico do presente capítulo.

Por questões de represálias e corporativismos, optamos por ocultar os nomes dos envolvidos nesta pesquisa. Principalmente quando estivermos nos referindo à análise técnica obtida em entrevista, a qual tivemos de expor na redação do texto de forma indireta, tentando, ao máximo, ser fidedigno a sua linha de raciocínio.

3.1 – Hábitos e condições alimentares do entrevistado

A saúde do trabalhador, segundo Silva (2007) é vista como um direito humano, desse modo inviolável, assim devendo ser relevante a rigorosidade fornecida tanto pelo empregador quanto pelo Estado em seu exercício regulador e fiscalizador. E que quaisquer violações a esse direito fundamental, devem ser respaldado satisfatoriamente pelo sistema jurídico (MARCOLINO *et at.*, 2007, p. 2).

O Estado, representado pela Superintendência Regional do Trabalho e Emprego – PB (SRTE/PB) e a Secretaria Estadual de Saúde, deveriam ter mais severidade na fiscalização da dinâmica do trabalho no corte da cana, inclusive no que tange à condição alimentar dos trabalhadores canavieiros.

Deveriam, também, ter mais severidade na fiscalização do setor médico-hospitalar das empresas sucroalcooleiras, para que o caso narrado a seguir não viesse mais a ser repetido por outros trabalhadores, já que o entrevistado em questão está na inatividade laboral por conta do trabalho no corte da cana:

A gente ia pro serviço trabalhar, quando a gente ia procurar o médico na usina, ele dizia que nois tinha de voltar ao serviço, que a empresa tava pronta pra fichar e que o trabalhador tem que tá na empresa, trabalhando, mas tá no “pé” de médico não – isso aí, eu recebi muita vezes na Usina São João. Eles dizendo na minha “cara” e eu sentido dor, e mais dor, e mais dor...Fui “rebocado” num carro da usina pro hospital, saímo de dento do sirviço, quando eu chegava no médico da usina ele dizia isso pra mim: volte ao serviço, que você tá com tantos dias de atestado, [vai]¹⁰⁹ terminá a empresa tirando você (J.R., março de 2014).

Afirmamos isso, para que a legislação trabalhista assegure o direito à saúde dos trabalhadores canavieiros¹¹⁰; e para que o médico da usina que o respectivo entrevistado trabalhou não seja um exemplo aos demais médicos com vínculo empregatício com as empresas sucroalcooleiras do estado da Paraíba.

A nosso ver, é preponderante o pensamento médico social latino-americano para o desenvolvimento do terceiro capítulo desta dissertação de mestrado, tendo em vista que ele incorpora um debate que trata das questões de saúde em profunda interconexão com o contexto histórico de uma determinada sociedade, num determinado espaço e período histórico, dando margens para constatarmos se a legislação que assegura tal direito está sendo executada conforme manda a jurisprudência trabalhista. Deste modo:

¹⁰⁹ As palavras em colchete indicam complemento explicativo da fala.

¹¹⁰ § 3º Entende-se por saúde do trabalhador, para fins desta lei, um conjunto de atividades que se destina, através das ações de vigilância epidemiológica e vigilância sanitária, à promoção e proteção da saúde dos trabalhadores, assim como visa à recuperação e reabilitação da saúde dos trabalhadores submetidos aos riscos e agravos advindos das condições de trabalho, abrangendo: I - assistência ao trabalhador vítima de acidentes de trabalho ou portador de doença profissional e do trabalho; II - participação, no âmbito de competência do Sistema Único de Saúde (SUS), em estudos, pesquisas, avaliação e controle dos riscos e agravos potenciais à saúde existentes no processo de trabalho; III - participação, no âmbito de competência do Sistema Único de Saúde (SUS), da normatização, fiscalização e controle das condições de produção, extração, armazenamento, transporte, distribuição e manuseio de substâncias, de produtos, de máquinas e de equipamentos que apresentam riscos à saúde do trabalhador; IV - avaliação do impacto que as tecnologias provocam à saúde; V - informação ao trabalhador e à sua respectiva entidade sindical e às empresas sobre os riscos de acidentes de trabalho, doença profissional e do trabalho, bem como os resultados de fiscalizações, avaliações ambientais e exames de saúde, de admissão, periódicos e de demissão, respeitados os preceitos da ética profissional; VI - participação na normatização, fiscalização e controle dos serviços de saúde do trabalhador nas instituições e empresas públicas e privadas; VII - revisão periódica da listagem oficial de doenças originadas no processo de trabalho, tendo na sua elaboração a colaboração das entidades sindicais; e VIII - a garantia ao sindicato dos trabalhadores de requerer ao órgão competente a interdição de máquina, de setor de serviço ou de todo ambiente de trabalho, quando houver exposição a risco iminente para a vida ou saúde dos trabalhadores (BRASIL, 1990).

(...) o pensamento médico social latino-americano tem como ponto de partida que o corpo humano é um conjunto de potencialidades (físicas e psíquicas) que possibilitam ao homem, via processos de adaptação, elaborar respostas tendo em vista a satisfação de necessidades das quais depende a sua sobrevivência. Entretanto, as formas de adaptação do corpo humano não se restringem ao individual. Em sendo o homem um ser social, elas têm também caráter coletivo e emergem da maneira como os grupos sociais produzem e reproduzem sua existência material e imaterial em momentos históricos determinados (MARCOLINO *et al*, 2007, p.112).

Preparar respostas no que diz respeito a organizar sua estrutura física e psíquica para sustentar, cotidianamente, no período da safra, um processo de trabalho tão extenuante como é o corte da cana, requer uma rotina alimentar que contenham alimentos que o assegure nessa atividade laboral, mesmo que os prejudique *a posteriori*. Primeiramente, para compreendermos essa dinâmica laboral, convém mencionarmos a seguinte colocação:

(...) um trabalhador que corta 12 toneladas de cana, em média, por dia de trabalho realiza as seguintes atividades no dia: caminha 8.800 metros; realiza 133.332 golpes de podão; carrega 12 toneladas de cana em montes de 15 kg, em média; portanto, faz 800 trajetos e 800 flexões, levando 15 kg nos braços por uma distância de 1,5 a 3 metros; faz aproximadamente 36.630 flexões e entorses torácicos para golpear a cana; perde, em média, 8 litros de água por dia, por realizar toda esta atividade sob sol forte do interior de São Paulo, sob os efeitos da poeira, da fuligem expelida pela cana queimada, trajando uma indumentária que o protege da cana, mas aumenta sua temperatura corporal (ABREU *et al*, 2011, p.58).

Os dados exibidos nessa citação demonstram um ritmo de trabalho superior ao apresentado pelos cortadores de cana residentes na zona rural e urbana do município de Cruz do Espírito Santo – PB, obtidos por meio de aplicação de questionários. Tais dados concernentes sobre o processo de desgaste da força de trabalho inserido nos canaviais paulistas serviram para realizarmos uma estimativa do padrão de desgaste referente aos canavieiros que analisamos nessa dissertação.

Para termos precisão analítica ao interpretarmos a citação e transpor tal descrição do processo de trabalho nos canaviais paulistas para a “realidade em debate”, realizamos uma projeção do processo laboral e do desgaste da força de trabalho espírito-santense inserida nos canaviais paraibanos através do número de entrevistados da zona urbana que declararam ter cortado seis toneladas de cana na safra 2013/2014 diariamente, sendo onze entrevistados num universo de 34 trabalhadores. Deste modo, se um trabalhador cortou seis toneladas diariamente, ele teria caminhado 4.400 metros, realizado 66.666 golpes de podão, fez aproximadamente 18.315 flexões e entorses torácicas para golpear a cana, perdeu em média 4

litros de água por dia¹¹¹. Por dentro desse processo cabe destacar a menção do entrevistado a seguir, isto no intuito de compreendermos os pormenores do labor dos canavieiros espírito-santenses:

Isso é um movimento muito danado, rapai, é o dia todim assim: baixa, levanta, voa cana pra ali, vai pra lá, pula pra aqui, pula pra culá. No corte de cana a gente fai movimento que num é brincadeira não, você vê que com der minuto a pessoa tem tomado banho, molhado, molhado, se esforça demais [...] Principalmente quando a gente pega um terreno baixo, num canto que num é alto, que o vento num passa. (J.R., março de 2014).

No senso-comum do próprio entrevistado, pudemos compreender e constatar o quadro teórico do processo de trabalho apresentado por Abreu *et al.* Ter-se-á tanto a partir da entrevista quanto da descrição exposta na citação que a quantidade de alimentos ingeridos tem um papel ainda mais indubitável na reprodução física dessa força de trabalho – não queremos, com isso, afirmar que a alimentação não seja de vital importância para os demais trabalhadores noutras categorias. Todavia:

Sabendo que a saúde influencia diretamente no desenvolvimento do trabalhador, há necessidade de enfatizar acerca de sua alimentação, pois, sendo realizada de maneira inadequada pode originar um quadro de algumas doenças crônicas não transmissíveis. Este é um fato muito presente, principalmente por trabalhadores que realizam suas refeições no local de trabalho (MARCOLINO *et al.*, 2007, p. 1).

Conforme a entrevista concedida no dia 28 de junho de 2014, o especialista na área médica alegou que os trabalhadores canavieiros de Cruz do Espírito Santo – PB (em especial, as cinquenta pessoas entrevistadas) tem uma refeição basicamente composta de massas¹¹², carboidratos¹¹³ e carnes¹¹⁴. Nesse sentido, é uma dieta muito rica em carboidratos e pouco rica em vegetais (frutas, legumes), e isso tem um impacto na qualidade de vida desse pessoal.

Esse tipo de alimentação não é por “acaso”, visto que ela preenche as necessidades alimentares num curto prazo e, também, é mais barata e produz mais energia. Porém, é uma dieta que não é saudável, pois é hipercalórica¹¹⁵, baseada em carboidratos, podendo se

¹¹¹ Além disso, geralmente os trabalhadores mencionados estão em frentes de corte em áreas de várzeas, o que acentua a dificuldade nesse processo de trabalho.

¹¹² Pão, biscoito, macarrão.

¹¹³ Conforme os dados tabelados no tópico 6.2 do questionário, arroz feijão, cuscuz, batata-doce, macaxeira enquadram-se na classificação de carboidratos.

¹¹⁴ Carne bovina, frango e peixe são os tipos de carnes consumidos pelo público amostral.

¹¹⁵ Dieta com quantidades aumentadas de calorias. **Dicionário de nutrição.** Disponível em: <http://www.sonutricao.com.br/conteudo/dicionario/d.php>

reverter no futuro em uma maior propensão à hipertensão arterial¹¹⁶, sistêmica, como, por exemplo, a *diabete mellitus*¹¹⁷ do tipo dois. Desse modo, essas pessoas ficam mais propensas às doenças crônicas¹¹⁸.

De acordo com o respectivo entrevistado, cinco refeições seriam a média adequada a serem realizadas por uma pessoa diariamente. Assim, a média suscitada subjaz para 16 canavieiros da zona urbana de Cruz do Espírito Santo (32% da amostra colhida em trabalho de campo, 2,28% do contingente total de trabalhadores canavieiros safristas residentes no município em questão). Para o caso da zona rural, os índices seriam: nove entrevistados num universo pesquisado de dezesseis trabalhadores (18% do público pesquisado em trabalho de campo, 1,28% do contingente total de canavieiros espírito-santenses).

Uma dieta hipercalórica propicia, consequentemente, um envelhecimento precoce, isto por que, pessoas que têm uma rotina muito corrida e se alimentam mal têm uma tendência a envelhecer mais cedo e, por isso, as doenças da velhice surgem mais cedo também.

¹¹⁶ Hipertensão arterial é uma doença crônica determinada por elevados níveis de pressão sanguínea nas artérias, o que faz com que o coração tenha que exercer um esforço maior do que o normal para fazer circular o sangue através dos vasos sanguíneos (Ordem dos Enfermeiros). Disponível em: <http://www.ordemenermeiros.pt/sites/madeira/informacao/Documents/Artigos%20Enfermeiros/HTA%20-%20D%C3%A9dia%20Enfermeira%20de%20ESMO.pdf>

¹¹⁷ O Portal Novartis relata que: “o **diabetes mellitus** é hoje um dos maiores problemas de saúde em todo o mundo. Em geral, se há histórico na família entre parentes de primeiro grau, há possibilidades maiores de desenvolver a doença. O diabetes é uma síndrome do metabolismo que resulta no acúmulo de glicose pelo organismo. Pacientes com **diabetes** apresentam deficiência na função da insulina, o hormônio responsável por metabolizar a glicose, ou mesmo apresentam falta de insulina no organismo. Com a deficiência de insulina, o organismo não absorve a glicose e as taxas de açúcar no sangue aumentam de forma permanente, o que se caracteriza como hiperglicemia e dá origem ao diabetes. Além do fator genético, o diabetes é uma doença totalmente ligada ao estilo de vida adotado. Uma pessoa com alimentação desequilibrada, rica em gorduras, carboidratos, açúcares e produtos industrializados, e pobre em vegetais, legumes e frutas têm mais propensão a desenvolver o diabetes. Sedentarismo, obesidade e tabagismo também são fatores de risco e, juntos, contribuem para o aparecimento da doença, mesmo que a pessoa. [...] **Diabetes tipo 2** – É também chamado de diabetes não insulinodependente ou diabetes do adulto e corresponde a 90% dos casos de diabetes. Ocorre geralmente em pessoas obesas com mais de 40 anos de idade embora na atualidade se vê com maior frequência em jovens, em virtude de maus hábitos alimentares, sedentarismo e stress da vida urbana. Nesse tipo de diabetes encontra-se a presença de insulina porém sua ação é dificultada pela obesidade, o que é conhecido como resistência insulínica, uma das causas de HIPERGLICEMIA. Por ser pouco sintomática o diabetes na maioria das vezes permanece por muitos anos sem diagnóstico e sem tratamento o que favorece a ocorrência de suas complicações no coração e no cérebro”. Fonte: <http://www.portal.novartis.com.br/diabetes-mellitus/> <http://www.diabetes.org.br/diabetes-tipo-2>

¹¹⁸ “Doenças crônicas são aquelas geralmente de desenvolvimento lento, de longa duração e, por isso, levam um tempo mais longo para serem curadas ou, em alguns casos, não têm cura. A maioria dessas doenças está relacionada ao avanço da idade e ao estilo de vida – hábitos alimentares, sedentarismo e estresse – característico das sociedades contemporâneas. Apesar da realidade descrita acima, a maioria das doenças crônicas pode ser prevenida ou controlada, possibilitando viver com qualidade. Para isso, o primeiro passo é compreender a doença” (NOVARTIS, s.d.). Disponível em: http://www.novartis.com.br/_saude/Apoio/doencas_cronicas.shtml

Por meio das visitas nas casas dos trabalhadores em questão, pudemos ver que em significativa parcela da amostragem o envelhecimento precoce é algo notável, isso quando perguntamos sua idade e observamos sua aparência física¹¹⁹. Ao fazermos essa comparação (idade *versus* aparência física), as condições de vida e de trabalho são as melhores justificativas para compreendermos a combinação entre stress, carga de trabalho exorbitante e um padrão alimentar hipercalórico, onde acarreta no envelhecimento precoce dos trabalhadores canavieiros – com relação a sua fisionomia.

A tabela a seguir classifica a amostragem obtida em trabalho de campo, no primeiro semestre de 2014, a partir da quantidade de refeições (café da manhã, almoço, jantar, lances). Essa classificação também teve como critério a divisão territorial do município de Cruz do Espírito Santo - PB: zona urbana e zona rural.

Tabela 7: Classificação dos trabalhadores canavieiros residentes na Zona urbana de Cruz do Esp. Santo por número de refeições no período da safra, por localidade urbana.

Número de refeições realizado por dia.	Conjunto João Ursulo	Conj. Júlia Paiva e Francisco Cunha
3 vezes	8 pessoas	6 pessoas
4 vezes	2 pessoas	4 pessoas
5 vezes	4 pessoas	10 pessoas
6 vezes	0 pessoas	6 pessoas

Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo, primeiro semestre de 2014.

Tabela 8: Classificação dos trabalhadores canavieiros residentes na Zona rural de Cruz do Esp. Santo por número de refeições no período da safra, por localidade urbana.

Número de refeições realizadas por dia	Assentamento Dona Helena	Sítio Jaques	Sítio Entroncamento
3 vezes	4 pessoas	1 pessoas	1 pessoa
4 vezes	0 pessoas	0 pessoas	1 pessoa
5 vezes	2 pessoas	5 pessoas	2 pessoa
6 vezes	0 pessoas	0 pessoas	0 pessoa

Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo, primeiro semestre de 2014.

¹¹⁹ As fotografias dão subsídios para fazermos tal afirmativa. Porém, optamos por não mostra-las para não expor os trabalhadores entrevistados.

As atinentes tabelas ratificam uma multivariadas nas opções declaradas pelo público pesquisado. Por outro lado, vale lembrar que essa oscilação obedece, “religiosamente”, a uma jornada de oito horas diárias nas frentes de corte de cana, acrescentada com o período que saem e retornam a suas casas.

Outro agravante que se acrescenta ao debate até então realizado, diz respeito aos locais de preferência a tais trabalhadores para se alimentarem na hora do almoço (os cinquenta entrevistados almoçam às 11 horas da manhã, caso eles “tomem café” às 6 horas e lancham por volta das nove, teriam eles realizados três refeições num único turno de um dia).

A utilização de barracas de palhas é outra questão que merece ser ressaltada nessa pesquisa, isto por que trinta e nove canavieiros entrevistados optaram pelo seu uso, o que corresponde a 5,57% do contingente total (700 trabalhadores) de canavieiros safristas espírito-santenses, 78% da amostra obtida em trabalho de campo (50 entrevistados).

Quando comparado o índice de entrevistados que optam pelas barracas de palha, constata-se que apenas onze entrevistados utilizam as tendas disponibilizadas pelas usinas nas frentes de corte¹²⁰. Diante disso, se tem uma imprecisão no âmbito da **ergonomia do trabalho**¹²¹, tal qual pôde ser compreendida pela falta de planejamento logístico da própria equipe de uma determinada usina que monta a tenda. Arguimos sobre isso, porque foi unânime entre os trinta e nove canavieiros a afirmação de que optam pela barraca de palha por conta dela dar mais conforto do que as tendas disponibilizadas pelas usinas. Segundo eles, a distância do talhão onde estão com relação à tenda, a dificuldade de descansar por conta da quantidade de cortadores de cana presentes na tenda na hora do almoço e temperatura elevada em baixo delas tornava o uso das barracas de palha mais viável.

Desse modo, os reclamos dos canavieiros vão de encontro a uma legislação trabalhista que precisa se adequar rapidamente às demandas de um processo de trabalho “alucinante”, como é o caso do labor nos canaviais nos diversos municípios da Zona da Cana paraibana. Ratificamos isso por que:

A alimentação enquanto direito fundamental à vida de qualquer ser humano, torna-se uma das premissas das portarias e decretos firmados a favor dos trabalhadores e deve ser garantida de maneira saudável, adequada e com

¹²⁰ Uma tenda para cada turma de 50 trabalhadores, no mínimo.

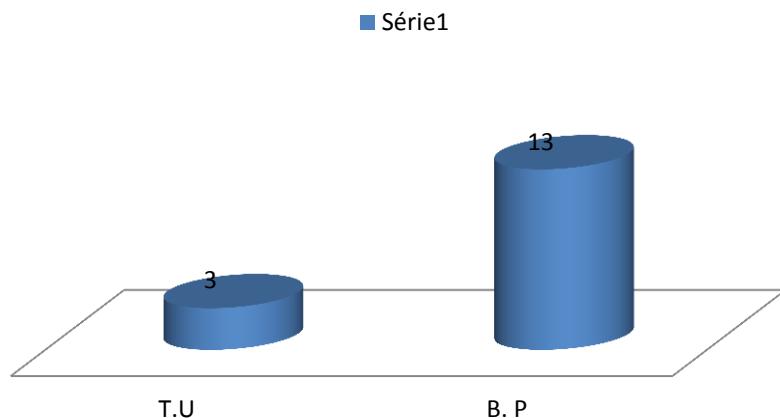
¹²¹ Ergonomia do trabalho classifica-se da seguinte maneira: “é a adaptação do posto de trabalho, dos instrumentos, das máquinas, dos horários, do meio ambiente às exigências do homem. A realização de tais objetivos, ao nível industrial, propicia uma facilidade do trabalho e um rendimento do esforço humano” (GRANDJEAN, 1968).

qualidade com a intenção de promover e prevenir a saúde dos trabalhadores (MARCOLINO *et al.*, 2007, p.4).

Assim como a alimentação é um direito fundamental à reprodução da vida do trabalhador (aliás, de todas as pessoas), as condições ofertadas pelo setor sucroalcooleiro paraibano devem ser garantidas de acordo com as demandas dos trabalhadores canavieiros. Se o equipamento (a tenda) disponibilizado é uma intervenção da justiça do trabalho para ser executada pelo setor empresarial aqui em pauta, cabe ainda atender adequadamente às demandas correntes do dia-a-dia nas frentes de corte.

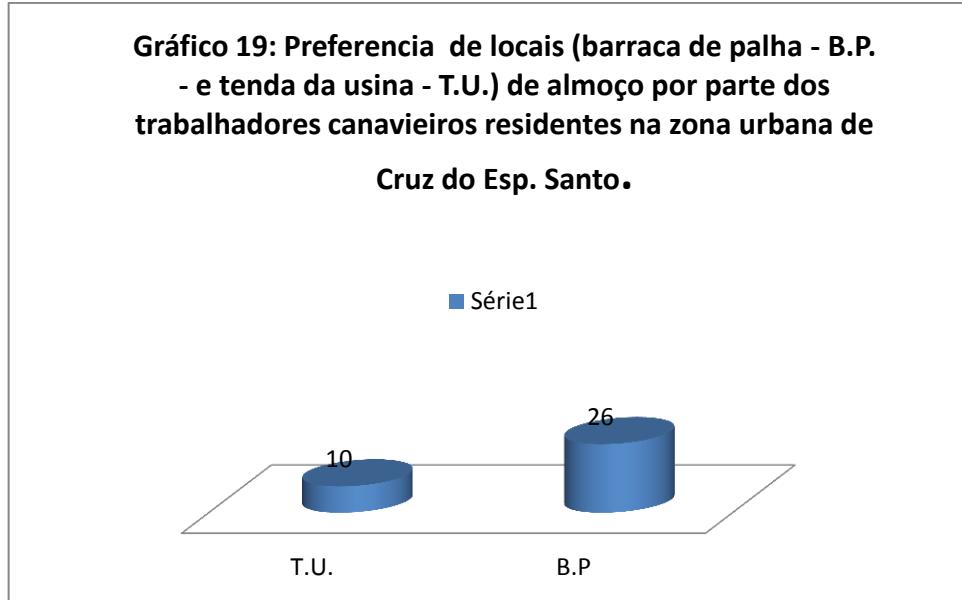
Os gráficos a seguir e as fotografias atestam nossas colocações sobre o primeiro momento do questionário na área de saúde referente ao público pesquisado, intitulado “**Tipos de alimentação, dinâmica nutricional e de hidratação**”, mais especificamente a questão **B** do tópico 6.1.

Gráfico 18: Preferencia de locais (barraca de palha - B.P. - e tenda da usina - T.U.) de almoço por parte dos trabalhadores canavieiros residentes na zona rural de Cruz do Esp. Santo.



Fonte: José de Nazaré D. Soares. Trabalho de campo no primeiro semestre de 2014.

Gráfico 19: Preferencia de locais (barraca de palha - B.P. - e tenda da usina - T.U.) de almoço por parte dos trabalhadores canavieiros residentes na zona urbana de Cruz do Esp. Santo.



Fonte: José de Nazaré D. Soares. Trabalho de campo no primeiro semestre de 2014.

Fotografia 17: Trabalhador canavieiro na barraca de palha em frente de corte na Fazenda São Felipe.



Arquivo: José de N. D. Soares. Março de 2014.

Fotografia 18: Trabalhadores canavieiros em tenda disponibilizada pela usina Japungu.



Arquivo: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado na X Jornada do Trabalho, outubro de 2010.

A opção pelo uso das barracas de palha podem também ser compreendida a partir da coloção do entrevistado Adelilton, em maio de 2014. Portanto, o relato a seguir traduz grande parte da amostra concernente à questão B, ou seja, sua colocação contempla as justificativas dos demais cortadores de cana em optarem por este tipo de ambiente construído artesanalmente nas frentes de cortes tanto em Cruz do Espírito Santo, quanto nos municípios circunvizinhos:

Gosto mais da barraquinha de palha! Num é aceito pela empresa, nem pelo Ministério do Trabalho não. Agora eu vou explicar por quê: por que quando se junta a população no trabalho, que tem num sei quantas cadeira naquela barraca, quando se junta aquele pessoa ali a gente almoça e ai a gente num vai ter sossego, num vai ter sossego. E eu na barraquinha de palha,[...] quê que eu faço? Faço minha barraquinha de palha, faltando pouco minuto para onze, de onze hora almoço. Ali merro debaixo daquela barraquinha de palha eu forro aquele local, durmo um “soninho” até meio dia. Que dizê, eu já recomeço, vamo dizer assim, com o espírito um pouco mai forte. E na barraca de plástico [a tenda] a gente já recomeça mai cansado, por que almoça, tá sempre ali conversando, gastando parte da segurança do corpo [refere-se ao repouso]; aquela temperatura debaixo da barraca também vai “desabilitando” [desgastando] a gente mai ainda. Aí é por isso que eu prefiro mai a barraquinha de palha.

Desse modo, a narrativa do respectivo entrevistado sintetiza a não adequação dos locais destinados à segunda refeição (almoço) para os casos dos trinta e nove trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo, conforme os relatos obtidos em trabalho de campo a partir da questão **b** do item **6.1** – Hábitos e condições alimentares do entrevistado.

A tabela a seguir demonstra como é o comportamento horário concernente aos hábitos alimentares dos entrevistados, conforme as três principais refeições diárias (café da manhã, almoço e jantar) realizadas pelos trabalhadores canavieiros da zona urbana e rural do município em questão.

Tabela 9: Número de trabalhadores canavieiros residentes na zona rural e urbana do município de Cruz do Esp. Santo que declararam fazer as três principais refeições por dia (café, almoço e jantar) de acordo com a faixa horária.

Primeira refeição	4 horas	5 horas	6 horas	7 horas
Entrevistados	2	5	36	7
Segunda refeição	10 horas	11 horas	12 horas	13 horas
Entrevistados	0	50	0	0
Terceira refeição	16 horas	17 horas	18 horas	19 horas
Entrevistados	8	10	13	19

Fonte: Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Segundo o anlista da área da saúde do trabalhador, a média adequada de refeições deve ser realizada num intervalo de três a quatro horas. Ao observar os dados referentes aos itens **6.3.1, 6.3.2 e 6.3.3**, ele afirmou que os trabalhadores canavieiros não estão numa média tão ruim de refeições diárias. Importante que fizessem ao menos um lanche depois do café da manhã (entre 9 e 10 horas da manhã) e almoçassem entre 12h ou 13h, até porque a qualidade da digestão melhoraria por conta do período horário.

Ao analisar o intervalo de tempo entre a segunda (almoço) e terceira refeição (jantar) o respectivo entrevistado afirmou que os trabalhadores que têm um intervalo de sete e oito horas estão numa dinâmica nutricional “péssima”, acarretando em um maior desgaste da sua força de trabalho. Passar um intervalo de tempo tão grande sem se alimentar talvez mereça uma maior atenção por parte dos órgãos competentes e, sobretudo, da empresa com vínculo trabalhistas com os mesmos, visto que eles não se alimentam dentro do intervalo adequado.

Ao suscitar o entrevistado A.C. sobre os cinco litros de água ingeridos diariamente durante a jornada de trabalho no corte da cana-de-açúcar, o mesmo expôs uma colocação

salutar para compreendermos a correlação entre a volumosa quantidade de H₂O ingerida, os alimentos consumidos e o processo de trabalho nas frentes de corte de cana-de-açúcar. É através dessa correlação que entendemos como o capital sucroalcooleiro deteriora a saúde dos trabalhadores canavieiros espírito-santenses, tais quais sinalizam para o âmbito do superdesgaste da sua força de trabalho. Todavia, faz-se importante expô-la na integra, visto que os fatos presentes estão profundamente imbricados:

Você é bebendo água e saindo pelo seu corpo. Já em casa eu não bebo um litro por dia, bebo não, num bebo um litro po dia não. Tem gente que leva nove litro, o outro leva uma de cinco litro e leva mais duas de doir litro; se levar cinco litro num dá não. Depoi de 11 horas vai esquentar, a temperatura vai aumentar, aí ele vai comer e aí que é cede, meu amigo, aí que bebe água. Água eu bebo de meia em meia hora, quase meio litro de água de uma vez... Agora tambem depende do cumer, se você comer uma bolacha ou um pão num dá cede, num bebe muita agua não. Agora se for comê isso pra trabaíá num serviço pesado num aguenta não, morre lá mermo. Olha, quem trabaia nesse negócio de serviço pesado, de servente de pedero, ou em serviço de cana, você tem que comer um feijão, uma carne, uma macaxeira, nada de comê pão ou bolo não; se for bolo e pão ele num aguenta não, aguenta não. Agora se ele comê essa coisas que eu falei (farinha, arroz, feijão, carne, macaxeira, inhame, batata) de manhã no café, de 6 horas, aí sim. Você num vê nenhum trabaiaor que trabaia em usina comendo pão, nem bolo de manhã bem cedo, um pão com queijo e bolo; se for comê aquilo alí, ele num vai chegar nem a oito hora [da manhã], dá até agunia nele; cada uma com uma vasia assim (vasilhas grandes) com arroz , macaxeira, inhame, carne, e vaí até 11 horas. Aí de 11 horas repete de novo [os mesmos alimentos do café da manhã] pra segurar o tranco, senão ele vai ficar sem força pra trabaia. O que dá força pra gente trabaia é o cumer, rapai. Sem cumer ninguém tem força pra trabaia não, o caba caí, morre. Se a pessoa atemar e querer trabaiar sem cumer, dá logo uma agonia nele, a suar frio, o olho dele começa – em neu nunca deu não – a fica tremendo e a vista escurece logo. Teve um trabaiaor, Nino [apelido], trabaizando, de vei de cumê um negóço pesado foi cumê pão, dois pão, e foi trabaiar mai em veneno, o caba com a bomba na costa, correndo no mei da cana, quando deu 10 horas o vei “virou de pé”, dermaiô na hora, foi parar no hospital (A.C., março de 2014).

Mostrar essa parte da entrevista na integra tem por finalidade correlacionar a dinâmica hidratacional, alimentar e, porventura, apresentar como a labuta nos canaviais estar em profundo intercâmbio com tais itens citados no paragrafo. Deste modo, vamos ao debate sobre a hidratação dessa categorial profissional.

3.2 – Hidratação durante a jornada de trabalho.

A hidratação (água, em especial) é um sinalizador eloquente do padrão de consumo-desgaste da força de trabalho nas frentes de corte de cana-de-açúcar por parte dos

trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo – PB. A dinâmica do consumo de água e de outras substâncias líquidas, tais como suco, energético, refrigerantes, café e caldo extraído manualmente da cana-de-açúcar, tanto servem como um método rápido e barato de hidratar o corpo, quanto de estimulante para manter o seu estado metabólico adequado ao processo de trabalho nos canaviais, isso sobre temperaturas que se elevam acima da média por conta do calor que é acentuado no ambiente de trabalho e pelos EPIs que utilizam no dia-a-dia na labuta. Primeiramente, pudemos averiguar tais arguições através da colocação do entrevistado Roberto Aguinaldo, obtida em trabalho de campo no primeiro semestre de 2014:

Rapai, num talhão desse de cana hoje mermo eu tava cortando cana, era bebendo água e a água saindo ligeiro demais [devido a transpiração]; cinco litro de água durou até 11 horas; rapai, cinco litro de água. Eu nunca vi uma coisa dessa não, com meia hora todo mundo tá molhado... Cortar cana é o serviço mais esforçado que existe, no meu conhecimento, você fai muito movimento. Corta cana o cara fai muito movimento: movimenta o braço, pula pra ali, baixa pra ali... **Passou esses dias no Fantastico que o caba dando entrevista lá, ele disse que o dia do caba que corta cana são mai curto [refere-se ao tempo de vida], se esforça demai; quem corta cana direto vevi mai pouco¹²².**

Diante da colocação supramencionada, o quadro é agravado a partir do fato de que “não há sombra nos canaviais e o cortador não se hidrata adequadamente” (S.P. M., 2014)¹²³, mesmo com a quantidade ingerida de água. Portanto, num relatório elaborado em 2011 sobre os trabalhadores canavieiros inseridos no setor sucroalcooleiro paulista, o Serviço Pastoral dos Migrantes (S.P.M.) oferece parâmetros técnico-metodológicos para expormos o desgaste da força de trabalho a partir da vertente de análise que estamos discutindo. Segundo o respectivo estudo, “**no final de um dia de trabalho se o cortador tiver produzido 12 toneladas de cana, ele teria percorrido nove quilômetros e, por consequência, teria perdido oito litros de água**” (S.P.M., 2011).

Diante desse quadro de desgaste da força de trabalho nos canaviais paulistas, pudemos constatar – é claro que isso é uma média, pois aí subentendesse outras variantes que incidem sobre essa dinâmica – como isso pode ser efetivado nas realidades dos trabalhadores canavieiros espírito-santenses a partir das duas principais médias de toneladas produzidas pelos mesmos: 6 e 8 toneladas.

Tendo como base os dados relatados pelo Serviço Pastoral dos Migrantes (SPM), pode-se realizar a seguinte estimativa: se um trabalhador que cortou seis toneladas de cana

¹²²Grifo meu.

¹²³Fonte: <http://spmigrantes.wordpress.com>

diariamente na safra 2013/2014, teria expelido do seu corpo 4 litros de água (via transpiração, ou, no linguajar do cotidiano deles teria “suado”). No caso do trabalhador canavieiro que cortou oito toneladas de cana numa jornada de oito horas, teria perdido 5,3 litros de água.

Se essa projeção é fidedigna a realidade desses grupos que nos serviu como amostra e levando em conta que os alimentos ingeridos por eles têm um baixo teor de substância líquida, conforme expôs o médico entrevistado, ter-se-á um quadro de saúde que pode estar sendo agravado ou, portanto, deverá ser ultrajado a médio e em longo prazo. De acordo com a baixa quantidade de líquidos nas suas alimentações, os mesmos ingerem uma grande quantidade de H₂O durante o período de trabalho.

Exemplificando nossas argumentações, 3,14% do público pesquisado¹²⁴ deglutem mais três litros de água, além dos cinco litros que eles levam para serem ingeridos nas frentes de corte na microrregião de Sapé, e suas adjacências, expondo o resultado no qual pudemos constatar que essa quantidade é quatro vezes a mais do que a média adequada para uma pessoa ingerir em vinte quatro horas. De outro lado, 1,57% do contingente da categoria profissional que estamos debatendo ingerem três litros de água a mais, o que soma oito litros diários durante a safra 2013/2014, chegando a absorverem seis litros a mais do que a média adequada por pessoa (dois litros). Porém, dois significativos grupos empatam no quesito em questão, onde um grupo de cinco pessoas (0,71% da respectiva categoria profissional residente no município em tela) declararam que fazem a ingestão de mais quatro litros de água¹²⁵ e outro composto por cinco entrevistados (0,71%) que alegaram beber mais cinco litros de água¹²⁶ durante a jornada de trabalho.

Em síntese, os trabalhadores adequaram-se as médias de toneladas de cana-de-açúcar produzidas, conforme foi exposto no paragrafo anterior, mediante uma ingerência exorbitante de água, ou seja, eles consomem e transpiram, concomitantemente, um volume que está fora dos padrões normais do cotidiano de vida de uma pessoa, ou de muitos trabalhadores em outros ramos da economia.

Cabe advertir “que dentro deste contexto de organização do trabalho e da produção, os aspectos ligados a equipamentos, ambiente físico (leia-se cortar cana queimada) e pressão podem contribuir para torná-lo cada vez mais desgastante” (LAAT e VILELA, 2007), como pudemos evidenciar, tecnicamente, através do consumo de água apresentado na tabela abaixo.

¹²⁴ Vale lembrar que esta porcentagem refere-se ao contingente da categorial no município em questão (700 pessoas).

¹²⁵ Somando nove litros por dia de trabalho.

¹²⁶ Somando dez litros por dia de trabalho.

Tabela 10: Trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Esp. Santo que declararam ingerir determinados litros de água a mais do que levam e, também, os que ingerem até cinco litros por faixa de consumo, agrupados (zona rural e urbana) e o percentual em relação à amostra obtida.

Quantidade excedente de água consumida	+ 2 litros	+ 3 litros	+ 4 litros	+ 5 litros	Ingerem até 5 litros
Zona rural e zona urbana	22 pessoas	11 pessoas	5 pessoas	5 pessoas	7 pessoas
Percentual em relação à amostra total	44%	22%	10%	10%	14%

Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Os recipientes de água utilizados pelo público em questão têm uma diminuta variação no que tange a sua capacidade de armazenamento. Por exemplo, em comparação percentual com a amostra obtida em trabalho de campo, pudemos constatar que 92% do público (42 pessoas) ao qual aplicamos questionários utilizam as garrafas térmicas com capacidade para armazenar cinco litros de água – este número de pessoas corresponde a 6,57% dentro do contingente de trabalhadores canavieiros residentes no respectivo município: 700 pessoas.

Vale atentar para o fato de que “o trabalhador está sujeito a condições adversas no corte de cana-de-açúcar, como trabalhar sob altas temperaturas, variando entre 23 e 36°C” (Abreu et al., 2011). Este, portanto, é um parâmetro técnico fundamental que viabiliza nossas arguições sobre o item “**Hidratação durante a jornada de trabalho**”. Acrescente-se, também, o uso de outras substâncias líquidas que servem para hidratar e estimular seus corpos (mais precisamente, seu metabolismo) diante das altas temperaturas e das extenuantes jornadas de trabalho, como já descrevemos tanto nesse capítulo, quanto nos anteriores dessa dissertação de mestrado.

Ao analisar a questão **b** do tópico **6.4** do questionário aplicado em trabalho de campo com os canavieiros espírito-santenses, o respectivo médico informou em entrevista que o uso do café (todos confirmaram que fazem uso dessa substância) e de refrigerante, servem como estímulo gastrointestinal, deixando-os mais “espertos”, mais acordados para execução da atividade laboral, ajudando a manter o “reflexo condicionado” (AMARAL e SABBATINI, 2002), contribuindo para um estado neurofisiológico que lhes assegurem produzir cinco, seis, sete, oito toneladas de cana-de-açúcar.

Porém, se de um lado tais substâncias ajudam a manter o reflexo condicionado durante o corte da cana, permitindo aos canavieiros cortarem cinco, seis, sete, oito toneladas

diariamente; do outro lado, contribui para um estado neurofisiológico¹²⁷ que incide negativamente sobre o Sistema Nervoso¹²⁸ (S.N.), uma vez que “esse sistema coordena e integra todos os demais sistemas do organismo e, também, processa estímulos externos e emite respostas orgânicas e corporais frente ao ambiente externo” (Fazolo, s.d.p.2), o qual pode ser traduzido em ritmo e ambiente de trabalho que estão inseridos nas frentes de corte.

Desse modo, convém apresentar a tabela a seguir, com fins de comprovarmos como se dá as múltiplas formas de estimulantes líquidos para manter – mesmo que inconscientemente por parte dos mesmos – seus reflexos estritamente condicionados, ou seja, seus 66.666 golpes de podão estritamente adestrados para produzir seis toneladas diariamente, por exemplo.

Tabela 11: Tipos de substâncias líquidas ingeridas pelos trabalhadores canavieiros pesquisados e agrupados (zona rural e urbana) e sua comparação percentual em relação ao contingente da categoria (700 pessoas).

Tipos de substâncias líquidos utilizados durante o período de trabalho	Caldo extraído manualmente da cana	Suco	Energético	Refrigerante	Água com gás
Número de entrevistados (Zona urbana e rural) por tipo de substância líquida	8	35	17	20	0
Porcentagem do número de entrevistados por item em relação ao contingente da categoria	1,14%	5%	2,42%	2,85%	0%

Fonte: Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

¹²⁷ Um exemplo didático a respeito do estado neurofisiológico pode ser evidenciado na seguinte alusão: O controle motor é assunto fundamental para quem pretende atuar de maneira coerente e eficaz, interpretando dados e adequando seu plano de ações conforme o quadro clínico apresentado. Apesar de subdividirmos o SN de maneira sistemática, quando experienciamos uma situação, ocorre uma ação coordenada de várias partes deste sistema, resultando em uma ou mais ações. Para Lent, (2005, p.2), a Teoria da Localização de Funções (como é conhecida esta ação integrada entre as partes) pode ser exemplificada pelo simples ato de conversarmos com alguém: podemos ver, falar, ouvir, sentir (olfato), manter um posicionamento, nos movimentar adequadamente, demonstrar emoções, evocar memórias [...] cada uma destas funções é executada por diferentes partes do SN e, no entanto, elas são desempenhadas harmônica e coordenadamente. Qualquer disfunção / lesão em uma destas partes repercutirá de maneira diferente em uma função e / ou na capacidade de controle motor. Para fins didáticos, seguiremos as tendências bibliográficas propondo a fragmentação destas responsabilidades e ações (Portal Educação, 2012). Fonte: PORTAL EDUCAÇÃO, 2012. Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/fisioterapia/artigos/22005/neurofisiologia-do-controle-motor#ixzz3B36afuDj>

¹²⁸ O sistema nervoso é o que monitora e coordena a atividade dos músculos, e a movimentação dos órgãos, e constrói e finaliza estímulos dos sentidos e inicia ações de um ser humano (ou outro animal). Os neurônios e os nervos são integrantes do sistema nervoso, e desempenham papéis importantes na coordenação motora. Todas as partes do sistema nervoso de um animal são feitas de tecido nervoso e seus estímulos são dependentes do meio. O sistema nervoso tem como função integrar os processos corporais e o comportamento do indivíduo ao meio externo (FAZOLO, s.d., p. 2).

Por sua vez, é válido arguirmos sobre os quatro primeiros tipos de substâncias líquidas expostos na tabela. Em comparação percentual com o número de pessoas que aplicamos os questionários, os entrevistados que declaram terem ingeridos o caldo extraído manualmente da cana compõe um contingente significativo, 16% da amostragem. O uso do suco (seja ele extraído da fruta, seja de composto sólido) perfaz o item da tabela acima com maior número de declarantes, 70% do contingente da amostra.

O energético¹²⁹, unanimamente conhecido pelos canavieiros entrevistados como “suco branco”, é disponibilizado pelas usinas no período da manhã, geralmente por volta das nove horas. Sua disponibilização pelas empresas sucralcooleiras aos trabalhadores canavieiros é uma determinação jurídica que atende as demandas da segurança do trabalho, mas que, segundo os canavieiros, não se adaptam a esse estimulante, chegando a vomitarem após sua ingestão. Cabe frisar que diante desse e de outros reclames dos entrevistados sobre o energético, apenas 34% da amostra utilizam-no. Percentualmente, o *quantum* de pessoas entrevistadas que ingerem refrigerante durante a jornada de trabalho representa 40% da amostra em pauta, onde 28% (14 pessoas) são da zona urbana e 12% (6 pessoas) da zona rural do município de Cruz do Espírito Santo – PB.

3.3 – Caracterização do estado de saúde dos entrevistados: dor na coluna.

Segundo o pesquisador da área de saúde do trabalhador tais questões levantadas no item 8.1, **Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho – DORT**, quando analisada em conjunto denunciam um quadro preocupante de doenças ocupacionais; e se tais moléstias não forem, *a priori*, ocupacionais, são agravadas pelo processo de trabalho no setor canavieiro. As doenças ocupacionais caracterizam-se por serem moléstias de evolução lenta e progressiva, originárias de causa igualmente gradativa e durável, vinculadas às condições de trabalho”(MEDEIROS, 2009).Deste modo:

¹²⁹ As bebidas energéticas são muito usadas por jovens esportistas para melhorar o rendimento físico, aumentar a atenção e concentração ou dar mais disposição em uma longa noite. As bebidas energéticas são, na verdade, à base de taurina, glucoronolactona, cafeína e inositol. [...] Uma latinha de energético trás 30% a mais cafeína do que um café expresso. [...] Entre seus benefícios comprovado, está a estimulação do sistema nervoso central, diminuindo a fadiga e aumento o estado de alerta. Só que, no sistema cardiovascular, em doses elevadas essas substâncias aumenta o batimento do coração. Assim, o consumo excessivo pode acarretar em palpitações, dores de cabeça e no estomago, insônia, perda de apetite, náusea, vômito.[...] Entretanto quando há maior desgaste energético, como na atividade física prolongada, durante mais de 60 minutos, torna-se necessário repor os níveis de sais minerais, de modo a garantir o equilíbrio eletrolítico e de energia, já que com a diminuição dos estoques de glicogênio, a glicose sanguínea oriunda dos carboidratos é a maior fonte de energia para a musculatura. Neste caso, o líquido de reposição deve apresentar eletrólitos, carboidratos e vitaminas numa concentração ideal, em solução isotônica, em outras palavras, contendo os sais minerais em proporções semelhantes as encontradas em nosso corpo. (TAVARES et. al., 2008).

Segundo Célio de Arruda Junior, [...] as doenças profissionais, tecnopatias ou idiopatias referem-se às doenças que possuem como causa única o trabalho, já as doenças de condições de trabalho ou mesopatias estão indiretamente ligadas ao trabalho, ou seja, o trabalho não é sua única e exclusiva causa, mas existe “(...) um nexo de concausalidade, composto de duas causas, a principal e a instrumental, ambas eficientes na produção de um só efeito” (LOPES e MELO, 2007, p.2 APUD FINOCCHIARO, 1976, p.25).

Entre os problemas de saúde mais relacionados pelos cortadores de cana, as dores na coluna aparecem em primeiro lugar. Esse sintoma oscila entre o âmbito da tecnopatias e mesopatias, tais como estão conceitualmente expostas na citação. Os exemplos que evidenciam as causas do sintoma em questão são oriundos direta e indiretamente do processo de labor nos canaviais, que durante safras trabalhadas vão sendo acentuados gradativamente.

Desse modo, três arquétipos narrados pelos cortadores de cana em questão nessa dissertação são plausíveis para “testumanharmos” a concausalidade entre saúde/doença e trabalho. Por exemplo, L.A.S. mencionou ter conhecido um cortador de cana que ganhou uma geladeira como premiação pela maior produtividade do mês. Porém, hoje o mesmo está na cadeira de rodas devido aos problemas na coluna. Noutro caso, I.L.S. referiu que o médico tinha alegado problemas de desvio na coluna, responsabilizando o trabalho nos canaviais como causador dessa complicação no seu estado de saúde. Por último, F.S. afirmou geralmente tomar Diclofenac para aliviar as dores na coluna.

A tabela a seguir expõe o panorama da amostragem (50 trabalhadores) referente **item 8.1** do questionário – **DORT (Doenças Osteomusulares Relacionadas ao Trabalho) e LTC (Lesão por Trauma Cumulativo)**¹³⁰. Os resultados auferem-se as questões A e B desse item.

Tabela 12: Número de entrevistados que declararam sentir dor de coluna durante a jornada de trabalho e se requisitaram serviço médico na especialidade.

Sentiu dor na coluna	Sim	Não	Requisitou serviço médico na especialidade	Não requisitou serviço médico na especialidade
Pessoas	41	9	18	23
Percentual dentro da amostragem	82%	18%	36%	46%

Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo, segundo semestre de 2014.

¹³⁰ Como os dados obtidos nesse item se enquadram majoritariamente na DORT, resolvemos na debater sobre Lesões por Traumas Acumulativos.

Para o referido médico, percebe-se o descaso com a saúde dos trabalhadores canavieiros através a partir do sintoma discutido na questão **B**¹³¹ do respectivo tópico, isso pelo fato de “ninguém” solicitar algo a mais, como, por exemplo, exames, tipo de tratamento, fisioterapia. Em conexão com sua argumentação, vale frisar que esse descaso está dentro de um panorama mais complexo, ou seja, há um entrave estrutural que é demarcado pela questão agrária¹³², com destaque para a estrutura fundiária e sua reprodução social no espaço geográfico de Cruz do Espírito Santo e o público que estamos analisando. Por dentro da questão agrária brasileira, cabe explicitar o pensamento de Caio Prado Jr.:

O desenvolvimento agrário ocorrido sob a lógica da concentração da propriedade da terra originava, deste modo, seus próprios mecanismos de reprodução. [...] As relações de trabalho no campo, por sua vez, encontravam-se estritamente condicionadas pela desigualdade reinante na economia agrária especulativa. O desenvolvimento de suas formas preservava permanentemente o conteúdo de sua regra fundamental: **a reprodução no campo de larga oferta de "mão de obra de fácil exploração e custo mínimo"**¹³³ (LIMA, 1999, p.128 APUD PRADO JÚNIOR, 1979:9).

O desenvolvimento agrário sob o molde civilizacional da burguesia brasileira mostrou a tênue relação de interesses socioeconômicos com o povo brasileiro, com o solo pátrio do qual ela faz parte. Afirmar isso em linhas gerais deve-se a tais mecanismos utilizados para a reprodução do seu capital no espaço agrário nacional, como: 1) a produção de uma força de trabalho de baixo custo; 2) os nexos econômicos de expulsão do trabalhador rural via êxodo (pauperismo); 3) a inviabilidade de resolver os problemas internos resultantes da irresolvível questão agrária brasileira (dentro da ordem burguesa), devido ao baixo custo dos produtos agrícolas para atender o mercado consumidor externo; 4) a estruturação da classe trabalhadora brasileira a partir do mercado de trabalho e do comércio internacional.

O legado que os trabalhadores herdaram desse padrão social foram as múltiplas relações de trabalho para suprir as suas condições materiais de existência, uma vez que se fazia qualquer atividade, de qualquer forma, com remuneração das mais variadas, determinadas pelo grande proprietário agrário, que, por ventura, já tinha na lógica mercantil o ponto culminante que melhor lhe desse rentabilidade. As imposição, por parte dos grandes

¹³¹Se teve ou ainda tem,já foi a um médico da especialidade? Se tiver ido a um especialista, você se lembra sobre o que ele respondeu desse problema?

¹³²A questão social (a relação capital X trabalho) está contemplada ao discutir a questão agrária, tendo em vista que levamos em conta para o seu debate a linha de raciocínio de Caio Prado Júnior.

¹³³Grifo meu.

proprietários de terra, de relações de trabalho que mais pudesse tirar proveito¹³⁴, que menos custos tivessem para ser produzidas as mercadorias agrícolas, revitalizava a desigualdade social de dimensão secular na história nacional, sendo ela (desigualdade social) ponto de partida e ponto de chegada nas formas de exploração da força de trabalho no espaço agrário, afetando, contundentemente, o estado de saúde dos trabalhadores rurais, em especial dos trabalhadores canavieiros, foco de estudo nessa pesquisa de mestrado.

Se a amostragem que obtivemos reflete o quadro de desgaste-reprodução da força de trabalho dessa categoria no município ao qual residem (Cruz do Espírito Santo), o esforço *laboral* desprendido nos canaviais insere-os numa dinâmica sócioespacial do capitalismo atrófico¹³⁵, do qual a modalidade de acumulação de capital tem como pressuposto a superexploração da força de trabalho.

É bom frisar que os sintomas de coluna (cervical, lombar) pode ser originário ou agravada pelo corte da cana, e o fato de quarenta e uma pessoas terem este sintoma expressa muito bem a dimensão teórica da categoria (superexploração) que estamos discutindo. Além disso, demonstra que a superexploração não se restringe à relação social imediata (capital x trabalho). Os impactos dessa relação são sentidos noutros campos da vida social, isto é, nas condições que asseguram a reprodução básica da vida. Tomando como exemplo a precariedade do sistema público de saúde, para compreendermos

¹³⁴ Com efeito, Caio Prado Júnior nos demonstrou como a expansão da agricultura capitalista no Brasil se processou à custa de contínua geração de modalidades de remuneração da força de trabalho que permitiam ao capitalista empreendedor o rebaixamento do montante de custeio da produção, pela combinação de formas de remuneração adequadas à disponibilidade de seus capitais. Assim, Caio Prado Júnior nos explicou o colonato e a parceria como relações de trabalho resultantes da imposição, por parte dos proprietários capitalistas, de formas de pagamento mistas (pagamento em espécie, repartição do produto e permissão do uso da terra) em ciclos de retração econômico-financeira ou em fases intermediárias da produção, nas quais os lucros da comercialização não podiam ainda ser auferidos pelos produtores de culturas perenes e anuais. Resumiam-se, portanto, a estratégias do empreendedor agrícola para diminuir os custos de remuneração da força de trabalho, cuja proliferação nas unidades de produção possuía seu ritmo definido pela dinâmica financeira dos ciclos de produção, correspondendo a tendência de maior incidência de formas mistas de remuneração a momentos de menor rentabilidade e liquidez, e, inversamente, a sua substituição por formas puras de assalariamento ao aumento de ativos na composição de capital das unidades de produção. Daí a conclusão a que Caio Prado Júnior chegou de que nas formas mistas de remuneração a relação de prestação de serviços funcionava como definidora do caráter econômico real das relações de produção entre trabalhadores e proprietários: todas as formas, variantes nas maneiras de estabelecimento das obrigações das partes, mantinham-se invariáveis na subordinação final da força de trabalho à lógica e ritmo da unidade extensiva de produção, possibilitando sua manutenção continuada independentemente da capacidade de emprego de força de trabalho assalariada pelo próprio capitalista (LIMA, 1999, p.128).

¹³⁵ CHASIN, José. **A entificação do capital atrófico.** (1997).

a respeito das condições que assegurem a reprodução básica da vida¹³⁶, tomemos como referência a análise de Buss (2006,p.1578-1579):

As desigualdades em saúde entre pessoas pobres e ricas, no interior de países pobres, também são acentuadas. Tais desigualdades ocorrem tanto nos níveis de saúde e nutrição (morbidade, descapacidades e mortalidade), como também no acesso aos serviços sociais e de saúde (BUSS, 2006, p.1578-1579).

Para o sintoma em questão e em interlocução com a alusão supramencionada, convém ressaltar o quesito descapacidades, presente na citação. Para o caso do público pesquisado nessa dissertação de mestrado, as descapacidades situam-se numa “linha” tênue que separa um estado precário de saúde traduzido por essas dores durante a jornada de trabalho, de um provável agravamento sucessivo que pode incapacita-los para o trabalho, conforme alegado em entrevista pelo canavieiro J.R. :

Passei mal outra vez, lá embaixo perto da usina, no paú. Tava arrancando uns toco de aniba com enchadeco, deu essa crise de coluna neu. Aí fiquei duro que nem um robô; quem correu foi uma F4 mil que levou – num sei se era alugada ou era da usina. Foi três homi pra pegar eu, que eu caí todo duro, levou eu direto pro hospital; lá eu tomei injeção, tomei soro, lá na Flávio (março de 2014).

Ao entrevistá-lo, o que mais chamou atenção foi o estado social e de saúde que se encontra. Aos quarenta e cinco anos de idade, J.R. está impossibilitado de exercer qualquer atividade profissional e, também, está à mercê da pesada burocracia do Estado (Secretaria de Saúde e Previdencia Social) e da falta de acompanhamento jurídico (por parte do MTE) para a liberalização da sua aposentadoria por inatividade precoce. É através do acesso aos sistemas de saúde (público e privado) traduzido em especial no relato do entrevistado J.R., que conseguimos ratificar a brutal disparidade social entre a burguesia sucroalcooleira¹³⁷ e os trabalhadores canavieiros no que tange a questão da acessibilidade aos serviços de saúde.

¹³⁶Cabe, aqui, reescrever parte da frase do parágrafo para deixarmos mais notório do que estamos falando.

¹³⁷ Usamos a burguesia sucroalcooleira porque ela está mais presente na realidade dos cortadores de cana, sendo uma classe social com ranço patrimonialista, resquícios da cultura política das classes dominantes do espaço agrário paraibano, tendo como exemplo os proprietários da Usina São João, a qual tem o maior número de vínculos empregatícios com o público pesquisado em trabalho de campo.

3.4 – Caracterização do estado de saúde dos entrevistados: Doenças Osteomusculares Relacionada ao Trabalho (DORT).

Os problemas de saúde discutidos neste item expressam os distúrbios ou doenças do sistema musculoesquelético constatados nos trabalhadores canavieiros discutidos nessa dissertação de mestrado. Segundo o médico J.X.F., seria preciso ver os laudos médicos expedidos, para termos uma maior precisão analítica sobre os dados tabulados neste item.

O especialista entrevistado ressaltou os problemas que melhor evidenciam os sintomas oriundos das **Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT)**, sendo eles: câimbra, dor nos punhos, dor nos ombros, pontadas no corpo (geralmente no peito), fraqueza, tremores nas pernas, vibrações na musculatura do corpo (principalmente no bíceps e tríceps).

A propensão do sistema muculoesquelético¹³⁸ dos trabalhadores inseridos no corte da cana-de-açúcar em “despertar” tais distúrbios ou doenças deve-se estritamente às precárias condições de vida e de trabalho, tais quais já foram discutidas em capítulos anteriores. Conceitualmente:

¹³⁸ Os músculos esqueléticos ou músculos estriados, apresentam estriações em suas fibras. Possuem células individuais que apresentam estriadas (listradas), quando vistas do microscópio. Cada célula contém vários núcleos (multinucleada) os quais estão localizados próximo da superfície celular. Cada célula muscular (fibra) é coberta por uma membrana celular (bainha) conhecida como sarcolema. Este revestimento atua como um elo de conexão entre as fibras musculares e os tendões e confere elasticidade à fibra muscular, sendo composto pelas membranas plasmáticas e basal. São os responsáveis pelos movimentos voluntários,¹ estes músculos se inserem sobre os ossos e sobre as cartilagens e contribuem, com a pele e o esqueleto, para formar o invólucro exterior do corpo. A maioria dos músculos está presa ao esqueleto, junto a articulações, abrindo-as e fechando-as. Nas articulações, esses músculos são presos a ossos por meio de tendões, que são cordões de tecido conjuntivo. O músculo esquelético integral, como o bíceps, que é observável e palpável, consiste de vários tipos de tecido. Cada músculo comprehende fibras ou células musculares longas, delgadas, cilíndricas que se estendem por todo o seu comprimento. Assim, essas células podem ser muito mais longas. Cada célula ou fibra muscular multinucleada é conectada às células musculares paralelas e circundada por uma camada de tecido conjuntivo denominada endomísio. Tais fibras são, então, agrupadas em feixes mantidos juntos por outra camada de tecido conjuntivo, denominada perimísio. Esse grupo revestido ou feixe de fibras é denominado um fascículo. Os grupos de fascículos, feixe de fibras, cada qual com vasos sanguíneos e tecido nervoso associados, são mantidos bem unidos por outra camada de tecido conjuntivo denominada epimísio. A fáscia é a fusão de todas as três camadas internas de tecido conjuntivo do músculo esquelético. A fáscia separa os músculos uns dos outros, permite o movimento sem atrito e forma o tendão como o qual o músculo é conectado ao osso. Isoladamente, cada uma das fibras é uma célula alongada. Cada uma dessas fibras musculares esqueléticas é formada por fibras menores chamadas miofibrilas, que são constituídas por dois tipos de filamento: os delgados e os grossos. A fibra muscular é na realidade, uma célula multinucleada com estriações transversais. O sarcolema constitui o principal fator de elasticidade do músculo e atua como uma conexão entre a fibra muscular e a parte tendinosa do músculo ou tendão. Na realidade, os músculos esqueléticos estão dispostos em camadas que vão das mais superficiais às mais profundas e em direções variáveis. Sistema esquelético e muscular (Portal educação, 2012) . Disponível em: <http://www.portaleducacao.com.br/medicina-alternativa/artigos/15469/sistema-esquelético-e-muscular>

LER/DORT é um termo que serve para caracterizar distúrbios ou doenças do sistema musculoesquelético, principalmente de pescoço e membros superiores, relacionados, comprovadamente ou não, ao trabalho. Apresenta as seguintes características: indução por fadiga neuromuscular – trabalho realizado em posição fixa (trabalho estático) ou com movimentos repetitivos, principalmente de membros superiores; falta de tempo de recuperação pós-contração e fadiga (falta de flexibilidade de tempo, ritmo elevado de trabalho); quadro clínico variado incluindo queixa de dor, formigamento, dormência, choque, peso e fadiga precoce (MAENO et. al, 2001,p.7)

A intensificação da produção mediante a jornada legal de trabalho e o salário por produção podem acarretar distúrbios ou doenças no sistema em questão, tais quais podem levar o trabalhador canavieiro à inatividade profissional, como foi o caso do entrevistado João Reinaldo, residente no Conjunto João Úrsulo, zona urbana do município de Cruz do Espírito Santo – PB:

Quando ele olhou eu [o médico do hospital que ele fez os exames], ele diche logo: isso aqui [...] num tem nem o que falar mai, é “erni” de disco. Do jeito que você tá, num tem condição de trabaier não, se você fizer “extravagância”, pra você vai ser pior. Se você fazê “extravagância”, pegar peso, fazê o que num é pa fazê, você vai direto pra uma cadeira de roda – ele diche a eu. E é mermo. Quando eu “munto” numa bicicletinha eu num chego no Conjunto de bicicleta não [da casa do entrevistado para o local que se refere há uma distância de 4 quilometros]. Eu vou andando no mei da rua aqui mermo – muita vezes já aconteceu isso –, eu vou andando aqui de “pei”, quando eu chego ali minha perna trava, eu fico ali parado no mei da rua...Essa penar me dá “impacto” demai de noite. Se tu vê eu deitado aqui, eu me cubro com um lençol que tem aí, de grosso ele é rim até pra pegar fogo, e eu sinto frieza na minha perna ainda; eu sinto aquela frieza em meus ossos, aquela frieza. Eu me “enrolo” daqui pra baixo [da cintura até os pés]. Tu vê um lençol que tem aí é próprio pra temperatura mermo [coxa grossa, sengundo ele], mai pra minha perna num é nada; eu amanheço com isso tudo durmente [osso da perna esquerda] (J.R. março de 2014).

Ex-trabalhador do corte da cana, o respectivo entrevistado declarou que está recebendo o benefício da Previdência Social, equivalente a um salário mínimo (724 R\$) e que ainda está na espera para receber a aposentadoria, dependendo dos parcisos recursos financeiros que possui para pagar uma ressonância magnética que custa 900 reais, para, assim, demonstrar a necessidade do benefício (aposentadoria por invalidez).

Em síntese, falta acompanhamento por parte dos órgãos competentes e políticas públicas na área da saúde para viabilizar o processo de requisição da sua aposentadoria, destravando essa burocracia “pesada” que lhe impede de recebê-la. Desse modo, quando falamos que o capitalismo brasileiro é atrofico, queremos sinalizar para a pesada e incapaz burocracia do Estado para resolver os problemas básicos da população, como, por exemplo, é

o caso do respectivo entrevistado. De ante desse debate, a tabela a seguir mensura os sintomas de LER/DORT na amostragem analisada nessa dissertação.

Tabela 13: Tipos de sintomas relacionados à DORT/LTC dentro da amostra obtida, por divisão territorial e seus percentuais.

Tipos de sintomas	Câimbra	Dor no punho	Dor no ombro	Pontadas no corpo
Zona urbana (34 entrevistados)	21	18	14	22
Zona rural (16 entrevistados)	14	9	7	15
Percentual dentro da amostra (Z.R. e Z.U. em conjunto)	70%	54%	42%	74%

Fonte: trabalhado de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Inicialmente, é importante ressaltar as proporções da amostragem obtida do município em questão através da divisão territorial, em que aplicamos trinta e quatro questionários em duas localidades da zona urbana e dezesseis na zona rural. Com isso, queremos sinalizar para o número de pessoas com os sintomas elencados na respectiva tabela que é mais expressivo para o público da zona rural, tendo em vista, por exemplo, que no quesito câimbra chega-se a 28% dentro da amostra. Ainda sobre o referido quesito, cabe detalhá-lo através da sua exposição pelas comunidades selecionadas que aplicamos os questionários.

Tabela 14: Número de trabalhadores canavieiros residentes nas cinco localidades selecionadas (urbanas e rurais) em Cruz do Espírito Santo – PB que afirmaram sentir câimbra durante a jornada de trabalho.

Câimbra	Conj. João Ursulo	Conj. Paiva e Francisco Cunha	Júlia	Assentamento Dona Helena	Sítio Entroncamento	Sítio Jaques
Sintoma declarado pelos entrevistados por localidade	7 pessoas	14 pessoas		5 pessoas	3 pessoas	6 pessoas
Número total de entrevistados por localidades	14 pessoas	20 pessoas		6 pessoas	4 pessoas	6 pessoas

Fonte: José de N.D. Soares. Trabalho de campo no primeiro semestre de 2014.

Uma atenção mais detalhada sobre a câimbra deve-se, estritamente, a quantidade de pessoas acometidas por tal sintoma. Em um universo amostral de cinquenta entrevistados,

trinta e cinco trabalhadores canavieiros afirmaram que a câimbra é constante¹³⁹ durante a jornada de trabalho. Segundo o médico entrevistado, a câimbra é sinal de que seu corpo chegou ao seu limite, uma vez que esse sintoma é resultado de uma mudança metabólica no organismo do trabalhador, que já não consegue fazer a **respiração celular**^{140 141}; passando a respirar por fermentação¹⁴². Abandona-se a via respiratória normal e passa-se a outra via respiratória, ocasionando uma respiração por fermentação, engendrando **ácido láctico**¹⁴³ nos músculos, que é responsável por contrações no corpo, causando uma alteração no sistema nervoso. Deste modo, muita câimbra indica que você está gastando muito mais do que seu corpo está conseguindo produzir, recuperar.

Este sintoma traduz, técnica e teoricamente, a ingerência da superexploração do trabalho sobre os canavieiros espírito-santenses, em que, conforme o entrevistado J.X.F, o desgaste da força de trabalho vai sendo realizado de tal forma que a reposição das suas energias via metabolismo não vão conseguindo suprir essa demanda.

Inter-relacionada com o sintoma da câimbra, as **pontadas no corpo** são mais de caráter osteomusculares, do que com qualquer outro problema de saúde, comenta J. X. F. Tais

¹³⁹ O parâmetro técnico que nos permitiu aos entrevistados declararem a constância perante este sintoma deve a uma frequência de 5 vezes durante as safras trabalhadas, com destaque para a ultima safra: 2013/2014.

¹⁴⁰ Comumente chamada de respiração aeróbica.

¹⁴¹ A respiração é uma das características essenciais dos seres vivos. Resume-se na absorção pelo organismo de oxigênio (O₂), e a eliminação do gás carbônico (CO₂) resultante das oxidações celulares. No corpo humano esse processo é realizado pelo sistema respiratório.[...] Em nosso organismo, o alimento é absorvido no intestino e conduzido pelo sangue até as células, onde é quebrado no processo de **respiração celular aeróbia** que consome oxigênio, forma água e gás carbônico, com liberação de energia, para que ocorra esse processo é preciso uma fonte de energia sendo a principal fonte a glicose, proveniente da digestão de carboidratos. Durante a produção de energia, também ocorre a produção de calor (homeotermos) (GUIDI, 2005).

¹⁴² A fermentação láctica nas células musculares é um processo que ocorre de forma alternativa, frente a situações em que o organismo não realiza respiração aeróbia. Considerado um artifício metabólico de curto prazo, ativado quando o organismo é submetido a um intenso esforço físico em condições de baixa oxigenação muscular. Porém, a desvantagem anaeróbia em relação à aeróbia, consiste não somente a quantidade de ATP (Adenosina Trifosfato), mas aos efeitos fisiológicos causados. Em decorrência a extensos períodos de atividade fermentativa (exercícios físicos prolongados), as células musculares passam a conter uma concentração muito elevada de ácido láctico, prejudicando o funcionamento da célula. Entre os efeitos provocados em defesa do metabolismo, o organismo passa a sentir dor e fadiga muscular, causada por uma contração arritmica (gradativa ou repentina) atuando com sinal de alerta, induzindo o fim da atividade para repouso e restabelecimento da capacidade fisiológica do órgão (RIBEIRO, 2013).

¹⁴³ Além da fermentação láctica, o **ácido láctico** também se pode formar nos músculos durante o trabalho muscular intenso surgindo como o produto final da glicólise anaeróbica, por redução do ácido pirúvico. É a acumulação de **ácido láctico** que provoca as dores musculares e as cãibras após exercício físico mais forte (Knoow, 2008). Disponível em: <http://www.knoow.net/ciencterravida/biologia/acidlactico.htm>

pontadas no corpo, em especial no peito, são sinais de um corpo que mesmo ao parar, ele ainda não está conseguindo resgatar o índice metabólico normal esperado.

Quando detalhamos a tabulação geral da zona rural, o índice de trabalhadores canavieiros que alegaram já ter sentido pontadas no corpo durante o corte da cana chega a impressionar. Por exemplo, dos seis entrevistados do Assentamento Dona Helena, cinco afirmaram já ter sentido pontadas no corpo (no peito); no Sítio Entroncamento, os quatro canavieiros que aplicamos questionário alegaram esse sintoma; no Sítio Jaques, o público total entrevistado (seis pessoas) declarou já ter sentido essas pontadas na região do peito.

A câimbra e as pontadas no corpo (geralmente no peito) denunciam um aumento da “carga de trabalho¹⁴⁴” sobre os trabalhadores em questão, acarretando implicações negativas para a saúde dos mesmos, podendo levá-los à inatividade profissional, com destaque para a população jovem presente nessa categoria.

O resultado dessa intensificação da carga de trabalho sobre os corpos dos trabalhadores canavieiros residentes nas localidades urbanas e rurais selecionadas para essa pesquisa de mestrado expressam que está havendo um superdesgaste da força de trabalho. Diante desse superdesgaste¹⁴⁵, seus corpos passam a ter um acentuado desequilíbrio metabólico¹⁴⁶, gastando mais energia do que produzem, levando-os, consequentemente, à exaustão.

Numa entrevista com um trabalhador do corte da cana-de-açúcar residente no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha em abril de 2014, obtivemos informações reluzentes sobre a acentuada carga laboral no corte da cana-de-açúcar que, por consequência, desencadeia o sintoma da câimbra nos trabalhadores canavieiros:

¹⁴⁴ A carga de trabalho é, portanto, uma complexa função de: duração da atividade, ritmo e intensidade do esforço, tipo de tarefa, estratégias de regulação (que, por sua vez, dependem das competências do trabalhador e das condições de trabalho em sentido amplo), ciclos e pausas (horárias, diárias, entre jornadas, semanais e anuais, com seus feriados e férias mais longas, implicação, interesse e sentido do trabalho para o trabalhador) (LIMA, 2010, p.2).

¹⁴⁵ Por superdesgaste podemos entender que o desgaste está sendo maior do que a capacidade física e psíquica de reposição das suas energias.

¹⁴⁶ Como definição, o metabolismo é o conjunto de reações químicas responsáveis pelos processos de síntese e degradação dos nutrientes na célula. O metabolismo pode estar em estado anabólico, que é a síntese, ou seja, a formação de compostos ou pode estar em catabolismo, onde há degradação, ou "quebra" de compostos. O organismo gasta uma quantidade de calorias simplesmente para manter suas funções vitais como respiração e funcionamento cardiovascular, por exemplo, mesmo quando se está em repouso. Esse valor é chamado de taxa de metabolismo basal (SILVA, s.d.). SILVA, Roberta dos Santos. **Entendendo o metabolismo.** Mais equilíbrio. Disponível em: <http://maisequilibrio.com.br/nutricao/entendendo-o-metabolismo-2-1-1-83.html>

Tive umas câimbras pesada “danada”. Tive um dia de câimbra pesada, só faltou dá câimbra no coração. Graças a Deus de lá pra cá num deu mai. [...]¹⁴⁷ Naquele dia eu tava muito fraco e eu não sabia que eu tava passando por aquele fracasso. [...] **Aí eu cheguei que o problema da câimbra é um problema do fracasso do corpo**¹⁴⁸. Isso por que os médico diz assim, os médico fala pra gente [cortadores de cana]: só arroz, feijão, farinha e mistura [carne, frango, peixe, etc.] não dá a “precisão” que o corpo da gente necessita, por que todo dia nós tá disgantando parte dele no campo, todo dia tá suando, andando, correndo, “pinotando”, pegando peso, isso e aquilo outo (Entrevistado Ademilson, abril de 2014).

O extenuante dia de trabalho nas frentes de corte desgasta fisiologicamente o corpo dos trabalhadores a tal ponto, que mesmo com uma refeição rica em carboidratos e ao ingerirem excessiva quantidade de água, revela-se insuficiente para manter o seu equilíbrio metabólico diante do ritmo de trabalho exigido, levando, consequentemente, a sucessivas câimbras e pontadas no corpo.

A energização da carga laboral nos canaviais tem na repetitividade a sua expressão mais explicativa, pois indica que o tempo entre um golpe e outro na cana-de-açúcar deve diminuir cada vez mais, como forma para aumentar a quantidade de cana produzida diariamente. Segundo Maeno *et. al* (2001, p15), “a repetitividade é o fator de risco mais corriqueiro para o surgimento de LER/DORT”¹⁴⁹. Desse modo:

As LER/DORT resultam da superutilização do sistema musculoesquelético, sendo quadros clínicos que se instalaram progressivamente em pessoas que desenvolvem suas atividades em postos de trabalho sujeitos a fatores de riscos relacionados à tecnologia e a organização do trabalho (MAENO et. al, 2001, p.28).

O processo de trabalho nos canaviais, tal qual subjaz o corte da matéria-prima, o uso dos instrumentos de trabalho e o próprio trabalho vivo (para golpear a matéria-prima) acarreta graves danos ao sistema musculoesquelético dos canavieiros. Em pesquisa de campo, não foram poucos os relatos dos entrevistados que conhecem trabalhadores em inatividade profissional por conta do labor nos canaviais.

Sabe-se que esse processo é apropriado e comandado pelo capital (sucroalcooleiro) com fins de acumulação de riqueza na sua forma universalmente burguesa: o dinheiro¹⁵⁰.

¹⁴⁷Após eu explicar ao entrevistado o que era câimbra, quais são as suas causas e consequências, ele complementa o debate com o relato que se segue.

¹⁴⁸ Grifo meu.

¹⁴⁹Com base no texto elaborado por Maeno et. al, tecnicamente consideraremos movimentos repetitivos o ciclo com duração menor do que 30 segundos (2001,p.23).

¹⁵⁰Vale lembrar que estamos falando do dinheiro na sua forma capital, tal qual define-se mediante o seguinte processo societal: Onde está a solução do problema? Que condições são necessárias para que o dinheiro ultrapasse a etapa do entesouramento primitivo, para que se conserve e se multiplique como valor independente,

Portanto, na medida em que a concorrência entre os capitais sucroalcooleiros intensifica-se nas mais variadas escalas comerciais, tem-se um agravo dos quadros clínicos do público em questão nos quais se detectam a DORT, isto por quê:

Como a maquinaria se desenvolve com a acumulação da ciência social – força produtiva geral – não é no trabalho, mas no capital que se fixa o resultado do trabalho social geral. E, de fato, a força produtiva de uma sociedade mede-se segundo o capital fixo, que é, nela, a sua materialização; mas, por sua vez, a força produtiva do capital desenvolve-se, graças a este progresso geral de que o capital se apropria gratuitamente. O conjunto do processo de produção já está, então, numa aplicação tecnológica da ciência (MARX, 1980, p.41).

A constatação de DORT nos canavieiros pesquisados deve-se, diretamente, mesmo que isso não seja evidenciado empiricamente, ao exacerbado desenvolvimento tecnológico apropriado pelo capital em geral e sucroalcooleiro, em particular. Quando compreendido essa questão numa escala nacional, vê-se que o fator tecnologia exerce uma pressão sobre os trabalhadores canavieiros do Brasil, isto em suas sucessivas escalas de atuação.

De fato, o trabalho objetivado (convertido em capital) domina literalmente o trabalho vivo, fazendo-o funcionar segundo sua lógica *societal*, produção de mais valia, isto por conta de no capitalismo o tempo de trabalho necessário relaciona-se eminentemente com o tempo de sobretrabalho, ou seja, produz para aumentar cada vez mais a riqueza (leia-se valor de troca).

As dores nos punhos e nos ombros alegadas pelo público em questão, através das aplicações de questionários nas cinco localidades selecionadas para pesquisa de campo no primeiro semestre de 2014, não é algo fugaz e tem sua gênese nessa conjugação do tempo de trabalho como tempo de sobretrabalho. Segundo os trabalhadores entrevistados, esses dois

sem dissipar-se como mero meio de circulação e sem coagular-se como tesouro? (Pois, “como forma universal da riqueza [...] o dinheiro só pode fazer um movimento quantitativo: acrescentar-se [...]; e só se preserva como algo distinto do valor de uso, como valor, ao se multiplicar”.) É claro que essas condições só estão presentes no ciclo D-M-D (comprar para vender). Pois, para que o dinheiro “se preserve como dinheiro, ele tem de reingressar na circulação, tal como havia saído dela, mas não como simples meio de circulação [...]”. Deve “seguir sendo dinheiro quando existe como mercadoria, e como dinheiro só pode existir como forma transitória da mercadoria. Seu ingresso na circulação deve ser um momento de sua permanência, e sua permanência deve ser um ingresso na circulação.” (Em outras palavras: o ilimitado impulso de crescimento do valor de troca só pode converter-se de uma “quimera” em uma realidade viva sob a forma de capital.). Por outro lado, a própria circulação deve revelar-se “como um momento na produção dos valores de troca”, como um elo no processo de conservação e multiplicação desses valores. Mas para isso, o valor de troca “terá de intercambiar-se de fato pelo valor de uso, e a mercadoria deve ser consumida como valor de uso, embora conservando-se como valor de troca nesse consumo”. O consumo dessa mercadoria deve ser um consumo produtivo, orientado não para a fruição imediata, mas para a reprodução e nova produção de valores. Só nessas condições, ou seja, quando o ciclo M-D-M se transforma no ciclo D-M-D, o dinheiro pode converter-se em capital, um valor que se mantém e se reproduz (RODOLSKY, 2013, p.168

sintomas persistem durante as sucessivas safras, cabendo aos mesmos adaptarem-se às dores via medicamentos sem prescrição médica. Por certo, os reclames do público pesquisado concernente a dores nos punhos durante as safras é revelador do incongruente planejamento ergonômico do trabalho, tal qual necessita imediatamente de um maior planejamento dos momentos de descanso, onde ele deve ser consorciado com exercícios físicos que aliviem o stress muscular, isso no intuito de que os canavieiros não “sofram tanto”¹⁵¹ para adaptarem-se ao seu trabalho.

Como as dores nos punhos estão quase que igualadas às dores nos ombros tanto para os declarantes da zona urbana quanto da zona rural, subentendesse que há uma inter-relação corpórea na qual pode ser explicado o nexo causal de tais síndromes, o que, por ventura, denuncia a superexploração do trabalho mediante o descontrole ergonômico existente na labuta nos canaviais. Segundo a entrevista do especialista em saúde do trabalhador, muitas pessoas estão propensas a manifestar doenças graves, tais como perder a sensibilidade ou, até mesmo, o próprio movimento da mão. E às vezes, afirma ele, começa assim: dor no punho e depois se agrava para outro quadro de problemas.

O processo de trabalho no corte da cana “é marcado por um ritmo acelerado, tendo em vista que deve estar perfeitamente articulado às exigências de matéria-prima para a industrialização do açúcar e do álcool” (Alessi e Navarro, 1997). Assim sendo, o ritmo acelerado desse processo nas frentes de corte implica em um enorme “dispêndio produtivo de cérebro, músculos, nervos e mãos” (Marx, 1978), acarretando problemas de saúde no público analisado nessa pesquisa durante a jornada de trabalho, como pode se evidenciado na tabela a seguir.

Tabela 15: Entrevistados que declararam os tipos de sintomas divididos por zona rural (Z.R.) e zona urbana (Z.R.) de Cruz do Espírito Santo – PB e seus percentuais dentro da amostra e no contingente da categoria profissional.

Tipos de sintomas declarados pelos canavieiros	Vibração na musculatura do corpo	Cansaço incomum (fadiga precoce)	Fraqueza	Tremores nas pernas
Zona Urbana	25 pessoas	19 pessoas	24 pessoas	18 pessoas
Zona Rural	8 pessoas	5 pessoas	9 pessoas	7 pessoas
Percentual dentro da amostra (Z.U. e Z.R.)	66%	48%	66%	50%

¹⁵¹As aspas referem-se ao impossível dentro desse processo laboral: não sofre para adaptar-se a esse processo de trabalho.

Percentual dentro do contingente municipal da categoria (Z.U. e Z.R.)	4,71%	3,42%	4,71%	3,57%
--	-------	-------	-------	-------

Fonte: José de N.D. Soares. Trabalho de campo realizado em 2014.

Conforme o entrevistado especialista nessa área, a fraqueza e os tremores nas pernas também são muito significativos no campo das doenças ocupacionais. Segundo este, analisando isoladamente a fraqueza não se percebe, imediatamente, uma perturbação do quadro clínico dos entrevistados. Porém, quando consorciada aos demais itens já debatidos (câimbra, pontadas no corpo), demonstra-se que ela é mais um indício de que os corpos dos canavieiros (em especial, os 33 declarantes) estão adentrando numa quadrante cujo seu metabolismo recrudesce progressivamente.

Já os tremores nas pernas é absolutamente diferente da fraqueza, isto quando comparado dentro do quadro de doenças ocupacionais. Os vinte cinco entrevistados que declaram ter sentido fraqueza nas pernas durante as safras de cana-de-açúcar, sinalizam que está havendo um reforço ainda maior do sintoma de exaustão sobre suas capacidades físico-mentais. Essa exaustão está estritamente correlacionada à jornada, ao processo e ao ambiente de trabalho onde estão inseridos. Antônio Thomaz Júnior (2007, p.20) nos oferece um substrato teórico que permite compreender este assunto:

O Estado, ao apostar nesse modelo de produção, endossa o padrão que apenas favorece a tendência concentraçãonista da expansão da monocultura canavieira, com o objetivo de obtenção de álcool etílico para a produção do biodiesel. Como já detalhamos, em texto anterior, essa atividade se dá às expensas, como vimos constatando nas nossas pesquisas e de outras, que se multiplicam por todo o país, do aumento da exploração do trabalho, com formas assemelhadas de trabalho degradante e escravo, do desrespeito aos contratos de trabalho, da legislação social (CLT, Constituição Federal) e ambiental, do descaso em relação às paradas obrigatórias, aos laudos ergonômicos – por envolver esforço repetitivo, à base da obrigatoriedade de cortar mais e mais –, o que tem provocado, além das mortes, lesões de grande magnitude que caracterizam invalidez ou diminuem sensivelmente a própria capacidade/produtividade do trabalhador, submetido à exigência de sua força e resistência física.

O *boom* do agronegócio canavieiro no início do novo milênio tem sua gênese “nos frutos da globalização e reabertura econômica, que contribuiu para a intensificação da concentração de terras e diminuição do número de estabelecimentos rurais no Brasil” (Alcântara Filho; Oliveira, 2005). Deste modo, o cenário político-econômico mencionado

aprofundou, vertiginosamente, as contradições sócioespaciais entre os proprietários e não proprietários dos meios de produção.

Os trabalhadores canavieiros da zona urbana de Cruz do Espírito Santo é um exemplo significativo desse jogo de forças (econômica e política) sobre a propriedade da terra no Brasil a partir da década de 1990, uma vez que dos trinta e quatro entrevistados, dezoito (36% dentro da amostra) migrou das áreas de fazendas para as áreas urbanas de pequeno porte.

Deveras, os impactos da estrutura fundiária brasileira acentuou a precariedade de vida dos trabalhadores rurais assalariados, com destaque para os trabalhadores do corte da cana, que, em muitos casos, a ausência de outras opções de emprego faz com que à maioria dos trabalhadores se submetam às cadências de produtividade exigida pelo capital agroindustrial sucroalcooleiro (THOMAZ Jr., 2011), concomitantemente sua inserção nos respectivos postos de trabalho.

Subordinar-se a ritmos de trabalhos impostos pelo capital sucroalcooleiro (compreenda-se, neste caso, duração da jornada de trabalho, intensificação da produtividade, exorbitante repetitividade dos movimentos) impacta veementemente na deterioração do sistema neuromuscular¹⁵² dos trabalhadores canavieiros em questão. Uma exemplificação plausível diz respeito ao caso dos entrevistados que já sentiram cansaço incomum, o qual é conceitualmente denominado de “**indução por fadiga neuromuscular**” (Maeno, 2001). Através da constatação desse sintoma, pudemos alegar que ele está intrinsecamente vinculado tanto à saúde psicológica, quanto fisiológica destes, pois só assim pode ser denominado de fadiga neuromuscular. Para o referido médico, o processo de desgaste incomensurável na labuta nos canaviais enfraquece a capacidade regenerativa da força de trabalho dos canavieiros espírito-santenses (leia-se: músculos, nervos e cérebro¹⁵³).

Enquanto consequência das câimbras, a vibração na musculatura propaga as três características moduladoras sobre o fator de risco nas frentes de corte de cana-de-açúcar: intensidade, frequência e duração. Porventura, a coexistência dos três fatores sobre a

¹⁵² A fisiologia do sistema neuromuscular é a chave para entender como o nosso cérebro controla o movimento dos músculos esqueléticos (voluntários) pelos nervos. A combinação entre o sistema nervoso e os músculos, trabalhando em conjunto para permitir o movimento, é conhecido como sistema neuromuscular e que é de suma importância para execução correta de exercícios. [...] Fraqueza muscular; perda de massa muscular; câimbras musculares; espasticidade muscular (rigidez), que mais tarde provoca deformidades musculares ou esquelética; dor muscular; dificuldades de respirar, são alguns dos sintomas relacionados a doenças neuromuscular. Disponível em: <http://www.posestacio.com.br/noticias/596/a-fisiologia-do-sistema-neuromuscular>

¹⁵³ Vale avisar que cérebro, músculos e nervos estão interligados, dando, de acordo com a sociedade donde o ser estar, a unificação entre físico e espirito.

estrutura anatômica e psicológica do público pesquisado acarreta no surgimento de sintomas que estão no campo das Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho (DORT) no público analisados nessa dissertação.

Diante dos dados tabulados sobre este quesito, o médico entrevistado alegou que o sintoma em questão é uma evidência de que a carga de trabalho nos canaviais está repercutindo negativamente no sistema nervoso central dos declarantes, isto devido ao movimento de cortar cana. Em regra geral isso pode levar a várias complicações de DORT (nevralgia¹⁵⁴, por exemplo). Neste caso, a notoriedade da superexploração do trabalho dar-se-á através da incompatibilidade entre a superutilização da estrutura anatômica dos canavieiros e a falta de tempo adequado para sua recuperação. Na tabela seguinte, apresentamos outras enfermidades alegadas pelos trabalhadores canavieiros espírito-santenses.

Tabela 16: Tipos de ocorrências de saúde declaradas pelos entrevistados por divisão territorial e seu percentual dentro da amostra e no contingente da categoria profissional residente em Cruz do Espírito Santo.

Tipo de sintomas declarados pelos entrevistados a partir da divisão territorial	Formigamento no corpo	Queimor no estômago	Dor de barriga	Coceira nos olhos
Zona urbana	17	13	22	14
Zona Rural	10	5	13	7
Percentual dentro da amostra (em conjunto Z.R. e Z.U.)	54%	36%	70%	42%

Fonte: José de N. Dantas Soares – trabalho de campo no primeiro semestre de 2014.

A manifestação de formigamento no corpo por parte dos trabalhadores canavieiros residentes na zona urbana e rural de Cruz do Espírito Santo (27 pessoas) durante a jornada de trabalho reflete, de um lado, as consequências advindas do processo de labor sobre as condições de saúde/doença do público em questão, por outro, “as potencialidades

¹⁵⁴ A Nevralgia descreve conseqüentemente a dor sentida em uns ou vários nervos. Normalmente, a dor é provocada pela estimulação dos receptores da dor mas no caso da nevralgia, a dor ocorre sem excitação destes receptores e é causada pelo contrário por uma mudança anormal na estrutura ou na função dos nervos. Alguns dos exemplos os mais comuns da nevralgia incluem: **Nevralgia Central** Isto descreve a nevralgia que origina na medula espinhal ou no cérebro. **Nevralgia Periférica** Isto refere a nevralgia que origina no sistema nervoso periférico (MANDAL, 2014).

contraditórias entre mutação salarial e a precarização capitalista, tais quais se reencontram na forma salário” (LOJKINE, 2009, p.23).

O médico afirmou que, no âmbito da saúde/doença, o sintoma em questão revela um quadro clínico perpetrado por uma somatória entre queda de glicose no organismo, exaustão física, psíquica e hábitos alimentares não adequados (principalmente, pelo motivo de ficar um intervalo de tempo prolongado sem se alimentarem entre o almoço e o jantar). Esse formigamento, também, dependendo da parte do corpo, pode tomar outro caráter, se transformando num trauma cumulativo que se apresenta gradativamente durante as safras trabalhadas pelo público analisado nessa dissertação de mestrado, ou seja, pode estar diretamente relacionado às Doenças Osteomusculares Relacionada ao Trabalho (DORT).

Neste intermédio de problemas de saúde já discutidos, o queimor no estomago traduz as consequências daninhas do ambiente de trabalho, dos hábitos alimentares e do intenso ritmo de produtividade nas frentes de corte de cana-de-açúcar. Conforme o médico entrevistado, este problema está inter-relacionado ao sintoma da diarreia, tais quais são resultado da ingestão alimentar (mais especificamente, o tempo entre o preparo da alimentação, sua ingestão nos canaviais e a temperatura ambiente nas frentes de corte) e o estado nutricional dos canavieiros.

Por certo, do ponto de vista interno (biológico) a queimação no estômago deve-se eminentemente à acidez. Porém, as causas que levam ao respectivo sintoma declarado pelos dezoito canavieiros (13 da zona urbana e 5 da zona rural) é tributário de uma alimentação irregular (como já discutimos no início do texto), quanto a horário e a quantidade de alimentos, combinada com uma dinâmica de vida e de trabalho estressante.

Pelo fato do número de entrevistados que alegou sentir coceiras nos olhos durante o corte da cana-de-açúcar (42% da amostra), isto pode ser atribuído a engenharia e a ergonomia do trabalho, ou seja, os óculos estão sendo produzidos sem levar em conta os tamanhos dos rostos dos canavieiros, levando a infiltração de fuligem e poeira, que, consequentemente, irrita os olhos.

3.5 – Caracterização do estado de saúde dos entrevistados: indicativos de exaustão na jornada de trabalho.

No item oito do questionário aplicado com o público em questão (Sintomas sentidos pelo entrevistado durante e após a jornada de trabalho), o tópico **Indicativos de exaustão (do**

ponto de vista físico) levanta uma bateria de questões que se dividem em dois momentos: a) tontura, dificuldade de respirar, enjoo, arrepios, suor frio; b) desmaios, convulsões, óbitos.

Antes de arguirmos sobre este debate, é válido trazer à tona os problemas de saúde dos trabalhadores inseridos na agricultura canavieira paulista, como forma de fazer uma síntese interlocução entre essa categoria profissional em estudo nessa dissertação numa escala de análise geográfica a nível nacional. Por exemplo, a sentença confirmada pelo Juiz da Vara do Trabalho de Matão – SP, Dr. Renato Fonseca Janon, cujo processo **0001117-52.2011.5.15.0081**, propicia indicativos inquietantes a respeito dos fatores socioeconômicos que levam ao sintoma em tela¹⁵⁵. A íntegra desse processo está exposto de forma resumida, tendo em vista que o respectivo juiz do Trabalho intersecciona fatores sociais das mais diversas áreas do campo científico:

1. O Ministério Público do Trabalho, como é cediço, possui legitimidade para tutelar interesses individuais homogêneos, além, obviamente, dos difusos e dos coletivos. 2. *In casu*, não há de se falar em interesse individual heterogêneo, tal como pretende a reclamada. O fato de todos os trabalhadores serem cortadores de cana e receberem por produção configura, indubitavelmente, a origem comum apta a ensejar a aplicação do art. 81, §único, inc. III, do Código de Defesa do Consumidor. O que se pretende, na verdade, é conferir nova nomenclatura a instituto já definido pelo referido dispositivo legal. 3. A proibição do pagamento por produção, no caso específico dos cortadores de cana, é medida impeditiva de retrocesso social. Como é sabido, nesse caso existe um estímulo financeiro capaz de levar o trabalhador aos seus limites físicos e mentais para que, mesmo assim, afigure salário mensal aviltante e incapaz de suprir as necessidades básicas próprias e as de sua família. 4. Não se deve concluir pela proibição do pagamento por produção para todas as profissões, mas tão somente para aquelas cujas peculiaridades as tornem penosas, degradantes e degenerativas do ser humano. É o caso dos cortadores de cana, embora não exclusivamente. 5. Deve-se entender, de uma vez por todas, que o cortador de cana remunerado por produção não trabalha a mais porque assim deseja. Muito pelo contrário: ele trabalha a mais, chegando a morrer nos canaviais, unicamente porque precisa. Sua liberdade de escolha, aqui, é flagrantemente tolhida pela sua necessidade de sobreviver e prover sua família. 6. A dignidade da pessoa humana e o valor social do trabalho, Fundamentos da República Federativa do Brasil, devem impedir a manutenção de uma situação que remonta aos abusos cometidos durante a 1ª Revolução Industrial, de modo que a coisificação do ser humano que trabalha nos canaviais é realidade que não se admite há muito tempo.”(ALAL¹⁵⁶, 2013, p.1).

¹⁵⁵Óbito por exaustão no trabalho.

¹⁵⁶Associação Latinoamericana de Abogados Laborista .Fonte:
http://alalinclidente.blogspot.com.br/2013/10/avanco-social-trt15-mantem-proibicao-do_8153.html

Em corolário com a 1^a Revolução Industrial, mencionada pelo concorrente Juiz do Trabalho, “a modernização subordinada brasileira opera permanentemente com o rebaixamento das condições de vida das massas trabalhadoras com a finalidade da apropriação dual da mais-valia, para alimentar os capitais estrangeiros e os locais” (Rago Filho, 2010, p.71). Sendo assim, o rebaixamento das condições de vida dos trabalhadores canavieiros espírito-santenses é demarcado por uma profunda corrosão da sua capacidade fisiológica, neuromuscular e musculoesquelética, diminuindo gradativamente seu tempo de vida útil e de vida total, tais quais podem ser compreendidos nos relatos a seguir:

Corta cana o cara fai muito movimento: movimenta o braço, pula pra ali, baixa pra ali... Passou esses dias no Fantastico que o caba dando entrevista lá, ele disse que o dia do caba que corta cana são mais curto [refere-se ao tempo de vida], se esforça demais; quem corta cana direto vevi mais pouco (A.S., março de 2014).

Retomamos parte das entrevistas com o canavieiro A.S. por que ela está, diretamente, em consonância com a colocação do juiz do Trabalho da vara de Matão – SP. São expostas, entre as colocações dos dois, as causas e as consequências da extenuante labuta no corte da cana, o que nos dá margem para tecermos nossas considerações no decorrer desse capítulo.

Através de uma realidade concreta, com um caso concreto, percebe-se os efeitos sociais sobre a população inserida nos postos de trabalho canavieiros no espaço agrário mediante a colocação do entrevistado e da menção do Juiz do Trabalho de Matão – SP . Porventura, mesmo sem termos elaborado um estudo mais detalhado sobre o assunto, é imprescindível afirmar que, assim como na Inglaterra, as mortes por exaustão e todos os sintomas que indicam as propensões de um súbito relacionado ao trabalho, houve, também, no espaço agrário paraibano incontáveis casos de óbitos que não foram notificados como deveriam com a população rural inserida nas frentes de corte de cana-de-açúcar durante a modernização da agricultura (canavieira). Por exemplo, quantos não devem estar com sequelas físicas que os impossibilitam a trabalhar? Quantos não padeceram (crianças, jovens, idosos) num período vergonhoso¹⁵⁷ da nossa história agrária e foram notificados seus óbitos por falta de nutrição, malária, cólera, parada cardiovascular.

Entretanto, numa entrevista semiestruturada com o trabalhador canavieiro P.F. impetramos pontos de fundamental importância nesse assunto, os quais podem ser determinantes à propensão de possíveis óbitos (cabe frisar a palavra **possível**) por parte dos trabalhadores canavieiros residentes na zona rural e urbana do município em questão:

¹⁵⁷Não que a história presente da agricultura capitalista no espaço agrário paraibano, com destaque para o setor sucroalcooleiro, não seja também.

Nor fumo fazê o inzame cuma hoje [entrevistei na segunda-feira], noi fumo fazê o inzame. Quando foi na quarta-feira a veia do coração dele intupiu, que ele foi pro hospital. Passou uns quinze dia [internado], ficou morto lá no hospital. Ele trabaia comigo no campo [na limpa da cana]. Ele fei o inzame na segunda, na quarta feira ele morreu (Maio de 2014).

A sua colocação é preocupante justamente por conta da forma como as clínicas elaboram e expedem os exames médicos no início e término das safras, levando à omissão de problemas de saúde que podem levar ao falecimento inesperado, isto por conta dos laudos não revelarem a interligação do estado de saúde dos mesmos às circunstâncias¹⁵⁸ no processo de trabalho que podem levar ao fenecimento dos trabalhadores nas frentes de corte (Santos, 2010).

Não foi averiguado nenhum caso de óbito dos trabalhadores canavieiros que a população entrevistada chegou a conhecer, via aplicação de questionários e perguntas paralelas relacionadas ao assunto no trabalho de campo realizado para a pesquisa de mestrado¹⁵⁹. Apenas o caso relatado pelo trabalhador P.F., que trabalhava na limpa da cana, mas que, segundo ele, não era cortador por conta de não ter condições físicas para exercer essa atividade profissional (o entrevistado não lembra a idade dele).

Porém, a maioria dos casos averiguados em trabalho de campo no primeiro semestre de 2014 dão indícios das propensões a um possível acometimento desse fato (óbito). Para o público pesquisado, a exaustão física dá-se por uma série de variantes (política, cultural, trabalhista e, em especial, econômica), tais quais estão contempladas na colocação supramencionada e constatadas no âmbito da saúde/doença desses trabalhadores através da tabela seguinte.

Tabela 17: Tipos de sintomas indicadores de exaustão alegados pelos canavieiros espírito-santenses por divisão territorial (zona urbana e rural) e seu percentual dentro da amostra.

Tipos de indicativos do sintoma de exaustão	Dificuldade de respirar	Tontura	Enjoo	Arrepios	Suor frio
Zona urbana	10	21	17	21	42
Zona Rural	8	11	7	7	10
Percentual dentro da amostra (em conjunto Z.R. e Z.U.)	36%	64%	68%	58%	64%

Fonte: José de N.D. Soares – trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

¹⁵⁸Leia-se: carga, ambiente e condições do processo laboral na agricultura capitalista.

¹⁵⁹ Vale atentar que um canavieiro declarou que conhecia um trabalhador canavieiro residente no município de Sapé – PB que faleceu no ano de 2010, como foi exposto no primeiro capítulo desse trabalho.

Os sintomas expostos na tabela confirmam um quadro preocupante no que tange à saúde/doença dos trabalhadores canavieiros. Cabe destacar o número amostral de trabalhadores que declararam já terem sentido o último sintoma da tabela (suor frio), isto por que ele demonstra os imapectos metabólicos decorrentes da exaustão laboral. Entretanto, ele demarca uma enfermidade que aprofunda ainda mais o desgaste da força-de-trabalho dos canavieiros espirito-santenses, pois baixa-se o nível de glicose e daí decorrem vários fenômenos, como, por exemplo, dormência, sentir frio, sentir calafrios. Esse sintoma tanto demonstra mais um sinal de exaustão no trabalho, como expõe a conexão causal entre as demais enfermidades com o suor frio que suscita uma cadênciça de problemas de saúde que aparecem no cotidiano de labor dos entrevistados.

Conforme a linha de raciocínio do médico entrevistado, o fato de estar muito quente e de a pessoa começar a suar, isso é sinal do corpo tentando se reequilibrar, por que a sensação de calor é entrada de energia, a sensação de frio é saída de energia do seu organismo. Você está se esforçando para além da sua capacidade normal, então ter-se-á um desequilíbrio brutal de entrada e saída de energia e vai sentir frio, consequentemente.

Através dos dados obtidos primariamente e sua respectiva análise qualitativa referente ao item 8.4, mais precisamente na questão A (Alguma vez você já passou mal durante ou depois da jornada de trabalho?), o quadro analítico é preocupante, devido ao número de pessoas dentro da amostragem terem confirmado este acometimento aos seus estados de saúde. Conforme dirigimos a pergunta aos entrevistados, passar mal indica exaustão que lhe impossibilita de exercer sua função laboral por um determinado tempo ou, até mesmo, possíveis desmaios. Vamos especificando a partir dessas classificações: mal estar ou desmaio.

Ao observar a amostragem do Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha (localidade urbana) averigou-se que três pessoas passaram mal (desmaio) pelo menos uma vez durante a jornada de labor nos canaviais. Conforme o médico entrevistado, dentro da população amostral da localidade em questão o número de desmaios é muito grande. Para ele, três desmaios num público de vinte pessoas têm um significado quantitativo e qualitativo enorme dentro da amostra adquirida na respectiva localidade¹⁶⁰.

A partir das arguições do especialista na área médica é concebível os sinais da veracidade da corrosão dos trabalhadores canavieiro por parte do capital sucroalcooleiro (usina São João, em especial). Por outro lado, os trabalhadores que afirmaram ter passado mal

¹⁶⁰Uma pessoa que desmaiou num universo de vinte é muito. Pra uma que desmaia de mil, não. Mas uma de vinte, muito.

oscilam entre o dilema do sonho de trabalhar e o de adoecer ou morrer em decorrência do trabalho. Eles não estão imunes a serem contabilizados no contingente de óbitos de trabalhadores canavieiros por exaustão física na labuta, comumente aos casos averiguados pelos canavieiros no estado de São Paulo – infelizmente. De fato, inúmeros são os casos relatados por eles de companheiros de trabalho que passaram mal, como, por exemplo, o caso narrado pelo entrevistado J.R.S., em maio de 2014:

E o “minino” da “telepsia” caiu lá, ficou todo se batendo [...] uma hora da tarde, a gente tinha acabado de almoçar¹⁶¹, o sol já tava quente mermo, já tava todo mundo lá – ou meu Deus do céu, num quero nem falar, homi, “afffff”. [...] O caba se esticou todim assim, a roupa suada todinha. Eu tenho medo dessas coisas, eu dei uma carreira tão grande! Aí o minino dichi que esticarum o braço dele, as perna dele, aí deixou ele embaixo de um pé de manga; aí or minino levaram ele pra lá, deixou ele ficar respirando lá e abanando ele; aí foi respirando, respirando, respirando. Aí quando o oimbu chegou, o homitava lá, cansadão, todo suado. [...] Nem ambulância, nem nada. Nem o oimbu que a gente anda in nele. Por que quando a gente leva um corte grave, que tiver sagrando mermo, quem leva pro posto é os oimbu. E quando num tem pra levar [refere-se ao ônibus], o caba tem que ficar lá mermo, esperando. E o povo [os demais canavieiros que integram a turma] que tiver por perto é que mermo socorre o caba, se não o caba oia: se f*** [fez os gesto que sinalizam, popularmente, essa expressão].

A epilepsia¹⁶² sofrida pelo canavieiro em questão reflete as jornadas estafantes vivenciadas pelo contingente dessa categoria profissional. Segundo o entrevistado, no dia seguinte após esse episódio, ele voltou a trabalhar no corte da cana. Esse caso confirma que a inserção dos trabalhadores em questão nas frentes de corte deve-se, grosso modo, às condições de “miserabilidade social que conduz o trabalhador não tecnificado a se submeter a trabalhos de assalariamento temporários e, muitas vezes, sem condições mínimas de segurança social” (Santos, 2010).

Por conseguinte, a próxima tabela sintetiza a manifestação da enfermidade em debate (mal estar durante a jornada de trabalho), quantitativamente. De antemão, pudemos sinalizar que esse sintoma refere-se aos desmaios nos talhões de cana. Grosso modo, cabe frisar que, do ponto de vista qualitativo, ela apresenta a essencialidade de um processo de labuta em que

¹⁶¹ Refere-se ao período de almoço que é de 1 hora de intervalo e que tinha findado.

¹⁶² Epilepsia é um grupo de transtornos neurológicos de longa duração caracterizados por ataques epilépticos. Estes ataques são episódios de duração e intensidade variável, desde os de curta duração e praticamente imperceptíveis até longos períodos de agitação vigorosa. Em epilepsia, os ataques tendem a ser recorrentes e a não ter uma causa subjacente definida, enquanto que os ataques que ocorrem devido a uma causa específica não são considerados representativos da epilepsia (Associação Brasileira de Epilepsia). Disponível em: <http://epilepsiabrasil.org.br/>

“o envolvimento no trabalho ligado a uma total responsabilização do operador humano coexiste com o stress, a ansiedade, o medo de não poder responder aos novos imperativos de qualidade e rapidez” (Lojkine, 2007).

Tabela 18: Entrevistados que afirmam ter desmaiado durante a jornada de trabalho por divisão territorial municipal (Zona Urbana e Rural) e seu percentual dentro da amostra.

Afirmativa dos entrevistados quanto ao quesito passar mal (desmaio, convulsão, metalepsia) durante a jornada de trabalho.	Sim	Não
Zona Rural	4 pessoas (desmaios)	12 pessoas
Zona Urbana	6 pessoas (desmaios)	28 pessoas
Percentual dentro da amostra (em conjunto Z.R. e Z.U.)	20%	80%

Fonte: José de N.D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Haja vista que os reclames dos entrevistados sobre os motivos que os levaram a desenvolver tal fenômeno durante o labor nas frentes de corte de cana-de-açúcar são de vital importância exemplificativa da tabela, optamos por expô-la mediante o critério da divisão territorial municipal e de acordo com o que eles supõe e dos prognósticos expedidos pelos médico¹⁶³.

Desse modo, dos seis trabalhadores residentes na zona urbana do município em questão que afirmaram ter sentido essa enfermidade, um respondeu que foi por conta da ingestão de pouca água durante o dia de trabalho; dois referiram-se à pressão arterial ter baixado; um devido ao forte calor vivenciado no talhão de cana que estava trabalhando e dois não lembram dos motivos. Em conversa gravada em maio de 2014, perguntei ao entrevistado P.F. se ele já tinha testemunhado companheiros de trabalho que tinham passado mal durante a jornada de trabalho. Este me respondeu sucintamente sobre a questão, porém cadenciou uma sequência de relatos que ajudam a entender o porquê da omissão das notificações clínicas a respeito dos seus estados de saúde:

Já vi cair foi gente já, homi. Um vinte, pelo menos. Em toda muagem tem dois inzame, um no começo e outro no fim. Você vai fazê o inzame, quando chega lá o doutor olha pra sua cara, aí risca lá no papeis e aí ele diz: vá lá pra moça. Ela vai carimba e o caba num entendi nada. Agora é geral, a turma todinha, num tem um com uma dor de cabeça, é tudo normal. No outro dia o caba pode morrer, mar lá deu que era normal [refere-se ao exame realizado]. Durante os vinte e sete ano que trabaiei, eu fiz um trinta inzame lá, mas nunca acusou nada, nunca acusou que eu nem tava com dor de cabeça; é

¹⁶³ Desde já, vale lembrar que as razões afirmadas pelo público amostral dar-se-á a partir das suas respostas, mesmo os prognósticos expedidos pelos médicos.

tudo normal, tudo normal. E ninguém explica nada a ninguém numa empresa dessa.

Se a menção acima for realmente fidedigna, estamos diante de uma incongruência que se esvai da relação imediata entre capital x trabalho para outros âmbitos da sociedade na qual eles estão inseridos. Sendo mais detalhista no assunto, é válido rechaçar que o âmbito da saúde (clínicas médicas, para este caso) e a jurisprudência trabalhista, representada pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), não estão cumprindo com seus respectivos “papéis” para assegurar o funcionamento daquilo que é a condição básica para os trabalhadores canavieiros poderem ter seguridade nas frentes de corte e não serem “pegos” de surpresas por doenças que “afloram” à vida cotidiana num curto espaço de tempo.

Já para os canavieiros residentes na zona rural, dos quatro entrevistados um alegou que seu mal-estar durante o dia de trabalho se deu por conta da fraqueza sentida pelo turno da manhã e que se agravou, por sua permanência pelo turno da tarde. Os três casos a mais, referiram-se ao motivo da pressão arterial ter aumentado durante o turno da tarde.

Outra questão instigante concernente ao tópico **Indicativo de exaustão** foi o número de pessoas que os canavieiros entrevistados testemunharam terem desmaiado, durante a jornada de trabalho. Desde já, vale ressaltar a pouca precisão na correlação quantitativa dos dados, tendo em vista, por exemplo, que os canavieiros podem estar se referindo as mesmas pessoas – o que ainda deu margem para trazermos a discussão para o corpo do texto dessa redação. Por outro lado, a pergunta não dava margem para identificar se o canavieiro que desmaiou, ou teve convulsão, ou epilepsia residia em Cruz do Espírito Santo. Porém, mesmo com pouco rigor para filtrar a informação, pode-se observar que os números são significativos. De certo, a tabela que segue sintetiza quantitativamente nosso debate em tela.

Tabela 19: Número de pessoas que tiveram mal estar durante a jornada de trabalho segundo as informações concedidas pelos trabalhadores canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo – PB agrupados (zona rural e urbana).

Número de pessoas que os entrevistados presenciaram mal estar	1 pessoa	2 pessoas	3 pessoas	4 pessoas	5 pessoas	Hipótese referente ao número de canavieiros que já tiveram mal estar durante o corte da cana.
Número de entrevistados segundo o número de pessoas que eles presenciaram	15	8	4	1	6	77 canavieiros

Fonte: José de N.D. Soares. Trabalho de campo -2 014

Nada é mais vital à reprodução ampliada do capital do que a exploração que ele realiza sobre a classe trabalhadora brasileira. Com destaque na agricultura capitalista do Nordeste brasileiro, os trabalhadores do corte da cana-de-açúcar vivenciam consequências sociais nefastas sobre a sua reprodução dentro do espaço da Zona da Mata dessa região, sobretudo os canavieiros do município de Cruz do Espírito Santo – PB. Grosso modo, os cortadores de cana são legatários do antagonismo do capitalismo sobre a agricultura, isso porque existe uma “relação complementar entre os fatores de expansão do capitalismo agrário e os fatores de disseminação da miséria social no campo (Lima, 1999), a qual rebate contundentemente sobre o espaço urbano.

Quando afirmamos o sentido nefasto das consequências sociais que recaem sobre os canavieiros, deve-se entender o baixo custo de remuneração dessa categoria profissional – a qual perfila por grande parte do proletariado rural nos mais diversos ramos da economia – que, porventura, serve para perpetuar a “economia agrária especulativa” (Lima, 1999). Por exemplo, a comercialização das *commodities* nas bolsas de valores nacionais e internacionais reflete a disparidade entre capital e trabalho neste estudo de caso.

Deste modo, teve-se uma simbiose entre as precárias condições vivenciadas em épocas passadas pelos trabalhadores canavieiros (por exemplo, cabe frisar o debate sobre a genealogia dos canavieiros pesquisados, no capítulo referente às condições socioeconômicas), em que no translado para a modernidade do setor canavieiro a precariedade não foi suprimida. Pelo contrário, ela tornou-se baluarte para que o nível de exploração do trabalho assalariado neste setor obtivesse índices assombrosos, como os constatados nesse capítulo. Em linhas gerais, a colocação abaixo ratifica nossa argumentação:

Uma relação de trabalho padronizada e codificada por prescrições coercitivas: o contrato de trabalho assalariado apoia-se implicitamente sobre as possibilidades de controlar e, portanto, de medir a relação entre trabalho executado e trabalho prescrito, isto é, apoia-se sobre sua relativa padronização e reproduzibilidade (FONTES, p.10).

Pudemos evidenciar essa citação através do cotidiano de labor dos canavieiros, o qual obtivemos por meio de descrições dos locais de trabalho, dos relatos dos mesmos e da tabulação e análise dos dados obtidas em trabalho de campo. Em resumo, o ambiente de trabalho, a ergonomia, a extenuante carga laboral e a baixa remuneração dessa categoria profissional (R\$700) traduz os efeitos funestos sobre sua reprodução social no espaço geográfico de Cruz do Espírito Santo – PB.

3.6– Histórico de acidentes de trabalho dos canavieiros safristas entrevistados.

Diante dessas circunstâncias, o último item do questionário selecionado para o debate nessa dissertação de mestrado diz respeito à **EPI, histórico de acidentes de trabalho e intoxicação**. Em especial, neste item detemo-nos ao histórico de acidentes de trabalho do público pesquisado. Deste modo, a tabela a seguir retrata os históricos de acidentes que o público em questão já sofreu.

Tabela 20: Número de acidentes de trabalho referente aos canavieiros residentes em Cruz do Espírito Santo por divisão territorial, tipos de acometimentos, percentual dentro da amostra (agrupando Zona Rural e urbana) e no contingente profissional dessa categoria localizada no território municipal.

Número de declarantes segundo sua afirmativa e sequencialmente os locais no corpo que sofreu esse agravo	Sim	Não	Mão	Perna	Pé
Zona urbana	22 pessoas	12 pessoas	19 pessoas	2 pessoas	1 pessoa
Zona Rural	10 pessoas	6 pessoas	5 pessoas	3 pessoas	1 pessoa
Percentual dentro da amostra (em conjunto Z.R. e Z.U.)	64%	36%	48%	10%	4%
Percentual dentro do contingente da categoria no município (700)	4,57%	2,57%	3,42%	0,71%	0,28%

Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

Os números de acidentes de trabalho são alarmantes, isso quando nos referimos à amostra obtida ao público componente dessa categoria profissional residente no espaço de Cruz do Espírito Santo – PB, isso por que numa amostragem composta por cinquenta entrevistados, trinta e duas pessoas já sofreram acidentes de trabalho, o que constata que há uma incompatibilidade entre a ergonomia, a carga, o ambiente e os instrumentos de trabalho no corte da cana.

A “expansão acumulativa” (Mézáros, 2002) impõe padrões sociais inadmissíveis para a classe trabalhadora brasileira a tal ponto, que até os liberais-democratas do “velho mundo” ficariam estarrecidos com os seus casos de vida. Metaforicamente, expandir acumulando para

alguns (leia-se empresariado do setor em questão), requer que se **regrida desacumulando** para uma ampla parcela da população municipal, com destaque para o nosso estudo de caso.

Para o público pesquisado, regredir desacumulando significa: desgaste sem reposição da estrutura neuromuscular, musculoesquelética e fisiológica. Somam-se a isto os acidentes de trabalho durante o corte da cana, os quais deixam sequelas, grandes ou pequenas, sobre seus corpos. Dentre os inúmeros casos de trabalhadores em condições de trabalho precário, convém mencionarmos um relato de um ex-canavieiro sobre o período infanto-juvenil que esteve inserido na labuta nos canaviais da mesorregião da Mata paraibana. Perguntei se ele já testemunhou acidentes de trabalho com as demais crianças inseridas nos canaviais. Sua resposta foi estarrecedora:

Se tinha acidente? Meu irmão¹⁶⁴ caiu umas duar veze do caminhão. O trator andando, a sandália caiu e ele foi descer pra pegar, aí ficou na roda “embuluando”. Uma vei nois tava numa ladeira chamada Jacuípe, o caba disse: o trator “desembestou” [problemas técnicos que levaram a falta de freio do trator], num ficou ninguém em cima não; caiu caçarola, facão, num ficou nada; a gente teve a sorte por que ninguém se machucou. Machucou coisa besteira: uma pancada, um cortim, mas ninguém morreu não (A.S. maio de 2014).

Resgatar o histórico de acidentes de trabalho de um período de brutal exploração sobre a população rural inserida na agricultura canavieira, tem, no presente trabalho, o caráter de denunciar que crianças e adolescentes eram inseridas nos canaviais a fim de complementar a renda familiar. O relato do entrevistado confirma a tese de que “sob o capitalismo, o trabalhador frequentemente não se satisfaz no trabalho, mas se degrada”(Antunes, 2010,p.9). Os relatos dos entrevistados não dão margem para pensarmos que outros fatores de ordem metafísica expliquem tamanho quadro de pauperismo no espaço agrário paraibano na segunda metade do século XX.

Portanto, se a amostra obtida em trabalho de campo é relevante para a categoria profissional residente no território de Cruz do Espírito Santo, ver-se-á que a base da vida real é determinada pela falta de condições básicas à sua reprodução, sobretudo no que tange as suas relações de trabalho e as condições auferidas para cortarem cana por parte do capital sucroalcooleiro, isto por que, de forma ininterrupta, “sempre existiu um conflito entre as exigências de saúde e de segurança dos trabalhadores e a tendência das empresas para maximizar a produção com o mínimo de gastos” (BERLINGUER, 1993, p. 103), cadenciando, por consequência, o índice de acidentes de trabalho apresentados na tabela.

¹⁶⁴ Segundo o entrevistado, seu irmão tinha 13 anos de idade.

A intersecção entre maximização da produção e gastos mínimos está amparada numa relação social *sui generis* (crivada na supereexploração como foi debatida no capítulo anterior) para reproduzir a acumulação expansiva do capital na agricultura capitalista. Portanto, compreender o movimento do capitalismo nesse setor da economia, impõe que se tenha uma premissa básica para isso: “o nível de vida extremamente baixo dos trabalhadores agrícolas [...] permite baixos custos para a produção industrial” (SILVA, 1977, p.102), induzindo há séculos níveis de extração de trabalho excedente incomensuráveis.

Perante as condições de vida e de trabalho obtidas por meio de questionários com o público analisado nessa dissertação, pudemos averiguar como o “capital [...] adquire um poder autoconstituinte, em que a produção de riqueza só adquire sentido se estiver voltada a sua auto-reprodução¹⁶⁵ [...]”, deteriorando, com efeito, as condições básicas para os trabalhadores se manterem enquanto tais. Num primeiro momento, por deterioração deve-se compreender o baixo custo dos bens necessários à reprodução da força-de-trabalho¹⁶⁶.

Por consequência, a brutal deterioração imprimida pelo capital na periferia do sistema viola o valor da força de trabalho a tal ponto que o quadro de agravos saúde dos trabalhadores, combinado com uma carga alucinante de trabalho, tal qual se traduz em intensificação da produção e repetitividade de um mesmo exercício, abre as possibilidades futuras para a ampliação desse acometimento sobre os demais trabalhadores canavieiros, com destaque para os que declararam nunca terem se acidentado.

Através dos dados tabulados sobre os canavieiros residentes no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha, o médico entrevistado concedeu importantes colocações sobre o debate nesse item. Suas colocações estão em íntima conexão com um mundo social onde “os trabalhadores produzem riqueza, aumentam a produção de bens, mas não podem consumi-los” (Marx, 2004), demonstrando uma das facetas da dialética do trabalho. Segundo o respectivo entrevistado:

Chega um momento que a nossa capacidade de exercer os movimentos conscientemente é curto, isto por que o movimento fica automático, indo para o outro lado do cérebro: cerebelo¹⁶⁷. Então, o movimento é automático

¹⁶⁵PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Capital e trabalho – uma relação de subordinação hierárquica incontornável e incontrolável**. UFAL, 2002.

¹⁶⁶Esse debate está contemplado no capítulo anterior.

¹⁶⁷ Cerebelo: é um órgão que faz parte do Sistema Nervoso suprasegmentar, que se origina da parte dorsal do metencéfalo. Função: modular e regular a função motora, coordenando os movimentos, regulando o equilíbrio, o tônus muscular e mantendo a postura. Localização: Está situado acima do forame magno, dorsalmente ao tronco encefálico, formando o teto do IV ventrículo. O cerebelo repousa na fossa cerebelar do osso occipital. Está separado do telencéfalo pela tenda do cerebelo, que é uma prega da dura-máter. O cerebelo está ligado ao tronco

onde você ganha em agilidade, precisão; agora você perde em flexibilidade, onde se aparecer algum evento novo, você não está concentrado, podendo levar a um eventual acidente de trabalho (J.X.F, Junho de 2014).

Quantitativamente, quase 50% do público amostral sofreu pelo menos um corte na mão, ao golpear a cana com o facão. Isto ainda é mais factível quando expomos os relatos¹⁶⁸ de uma conversa gravada com dois canavieiros jovens, residentes no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha, na noite de 25 de abril de 2014:

[E.F.J.] Oia¹⁶⁹ outo aí que se cortou também. Ele cortava cana mai o “pareia” aí [refere-se à J.R.S]. [J.R.S.] Ele passou quinze dia de atestado. Ele se cortô mais primeiro de que eu. Ele se cortô numa semana, com bem dua semana depoi eu me cortei. O dele foi na mão; foi mai feio o dele, viu. Pegou esses dedos aqui [dedos da mão esquerda subindo em direção ao punho]. Pegou direitinho, só que não cortô ele todo pro mode a luva. “Mastigou”, mar num cortou todo não. Mai isso aqui ó [parte superior da mão] chega “arribitou” o coro – meu Deus do céu. [...] Quando eu olhei, fiquei até com medo de comer [almoçar], ficou que nem “galinha”, aquelas ossos. [J.N.D.S.] Chega fica branco logo, depois o sangue começa a sair? [J.R.S] Não! O sangue num saiu não. Quando ele se cortou o sangue ficou sem querer sair; “adepoi”, quando ele abaixou a mão, o sangue fez: *xiiiiiii!*¹⁷⁰ Quando ele se cortou ele ficou assim ó [segurando com a mão direita o punho esquerdo e erguendo parte do braço para cima], aí fumo pra barraca eu e ele, aí coloquei a mão dele na torneira pra lavar [a mão]. O certo mermo era pra quem cuidar era o “barraqueiro” [responsável pela montagem e desmontagem da barraca], por que ele num fai nada, fica só sentado lá. Mai nem barraqueiro, nem nada. Aí o motorista já pegou ele e levou pro posto , pra “pontiar”. O certo mermo, seu Zé, era pra ter uma imbulância ali mermo, por que tem quato, cinco turma trabalhando ali, por que se algum daquele ali se accidentasse, já tinha como socorrer ele mai ligero. Por que você trabalhando no sol quente, seu sangue fica agitado. Qualquer furim... se for um furo fundo, joga logo longe. Que nem o caso dele aí [o canavieiro que passou por nós na hora da entrevista], cortou um pouco o tendão e passou por cima da “vêinha”[veia]. Passou quinze dia em casa. Ai quando voltou, botava a luva e ficava relando, relando, relando; aí botava doi dia de atestado, aí depoi voltava... e isso foi até ele ficar bom de novo.

encefálico por três grossos feixes de fibras chamados pedúnculos. Pedúnculos: O pedúnculo cerebelar superior liga o cerebelo ao mesencéfalo. Ele contém principalmente axônios eferentes e é também chamado de braço conjuntivo. O pedúnculo cerebelar médio liga o cerebelo à ponte, sendo também chamado de braço da ponte. Ele contém somente axônios aferentes. O pedúnculo cerebelar inferior ou corpo restiforme liga o cerebelo ao bulbo, e contém axônios tanto aferentes quanto eferentes (MARTINS, 2010). Disponível em: <http://www.ebah.com.br/content/ABAAABIJMAC/neuroanatomia-cerebelo>

¹⁶⁸Peço desculpas aos leitores desse trabalho pela numero de colchetes e extensão textual do relatório. Acredito que expô-lo na íntegra, contemple-se uma quantidade de fatos que estão ocorrendo no cotidiano de labor dos entrevistados.

¹⁶⁹Nesse momento passava um trabalhador canavieiro que era da turma de E.F.J., e imediatamente ele direcionou sua conversa ao fato que tinha acontecido com tal trabalhador.

¹⁷⁰ Procurar saber se é possível as normas da ABNT deixar transcrever os sons e gestos que eles fazem ou ter de trocar por algo, o que modificaria a obtenção das informações.

Optamos por apresentar primeiramente a tabela a seguir, para depois arguirmos sobre ela e o relato dos canavieiros entrevistados, os quais foram obtidos em entrevista semiestruturada. Isso permitiu que blocássemos o debate realizado sobre o referido item sem perder o raciocínio, a sequencia das ideias e dos fatos dentro do texto.

Tabela 21: Número de acidentes de trabalho acometido pelos trabalhadores residentes nas comunidades pesquisadas em Cruz do Espírito Santo – PB por décadas, porcentagem amostral dentro da amostragem e no contingente profissional dessa categoria no município (700 pessoas).

Classificação por décadas	1980/1990	1990/2000	2000/2010	De 2010 até 2014	Não lembram
Zona urbana	2	3	9	2	6
Zona rural	0	1	5	2	2
Percentual dentro da amostra (em conjunto Z.R. e Z.U.)	4%	8%	28%	8%	16%
Percentual dentro do contingente da categoria no município (700)	0,28%	0,57%	2%	0,57%	1,14%

Fonte: José de N. D. Soares. Trabalho de campo realizado no primeiro semestre de 2014.

O índice de trabalhadores canavieiros espírito-santenses accidentados chancela a relação antagônica entre trabalho canavieiro e capital sucroalcooleiro: o trabalhador quer manter-se vivo e o capital deseja insaciavelmente manter sua acumulação expansiva. Entendemos que a narrativa de labor apresentada pelos dois canavieiros supramencionada interpõe uma voz que precisa ser ouvida. Além do mais, eles mostraram o cotidiano de trabalho, seus problemas e em que pode avançar.

Agrupados através de três décadas e meia, os canavieiros residentes nas comunidades selecionadas no município de Cruz do Espírito Santo – PB para análise nessa pesquisa de mestrado demonstram uma constância no número de acidentes de trabalho nas frentes de corte de cana-de-açúcar durante o translado de tempo estabelecido para a elaboração da última tabela. De antemão, o médico que concedeu entrevista expõe um substrato analítico do

sistema neuromuscular e, também, psíquico dos trabalhadores canavieiros a partir dos dados tabulados nesse tópico que explica, formidavelmente, essa agressão inesperada a seus corpos:

Aí vem a questão de você parar pra poder se concentrar (tempo de descanso mímino); isto por que o cansaço, o esforço, a exaustão, tudo isso vai deixar a pessoa mais propensa a ter um acidente, por que ela perde em concentração, ela perde em força, vai perder a flexibilidade do movimento, perdendo a capacidade de desviar-se de eventos novo, os quais passam a gerar um erro e a pessoa se comprometer num acidente (J.X.F, Junho de 2014).

É no contexto histórico dos dez primeiros anos do século XXI que o capital sucroalcooleiro entra numa fase de retomada do seu poder comercial dentro das economias mundiais, com destaque para o setor sucroalcooleiro brasileiro. É nesse contexto que a intensificação laboral no corte da cana aumenta concomitantemente, isto como forma de acompanhar as demandas do setor industrial (usina) e comercial (demandas de acordos de compra das mercadorias sucroalcooleiras). É nesse invólucro que, num primeiro momento, o trabalhador:

(...) se torna tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais aumenta a sua produção em poder e extensão. O trabalhador se torna uma mercadoria tão mais barata quanto mais mercadorias cria. Com a valorização do mundo das coisas (*Sachenwelt*) aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens (*Menschenwelt*) [...] a efetivação do trabalho tanto aparece como desefetivação que o trabalhador é desefetivado até morrer de fome. [...] quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeit*), tão mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremde*) que ele cria diante de si, tão mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, e tanto menos o trabalhador pertence a si próprio (MARX, 2004).

Para os cortadores de cana e suas famílias não morrerem de fome, infelizmente eles se desgastam a tal ponto que ficam muito susceptíveis a acidentes durante as jornadas de trabalho. Deste modo, e em linhas gerais, a riqueza que produzem retroalimenta a reprodução da propriedade privada dos meios de produção e, consequentemente, suas relações sociais estranhadas, tais quais naturalizam-se com as práticas sociais que vivenciam cotidianamente e, também, o inserem nas safras de cana-de-açúcar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dentro da ciência geográfica, é na pesquisa de campo que se estabelece a tão propagada relação sujeito-objeto, ou, para sairmos um pouco da formalidade acadêmica tradicional: é no campo que a relação estabelecida pelo pesquisador para conhecer /teorizar sobre os sujeitos¹⁷¹ pesquisados podem ser realmente efetivadas.

Em nosso contato, posso dizer que já não somos mais os mesmos; porque, para os trabalhadores, o questionário possibilitou que eles refletissem sobre o que fazem (no momento do trabalho e da vida, por exemplo), uma espécie de autoavaliação (induzida pelo questionário), sem saber da dimensão que ele proporcionou. Para o pesquisador¹⁷², conhecer os seus cotidianos foi revelador de um contexto que é impensável sem ter na superexploração do trabalho a centralidade da análise sobre esse objeto de estudo.

O conceito de superexploração do trabalho teve vital importância no desenvolvimento dessa pesquisa por que ela permitiu enquadrar formidavelmente a realidade estudada. Porém, ao realizar este procedimento de enquadramento estamos querendo apresentar a dimensão ontológica que essa categoria exerce no contexto histórico de cada um deles, ou seja, como ela é influente na produção e reprodução de tais sujeitos e, por conseguinte, de suas famílias. Direta ou indiretamente, esse conceito permitiu reproduzir a realidade dos cortadores de cana espírito-santenses.

Desde já, é válido mencionar que só foi possível fazer a análise contida nesse trabalho por conta dos questionários aplicados com os cinquenta entrevistados ter se mostrado uma importante forma de absorção dos seus cotidianos de vida, trabalho e saúde. Portanto, “*A enquete operária*¹⁷³”, questionário aplicado com os operários franceses, e o roteiro

¹⁷¹ Os quais, portanto, são os propulsores que põe a possibilidade do conhecimento¹⁷¹ até então desconhecido para quem o pesquisa.

¹⁷² O autor do texto, obviamente.

¹⁷³ A *Revue Socialiste* efetuou uma enquete operária para qual Marx elaborou o questionário (1880). O fato relacionava-se com o movimento operário francês, que necessitava melhor conhecer as condições reais de exploração da classe operária. Segundo o exposto por Lanzardo, "na enquete conduzida por Marx, pode-se ver de maneira exemplar como a intervenção política segue os princípios fundamentais da análise teórica (a exploração absoluta da força de trabalho pelos capitalistas). Não se pode separar essa enquete de seu trabalho político geral que tem como único objetivo transformar os proletários numa classe antagonista, 'unindo-a pela organização' e 'guiando-os pelo saber'". [...] No questionário elaborado por Marx pode-se facilmente encontrar "um fio condutor que une suas quatro partes e forma um todo funcional e homogêneo". Fonte: <http://neidefiori.cfh.prof.ufsc.br/metodo/marx-e-o-questionario-de-1880.htm>

metodológico de pesquisa que permitiu a elaboração do relatório “*Os caras pintadas de suor e da fuligem da cana: um estudo das condições de vida, saúde e trabalho dos canavieiros mirins da cana*”, foram os sustentáculos metodológico e filosófico para preparamos o questionário aplicado com os trabalhadores canavieiros safristas residentes no município de Cruz do Espírito Santo – PB.

A experiência da pesquisa de campo durante o turno da noite é outra questão que gostaria de apresentar nesse momento conclusivo da dissertação de mestrado. Fazê-lo durante este turno deve-se a dois motivos: a) a pouca visibilidade que optei por ter, devido a minha segurança frente a possíveis retaliações; o que me levou a seguinte conclusão: quanto menos as populações soubessem do meu propósito nas comunidades que visitei, melhor seria para mim; b) o momento mais disponível para entrevistar os canavieiros, tendo em vista que a safra 2013/2014 terminou na última semana de abril, por conta dos fatores climáticos que afetaram o desenvolvimento da cultura.

Nas noites do mês de março, abril e maio visitei os “os espaços sem luz”, como, por exemplo, nas casas de J.R.R.¹⁷⁴ e J.S.F¹⁷⁵, as quais estavam sem abastecimento de energia, devido às contas pendentes com a empresa fornecedora do estado da Paraíba: ENERGISA. Nesse sentido, cabe a nós nos debruçarmos no que diz respeito a essas duas entrevistas.

Posso dizer que essas entrevistas foram uma das mais satisfatórias da pesquisa de campo à noite¹⁷⁶. As conversas com os entrevistados levaram-me a ficar em suas companhias por horas e horas neste turno, sem importar-me com a falta de claridade para poder anotar as respostas¹⁷⁷.

Analisar o contexto histórico dessa fração da classe trabalhadora municipal através das condições de vida, trabalho e saúde, permite-nos concluir que o título “**Aos facões de ouro, de prata e de bronze faz jus**¹⁷⁸” a um processo de trabalho tão extenuante, degradante e precário vivenciado por estes. Direta ou indiretamente, o salário obtido por produtividade enquadram-nos nas metas exigidas pelo setor sucroalcooleiro.

A modalidade salarial em questão se desprende, em parte, dos requisitos básicos à reprodução da força de trabalho inserida nas frentes de corte, para atrelar-se, eminentemente, à quantidade produzida e isso para que os trabalhadores em tela fossem tão produtivos ao

¹⁷⁴Com residência no Conjunto João Ursulo.

¹⁷⁵ Residente no Conjunto Júlia Paiva e Francisco Cunha

¹⁷⁶ Não que as demais também não foram!

¹⁷⁷ E eu só tinha, vale avisar, uma pequena lanterna para ajudar em tal empreitada.

¹⁷⁸ Merecer.

ponto de desgastarem os seus “nervos, cérebro e mão”, safra após safra; e desenvolver, futuramente, um quadro clínico irreversível, ou com forte propensões a isso.

Diante do salário por produção, de uma próxima quadrante histórica (num período de 5 a 15 anos) que esteja marcada pela supressão de 30% da mão-de-obra canavieira paraibana pelas colheitadeiras mecânicas, de uma maior concorrência entre os sujeitos que compõem a categoria e dos agravos que daí decorrem sobre as condições de saúde destes, uma simplória propostas seria a de repensar essa modalidade salarial a curto prazo, ou, até mesmo, suprimi-la.

Propomos isso por conta das colheitadeiras acelerarem a rotatividade da produção, que, porventura, barateia ainda mais o preço da tonelada cortada. Grosso modo, caso seja essa a quadrante dos canavieiros espírito-santenses e paraibanos, o quadro de saúde/doença será lastimável, uma vez que os dados obtidos e analisados no terceiro capítulo são uma tendência que explica formidavelmente o devir dessa fração da classe trabalhadora municipal.

Perante a análise elaborada nessa pesquisa, pudemos afirmar que a profissão exercida pelo público amostral é resultado, em síntese, da precariedade das condições de vida herdadas das gerações que lhe antecederam. Com efeito, isso dá margem para afirmarmos a seguinte conclusão: filhos de ex-cortadores de cana-de-açúcar, canavieiros também estão sendo.

Entendemos que esse “engessamento”¹⁷⁹ profissional entre as gerações de famílias canavieiras permite “apresentar o objeto a partir dos elementos internos de sua própria constituição, do ponto de vista das determinações que esse objeto sofre¹⁸⁰ para ser o que é” (Ranieri, 2011,p127), já discutidos no primeiro, segundo e terceiro capítulo da pesquisa.

O sofrer também deve ser entendido na relação de interesses antagônicos entre capital e trabalho na agricultura canavieira, uma vez que organizar respostas diárias para assegurar a sua estrutura física e psíquica dentro de um processo de trabalho tão extenuante, requer, por exemplo, uma rotina alimentar que contenha alimentos que assegure o canavieiro em sua atividade laboral, mesmo que prejudique-os *a posteriori*.

Portanto, os trabalhadores canavieiros de Cruz do Espírito Santo – PB (em especial, as cinquenta pessoas entrevistadas) têm uma refeição basicamente composta por uma dieta muito rica em carboidratos e pouca rica em vegetais (frutas, legumes), e isso tem um impacto na qualidade de vida desse pessoal. Seus efeitos são maléficos ao estado de saúde/doença destes, pois é uma dieta que não é saudável e pode se reverter numa maior propensão

¹⁷⁹Pai canavieiro, filho canavieiro.

¹⁸⁰Grifo nosso.

arterial, sistêmica, como, por exemplo, a *diabete mellitus* do tipo dois (aquele que vem com a velhice).

Em suma, as palavras de Florestan Fernandes balizaram nossas inquietações durante essa pesquisa de mestrado, direta e indiretamente. Entendemos que suas obras têm muito a contribuir com as futuras pesquisas nas áreas das ciências humanas, dentre elas a geografia, até porque: “Em nossa época, o cientista precisa tomar consciência da utilidade social e do destino prático reservados as suas descobertas” (Fernandes, 1959). Portanto, está nessa pesquisa uma contribuição sobre o contexto histórico dos trabalhadores que me debrucei em sua análise durante os dois anos e meio de mestrado.

BIBLIOGRAFIA

AMRARAL, Júlio Rocha; SABATTINI, Renato M.C. **Reflexo condicionado.** Revista Constelar ed. 46, 2002. Disponível em:
<http://www.constelar.com.br/revista/edicao46/cultura9.htm>

Associacion Latinoamericana de Abogados Laborista .Fonte:
http://alalinclidente.blogspot.com.br/2013/10/avanco-social-trt15-mantem-proibicao-do_8153.html

ALCANTARA FILHO, José; FONTES, Rosa Maria Oliveira. **A formação da propriedade e a concentração de terras no Brasil.** Revista de Historia Econômica & Economia Regional Aplicada – vol. 4. Nº 7 Jul-Dez 2009.

ALESSI, Neiry Primo; NAVARRO, Vera Lucia. "Saúde e trabalho rural: o caso dos trabalhadores da cultura canavieira na região de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil." *Cadernos de Saúde Pública* 13 (1997): S111-S121.

BOGO, Ademar (org.). **Teoria da organização política.** 1--.ed.—São Paulo: Expressão Popular, 2006. IN____O legado de Florestan Fernandes.

BRASIL. Lei n.º 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 20 set. 1990. p. 018055.

BERLINGUER, Giovani. **A relação entre saúde e trabalho do ponto de vista bioético.** Tradução do original italiano: Marina Peduzzi. IEA – USP, 1993.

BUSS, Paulo Marchiori; PELLEGRINI FILHO, Alberto. **A saúde e seus determinantes sociais.** PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 17(1): 77-93, 2007.

CARVALHO, Edmilson. **A totalidade como categoria central na dialética marxista.** Revista Outubro, n. 15, 2007.

<http://orientacaomarxista.blogspot.com.br/2008/07/totalidade-como-categoria-central-da.html>

CHAGAS, Eduardo FO. **Método Dialético de Marx: investigação e exposição crítica do objeto.** Revista de Filosofia. Belo Horizonte, v. 38, n. 120, p. 55-70, 2011.

COBÉRIO, Caio Graco Valle. **Uma visão da agricultura brasileira através do conceito de modo de produção.** Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Espaço, um conceito-chave da geografia.** IN____CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo Cesar da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). Geografia: Conceitos e temas. -10 ed. – Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2007.

DUSSEL, Henrique. **A produção teórica de Marx: um comentário ao Grundrisse.** Tradução José Paulo Netto. – 1. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012.

Estimativa populacional 2012. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), julho de 2012. Em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cruz_do_Esp%C3%ADrito_Santo#cite_note-IBGE_Pop_2012-4

FAZOLO, Alessandro. **Anatomia do sistema nervoso: generalidades.** Disponível em: http://www.alessandrofazolo.com/didatico/aulas/teoricas/neuroanatomia/neuro_enfermagem.pdf

FERNANDES, Florestan. "A ciência aplicada e a educação como fatores de mudança cultural provocada." *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos* 32 (1959): 28-78.

FERNANDES, Florestan. **Marx, Engels, Lênin: história em processo.** – 1 ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FONTES, Virgínia. **Marx, expropriação e capital monetário: notas para o estudo do imperialismo tardio.** Revista Crítica Marxista.

FERREIRA, Luis Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano 5, n.9,2000.

GANDÁSSEGUIL FILHO, Marco A. **Vigência e debate em torno da teoria da dependência.** IN_____ MARTINS, Carlos Eduardo e VALENCIA, Adrián Sotelo. América Latina e os desafios da globalização. Rio de Janeiro: ED. PUC- Rio; São Paulo: Boitempo editorial, 2009.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina.** Tradução: Sergio Faraco. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014.

GATTI, Bernadete A. **Abordagens quantitativas e a pesquisa educacional.** Fundação Carlos Chagas. São Paulo: USP,2012.

GRANDJEAN, Etienne. **Manual de ergonomia: adaptando o trabalho ao homem.** Bookman, 1998.

GUANAIS, Juliana Biondi. **O salário por produção enquanto uma estratégia empresarial: estímulo à intensificação do trabalho dos cortadores de cana brasileiros.** International Journal on Working Conditions. N. 3, June 2012.

GUIDI, Graziele Kaminski. **Sistema respiratório.** São Paulo: Nova geração, 2005. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sistema-respiratorio/>

LANZARDO, Dario. **Marx e a enquete operária.** In: THIOLLENT, Michel J.M. Introdução: a procura de alternativas metodológicas. In: _____. Crítica metodológica, investigação social e enquete operária; com textos selecionados de Pierre Bourdieu, Liliane Kandel, Guy de Michelat, Jacques Maitre, Raniero Panzieri e Dario Lanzardo. São Paulo, Polis, 1980. Texto 7. p. 233-46.

LAAT, Erivelton Fontana de; VILELA, Rodolfo Andrade de. **Desgaste fisiológico dos cortadores de cana-de-açúcar e a contribuição da ergonomia na saúde do trabalhador.** Revista Digital, Buenos Aires, año 12, N° 111 - Agosto de 2007. Disponível em: <http://www.efdeportes.com>

LEFEBVRE, Henri. **Lógica formal. Lógica dialética.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho – 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

LEIVA, Orlando Caputo. **A economia mundial e a América latina no início do século XXI.** IN _____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina e os desafios da globalização.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

LIMA, Darcy Roberto. **Café e o sistema nervoso central.** ABIC – Associação Brasileira da Indústria do Café. Disponível em: <http://www.abic.com.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=279#3218>. Data de acesso: 21/08/2014.

LIMA, F.P.A. Carga de trabalho. In: OLIVEIRA, D.A. ; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente.** Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010

LOJKINE, Jean. **O novo salariado informacional. Nas fronteiras do salariado.** Crítica marxista, n. 25. 2007

LOPES, TAIS REGIANE, J. F. C. Mello, and A. F. Ventura. "Doenças profissionais X doenças do trabalho: diferenças e semelhanças." *Anais da 5ª Mostra Acadêmica UNIMEP* (2007): 23-25.

LUSCENTI, Renato Santana; GATTI, Luciano Lobo. **Diagnóstico molecular da infecção pelo helicobacter pylori em mucosa gastrica.** Revista Paranaense de Medicina, vol. 22, 2008.

LUKÁCS, György. **Para uma ontologia do ser social I.** tradução: Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

MANDAL, Ananya. **Neuralgia – que é neuralgia?** News Medical, 2014. Disponível em: [http://www.news-medical.net/health/Neuralgia-What-is-Neuralgia-\(Portuguese\).aspx](http://www.news-medical.net/health/Neuralgia-What-is-Neuralgia-(Portuguese).aspx)

MARCOLINO, Emanuella de Castro; SOUZA, Thayse Ariane Pereira de; MENDONCA, Sarah Carneiro; LIMA, Laise Franca Nascimento de; SOUZA, Fernanda Ferreira; MAGALHAES, Fernanda Carla. **A saúde enquanto direito trabalhista: especificando os aspectos nutricionais do trabalhador.** XV INIC - Encontro Latino-americano de Iniciação Científica, 2007.

MARTINS, José de Souza. O poder do atraso: ensaios de sociologia da história lenta. -2. Ed. – São Paulo: Hucitec, 1999.

MARTINS, Carlos Eduardo. A superexploração do trabalho e a economia política da dependência. IN _____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina**

e os desafios da globalização. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

MARTINS, Rodrigo Constante. **Modernização e relações de trabalho na agricultura brasileira.** AGRÁRIA, São Paulo, Nº 4, pp. 165-184, 2006. Disponível em:
<file:///C:/Users/Zinho/Downloads/125-242-1-SM.pdf>

MARX, Karl & FRIEDRICH, Engels. **Manifesto do partido comunista.** Tradução de Sueli Tomazini Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2001. MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo. Ed: Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. Consequências sociais do avanço tecnológico. Obras Completas, volume I. São Paulo: Edições Populares, 1980.

MARX, Karl. **Grundrisse: manuscritos econômicos 1857-1858: Esboço da crítica da economia política.** Tradução de Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo; Rio de janeiro: Ed: UFRJ, 2011.

MARX, Karl. **O capital** – tradução revista por Gesner de Wilton Morgado. Ed.: acadêmica . São Paulo, 1978.

MARX, Karl. **Trabalho assalariado e capital** – 2. Editora Acadêmica. São Paulo, 1987.

MARX, Karl. **Processo de trabalho e processo de valorização.** IN____A dialética do trabalho/Ricardo Antunes (org.) –São Paulo: Expressão Popular, 2004.

MAUAD, Ana Maria. **Através da imagem: fotografia e história interfaces.** Revista tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2,1996,p.73-98.

MEDEIROS, Bruna de Oliveira. "Accidentes do trabalho e doenças ocupacionais." Em:
[http://www.unibrasil.com.br/arquivos/direito/20092/bruna-de-oliveira-medeiros.pdf ,2009.](http://www.unibrasil.com.br/arquivos/direito/20092/bruna-de-oliveira-medeiros.pdf)

MERA, Claudia Maria Prudêncio de. **A QUESTÃO AGRÁRIA NO BRASIL: AS CONTRIBUIÇÕES DE CAIO PRADO JUNIOR E IGNÁCIO RANGEL.** XI Encontro Regional de Economia - ANPEC-Sul 2008. Disponível em:
http://www.economiaeconomia.ufpr.br/XI_ANPEC-Sul/objetivos.html

MÉSZÁROS, ISTVÁN. **Para Além do capital.** Trad. Paulo Cesar Castanheira e Sergio Lessa. São Paulo: Ed. Boitempo, 2002.

MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO – TEM. Convenção Coletiva de Trabalho 2013/2014. Disponível em: <http://www.fetagpb.org.br/painel/uploads/ONBXR-convencao-coletiva-canavieiros-2013-2014.pdf>

MOREIRA, Emília e TARGINO, Ivan. Zona da Mata paraibana: **Reestruturação produtiva do setor sucroalcooleiro, reforma agrária e paisagem rural.** Cadernos do LOGEPA, 2002/2003.

MOREIRA, Adailson. **As revoluções democrático burguesas.** UFPA, 2010. Disponível em:
<http://adilson-moreira.blogspot.com.br/2010/01/as-revolucoes-democratico-burguesas.html>

MOREIRA, Emília de Rodat Fernandes (coordenadora). **Os caras pintadas de suor e da fuligem da cana: um estudo das condições de vida, saúde e trabalho dos canavieiros mirins da cana.** Relatório Técnico Final de Pesquisa. Universidade federal da Paraíba. Centro de Referência em Saúde do Trabalhador (CEREST/nesc). Departamento de geociências/CCEN. Projeto: vida e trabalho do menor na atividade canavieira, 1995.

MULLER, Marcos Lutz. **Exposição e método dialético em “O capital”.** Boletim seaf, n 2, Belo Horizonte, 1982.

MUSSE, Ricardo. **A revolução burguesa no Brasil.** São Paulo, 28/03/2014. Disponível em: <http://www.helenfernanda.com.br/2012/03/como-citar-o-blog-em-trabalho-academico.html>. Acesso em 14/08/2014.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do Método de Marx.** Ed: Expressão Popular. São Paulo, 2011.

NETTO, José Paulo. **O método em Marx.** 2002 – Aula 4 DVD 1. Em :
http://www.youtube.com/watch?v=tTHp53Uv_8g

NASCIMENTO, Clara Martins do. **Estado autocrático burguês e política educacional no Brasil: contribuições ao debate sobre a assistência estudantil nas IFES.** SER Social, Brasília, v. 14, n. 30, p. 8-27, jan./jun. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/Downloads/3981-23815-2-PB.pdf>

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **A longa marcha do campesinato brasileiro: movimentos sociais, conflitos e reforma agrária.** Estudos Avançados, n. 15 (43), 2001.

OLIVEIRA, Giuliano Contento de; VAZQUEZ, Daniel Arias. **Florestan Fernandes e o capitalismo dependente: elementos para interpretação do Brasil.** OIKOS, Rio de Janeiro, volume 9, n.1, www.revistaoikos.org | pgs 137-160.

OLIVEIRA, Régis Borges de. **Conceitos e principais métodos existentes para mensuração da pobreza no Brasil.** IN ____ “A nova cara da pobreza no Brasil: transformações, perfil e políticas publicas. Campinas – SP, 2010.

OSORIO, Jaime. Dependência e superexploração. IN ____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina e os desafios da globalização.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Capital e trabalho – uma relação de subordinação hierárquica incontornável e incontrolável.** UFAL, 2002.

PRADO Jr., Caio; FERNANDES, Florestan. **Clássicos sobre a revolução brasileira.** São Paulo: Expressão Popular, 2003.

RAGO FILHO, Antônio. **A teoria da via colonial de objetificação do capital no Brasil: J. Chasin e a crítica ontológica do capital atrófico.** Verinotio – Revista on-line de educação e ciências humanas, n.11, ano 6, 2010.

RANIERI, Jesus. Trabalho e dialética: **Hegel, Marx e a teoria social do devir.** São Paulo: Boitempo, 2011.

RIBIEIRO, Krukemberghe Divino Kirik da Fonseca. **Fermentação lática no músculo.** Disponível em: <http://www.mundoeducacao.com/biologia/fermentacao-latica-no-musculo.htm>

ROCHA, Fernanda Ludmila Rossi. **Análise dos fatores de risco do corte manual e mecanizado da cana-de-açúcar no Brasil segundo o referencial de promoção à saúde.** Tese de doutorado defendida na Universidade Estadual de São Paulo (USP), no Programa de Pós-graduação da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto – SP, 2007.

SAAD FILHO, Alfredo. **A atualidade da economia política marxista.** IN _____ GALVÃO, Andréia; AMORIM, Elaine; SOUZA, Julia Gomes; GALASTRI, Leandro. **Capitalismo: crises e resistência.** –1ed.—São Paulo: Outras Expressões, 2012.

SAMPAIO Jr., Plínio de Arruda; SAMPAIO, Plínio de Arruda. **Apresentação.** IN _____ PRADO Jr., Caio; FERNANDES, Florestan. **Clássicos sobre a revolução brasileira.** São Paulo: ed. Expressão Popular, 2003.

SANTOS, Luciano dos. **Doce e amargo açúcar: concentração de renda e relações de trabalho na produção agroindustrial canavieira do Brasil.** Revista Crase.edu. IFG/Campus Inhumas – vol. 01 N. 01/ 2010.

SILVA, Sérgio. "Formas de acumulação e desenvolvimento do capitalismo no campo." *Capital e trabalho no campo.* São Paulo: Hucitec (1977).

SOUZA, Marcos Antônio. **A dinâmica territorial do agronegócio sucroalcooleiro e o zoneamento agroecológico da cana-de-açúcar: notas para um debate.** Revista pegada – vol. 11. N 1172, junho de 2010.

SILVA, Marcelo Lira. "Os Fundamentos do Liberalismo Clássico: A relação entre estado, direito e democracia." *Revista Aurora* 5.1 (2011).

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Pesquisa de campo em geografia agrária.** O texto foi apresentado em Belo horizonte durante o IV Encontro Estadual de Geografia de Minas Gerais, 2001.

TAVARES, Rejane Giacomelli et. al. **Importância da reposição hídrica em atletas: aspectos fisiológicos e nutricionais.** Revista Digital - Buenos Aires - Año 13 - N° 119 - Abril de 2008. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd119/reposicao-hidrica-em-atletas.htm>

THOMAZ Jr, Antônio e OLIVEIRA, Ana Maria Soares de. **A dinâmica territorial do capital agroindustrial canavieiro no Brasil e os impactos no trabalho e na produção de alimentos.** Artigo apresentado na “XII Jornada do trabalho”, Curitiba, 2011.

TONET, Ivo. **Recomeçar com Marx.** Cadernos Centro de Estudos Marxistas (CEMARX), vol. 2, n. 2, 2005. Disponível em:

http://ivotonet.xpg.uol.com.br/arquivos/Recomecar_com_Marx.pdf

TONET, Ivo. **Introdução.** ____ IN: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã.** Tradução: Álvaro Pina. -1ed.- São Paulo: Expressão Popular, 2009.

TORRES, Ericson Nobrega; MOREIRA, Emilia de Rodat. **Fases e faces do trabalho assalariado rural na zona canavieira da Mesorregião da Mata paraibana.** XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo, 2009.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

À TARDE ON LINE: jornal de economia. 2010. Em:

<http://atarde.uol.com.br/materias/imprimir/1319398>

ABREU, Dirceu de; MORAIS, Luiz Antônio de; NASCIMENTO, Edvaldo Neves; OLIVEIRA, Rita Aparecida de. **A produção de cana-de-açúcar no Brasil e a saúde do trabalhador rural.** Revista Brasileira de Medicina do Trabalho, 2011; 9(2): 46-61.

ALMEIDA, Maria Maeno Ideblberto Muniz de; MARTINS, Milton Carlos; TOLEDO, Lucia Fonseca de; PAPARELLI, Renata; SILVA, Joao Alexandre Pinheiro. **Lesões por Esforços Repetitivos (LER), Disturbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho.** Ministerio da Saude, Secretaria de politicas de Saude, Departamento de Acoes Programaticas e Estrategicas – Area tecnica de Saude do Trabalhador. Serie A. Normas e Manuais Tecnicos, n.º 103. Brasilia – DF, 2001.

ALVES, Mario Aquino. **Análise crítica do discurso: exploração da temática.** Relatório 01/2006. Fundação Getúlio Vargas – FGV.

BARRETO, Maria Joseli; THOMAZ JUNIOR, Antônio. **A saúde e ambiente de trabalho no corte da cana-de-açúcar: descumprimentos das normas regulamentadoras e os desafios para os trabalhadores.** XII Jornada do Trabalho, Curitiba, 2011.

BONI, Paulo César. **O nascimento do fotodocumentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade.** Artigo apresentado no XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008.

CAMPOS, Christiane Senhorinha Soares. **A face feminina da pobreza em meio a riqueza do agronegócio: o caso de Cruz Alta/RS.** – 1.ed. – Buenos Aires: CLACSO, 2011

CARCANHOLO, Reinaldo A. **Apresentação.** IN _____ MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo. Ed: Expressão Popular, 2008.

CUENCA, Manuel Alberto Gutiérrez e MANDARINO, Diego Costa. **Novas fronteiras da atividade canavieira nos principais municípios produtores do estado do Rio Grande do Norte; 1990, 1995,2000 e 2005.** – Aracajú: Embrapa , 2007.

CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Dependência e superexploração da força de trabalho no desenvolvimento periférico.** IN _____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina e os desafios da globalização.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

CHASIN, José. **A via colonial de entificação do capitalismo. A Miséria Brasileira,** 2000. Disponível em:

http://scholar.google.com.br/scholar?q=A+VIA+COLONIAL+DE+ENTIFICA%C3%87%C3%83O+DO+CAPITALISMO.+Jos%C3%A9+Chasin&btnG=&hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5

Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente (CMDCA). **Conhecer para transformar: As políticas Públicas para Crianças e Adolescentes em Cruz do Espírito Santo – PB.** Relatório elaborado entre 2011/2012.

CORREA FILHO, Heleno Rodrigues; REGO, Eduardo Figueiredo Moraes. **A estratégia da carteira de saúde do trabalhador da cana-de-acucar.** Revista estudos do trabalho, ano V, numero 2, 2011. Disponível em : www.estudosdotrabalho.org.br

DUARTE, Guilherme Jose; BARROS, Oliveira Virginia de. **Trabalho no corte da cana-de-acucar e as condições de vida relevante no processo saúde/doenças dos trabalhadores.** Superintendência de Vigilância em Saúde Gerência de Vigilância em Saúde Ambiental e Saúde do Trabalhador, Centro de Referência em Saúde do Trabalhador Estadual. 2007.

ENGELS, Friedrich. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã.** Publicado na revista Neue Zeit, 1886.

FERNANDES, Florestan. **Introdução.** IN _____ MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política.** Tradução de Florestan Fernandes. São Paulo. Ed: Expressão Popular, 2008.

FONSECA, Márcia Batista da e VILAR, Bruno Lopes. **PERCEPÇÃO DOS GESTORES SUCRALCOOLEIROS DOS MUNICÍPIOS PARAIBANOS SOBRE O MERCADO DE MDL. 2009.** Em: http://portal.virtual.ufpb.br/biblioteca-virtual/files/percepao_dos_gestores_sucralcooleiros_dos_municapios_paraibanos_sobre_o_mercado_de mdl_1343918225.pdf

FREDÉRICO, Celso. **Nas trilhas da emancipação.** IN _____ MARX, Karl. **Contribuição à crítica da filosofia de Hegel. Introdução.** Tradução de Lúcia Ehlers. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FREDERICO, Nilce Terezinha; MARCHINI, Júlio Sérgio; OLIVEIRA, José Eduardo de. **Alimentação e a avaliação do estado nutricional de trabalhadores migrantes safristas na região de Ribeirão Preto, SP (Brasil)**. Revista Saúde Pública, S. Paulo, 18: 375-81, 1984.

FRANK, André Gunder. **Apresentando o Tio Sam – sem roupas**. IN _____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina e os desafios da globalização**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

GERMER, Claus M. **A relação abstrato/concreto no método da economia política**.

GOMES, Oziel. **Lênin e a revolução russa**. São Paulo. Ed. Expressão Popular, 1999.

JUNGMANN, Mariana. Relatório denuncia mortes de trabalhadores de canaviais por exaustão. Agência Brasil, 2008. Disponível em: <http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2008-08-14/relatorio-denuncia-mortes-de-trabalhadores-de-canaviais-por-exaustao>

LANCMAN, Selma; UCHIDA, Seiji. **Trabalho e subjetividade: o olhar da psicodinâmica do trabalho**. Cadernos de psicologia social do trabalho, vol. 6, pp.79-90,2003.

LESSA, Sergio. **A centralidade ontológica do trabalho em Lukács**. Artigo publicado em serviço social e sociedade, v. 52, pp. 7-23. Ed: Cortez. São Paulo, 1996.

LESSA, Sergio e TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo. Ed: Expressão Popular, 2008.

LESSA, Sergio. **História e Ontologia: a questão do trabalho**. Publicado na revista “crítica marxista”, V. 20, pp. 70-89, Revan, Rio de Janeiro, 2005.

LESSA, Sergio. **Lukács: método e ontologia**. Publicado em Cadernos de Serviço Social, Depat. Serviço Social, UFPE, Recife, V. 11, pp. 132-153, 1995.

LESSA, Golbery. **As três vias de desenvolvimento capitalista**. Webnode. 2010. Em: <http://adrianonascimento.webnode.com.br/news/as%20tr%C3%AAs%20vias%20de%20desenvolvimento%20capitalista/>

LOWY, Michel. **Ideologia e ciências sociais: elementos para uma análise marxista**. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCH, Aleida Guevara. **Queridos companheiros e companheiras do MST**. IN _____ Cadernos de Estudos ENFF. Volume 3: **O legado de Che Guevara**. São Paulo, 2007.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A sagrada família ou A crítica da Crítica crítica contra Bruno Bauer e consortes**. Tradução e notas de Marcelo Backes. São Paulo. Ed: Boitempo, 2003.

MARX, Karl. **Glosas críticas marginais ao artigo o Rei da Prússia e a reforma social de um prussiano**. Tradução de Ivo Tonet. São Paulo. Ed: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl. **Miséria da filosofia** (1847). Tradução: Torrieri Guimarães. Ed: Martin Claret. São Paulo, 2007.

MENDES, René. **O impacto dos efeitos da ocupação sobre a saúde de trabalhadores.** Revista Saúde publica, São Paulo, 1998.

MERA, Claudia Maria Prudêncio de. **A questão agrária no brasil: as contribuições de caio prado júnior e ignácio rangel.** Disponível em:

http://www.economiaetecnologia.ufpr.br/arquivos_servidor/XI_ANPEC-Sul/artigos_pdf/a1/ANPEC-Sul-A1-04-a_questao_agraria_no_bra.pdf

MUNTEAL, Oswaldo. **Ser ou não ser subdesenvolvido: a dialética da dependência e a história do Brasil.** IN _____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina e os desafios da globalização.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

NASCIMENTO, Carlos Alves; DILLENBURG, Fernando Frota; SOBRAL, Fábio Maia. **Exploração e superexploração da força de trabalho em Marx e Marini.** XVII Encontro Nacional de Economia Política, 2012. Disponível em:

http://www.vies.ufc.br/wa_files/Explora_C3_A7_C3_A3o_20e_20Superexplora_C3_A7_C3_A3o_20da_20for_C3_A7a_20de_20trabalho_20em_20Marx_2.pdf

NETTO, José Paulo. **Lukács e a crítica da filosofia burguesa.** Lisboa. Ed: Seara nova, 1978.

NETTO, José Paulo. **Entrevista com José Paulo Netto.** Entrevista concedida a Cátia Corrêa Guimarães na Revista Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 9 n. 2, p. 333-340, jul./out.2011.

OLIVEIRA, Regina Marcia Rangel de. **A contribuição da psicopatologia do trabalho e da ergonomia no processo saúde-doença.** IN _____ A abordagem das Lesões por Esforços Repetitivos/Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho – LER/DORT no Centro de Referência em Saúde do Trabalhador do Espírito Santo – CEREST/ES. Dissertação defendida na Escola Nacional de Saúde Pública Fiocruz, Rio de Janeiro, 2001.

PANIAGO, Maria Cristina Soares. **Possibilidade ontológica do conhecimento.-** Capítulo publicado na coletânea: Lessa, S. (org.): Habermas e Lukács: método, trabalho e objetividade. Maceió: EDUFAL, 1996.

PAIXÃO, Maria Cristina Silva e FONSECA, Maria Batista da. **A produção do etanol de cana no estado da Paraíba: alternativas de sustentabilidade.** Revista “Desenvolvimento e Meio Ambiente”, n. 24, p. 171-184, jul./dez. 2011. Editora UFPR

PASE, Hemerson Luiz; MÜLLER, Matheus; MORAIS, Jenifer Azambuda. **O clientelismo nos pequenos municípios brasileiros.** Pensamento Plural/ Pelotas [10]: 181-199 janeiro/junho, 2012.

PIRES, Flávio. **Horas in itineri.** Bichara, Barata, Costa & Rocha Advogados. Fonte: Migalhas de Peso, 5/62007. Disponível em:
http://www.migalhas.com.br/mostra_noticia_articuladas.aspx?cod=40177

PLEKANOV, G. V. **Princípios fundamentais do Marxismo.** Rio de Janeiro. Ed: Biblioteca Marxista Virtual do Partido da Causa Operária, 2006. Em:
<http://www.marxists.org/portugues/plekhanov/1908/principios/index.htm>

POCHMANN, Márcio e CARDOSO Jr, José Celso. **Raízes da concentração de renda no Brasil: 1930-2000.** IPEA, 2000.

MENDES, René. **O impacto dos efeitos da ocupação sobre a saúde de trabalhadores.** Revista Saúde publica, São Paulo, 1998.

SADER, Emir. **Ruy Mauro, intelectual revolucionário.** IN _____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina e os desafios da globalização.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

SANTOS, Theotonio dos. **Ruy Mauro Marini: um pensador latino-americano.** IN _____ SADER, Emir; SANTOS, Theotonio dos (coordenadores); MARTINS, Carlos Eduardo; VALENCIA, Adrián Sotelo (organizadores). **A América Latina e os desafios da globalização.** Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

SARTORI, Vitor Bartoletti. **Lucáks e a crítica ontológica ao direito.** São Paulo: cortez, 2010.

SCOPINHO, Rosimeire Aparecida. **Controle social do trabalho no setor sucroalcooleiro: reflexões sobre o comportamento das empresas, do Estado e dos movimentos sociais organizados.** Cadernos de psicologia social do trabalho, 2004, vol. 7, pp 11-29.

SANTOS, Milton. **O dinheiro e o Território.** GEOgraphia – ano 1 – Numero 1, São Paulo, 1999.

SATOLO, Luiz Fernando e DHIEL, Daiane. **Aspectos nacionais e regionais do crescimento da produção de cana-de-açúcar.** Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. 2008.

SOUTY, Jérôme. **Pesquisa de campo, fotografia e escrita das culturas orais: o discurso das imagens na obra de Pierre Verger.** Trabalho apresentado na 26 Reuniao Brasileira de Antropologia, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008.

TARGINIO, I.; COUTO, A. I. **Política de crédito e endividamento dos trabalhadores assentados: o caso da Zona da Mata Paraibana.** In Emancipação, v. 7, 2007. Folha online, 2002. Em: <http://www.folha.uol.com.br/>

THOMAZ Jr., Antônio. **Não há nada de novo sob o sol num mundo de heróis.** Pegada, vol. 8, n. 2. 2007.

VASCONCELLOS, Luiz Carlos Fadel de; GAZE, Rosangela. **Integralidade e doenças dos trabalhadores: o método de Bernardino Ramazzini.** Oficina de artigos da Pós-graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca/Fundação Oswaldo Cruz, Itaipava, 2009.

KESSLER, Jean. **Prefácio.** IN _____ MARX, Karl. **Miséria da filosofia** (1847). Tradução: Torrieri Guimarães. Ed: Martin Claret. São Paulo, 2007.

APENDICE

Universidade Federal da Paraíba

Centro de Ciências Exatas e da natureza

Programa de Pós-graduação em Geografia (Mestrado)

Orientadora: Professora Dra. Emilia de Rodat Fernandes Moreira

Orientando: José de Nazaré Dantas Soares

Questionário para ser aplicado com os trabalhadores canavieiros de Cruz do Espírito Santo – PB¹⁸¹

Nome do entrevistado:

PRIMEIRA PARTE: CONDIÇÃO SÓCIOECONÔMICA

Procedência historico-genealógica

- a) Seus pais moravam na zona rural ou urbana?
- b) Em que município e localidade?
- c) Seus pais eram trabalhadores rurais?
- d) Pedir para especificar a atividade:
- e) Seus pais foram cortadores de cana?

1 – Momento da produção e reprodução da força de trabalho: histórico da mobilidade, da jornada diária e residencial.

1.1 – Mobilidade espacial da força de trabalho: residência

- a) Local onde mora:
- b) Qual foi o ultimo local que você morou?
- c) Por que veio morar no local que se encontra hoje?

Zona:

1.2 – Mobilidade espacial da força de trabalho, histórico dos locais de trabalho e histórico de procedência contratual com as usinas.

- d) Em relação à safra 2009, você cortou cana em: C.E.S (); Sapé (); Pedras de Fogo (); São Miguel de Taipu (); Sobrado (); Santa Rita (); outros municípios (). Quais? _____
- e) Em relação à safra 2011, você cortou cana em: C.E.S (); Sapé (); Pedras de Fogo (); São Miguel de Taipu (); Sobrado (); Santa Rita (); outros municípios (). Quais? _____

¹⁸¹ As questões foram extraídas da proposta metodológica de pesquisa do relatório “Os caras pintados da fuligem da cana”.

f) Em relação à safra 2013, você cortou cana em: C.E.S (); Sapé (); Pedras de Fogo (); São Miguel de Taipu (); Sobrado (); Santa Rita (); outros municípios (). Quais? _____

g) Atualmente trabalha para qual usina?

h) Já trabalhou em outras usinas? Quais?

1.3 – Jornada diária de trabalho, tomando por questionamento a média cotidiana do entrevistado.

a) Quantas horas você trabalha por dia?

b) De que horas saí de casa para ir trabalhar?

c) De que horas chega em casa após o trabalho?

d) Já chegou a trabalhar mais de oito horas na safra: 2011/2012 (); 2012/2013 (); 2013/2014 (). Para cada item assinalado, perguntar sobre o local (município) e a usina/propriedade de fornecedor onde estava trabalhando: _____

1.4 – Reprodução da força de trabalho

1.4.1 - Composição, caracterização e perspectiva do núcleo familiar do entrevistado

a) Quantos filhos você têm?

b) Quantos filhos estão estudando?

c) Qual profissão você gostaria que seus filhos (as) escolhessem?

2 – Caracterização da força de trabalho.

2.3 – Composição da força de trabalho

a) Você tem primos, tios, irmãos, por exemplo, trabalhando na atividade do corte da cana? Caso tenha, pedir para especificar:

b) Deseja trabalhar no corte da cana ainda por quantos anos: 5 anos (); 10 anos (); 20 anos (); 30 anos () outro, explicitar:

2.4 – Caracterização da força de trabalho no período da safra e entressafra

a) Sempre trabalhou no corte da cana? Caso a resposta seja não, pedir para ele especificar as demais profissões que já exerceu: _____

b) Sempre trabalhou no corte da cana com carteira assinada?

c) Caso a resposta seja não, pedir para o entrevistado especificar: _____

d) No período da entressafra você exerce outra atividade remunerada?

2.5 – Direitos trabalhistas

a) Você tem direito a férias ou a terço de férias remunerada? Caso sim, pedir para informar o valor:

b) Recebe décimo terceiro? Pedir para especificar:

c) Recebe Seguro Desemprego?

d) Você recebe FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço)?

e) Recebe abono família? Pedir para especificar o valor:

f) Você entende quando o responsável pela medida ou pesagem da cana cortada está fazendo a medição corretamente?

g) Você tem o cartão individual de produtividade onde fica registrada a quantidade de cana cortada por dia?

h) Caso o canavieiro o tenha, pedir para que mostre o de 2013/2014 (e se possível o de 2012/2013).

**Tabela para anotações do cartão de produtividade do trabalhador canavieiro 2013/2014
(e se possível 2012/2013¹⁸²).**

Agos. 2012/2013	Ton.:	Agost. 2013/2014	Ton.:
Set. 2012/2013	Ton.:	Set. 2013/2014	Ton.:
Out. 2012/2013	Ton.:	Out. 2013/2014	Ton.:
Nov. 2012/2013	Ton.:	Nov. 2013/2014	Ton.:
Dez. 2012/2013	Ton.:	Dez. 2013/2014	Ton.:
Jan. 2012/2013	Ton.:	Jan. 2013/2014	Ton.:

3 – Manutenção da força de trabalho: histórico de atividade, consumo e reposição.

3.3 – Histórico do consumo da força-de-trabalho no corte da cana

- a) Você lembra em que ano começou a cortar cana?
- b) Trabalhou nessa atividade desde a data inicial informada no item A até os dias atuais?

3.4 - Histórico de trabalho a partir da ultimas cinco safras, com o objetivo de analisar o translado da dinâmica do consumo da força de trabalho (do entrevistado) por parte do capital sucroalcooleiro, tendo seis safras como parâmetro técnico.

- a) Você trabalhou no corte da cana nas safras: 2007/2008 (); 2008/2009 (); 2009/2010 (); 2010/2011 (); 2011/2012 (); 2012/2013 ().
- c) Você cortava quantas toneladas de cana na safra 2007/2008? Pista metodológica caso o entrevistado não saiba informar: 2-4 (); 4 – 6 (); 6-8 (); mais de 8 (). Especificar a quantidade_____
- d) Essa quantidade de cana cortada na safra 2007/2008 se repetiu na safra (ou ano) 2009 (); 2010 (); 2011 (); 2012 (); 2013 (). Especificar, caso tenha alterações para os respectivos anos:_____

3.4 Salário base acertado entre FETAG, MPT e Sindicatos patronais na Reunião sobre a convenção coletiva dos trabalhadores canavieiros para a safra 2013/2014: 700 reais.

- a) Recebe por semana, por quinzena ou por mês?
- b) Sempre que trabalhou no corte da cana foi de carteira assinada?
- c) Na sua opinião, é melhor receber por produção ou por salário fixo? S.P¹⁸³ (); S.F()¹⁸⁴ Qual o motivo?
- d) Você recebe as horas itinere (“*in itinere*”) referente ao período de deslocamento de sua residência ao local de trabalho e do local de trabalho ao local de residência?

3.5 – Renda familiar¹⁸⁵

- a) A sua família é beneficiada com o programa Bolsa Família?
- b) Além do Bolsa Família, vocês recebem outro benefício (bolsa, auxílio) de programas do Governo Federal, estadual ou municipal?

¹⁸² Se a notificação for realizada diariamente, fazer as anotações na tabela a partir do somatório mensal.

¹⁸³ Salário por Produção.

¹⁸⁴ Salário Fixo com a data base da safra 2013/2014.

¹⁸⁵ Antes de começar a entrevista desse item, fazer uma conversa com o entrevistado, para que ele fique tranquilo e responda com fidedignidade, haja vista que tais questões levantam suspeitas por parte do entrevistado para com o entrevistado.

- c) Seus filhos já frequentaram, ou ainda frequentam, o PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil)? Caso frequentem, pedir para especificar o valor total adquirido com esse benefício: _____
- d) Outros membros da família trabalham?
- e) Se sim, em que atividade?

3.6 – Participação da remuneração do entrevistado no período da safra e entressafra no orçamento familiar, utilizando como referência a data base de 2013/2014: 700 reais. *Para facilitar a obtenção desses dados, pedir, se for possível, para ele mostrar um contracheque para sabermos o que consta nele (descontos, gratificação, horas itinerares), incluindo seus respectivos valores.*

3.6.1 – Período da Safra

- a) Quanto custa a cesta básica (feira mensal) da sua família? _____ Pista metodológica caso não saiba responder: R\$150 (); 250 (); R\$ 350 (); R\$ 450 (); R\$ 550 (); R\$ 650 (); R\$ 724 (); mais de R\$ 724 (), especificar: _____
- b) Você ainda “gasta” o salário que recebe com: consumo de água e energia (); saúde da família (); material escolar para os filhos (); esporte e lazer dos filhos (); vestimenta para você e sua família ().
- c) Durante a safra você poupa dinheiro? Qual o motivo?

3.6.2 – Período da entressafra

- d) **Os mesmos gastos que você afirmou no período da safra se mantêm (), aumenta (), ou diminui () no período da entressafra? Caso tenha alterações nos gastos do entrevistado, ir para as próximas questões do respectivo item.**
- e) Quanto custa a cesta básica da sua família no período da entressafra? _____ Pista metodológica caso o entrevistado não saiba responder: R\$150 (); 250 (); R\$ 350 (); R\$ 450 (); R\$ 550 (); R\$ 650 (); R\$ 724 (); mais de R\$ 724 (), especificar: _____
- f) Você gasta o que recebe (ou recebeu e guardou, como, por exemplo, poupança mensal, férias, décimo terceiro, Seguro Desemprego e outras atividades remuneradas) com: consumo de água e energia (); saúde da família (); material escolar para os filhos (); esporte e lazer (); vestimenta para a família ().

3.7 – Renda familiar não monetária.

- a) Você ou sua família planta? Se sim, o que planta?
- b) Planta no período: da safra () da entressafra () Durante os dois períodos (). Especificar: _____

4 – Condições de Moradia (Habitação, eletroeletrônicos, eletrodoméstico).

4.1.1 - Caracterização da habitação

- a) A casa que você e sua família reside é própria ou alugada?
- b) Caso for alugada, pedir para informar o valor da mensalidade:
- c) Pedir para especificar de acordo com o número de residentes por quarto:
- d) **Descrever as condições infraestruturais da casa (entrevistador), levando em consideração padrão de construção a partir dos seguintes itens: tijolo, telha e chão cimentado (), taipa, telha e chão cimentado (), taipa, telha ou palha, e chão batido ().**

4.1.2 – Condições de salubridade

Na sua casa tem:

- a) Rede de esgoto na sua rua¹⁸⁶ e sua casa está ligada a ela ();
- b) Fossa séptica ()¹⁸⁷;
- e) Água encanada?

4.2 – Eletrodoméstico

- a) Na sua casa tem: fogão (); geladeira () microondas (), ventilador (), batedeira (), ferro de passar ().

- b) Faz uso de fogão a lenha? Motivo:

4.3 – Eletroeletrônicos

- a) Na sua casa tem: televisão (); DVD (); rádio (), celular (); telefone fixo ().

5 – Educação

5.1 – Grau de escolaridade do entrevistado:

- a) Já estudou? Até que série?
- b) **Caso o entrevistado tenha parado de estudar, perguntar:** Qual o motivo de ter parado de estudar?
- c) Em caso de entrevistado que parou de estudar no ensino fundamental I, cabe fazer a seguinte pergunta: **Cursou alguma vez ou cursa atualmente o EJA (Educação de Jovens e Adultos)?**
- d) Durante o período da entressafra você frequenta à escola?

SEGUNDA PARTE: SAÚDE/DOENÇA

6 – Tipos de alimentação, dinâmica nutricional e de hidratação.

6.1 – Hábitos e condições alimentares do entrevistado

- a) Você faz quantas refeições por dia no período da safra (nº) e no período da entressafra (nº)?
- b) Você se alimenta no local de trabalho? Caso sim, pedir para ele especificar se, geralmente, é no local ofertado pela Usina ou numa “cabana” de palha ou barraca de plástico montada pelo mesmo.
- c) Quanto tempo você gasta para se alimentar no local de trabalho: 15 min (); 30 min (); 45 min (); 60 min (); mais de 60 min ().
- d) Quanto tempo possui para intervalo de almoço?

6.2 – Consumo alimentar (com base nas três refeições diárias)

- a) No café da manhã quais são os alimentos que geralmente você consome?
- b) No almoço quais são os alimentos que geralmente consome?
- c) No jantar quais são os alimentos que geralmente consome?

6.3 – Tempo de durabilidade dos alimentos consumidos segundo a percepção do entrevistado

¹⁸⁶ Para os entrevistados residentes na zona urbana.

¹⁸⁷ Para os entrevistados residentes em área de fazenda e de assentamentos.

6.3.0 – O seu **almoço** geralmente é preparado/armazenado de que horas?

6.3.1 – Primeira refeição

- a) Você faz a primeira refeição (café da manhã) de que horas?
- b) Após o café da manhã, você sente vontade de se alimentar novamente de que horas? Sim ()
Não (). Especificar, caso a resposta seja sim:

6.3.2 – Segunda refeição (almoço)

- a) você faz à segunda refeição (almoço) de que horas?
- b) Após o almoco, você tem vontade de se alimentar novamente de que horas? Sim () nao ().
Especificar, caso seja a resposta seja sim:

6.3.3 – Terceira refeição (Jantar)

- a) Você faz a terceira refeição (jantar) de que horas?
- b) Após o jantar, você tem vontade de se alimentar novamente de que horas?

6.4 – Hidratação durante a jornada de trabalho

- a) O recipiente que você coloca água é uma garrafa térmica (pedir para observá-la e descrevê-la de forma rápida e sucinta)? Se não for, pedir para especificar o tipo de recipiente:
- b) De quantos litros é esse recipiente?
- c) Você ingere todos os litros de água que armazena por dia nesse recipiente, ou geralmente consome mais água do que a quantidade que você leva para o trabalho? Especificar_____
- d) Faz uso de outras substâncias líquidas para se hidratar no local de trabalho? Se fizer, pedir para especificar de acordo com os seguintes itens: caldo extraído manualmente da cana (); suco (); enérgético (); refrigerante (); água com gás (); outros ().
Especificar:_____

7 – Cobertura dos serviços de saúde.

7.1 – Procura do entrevistado ao serviço médico em unidades públicas de saúde, tais como PSFs, Hospitais, UPAs.

- a) Precisou do serviço médico nos anos: 2009 (); 2010 (); 2011 (); 2012 (); 2013(); 2014 ().
- b) Foi atendido pelo respectivo serviço médico¹⁸⁸ em todos os anos assinalados? Caso não, especifique o motivo e o ano:_____
- c) Quais os principais motivos de saúde para ter procurado esse tipo de serviço?

¹⁸⁸ A pergunta parece repetir a anterior, mas ela dá uma maior especificação ao detalhamento dos dados.

7.2 – procura do entrevistado a outro serviços de saúde, tais como privado ou informal

- a) Precisou do serviço médico privado – clinicas, hospitais – nos anos 2012 (), 2013 (), 2014 ()?
- b) Precisou do serviço médico informal – rezadeiras, tratamento caseiro – nos anos 2012 (), 2013 (), 2014 ()?

8 – Caracterização do estado de saúde do entrevistado.

8.1 – DORT – Doenças Osteomusculares Relacionadas ao Trabalho e LTC – Lesão por Trauma Cumulativo.

- a) Tem dor na coluna? Se tiver, acha que está relacionada ao trabalho?
- b) Se teve ou ainda tem, já foi a um médico da especialidade? Se tiver ido a um especialista, você se lembra de o que ele respondeu sobre esse problema?
- c) Durante o trabalho no corte da cana você já sentiu/sente: dor nas pernas (); braços (); dores na musculatura do corpo (); musculatura do braço anterior – bicepes (), musculatura do braço posterior - triceps (); dormência em alguma parte do corpo – perna(), braço, pescoço (); queimação em alguma parte do corpo, tais como perna (), braço (), pescoço (); caimbra (); dor no ombro esquerdo () ou direito (); dor no punho direito () ou no punho esquerdo (); dor nas articulações – joelhos (), cotovelos (); pontadas no corpo () onde_____, fisgadas no corpo () onde_____, fraqueza (); tremores nas pernas (), braços (), tronco (), pescoço (), cabeça (); Inchaço (), onde_____; peso ()onde_____, cansaço incomum (), vermelhidão(), onde_____; Pedir para especificar a frequência traves de um sucinto relato:_____
- d) Após o trabalho no corte da cana ja sentiu/sente frequencialmente: dor nas pernas (); braços (); dores na musculatura do corpo (); musculatura do braço anterior – bicepes (), musculatura do braço posterior - triceps (); dormência em alguma parte do corpo – perna(), pescoço (); queimação em alguma parte do corpo, tais como perna (), braço (), pescoço (); caimbra (); dor no ombro esquerdo () ou direito (); dor no punho direito () ou no punho esquerdo (); dor nas articulações – joelhos (), cotovelos (); pontadas no corpo () onde_____, fisgadas no corpo () onde_____, fraqueza (); tremores nas pernas (), braços (), tronco (), pescoço (), cabeça (); Inchaço (), onde_____; peso ()onde_____, cansaço incomum (), vermelhidão(), onde_____; Pedir para especificar a frequência atraves de um sucinto relato:_____
- e) Seu trabalho inclui (“tem”) habitualmente exposição a: movimentos repetitivos (), vibrações (), frio (), calor (), ruído elevado (), posturas desconfortáveis ou “tortas” (), sustentação de cargas pesadas () – com que membro (parte) do corpo?_____
- f) Tem tempo de pausa para descanso, alongamento etc.?_____ Se sim, como se distribui?

8.2 – Sintomas sentidos pelo entrevistado durante e após a jornada de trabalho.

8.2.1 – Quando você está trabalhando, sente:

- a) Fomigamento em alguma parte do corpo () ; coceira nos olhos () ; queimor no estomágo () ; dores nos pulmões () ; dificuldade de respirar () ; tontura () ; enjoo () ; arrepios () ; suor frio () ; visão alterada () ; ardência ou alterações na urina () ; dor de barriga () ; modificações em audição () , olfato () ou paladar () outros:_____

8.2.2 – Após o trabalho você já sentiu:

- a) Fomigamento em alguma parte do corpo () ; coceira nos olhos () ; queimor no estomágo () ; dores nos pulmões () ; dificuldade de respirar () ; tontura () ; enjoo () ; arrepios () ; suor frio () ; visão alterada () ; ardência ou alterações na urina () ; dor de barriga () ; modificações em audição () , olfato () ou paladar () outros:_____

8.3 – Constatação sobre **desenvolvimento, aprofundamento e permanência** de sintomas alérgicos **antes e durante** do exercício nessa atividade profissional.

8.3.1 – Exposição à radiação solar:

- a) Manifesta em sua jornada de trabalho: mal estar () , febre () , cabeça latejando () , dor na face () , cansaço generalizado () , bolhas () , diarreia () ? Com que frequência?_____
- b) Usa protetor solar? Sim () Não () Como se protege do sol?_____

8.3.2 – Exposição a agrotóxicos e outros agentes químicos

- a) Onde trabalha se utiliza agrotóxicos () e outros agentes químicos, tais como fertilizantes () , adubos () ?
- b) Já houve algum caso de intoxicação súbita (caso de morte) no local em que trabalha?
_____Foi dado laudo médico e/ou feita notificação?_____

8.3.3 – Constatação de sintomas alérgicos antes do exercício da profissão

- a) Antes de trabalhar no corte da cana você ja tinha algum tipo de alergia, tais como:
*** renite** () , surtindo como efeito obstrução nasal () , comichão frequente no nariz () , espirros constante () ?
*** Sinusite** () , surtindo como efeito inflamação da mucosa nasal () ?
*** conjuntivite** () , surtindo como efeito olhos vermelhos () , lacrimejantes () , inchados () e comichão () ?
- c) Você já foi a algum médico especialista nesse assunto e ele confirmou-a (s) via laudo médico? Caso não tenha realizado consulta, perguntar o motivo pelo qual ele chegou à conclusão de que é portador desse(s) tipo(s) de alergia(s), mediante descrição empírica:_____

8.3.2 – Constatação de desenvolvimento de sintomas alérgicos durante o exercício da profissão

a) Durante o período que você já cortou cana, chegou a desenvolver algum sintoma alérgico, tais como:

* **renite** (), surtindo como efeito obstrução nasal (), comichão frequente no nariz (), espirros constante ()?

* **Sinusite** (), surtindo como efeito inflamação da mucosa nasal ()?

* **conjuntivite** (), surtindo como efeito olhos vermelhos (), lacrimejantes (), inchados () e comichão ()?

c) Você já foi a algum médico especialista nesse assunto e ele confirmou-a (s) via laudo médico? Caso não tenha realizado consulta, perguntar o motivo pelo qual ele chegou à conclusão de que é portador desse(s) tipo(s) de alergia(s), mediante descrição empírica:_____

8.4 – Indicativos de exaustão na jornada de trabalho

8.4.1 – Do ponto de vista físico:

a) Alguma vez você já passou mal durante ou depois da jornada de trabalho (desmaio, convulsão)? Caso tenha, perguntar se ele lembra o ano e quais foram os motivos:

b) Você conhece alguém que já passou mal no trabalho (desmaio, convulsão)? Especificar:_____

c) Alguma vez durante ou depois o corte da cana você teve sangramento pelo nariz? Caso tenha, perguntar se ele lembra o ano e quais foram os motivos:

d) Você conhece alguém que durante ou depois o corte da cana teve sangramento pelo nariz? Especificar:_____

8.4.2 – Do ponto de vista psíquico/psicológico

a) Você consome bebida acoólica?

Caso a resposta seja sim, passar para as próximas perguntas do item 8.4!

8.4.2.1 - Frequência de consumo de bebidas acoólicas:

A) 1 dia por semana (); 3 dias por semana (); 5 dias por semana ();

8.5 - Grau de empenho do entrevistado na jornada diária de trabalho, segundo sua percepção:

8.5.1 – Grau de desempenho do entrevistado por turno:

a) Você prefere cortar mais cana no período da manhã ou da tarde? De acordo com a sua preferência, perguntar sobre o motivo:

b) Quando corta abaixo da média, você fica: desanimado (); animado (); nenhuma das duas opções (). Qual? _____

8.5.2 – Indicativos coercitivos para o desempenho na produtividade, segundo o entrevistado.

a) Já escutou alguma vez o turmeiro, ou o representante sindical ao qual eis filiado, ou a algum representante da usina em que trabalhar dizer¹⁸⁹:

* “Vamos apressar, senão as máquinas (colheitadeiras) vem e tomam o lugar de vocês!”

* “Vamos, senão iremos substituir vocês por outros. Olha, tem gente fazendo filar pra vim cortar cana aqui!”

f) Já tentou alguma medicação (), ajuda () ou tratamento ()? O quê? _____

9 – EPI e histórico de acidentes de trabalho e intoxicação

9.1 Histórico de acidentes de trabalho

a) Você já se acidentou no trabalho do corte da cana? Caso tenha se acidentado, pedir para o entrevistado relatar o tipo, a causa e o ano:_____

b) Você conhece alguém que já se acidentou no trabalho do corte da cana? Caso tenha se acidentado, pedir para o entrevistado relatar o tipo, a causa e o ano:_____

9.2 – histórico de intoxicação no local de trabalho

a) Você já se intoxicou no canavial (dar mais detalhes)? Caso a resposta seja sim, pedir para ele relatar (falar) sobre as consequências da intoxicação, o ano e o local:_____

b) Você conhece alguém que já se intoxicou no canavial? Caso a resposta seja sim, pedir para ele relatar (falar) sobre as consequências da intoxicação, o ano e o local:_____

9.3 – EPIs e consequências de uso segundo a percepção do entrevistado

9.3.1 – EPIs

a) No trabalho do corte da cana você usa diariamente: chapéu (); óculos (); luvas e mangas comprida (); botas com biqueiras reforçadas (); perneira, quando preciso (); outros equipamentos (): campo para especificação:_____

b) Tem um local específico para guardar os instrumentos de trabalho (facão, recipiente de água)

9.3.2 – Consequência do uso dos EPIs segundo a percepção do entrevistado

a) Gosta de usar as luvas para cortar cana?

b) As luvas te incomodam durante o trabalho? Por quê?

c) Os óculos protegem mesmo os olhos? Por usá-los, você ja sentiu (ou sente) dor de cabeça ou dores nos olhos durante e após o trabalho?

10 - Pergunta que servirá como parâmetro metodológico para indicar o devir do(s) cortador(es) de cana a partir da(s) sua(s) propria(s) colocações: o que eles (e ele) esperam deles mesmos – resumo dos relatos dos entrevistados.

10.1 – Relato individual

¹⁸⁹ baseada em tres alternativas, as quais estao respectivamente expostas.

a) “Se” devido a “chegada” das colheitadeiras houvesse uma demissão de 100 cortadores de cana e nessa turma você estivesse, em qual outra atividade procuraria trabalhar?

11 – Perguntas conclusivas da entrevista

11.1 – Pergunta para marcar conforme os numeros que identificam cada tipo de situação, segundo a percepção do entrevistado.

- a) Na sua opinião, desde que você começou a trabalhar mudou (1), piorou (2), permaneceu (3): condição de trabalho, tais como EPIs (); assistência médica da usina (); salário (); ritmo de trabalho ().

11.2 – A percepção do entrevistado sobre a relação do processo de trabalho no corte da cana e as doenças que teve ou ainda tem.

- a) Você acha que as doenças que teve ou tem deve-se ao trabalho no corte da cana? Sim (); não (). Motivo_____

Tempo gasto na aplicação do questionário: _____